

Universidade Metodista de São Paulo  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
Raquel Helena Quintino de Oliveira

**COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E DIREITO À MORADIA:**

**A experiência de mobilização do movimento de moradia  
com a Rádio Z FM na Área do Chafik em Mauá-SP**

São Bernardo do Campo - SP, 2012

Universidade Metodista de São Paulo  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
Raquel Helena Quintino de Oliveira

**COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E DIREITO À MORADIA:**  
**A experiência de mobilização do movimento de moradia**  
**com a Rádio Z FM na Área do Chafik em Mauá-SP**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Profa. Dra.: Cicilia Maria K. Peruzzo

São Bernardo do Campo - SP, 2012

## FICHA CATALOGRÁFICA

Q46c	<p data-bbox="337 991 1235 1165">Quintino, Raquel Comunicação comunitária e direito à moradia: a experiência de mobilização do movimento de moradia com a rádio Z FM na área do Chafik em Mauá-SP / Raquel Quintino. 2012. 230 f.</p> <p data-bbox="337 1186 1235 1333">Dissertação (mestrado em Comunicação Social) --Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012. Orientação : Cicilia Maria Krohling Peruzzo</p> <p data-bbox="337 1354 1235 1459">1. Comunicação comunitária 2. Rádio comunitária - Mauá 3. Moradia - Problemas sociais 4. Mobilização social 5. Direito à moradia I. Título.</p> <p data-bbox="1104 1459 1235 1493">CDD 302.2</p>
------	---

# FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação de doutorado sob o título “**COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E DIREITO À MORADIA: A experiência de mobilização do movimento de moradia com a Rádio Z FM na Área do Chafik em Mauá-SP**”, elaborada por Raquel Helena Quintino de Oliveira foi defendida e aprovada em 18 de abril de 2012, perante banca examinadora composta por: Profa. Dra. Cicilia Maria K. Peruzzo, Prof. Dr. Fábio B. Josgrilberg e Profa. Dra. Angela Antunes.

---

Profa. Dra. Cicilia Maria K. Peruzzo

**Orientadora e Presidente da Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. Laan Mendes de Barros**

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação**

Programa: Pós Graduação em Comunicação Social

Área de Concentração: Processos comunicacionais

Linha de Pesquisa: Processos comunicacionais midiáticos

Dedico este trabalho aos moradores da Área do Chafik que sentem verdadeiro amor pelo chão que habitam e cotidianamente enfrentam as dificuldades de uma vida repleta de injustiças e também de esperança num futuro menos sofrido.

*A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz*

**Ferreira Gullar**

*Da minha aldeia vejo quando da terra se pode ver no universo...  
Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...  
Nas cidades a vida é mais pequena  
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
Na cidade as grandes casas fecham a vista a chave,  
Escondem o horizonte, empurram nosso olhar para longe de todo o céu,  
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,  
E tornam-nos pobres porque a única riqueza é ver.*

**Fernando Pessoa - Alberto Caeiro**

*Por mais que as cruentas e inglórias batalhas do quotidiano tornem um homem duro ou cínico o bastante para ele permanecer indiferente às desgraças e alegrias coletivas, sempre haverá no seu coração, por minúsculo que seja, um recanto suave onde ele guarda ecos dos sons de algum momento de amor que viveu em sua vida. Bendito seja quem souber se dirigir a esse homem que se deixou endurecer, de forma a atingi-lo no pequeno núcleo macio de sua sensibilidade e por aí despertá-lo, tirá-lo da apatia, essa grotesca forma de autodestruição, a que por desencanto ou medo se sujeita, e inquietá-lo para as lutas comuns de libertação.*

**Plínio Marco**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que me apoiaram nesta jornada, esta experiência reforçou minha certeza que os caminhos coletivos da transformação são viáveis ainda que o momento histórico torne mais difícil o caminhar.

Aos amigos que acreditaram, dedicaram momentos de sua vida e compartilharam os sonhos, frustrações e alegria com a realização de uma construção coletiva que certamente semeou frutos para além de nosso terreno: Sonia Brito, Valmir Maia, Jovenildo Lopes, Francisca Pini, Josefa Moreira, Marcio Gustavo, Alzeni Rodrigues, Ronaldo Melo, Sebastião Marcial, Roque Paulo, Ana Maria, Cida Dias, Letícia Bezerra, Fernando Galdino, Lucile Petta, Samira Silveira, Nilton Oliveira, Douglas Carvalho, Edson Cardoso, Auricléia Oliveira, Adriana Brito, Francisca Rodrigues, Ueder “UDR” Silva e Jéssica Cavalcante.

A todos os funcionários da Rádio Z FM, estudantes de Serviço Social do 6º semestre de 2011 da Faculdade Fama e coloradores da ADEHAB.

Aos que colaboraram com informações Josiene Francisco, Paulo Eugênio, Rogério Santana Marcos Sadeck, Wilian Puntschart, Olivier Negri, Irmã Aparecida, Alexsando Barreira, Plínio Pessoa.

As minhas amigas guerreiras nas trincheiras da comunicação comunitária e popular. Tais Aranha, Laura Tresca, Paula Takada e Ana Mesquista pelo afeto e pela ajuda em momentos importantes deste trabalho.

A minha querida irmã Paula Quintino companheira de todas as horas, ao meu irmão Douglas Fernando e minha mãe Teresa.

A minha filha Flora Helena Pereira, agradeço pela doce compreensão de minha ausência para dedicação a este estudo.

Ao meu companheiro Edson Ikê pelo apoio, paciência e amor.

Toda a minha gratidão a Cicera Gomes ao apoio, dedicação e amizade nas

horas mais difíceis.

A Universidade Metodista, todos os professores e amigos do curso de pós graduação.

Ao professor Jorge Gonzáles que me inspirou, influenciou e muito contribui com reflexões e exemplos da postura comprometida e ativa de um pesquisador.

A minha professora orientadora Cicilia Peruzzo pela confiança, paciência e pelas contribuições não só a mim, mas para o fortalecimento de um segmento fundamental para a democratização da sociedade que é a comunicação comunitária.

## **Lista de Quadros**

**Quadro I:** Dados territoriais e demográficos do Chafik, da RP 08 e de Mauá.

**Quadro II:** Dados sobre renda e escolaridade do Chafik, RP e município.

**Quadro III:** Quadro Metodológico

**Quadro IV:** Cronograma inicial negociado com os integrantes da ADEHAB

**Quadro V:** Pauta do primeiro programa

**Quadro VI:** Pauta do segundo programa

**Quadro VII:** Quadro das primeira 4 edições do programa O Outro Lado da Cidade

**Quadro VIII:** Planejamento participativo realizado em 27 de agosto de 2011

**Quadro IX:** Resumo da 5a. à 10a. edição do programa O Outro Lado da Cidade

**Quadro X:** Estrutura da equipe de repórteres comunitários

**Quadro XI:** Rotina do programa

**Quadro XII:** Quadro com resumo da 11a. À 20a. edição do programa O Outro Lado da Cidade

## Siglas

<b>CRAS:</b>	Centro de Referência de Assistência Social
<b>ADEHAB:</b>	Associação para o Desenvolvimento Habitacional do Brasil
<b>ABRAÇO:</b>	Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária
<b>FNDC:</b>	Frente Nacional de Luta por Políticas Democráticas de Comunicação)
<b>FDC:</b>	Fórum Democracia na Comunicação
<b>CONFECOM:</b>	Conferência de Comunicação
<b>UBS:</b>	Unidade Básica de Saúde
<b>CASE:</b>	Centro de Ações Socioeducativas
<b>PAC:</b>	Plano de Aceleração do Crescimento
<b>ANATEL:</b>	Agência Nacional de Telecomunicações
<b>IBGE:</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	15
<b>Capítulo I: Vozes soterradas: silêncio, segregação e a comunicação emancipadora</b>	25
1. Mídia e Moradia.....	25
2. Alienação, opressão e segregação.....	26
3. Hegemonia, contra-hegemonia e comunicação comunitária.....	27
4. Emancipação e a teoria da ação dialógica.....	29
5. Mobilização Social, comunicação emancipadora e rádios comunitárias.....	32
<b>Capítulo II: Espaços em disputa: o direito à comunicação e a moradia:     Propriedade Privada, clandestinidade e direitos humanos.....</b>	34
1. O Comunismo primitivo na sociedade gentílica.....	34
2. Cidade Cindida: o urbano e o suburbano, territórios em transformação.....	36
3. Clandestino, marginal, informal, ilegal. Criminoso?.....	40
4. Movimentos sociais, direito à moradia e marco regulatório.....	41
5. Comunicação: território em disputa.....	44
6. Movimentos sociais, direito à radiodifusão comunitária e marco regulatório.	48
<b>Capítulo III: Mauá: cidade dormitório e os lugares onde até dormir é perigoso.....</b>	55
1. Cercado, pilar, trilhas e trilhos.....	55
2. Proprietário, patrão, patrono.....	56
3. Zaira, a progenitora; Chafik, o loteador.....	57
4. O Plano Diretor da Cidade e a atuação do poder público na Área do Chafik..	63
5. Os Movimentos sociais da cidade de Mauá.....	64
6. Os Movimentos de moradia na Área do Chafik.....	68
<b>Capítulo IV: Os Meios de Comunicação do ABC paulista.....</b>	70
1. O movimento de radiodifusão na cidade de Mauá.....	72
2. Raio Z FM: Livre em 1005. Legal em 87,5.....	74
<b>Capítulo V: Comunidade em ação.....</b>	87
1. Antecedentes.....	88
2. Intencionalidade.....	93
3. O início.....	94
3.1. Preparando a entrevista com os moradores.....	95

3.2.	Envolvendo as lideranças.....	102
3.3.	Em campo .....	102
3.4.	A tabulação os dados.....	103
3.5.	Os Resultados.....	104
<b>Capítulo VI: As vozes do outro lado da cidade.....</b>		<b>115</b>
1.	Oficina de produção de programa de rádio.....	116
2.	As quatro primeiras edições .....	119
3.	Avaliação, análise e replanejamento.....	128
4.	Programas Ao Vivo.....	131
5.	Reestruturação da equipe.....	136
<b>Capítulo VI: Trajetórias de uma caminhada .....</b>		<b>140</b>
1.	Audiência pública na Câmara Municipal de Mauá.....	140
2.	Observatório de Políticas Públicas.....	142
3.	1ª. Caminhada Pró Regularização Fundiária da Área do Chafik.....	154
4.	Avaliação Coletiva.....	159
5.	O Balanço da Rádio Z FM.....	162
6.	Montando o mosaico.....	164
<b>Conclusões.....</b>		<b>166</b>
<b>Referências.....</b>		<b>172</b>
<b>Anexos</b>		
1.	Boletim do Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do ABC de abril de 1996	
2.	Licença de Funcionamento da Rádio Z FM emitida em 05/03/2005	
3.	Letra das músicas utilizada na capacitação dos repórteres comunitários	
4.	Transcrição da segunda edição do programa O Outro Lado da Cidade	
5.	Formulários criados para facilitar a produção dos programas de rádio	
6.	Planejamento das atividade do Observatório de Políticas Públicas	
7.	Avaliação das 4 primeiras edições do programa Outro Lado da Cidade	
8.	Preparando o Campo: Texto utilizado capacitação dos repórteres comunitários	
9.	Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011	
10.	Autobiografia da autora	

QUINTINO, Raquel Helena. **Comunicação Comunitária e Direito à Moradia: A experiência de mobilização do movimento de moradia com a Rádio Z FM na Área do Chafik em Mauá-SP.** 2012. 178f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

## RESUMO

Estudo das condições para que os meios de comunicação comunitária venham a contribuir com a participação e organização dos movimentos populares. Os objetivos são analisar as relações entre as rádios comunitárias e o direito à moradia e compreender as implicações no desenvolvimento de processos político-comunicacionais subsidiados por uma metodologia de ação dialógica na produção de conteúdos realizados por agentes do movimento de moradia. A abordagem dialética é fundamentada principalmente no pensamento de Paulo Freire. As técnicas de pesquisa são a bibliográfica, a documental e a pesquisa-ação, a qual se desenvolveu junto à Associação para o Desenvolvimento Habitacional do Brasil – ADEHAB que atua na região conhecida como Área do Chafik, no Jardim Zaíra, em Mauá-SP, em parceria com a Rádio Comunitária Z FM, situada na mesma localidade. Conclui-se que a criação de novos fluxos comunicacionais comunitários incidem no fortalecimento do movimento popular e da rádio comunitária e os principais condicionantes para este processo reside na disposição dos movimentos populares em se apropriar dos espaços comunicativos reinventando sua práxis.

**Palavras-chave:** Comunicação Comunitária; Rádio Comunitária; Democratização da Comunicação; Movimentos Populares; Direito à Moradia

Quintino, Raquel Helena. **Comunicación y el Derecho a la Vivienda**: La experiencia de la movilización del movimiento de la vivienda con Radio FM Z en el Área de Chafik, en Mauá, Sao Paulo. 2012. 178f. Disertación (Maestría en Comunicación Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

## RESUMEN

Estudio de las condiciones de la comunidad de los medios de comunicación contribuyan a la participación y organización de los movimientos populares. Los objetivos son analizar las relaciones entre la radio comunitaria y los derechos de vivienda y comprender las implicaciones sobre el desarrollo de la comunicación política subvencionada por una metodología de la acción dialógica en la producción de contenidos llevada a cabo por agentes del movimiento de la vivienda. Un enfoque dialéctico se basa principalmente en el pensamiento de Paulo Freire son las técnicas de investigación bibliográfica, documental y de investigación-acción, que fue desarrollado por la Asociación para el Desarrollo de la Vivienda en Brasil -ADEHAB que actúa en la región conocida como Zona de Chafik, Zaira en el Jardín en Mauá, Sao Paulo, en colaboración con la Radio Comunitaria FM Z, que se encuentra en el mismo lugar. se concluye que la creación de nuevos flujos de comunicación se centran en el fortalecimiento de la Comunidad del movimiento popular y de las radios comunitarias y los principales obstáculos a este proceso se encuentra en la prestación de los movimientos populares en la apropiación de los espacios comunicativos reinventando sus prácticas.

**Palabras clave:** Comunidad de comunicación, la radio comunitaria; democratización de la comunicación, los movimientos populares, Derecho a la Vivienda

QUINTINO, Raquel Helena. **Communication and Community Right to Housing: The experience of mobilizing the housing movement with Radio Z FM in Area Chafik in Mauá, São Paulo.** 2012. 178f. Dissertation (Master in Social Communication) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

### **ABSTRACT**

Research on the conditions for the community media contribute to the participation and organization of popular movements. The objectives are to analyze the relations between community radio and housing rights and to understand the implications on the political communication development process sustained by a methodology of dialogical action in content production conducted by the agents of the housing movement. The dialectical approach is mainly based on the Paulo Freire's thoughts. The research techniques are the literature review, the documentary and action-research developed together with the Association for Housing Development in Brazil - ADEHAB that acts in the region known as Chafik's area, in Jardim Zaíra, Maua, São Paulo, in partnership with the Community Radio Z FM, placed in the same locality. It is concluded that the creation of new community communication flows outputs on the strengthening of the popular movement and community radio and the main conditions for this process is the popular movements provisions to appropriate communicative areas for reinventing their practices.

**Key words:** Community Communication, Community Radio; Democratization of Communication, Popular Movements, Right to Housing

## INTRODUÇÃO

*O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. 'Doente'. Sem fala autêntica. Paulo Freire (1982, p.66)*

A comunicação pode mediar movimentos de libertação, produção de conhecimento, desenvolvimento individual e coletivo ou de alienação, opressão e barbárie. Os processos comunicacionais desencadeadores de opressão ou libertação são determinados por escolhas político-metodológicas adotadas pelos sujeitos comunicativos na utilização dos meios.

Existe uma vasta produção científica no campo da comunicação que analisa a manipulação da indústria cultural e do processo de recepção dos meios de comunicação de massa. Tais estudos são importantes para compreender a relação entre a comunicação e a dinâmica social. Eles pontuam uma série de recomendações para que os meios de comunicação possam contribuir com a emancipação social. Porém, percebemos poucas produções que aprofundam estudos dos desdobramentos de uma práxis comunicativa através de pesquisa-ação que busque implementar sistematicamente os pressupostos de uma comunicação dialógica, participativa, articuladora de mobilização para a conquista sociais<sup>1</sup>.

As rádios comunitárias têm como missão intrínseca à sua constituição servir de instrumento para melhorar a qualidade de vida da localidade<sup>2</sup> em que está inserida. Porém essa afirmação se torna vazia se os envolvidos com as atividades destas rádios não tiverem dimensão dos desafios para cumprir este papel.

Este trabalho procura conhecer as condições necessárias para que uma emissora de rádio comunitária contribua com a organização local pelo direito à moradia, além do próprio processo político-comunicacional para ocupar espaço nessas emissoras.

---

1 Círculo Peruzzo comenta que existe mais aplicação da pesquisa participante do que da pesquisa ação, embora alguns estudos tenham adotado este nome, sem adotar com rigor sua metodologia. (PERUZZO, 2010, p. 139)

2 Lei 9612/98 Art. 3º O Serviço de Radiodifusão Comunitária tem por finalidade o atendimento à comunidade beneficiada, com vistas a:

- I - dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade;
- II - oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social;
- III - prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;
- IV - contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente;
- V - permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível.

Para conhecermos estas condicionantes provocamos a partir da metodologia da pesquisa aproximação entre uma rádio comunitária e uma organização social do movimento de moradia do município de Mauá – SP, a fim de realizarem em conjunto programas de rádio abordando questões relacionadas a esta temática.

A Rádio Z FM esta localizada no Jardim Zaíra e foi a primeira emissora do município de Mauá, região do ABC paulista, estado de São Paulo, a receber a licença para prestação de serviços comunitários de radiodifusão, operando na frequência 87,5 desde 16 de dezembro de 2006.

O Jardim Zaíra, bairro em que nasceu e cresceu a autora<sup>3</sup>, está localizado na região noroeste da cidade de Mauá. Apresenta a maior ocorrência de mortes em área de risco do município, principalmente na região conhecida como Área do Chafik, território de ocupação irregular que teve início em meados da década de 1970, com extensão de 1,5 Km<sup>2</sup>, topografia íngreme e severas restrições físicas quanto à ocupação territorial. A área possui 7.312 domicílios e 25.750<sup>4</sup> moradores. O fato de ser um terreno particular impossibilita a construção de equipamentos públicos, por esse motivo, não existem escolas, postos de saúde e transporte coletivo num raio de 3 km (média de uma hora de caminhada). Os frequentes deslizamentos de terra provocaram, apenas no início de 2011, cinco mortes e a demolição de 135 casas.

A Rádio Z FM é reconhecida como o principal veículo de comunicação do município e vem ao longo destes anos prestando inúmeros serviços de utilidade pública, além de desenvolver projetos socioeducativos na área da comunicação. Contudo, nunca se envolveu diretamente com os grandes problemas sociais enfrentados no município, como o da moradia no próprio bairro onde está situada.

Uma das principais organizações que atua com os movimentos populares na Área do Chafik é a Associação para o Desenvolvimento Habitacional do Brasil – ADEHAB, criada em 2006, seu foco de atuação é a regularização fundiária da região, e sua principal ação é a articulação das entidades de base que atuam no local.

### Problema de pesquisa:

No final de 2010 e início de 2011, a Rádio Z FM iniciou um trabalho junto aos moradores da Área do Chafik, com o objetivo inicial de alertá-los quanto à gravidade provocada pela intensificação das mudanças climáticas, principalmente na época das chuvas.

Ao se aproximar da parcela dos moradores que participam das organizações comunitárias da “Área do Chafik”, foi possível compreender que o maior interesse dos moradores da região é regularizar a posse dos terrenos. Após esta atividade pontual, os integrantes da rádio deram-se conta

---

3 Autobiografia da autora está disponível no anexo 10.

4 Fonte Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - Agência Mauá

da necessidade em desenvolver ações de médio e longo prazo para contribuir com o enfrentamento da situação apresentada.

A emissora compreende a realidade dos moradores em área de risco, que vivenciam a situação-limite de perderem suas casas e a própria vida a qualquer momento. Embora comprometida com essas pessoas, não encontrou os caminhos para contribuir mais efetivamente para que este problema seja superado. No entanto, tem potencial para contribuir com a mobilização visto que: “A comunicação popular, comunitária e alternativa [...] surge como uma necessidade e se realiza articulada às práticas sociais. Ela contribui em maior ou menor intensidade para a democracia, dependendo dos instrumentos, da forma e da metodologia que se utiliza”. (PERUZO, 1999. p. 302).

Frente a esta problemática, indagamos: quais as condições necessárias para que uma rádio comunitária estimule a participação e contribua com a organização local pelo direito à moradia?

### Hipótese:

Existem fatores condicionantes para que um processo de transformação humanizadora seja mediado por ações de comunicação comunitária. Essas condições estão relacionadas com a intensidade da **participação**, porém esta própria também é determinada por uma série de **pressupostos democráticos** como **diálogo, horizontalidade, autonomia, coletivização** entre outros.

Paulo Freire organiza esses pressupostos e práticas (práxis) na “teoria da ação dialógica” no livro *Pedagogia do Oprimido*. Ele afirma (1988, p. 165) que uma ação dialógica é caracterizada por quatro elementos: **co-laboração, união, organização e síntese cultural**. Esses quatro elementos precisam estar presentes nos processos comunicacionais para que desta forma provoquem transformações emancipadoras. Nossa hipótese sustenta o argumento de que estes elementos não se dão de forma espontânea e muito menos instantânea, necessitando serem deliberadamente coordenados, coletivamente sistematizados, continuamente avaliados, por fim amplamente compartilhados.

Este talvez seja o maior desafio na práxis metodológica proposta por Paulo Freire, uma vez que para a construção de processos libertários, é necessário firmeza na realização da intencionalidade, rigor técnico, organização, disciplina e outras posturas éticas que podem aparentar ausência de flexibilidade. Freire (1982, p. 50) considera esta postura radical, no sentido de enraizamento com as opções críticas em relação ao mundo. Em suas palavras:

A radicalização que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto,

mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendem impor silêncio.

### Objetivo geral:

Compreender qual é o papel da comunicação comunitária no desenvolvimento de processos de transformação social emancipadora a partir da experiência de mobilização pelo direito à moradia realizada pela Rádio Z FM com os moradores das regiões de área de risco do Jd. Zaíra em Mauá – SP.

### Objetivos específicos:

Investigar como se dão os processos de uma ação deliberadamente planejada relativas à mobilização pelo direito à moradia, a partir de pressupostos dialógicos e participativos.

Levantar quais são as implicações para que a participação e organização local sejam estimuladas através da apropriação dos meios comunitários de comunicação.

Analisar os pressupostos, condições materiais e estratégias de mediação e mobilização a fim de sistematizar parâmetros para uma práxis de transformação emancipadora a partir da comunicação comunitária.

Investigar os desdobramentos que emergiram a partir do envolvimento da comunidade com a produção de conteúdos comunicacionais, direcionados à mobilização comunitária voltados à questão da moradia.

Resgatar e sistematizar a experiência comunitária da Rádio Z FM.

Contribuir para construção de uma metodologia de ação mobilizadora de comunicação comunitária.

### **Metodologia:**

O aporte teórico metodológico está subsidiado pela análise dialética e histórica dos processos sociais partindo da premissa que a realidade está em constante transformação provocada pela contraposição dos diferentes interesses presentes na sociedade. Tais premissas se fundamentam no pensamento de Karl Marx que afirma: “não é certamente a 'história' que se serve dos homens

como meio de realizar - como se fosse uma entidade à parte - os seus próprios fins; ela é apenas a atividade do homem que prossegue os seus fins" (MARX, 2003, p. 140).

Neste contexto, a comunicação está inserida na mesma dinâmica na qual se concretizam as atividades dos sujeitos que transformam e se transformam ao agir sobre o mundo. Paulo Freire entende que a comunicação dialógica é um elemento fundante do processo de emancipação humana. Ele afirma em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1997, p. 86): “o mundo não é, o mundo está sendo”. No livro *Pedagogia do Oprimido* (1988, p.166) diz: “ação dialógica não pode dar-se [individualmente] entre sujeitos, [...] ela somente pode realizar-se através da comunicação”.

Para registrar, analisar e sistematizar a dinâmica desenvolvida pelo coletivo de moradores empenhados em resolver seus próprios problemas, se faz necessário adotar uma metodologia que dê conta de delinear a totalidade destes processos. A realização desta investigação se concretizou mediante estudo bibliográfico e de documentos, mas principalmente pela pesquisa-ação.

O estudo bibliográfico procurou aprofundar a investigação da produção acadêmica sobre o debate das questões relacionadas à comunicação comunitária e o direito à moradia. Tendo como fontes clássicos do pensamento dialético histórico Marx e Gramsci, referências nacionais que construíram teorias que refundaram suas áreas de estudo em nível mundial, Paulo Freire no campo da comunicação dialógica e Milton Santos no campo da geografia crítica, referências do pensamento comunicacional latino americano de Jorge Gonzáles e das principais referências contemporâneas no campo da comunicação comunitária Cicilia Krohling Peruzzo e das questões do direito à cidade Raquel Rolnik.

A pesquisa documental utilizou documentos e relatórios técnicos relacionados as rádios comunitárias e a questão da moradia nas áreas de risco da região conhecida como Área do Chafik.

Quanto à pesquisa-ação, a estratégia consistiu em pesquisar e simultaneamente intervir no processo de interação entre a Rádio Z-FM e os moradores da Área do Chafik, nos meses de junho de 2011 a janeiro de 2012. Michel Thiollent, um dos grandes estudiosos desse método, define pesquisa-ação como “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 1985, p.14).

Cicilia Peruzzo, (2010, p. 130-139) afirma: “acredita-se que uma pesquisa ancorada na dialética possa captar o fenômeno em sua complexidade e profundidade, ou seja, as origens do fenômeno, suas partes constitutivas, os significados e as transformações sofridas [...], a pesquisa-ação tem o propósito de contribuir para solucionar alguma dificuldade ou problema real do grupo pesquisado, [...] na área da comunicação, quando desenvolvida, procurou contribuir para subsidiar a melhoria dos modos de comunicação dos grupos populares [...] A motivação é compreender de

modo sistemático e com base científica, os processos de comunicação existentes, como forma de identificar suas inovações, virtudes e avanços, mas também falhas.”.

Os instrumentos adotados permitiram a realização de levantamento de informações que foram posteriormente sistematizados. Os principais instrumentais foram:

**Registro:** Adotamos o diário de campo como principal instrumental de registro de todo o trabalho de campo, capturados nos formatos de áudio, vídeo, fotografias e escrito.

**Coleta de dados:** As entrevistas estruturadas foram estratégias de aproximação, escuta e de diálogo com a comunidade, os seus roteiros foram construídos coletivamente pela equipe da pesquisa-ação, as perguntas tiveram um caráter provocador, colocando os respondentes num papel ativo, (THIOLLENT, 1985, p. 65) estimulando-os a refletir e tomar posição sobre as problemáticas vivenciadas na localidade.

Foram feitas 44 entrevistas com os moradores da Área do Chafik, realizadas pelos integrantes da ADEHAB em 19 de junho de 2011, com o objetivo de identificar lugares e pessoas de referência para mobilização local, identificar tendências e resistências a uma ação mobilizadora e sondar assuntos de interesses dos moradores para a produção do programa de rádio.

Em 10 de setembro de 2011, os estudantes de serviço social da Faculdade de Mauá realizaram mais 55 entrevistas com os moradores para subsidiar a atuação do Observatório de Políticas Públicas articulados em parceria com a Faculdade Mauá, ADEHAB e Rádio Z FM.

**Georreferenciamento:** Construímos com as equipes de pesquisa representações cartográficas com informações geográficas e situacionais da área em que focamos nossa investigação.

Utilizamos para o desenvolvimento da pesquisa-ação o roteiro sugerido por Guy Boterf<sup>5</sup> (1985, p.53), ele divide o desenvolvimento da pesquisa em quatro fases: montagem institucional e metodológica, estudo preliminar e provisório da região e da população envolvida, grupo de análise crítica dos problemas, programação e aplicação de plano de ação.

Abaixo, apresentaremos detalhes metodológicos que adotamos no momento do planejamento deste processo de intervenção investigativa que foi apresentado e validado na qualificação dessa dissertação.

**Primeira fase:** Montagem Institucional e metodológica da pesquisa: a definição dos parceiros e da equipe.

---

5 O autor denomina esta metodologia como pesquisa participante, existe um debate conceitual sobre as características e denominações das várias maneiras possíveis de se implementar esse tipo de investigação social, sobre essas distinções THIOLLENT (1980, p. 7) comenta: “Não há unanimidade da própria denominação da proposta metodológica. As expressões 'pesquisa participante' e 'pesquisa-ação' são frequentemente dadas como sinônimas. A nosso ver, não o são, porque a pesquisa ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada. Seguindo a diferenciação feita por Thiollent, entendemos que a proposta de Boterf apresenta características de pesquisa-ação.

Pretendemos nesta fase inicial apresentamos a proposta da pesquisa-ação aos integrantes do movimento de moradia e rádio comunitária a fim de definirmos cronograma e planejarmos a realização de um levantamento dos potenciais e problemáticas da região. Boterf sugere as seguintes atividades para primeira fase:

- Discussão do projeto de pesquisa participante com a população e seus representantes;
- Definição do quadro teórico da pesquisa participante, isto é, objetivos, conceitos, hipóteses, método etc.;
- Delimitação da região a ser estudada;
- Organização do processo de pesquisa participante (instituições e grupos a serem associados, distribuição de tarefas, procedimentos e partilha das decisões etc.);
- Seleção e formação dos pesquisadores ou de grupos de pesquisa;
- Elaboração do cronograma de operações a serem realizadas. (BOTERF, 1985, p. 62).

**Segunda fase:** Estudo preliminar da região e da população envolvida: o levantamento dos problemas e potenciais da região, análise e tematização.

Após a definição da equipe de pesquisadores (as), construímos mapas coletivos da região georreferenciando o conhecimento dos participantes sobre os espaços, sua história e situação atual; Após esse exercício construímos os instrumentos de pesquisa para investigar quais os potenciais (artistas, prestadores de serviço, comércios, entidades assistenciais, igrejas, grupos de futebol, serviços públicos, etc.) e os problemas da região (saneamento básico, desemprego, demanda por educação, creche, lazer, falta de comunicação etc.).

Após a coleta de informações, organizamos banco de dados com as informações coletadas, e identificando os principais problemas e potenciais. Esses itens levantados pela equipe foram considerados temas que foram aprofundados na fase seguinte.

No entendimento de Boterf, a segunda fase deve ser direcionada a construir um diagnóstico preliminar e provisório que inclui três partes:

- Identificação da estrutura social da população pesquisada;
- Descoberta do universo vivido pela população de pesquisados e principais acontecimentos de sua história;
- Recenseamento dos dados sócio-econômicos e tecnológicos. (BOTERF, 1985, p. 54)

**Terceira fase:** Formação de grupos por temática, desenvolvimento de oficinas e planejamento das ações.

Com a definição dos temas, dividimos a equipe em grupos por área de interesse. Essas equipes dedicaram-se a produzir cobertura jornalística de sua área (tema) para os blocos *História de Luta, Expressão Criança, Talento, Regularização Fundiária e Informes* do programa semanal *O Outro Lado da Cidade* veiculado pela Rádio ZFM

Além da realização dos programas, também foram desenvolvidas oficinas de pesquisa participativa, produção de programa radiofônico e edição de áudio, para facilitar a apropriação dos processos comunicacionais .

Esta terceira fase é consagrada a um primeiro trabalho de análise crítica dos problemas considerados prioritários na fase precedente. Para isso, formamos 'grupos de estudo', [...] os grupos de estudos necessitam, na maioria dos casos, da intervenção de um orientador que auxilie na realização do trabalho de análise dos problemas. [...] O essencial é que os participantes, ao final deste trabalho, tenham consciência de que são possíveis várias abordagens, [...] (BOTERF, 1985, p. 62-66.).

#### **Quarta fase:** Comunicação, mobilização e avaliação.

Esta fase colocou em prática o plano de ação elaborado pela equipe. Foram produzidos 20 programas de rádio entre 16 de julho a 17 de dezembro de 2011. Foi realizada em 02 de agosto de 2011 audiência pública com os vereadores da cidade, para construir comissão parlamentar de acompanhamento da regularização fundiária da Área do Chafik. E também parceria com a Faculdade de Mauá na articulação do Observatório de Políticas Públicas, que realizou em 10 de setembro de 2011 55 entrevistas e apresentou em 26 de novembro de 2011 devolutiva dos dados apurados, em encontro realizado com moradores na residência de uma moradora da Área do Chafik.

Em 14 de janeiro de 2012 aconteceu o encontro para avaliação coletiva da experiência.

O plano de ação elaborado a partir dos problemas analisados deve comportar:

- Atividades educativas que permitam analisar os problemas e as situações vividas;
- Medidas que possam melhorar a situação localidade;
- Ações educativas que tornem possível a execução de tais medidas;
- Ações que encaminhem soluções a curto prazo, médio ou longo prazo, a nível local numa escala mais ampla.
- Esse plano de ação bem como a sua realização devem por sua vez dar lugar a um processo de *feedback*, isto é, uma discussão e avaliação permanente de sua orientação, de seu conteúdo e de sua realização.

- O objetivo visado nesse momento é o da participação da população na esfera das decisões, do mesmo modo que ela esteve presente nas etapas anteriores do diagnóstico e da análise dos problemas. (BOTERF, 1985, p. 68).

#### **Quinta fase:** sistematização.

Foi feita com base nas observações e registros elaborados ao longo do processo. A partir deste acervo de informações realizamos a recuperação histórica dos acontecimentos e concluimos uma avaliação das quatro fases sugeridas por Boterf relacionando-as com os 4 eixos da teoria da ação dialógica desenvolvida por Paulo Freire.

O detalhamento desta pesquisa-ação está nos capítulos V, VI e VII desta dissertação.

### **Estrutura da Dissertação**

O trabalho está dividido em sete capítulos. Os quatro primeiros apresentam análise conceitual e o contexto em que o direito à moradia e a democratização da comunicação estão inseridos no contexto nacional e local. Os três capítulos finais apresentam a descrição e análise do processo de desenvolvimento da pesquisa-ação.

O capítulo I: *Vozes soterradas: silêncio, segregação e a comunicação emancipadora*, procura articular os conceitos que definem: alienação, práxis contra-hegemônica e emancipação, para analisar os processos de segregação sócio espacial, comunicação comunitária e mobilização transformadora, subsidiados pelo pensamento de Karl Marx, Antonio Gramsci, Paulo Freire, Milton Santos, Jorge Gonzáles, Cicilia Peruzzo e Raquel Rolnik.

O capítulo II: *Espaços em disputa: o direito à comunicação e a moradia*, contextualiza os limites e superações para o exercício do direito humano à comunicação e moradia, a disputa dos espaços da cidade e do espectro eletromagnético; e os marcos regulatórios da radiodifusão comunitária expressos na lei 9612/98 e do estatuto das cidades lei 10.257/01.

O capítulo III: *Mauá: cidade dormitório e os lugares onde até dormir é perigoso*, resgata a história da cidade de Mauá, e apresenta um levantamento das questões relacionadas ao loteamento da família Chafik, além dos atuais dilemas enfrentados pelos moradores que habitam naquela localidade.

O capítulo IV: *Os Meios de Comunicação do ABC paulista*, apresenta o contexto comunicacional do ABC paulista, do movimento de radiodifusão de Mauá, resgata o histórico da Rádio Z FM e seus atuais desafios.

O capítulo V: *Comunidade em ação*, apresenta descrição e análise da fase exploratória

anterior a realização da pesquisa-ação e o desenvolvimento de suas etapas iniciais envolvendo a entrevista feita com os moradores da região.

O capítulo VI: *As vozes do outro lado da cidade*, trata da análise da principal ação realizada em função de nossa pesquisa, apresentando o processo de desenvolvimento das 20 edições do programa *O Outro Lado da Cidade*.

O capítulo VII: *Trajetórias de uma caminhada*, finaliza este estudo com reflexões sobre os principais fatos ocorridos a partir da contribuição desta pesquisa-ação, concretizados na articulação do *Observatório de Políticas Públicas* com a Faculdade de Mauá, e na mobilização para a 1ª. Caminhada Pró Regularização Fundiária da Área do Chafik.

## Capítulo I

# VOZES SOTERRADAS: SILÊNCIO, SEGREGAÇÃO E A COMUNICAÇÃO EMANCIPADORA

### Mídia e Moradia

Habitar, expressar, existir. O silêncio e a invisibilidade são produzidas por uma sociedade em que as relações são determinadas pela propriedade privada. Por esse motivo seres humanos passam por privações, lhes são negados o acesso à terra, o direito de viver dignamente em uma casa; de falar, ser ouvido e se ouvir, se ver e se reconhecer em sua cor e sotaque. Porque mídia e moradia são reduzidos a uma só condição: mercadoria.

A impressão de naturalidade em que o processo de concessão pública dos meios de comunicação e o de urbanização no Brasil se desenvolveram encobriram as violações cometidas contra o direito de moradia e liberdade de expressão, a degradação dos espaços de convívio cedem lugar ao espaço de consumo, porém, os territórios estão em disputa, desde o espectro eletromagnético das ondas do rádio, até os espaços rurais e urbanos se encontram em constante tensionamento no cotidiano das relações. A criminalização dos movimentos organizados pela reforma agrária e urbana e de mídia livre são expressão deste conflito.

A completude do desenvolvimento humano está implicada em sua interação com o mundo. A propriedade privada e acumulação do capital, impedem esta emancipação, produzindo opressão, incomunicação, segregação socioespacial e outras expressões da barbárie. Essas causas são escamoteadas de modo tal que os sujeitos privados das condições de humanização não têm a percepção desta realidade, a tomada de consciência desta situação passa pela reorganização da cultura nas relações cotidianas em que a apropriação do território e das tecnologias da informação e comunicação têm um papel estratégico.

Os intelectuais, educadores, comunicadores ou lideranças podem contribuir com este processo de tomada de consciência de classe, investigando coletivamente as causas das *situações problema* e suas alternativas, provocando a ampliação das dimensões da visão de mundo ao relacionar os dilemas da vida cotidiana com os processos macroeconômicos, contribuindo para organização política em direção a transformações estruturais que não reproduzam as atuais relações de produção e que não permitam que vidas e vozes sejam soterradas.

A seguir aprofundaremos a análise nas bases conceituais que permeiam as relações sociopolíticas e econômicas de exploração, dominação e doutrinação provocando o surgimento de resistência contra-hegemônica que buscam superação, emergindo processos emancipadores.

### **Alienação, opressão e segregação**

Privação é o processo pelo qual a integridade humana é violada. É o ato de tomar para si com violência aquilo que pertence a outro. Marx desenvolveu o conceito de **alienação** para explicitar a dinâmica deste processo. Segundo o autor, alienar é separar sujeito e objeto, produto e produtor, pois é na integração com as “coisas” do mundo que o ser humano se desenvolve. A propriedade privada e a divisão social do trabalho produzem a acumulação de capital, responsável por um tipo de miséria espiritual e material reprodutora de uma forma industrial de escravidão. Nos Manuscritos Econômicos e Filosóficos ele desenvolve o seguinte argumento:

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, [...] (numa dinâmica) em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mas sem-valor e indigno se torna; quanto mais bem formado seu produto, tanto mais deformado ele fica, quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. [...] o trabalho produz o palácio para o rico e a caverna para o trabalhador (MARX, 2004, p. 82).

Paulo Freire definiu esta relação de dominação como situação de **opressão**, em suas palavras:

Na análise da situação concreta, existencial, de opressão, não podemos deixar de surpreender o seu nascimento num ato de violência que é inaugurado, pelos que têm poder. Essa violência, como processo, passa de geração em geração de opressores, que vão se fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Esse clima cria nos opressores uma consciência fortemente possessiva. Possessiva do mundo e possessiva dos homens (FREIRE, 1988, p. 45).

A **segregação** socioespacial é fruto do mesmo processo, o modo de produção capitalista converte trabalho e território em mercadoria. Segundo Milton Santos, a industrialização da agricultura expulsa os trabalhadores de seu espaço de origem, provocando o êxodo rural e um

processo de urbanização que gera um movimento de concentração do capital e dispersão dos trabalhadores, privando-os do acesso aos bens e serviços produzidos (SANTOS, 1979, p. 37).

A divisão da cidade não representa uma bipolarização isolada. Centro e periferia compõe a mesma unidade, com sistemas diferentes e interdependentes. Santos denominou essas duas esferas como circuito superior e inferior, o primeiro concentrando as estruturas de reprodução e controle do capital (sistema financeiro, burocracia e apoio estatal) e o segundo, um sistema dependente do primeiro, organizado para servi-lo (força de trabalho, informalidade, ausência do estado):

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando incessantemente, para melhor ou para pior em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação e até o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar onde vivem. As oportunidades não são as mesmas. Por isso a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, proporção, do ponto do território onde se está (SANTOS, 1987 p.107).

O referido autor contesta a visão de pobreza marginal, pois os pobres não estão à margem e sim integrados ao sistema de forma subalterna, produzindo as condições necessárias para a acumulação, nas palavras de Milton Santos (1979, p. 28.): “Paulo Freire lembra que 'os oprimidos não são marginais', não são homens que vivem fora da sociedade. Assim como seria incorreto considerar a favela um mundo, isolado a parte.[...] Os pobres não são socialmente marginais, e sim rejeitados, não são economicamente marginais, e sim explorados, não são politicamente marginais e sim reprimidos” .

### **Hegemonia, Contra-hegemonia e Comunicação Comunitária**

Para além da descrição e denúncia dos processos de produção da barbárie humana, nosso desafio é também aprofundar análise nas estratégias de inversão dessa lógica. A superação do capitalismo proposta por pensadores anteriores a Antonio Gramsci parte do pressuposto da tomada do poder político e econômico por meio de rompantes revolucionários liderados por vanguardas partidárias. Este pensador italiano não vislumbra os detentores do poder como um único grupo monolítico, mas sim segmentos da sociedade que se aproxima e negocia alianças ou hegemonias em que a dominação se estabelece pela ideologia por meio da moral, cultura e valores: “exercer a

função hegemônica, equilibrando os diferentes interesses da 'sociedade civil'" (GRAMSCI, 1980, p. 112).

Ele acredita ser possível emergir uma nova hegemonia a partir da organização da cultura. O intelectual, a escola e o jornalismo possuem um papel importante neste sentido, para desfragmentar o conhecimento cindido estrategicamente, dirigido a um bloco que deve tomar decisões e outro operacionalizá-las. Dar organicidade significa incorporar os fluxos vitais humanizantes às informações que as classes populares têm acesso, Gramsci desenvolve um modelo de "escola unitária" e de "jornalismo integral" organizando o conhecimento dentro de: "um novo contexto de relações entre vida e cultura, entre trabalho intelectual e trabalho industrial" (GRAMSCI, 1982, p. 125).

As estratégias para emergir uma nova hegemonia passam também pela ampliação da consciência política. Gramsci identifica esse processo como catarse: "pode-se empregar a expressão catarse para indicar a passagem do momento puramente econômico (ou egoísta passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isso significa, também, a passagem do objetivo ao subjetivo e da necessidade à liberdade" (GRAMSCI, 2004, p. 314).

Freire (1979, p. 13) trabalha o conceito de conscientização para designar a descoberta de uma dimensão maior da própria realidade:

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se 'desvela' a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em "estar frente à realidade" assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da "práxis", ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens.

O processo catártico desenvolvido por Gramsci se realiza para Freire por meio do diálogo, nesse sentido, por meio da comunicação. "Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade" (FREIRE, 1983, p. 28). A descoberta das relações de opressão não se processa como uma fagulha intelectual desconectada do mundo material dos sentidos, é a partir da percepção das situações problemas, que o sujeito passa a delinear sua situação dentro dos limites impostos pela realidade e a possibilidade de ser mais colocadas pela história. Essa descoberta também não se dá

de forma isolada, já que diálogo pressupõe relação.

Nesse sentido, identificamos na comunicação popular e comunitária os elementos estratégicos para uma práxis contra hegemônica, se dotada de intencionalidade política, pois ela permite que os sujeitos coloquem em debate as questões cotidianas, denunciem as injustiças sofridas, reivindiquem direitos e se apropriem de novas linguagens técnico-comunicacionais.

A comunicação popular tem, em geral, um conteúdo essencialmente crítico. Ou seja, julga-se a realidade concreta, local ou mais abrangente, tanto em nível de denúncia descritiva quanto de interpretação ou de opinião, levando reivindicações, apelando à organização e mobilização popular, apontando para necessidades de mudanças. [...] Tudo isso mexe coma cultura, mesmo que não de forma predominante. Há na verdade a incorporação de novos valores, ao mesmo tempo em que se reproduzem outros (PERUZZO, 1999, p.156).

### **Emancipação e a teoria da ação dialógica**

Emancipação é o processo de humanização em que o ser humano, a partir da interação com seu meio, supera seus próprios limites. Marx (2004, p. 109) afirma que a superação da propriedade privada é a emancipação completa de todas as qualidades e sentidos humanos. A alienação provocada pela propriedade privada impede a totalidade de tal interação, provocando sua degradação social. Paulo Freire (1982, p. 53) entende que a superação dessa lógica alienante passa pela conquista do domínio da existência, em suas palavras: “O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade”. Para o autor, a comunicação, no processo de libertação, desempenha um papel fundamental, ele entende que a comunicação se trata de um processo coletivo de leitura de mundo implicado na denúncia da situação de opressão vivenciada, na pronúncia esperançosa de um mundo em transformação e na práxis transformadora. “Pois não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação.” (FREIRE 1988, p. 78).

Este processo não acontece de forma espontânea, além da intencionalidade, é preciso organizar coletivamente um movimento que permita emergir à consciência os problemas, a situação limite, os temas que impulsionarão outro nível de organização relacionado à busca de informação e análise das situações problematizadas, que por sua vez provocarão um terceiro nível de organização focado em intervenções no sentido de superar os limites ao desenvolvimento social imposto pela da situação opressiva.

Freire (1988, p. 167) organiza a teoria da ação dialógica para articular a totalidade deste

processo, esta teoria é caracterizada por 4 eixos: co-laboração, união, organização e síntese cultural. A seguir detalharemos cada um deles.

**Co-laboração:** Parte do princípio que a transformação do mundo emerge a partir do **coletivo**, indivíduos, ainda que ativos, não são capazes de produzir (laborar) transformações emancipadoras, pois isolados produzirão sempre ações desarticuladas que reproduzirão processos de opressão. “O *eu* dialógico sabe que é exatamente o *tu* que o constitui” (FREIRE, 1988, p. 165.) Carlos Lenkersdorf, antropólogo e linguista alemão radicado no México, define esta unidade dialética como nosotrificação, ao estudar a sociedade Maya-tojalabal: “no contexto tojalabal, o surgimento de um problema repentino conduz para presença latente da formação visível e tangível do *nosotros*, corresponde a um princípio organizativo social. Os neurobiólogos denominam inteligência coletiva [...] (nas palavras de um tolajabal) 'se temos 25 cabeças, temos cinquenta olhos e enxergamos melhor'”. (LENKERSDORF, 2002. p. 69-70<sup>1</sup>)

Para Freire, a co-laboração se funda no diálogo, que se concretiza na leitura e pronúncia da realidade em uma **relação horizontal**, em que não existam dominadores e dominados, os sujeitos estão **engajados, participando** em processo de adesão e de **auto-confiança** consciente e **autônoma**. “A co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, por tanto de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação. [...] Os sujeitos dialógicos se voltam sobre a realidade mediatizadora que, problematizada, os desafia. A resposta aos desafios da realidade é a ação sobre ela para transformá-la” (FREIRE, 1998, p. 167).

**União:** Não se trata apenas de estar junto, a união como característica de uma ação dialógica se realiza no processo de **identidade** de classe, no desvelar **crítico** dos processos de opressão e na ruptura com o opressor. Num segundo momento, a atitude se autoafirmar e se fortalecer como unidade de oprimidos, não somente na dimensão proletária, mas na condição de mulher, de negro, de pobre, de favelado, de homossexual, etc.

Se, para manter divididos os oprimidos se faz indispensável uma ideologia de opressão, para a sua união é imprescindível uma forma de **ação cultural** através da qual conheçam o *porquê* e o *como* de sua 'aderência' à realidade que lhes dá conhecimento falso de si mesmo e dela. É necessário desideologizar. [...] não é 'desaderir' os oprimidos de uma realidade mitificada para 'aderi-los' a outra. O objetivo da ação dialógica está, pelo contrário, em proporcionar que os oprimidos, reconhecendo o *porquê* e *como* de sua 'aderência', exerçam um ato de adesão à práxis verdadeira de transformação da realidade injusta. Significando a união **solidária**

---

<sup>1</sup>Tradução nossa

entre eles não importam os níveis reais em que se encontrem como oprimidos, implica também, indiscutivelmente, **consciência** de classe. [...] que se descubram como Pedro, Antônio, como Josefa, com toda a significação profunda que tem esta descoberta. (FREIRE, 1998, p. 173-174).

O **sentimento comunitário** é fruto dos **vínculos** identitários que emergem a partir da percepção de uma realidade comum, para além dos territórios os elos comunitários fortalecem sujeitos que isolados são vulneráveis, mas em união podem mais, nas palavras de Cicília Peruzzo: “As pessoas passam a reconhecer-se como partícipes de situações semelhantes, a partir de carências e problemas vividos em comum. Mas não se trata de uma linearidade, conservando elas sua capacidade de discernimento e suas identidades. É uma igualdade com diferenças [...]” (PERUZZO, 1999, p. 60). “O desenvolvimento comunitário irá se constituindo no bojo da gestação e da plenitude de um novo projeto de sociedade: projeto popular desalienante e superador da divisão em classes”. (PERUZZO, 1989a, p. 135).

**Organização:** Quando a ação de organizar é associada à ideia de “colocar cada 'coisa' em seu lugar”, está presente uma ideologia de dominação, que estabelece uma lógica de perpetuação de uma ordem estabelecida, a burocratização relacionada ao termo possui a mesma raiz, pois o registro, o relatório, o formulário, etc., objetivam o controle dos processos produtivos. Por outro lado, a **organicidade** permite pulsar a vida, em uma construção contínua de vínculos dentro de uma dinâmica em que a energia seja canalizada para um propósito, o controle é coletivo em um processo de transformação.

Jorge Gonzáles, alinhado com os pressupostos de Freire, desenvolveu o conceito de ciberkultur@, "entendida como a capacidade emergente para dirigir e coordenar o movimento de coletivos sociais utilizando a informação, o conhecimento e a comunicação potencializados pela tecnologia (GONZÁLES, 2008 p. 90).

Justamente por serem libertários, participativos e horizontais, processos autogestionários de organização precisam de rigor, **planejamento participativo**, **cronograma** das ações, transparência e compromisso. Nas palavras de Freire: “Sem disciplina, sem ordem, sem decisão, sem objetivos, sem tarefas a cumprir e **contas a prestar**, não há organização e sem esta se dilui a ação.” (FREIRE, 1988, p. 177).

#### **Síntese Cultural:**

A síntese cultural na visão de Freire (1988) é a compreensão do **universo temático** do povo, isto é, um **levantamento** dos valores, hábitos, dilemas, sonhos, derrotas, problemas e potenciais, feita com os envolvidos e não sobre eles. Essa investigação coletiva permite que aqueles que

cumprem um papel de liderança ou pesquisadores, também possam compor com sua visão de mundo, a fim de contribuir co-laborativamente com a superação das situações opressoras pontuais remetendo as mudanças estruturais mais efetivas:

“Muitos erros e equívocos comete a liderança ao não levar em conta essa coisa tão real, que é a **visão de mundo** que o povo tem em que vão se encontrar explícitos e implícitos os seus **anseios**, as suas dúvidas, as suas esperanças, a sua forma de ver as lideranças, a sua percepção de si mesmo e do opressor, as suas crenças religiosas, quase sempre sincréticas, o seu fatalismo, sua reação rebelde. E tudo isto, como já afirmamos, não pode ser encarado separadamente, porque, em interação, se encontra compondo uma totalidade. [...] Em lugar de esquemas prescritos, liderança e povo, identificados, criam juntos as pautas para sua ação, [...] como síntese cultural que é a investigação, se vai construindo o clima da criatividade [...] (FREIRE, 1988, p. 181-182).

A síntese cultural se opõe à visão de invasão cultural em que o universo do oprimido, é esmiuçado à sua revelia. A **busca de informações sobre sua própria condição**, a **troca de saberes com técnicos**, educadores, mediadores, **a atuação como agente transformador** capaz de **superar as contradições** que limitam seu desenvolvimento.

A ação cultural que se orienta no sentido da síntese tem seu ponto de partida na investigação temática ou dos temas geradores, [...] como um problema, através de situações codificadas, refazem sua percepção anterior da realidade. Este tipo de ação cultural, reinsistamos, só tem sentido quando tenta constituir-se como um momento de teorização da prática social de que participam os camponeses[em nosso caso moradores]. (FREIRE, 1981, p. 19)

### **Mobilização Social, comunicação emancipadora e rádios comunitárias**

Em um contexto de segregação socioespacial produzido pela propriedade privada e pelo processo de industrialização, as **rádios comunitárias** possuem os elementos para desempenhar um papel estratégico por situar-se geograficamente nos territórios periféricos; por permitir uma relação não alienada na produção dos conteúdos, uma vez que meios comunitários não são (ou não deveriam ser), propriedade privada; por possibilitar a ampliação das condição de debate dialógico com a comunidade e para além dela sobre as problemáticas específicas e gerais, além de permitir a gestão coletiva e apropriação técnica dos vetores tecnológicos. O fato de possuir os elementos possíveis para uma práxis contra-hegemonica, não significa que qualquer rádio comunitária desempenhe este papel:

Convém ressaltar que não está se referindo a qualquer rádio que se apresente como comunitária, mas especificamente a um tipo de emissora que realmente possa ser identificada como tal. A rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados com suas vidas”. (PERUZZO, 2007 p. 69).

A produção crítica, criativa e colaborativa no fazer comunicacional das rádios comunitárias podem contribuir com o desenvolvimento individual e coletivos dos envolvidos, mas para cumprir um papel emancipador as emissoras comunitárias de rádio precisam que suas antenas sejam também catalisadoras das possibilidades e dos problemas locais e da sociedade como um todo. Os processos de mobilização exigem o exercício da escuta, a prática do convívio e o estabelecimento de vínculos de confiança, mobilizar para o filósofo e educador colombiano Bernardo Toro é convocar vontades, em suas palavras:

A mobilização ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos. Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados... Participar ou não de um processo de mobilização social é um ato de escolha. Por isso se diz convocar, porque a participação é um ato de liberdade. A mobilização não se confunde com propaganda ou divulgação, mas exige ações de comunicação no seu sentido amplo, enquanto processo de compartilhamento de discurso, visões e informações (TORO, 2007, p. 13).

Por mais interessada em resolver os problemas da comunidade, uma rádio unilateralmente não é capaz disso, ela pode fazer *com* comunidade ao difundir perguntas ao invés de noticiar informações estéreis, propagar a voz da comunidade para além de suas divisas e junto com ela anunciar que aquele lugar pode ser melhor, que aquelas pessoas podem ser mais.

## Capítulo II

# ESPAÇOS EM DISPUTA: O DIRETO À COMUNICAÇÃO E À MORADIA

### Propriedade privada, clandestinidade e direitos humanos

O Comunismo primitivo na sociedade gentílica

Historicamente a organização social da humanidade adquire diferentes configurações que são determinadas pelas relações sociais. Para muitos é praticamente impossível imaginar um mundo sem a figura do Estado, mercado e família. Mas foi justamente assim o início do que chamamos de sociedade. Se a mudança é o elemento marcante do ser humano, uma coisa nunca mudou, a necessidade de luta pela sobrevivência.

Mesmo nos dias de hoje, em que muito se consideram vivendo em uma *Era Digital*, é ainda a relação com a natureza, seu domínio e transformação que determinam a manutenção de sua existência. O alimento e sua produção ainda são as condições básicas para a continuidade da vida e o modo de produzi-lo vai deflagrar todas as diferentes formas de organização que a sociedade impetrará.

O que primeiro diferenciou o humano dos animais foi sua possibilidade de se tornar ereto, utilizar as mãos para manipular a natureza, com elas era possível utilizar utensílios que facilitavam a colheita de frutos e a caça<sup>1</sup>. Porém, os frutos de uma localidade rapidamente se esgotavam e os animais estavam sempre em trânsito, por esse motivo o ser humano pré-histórico era nômade e não fazia para ele o menor sentido se apropriar das terras que não ofereciam condições de mantê-lo vivo.

---

<sup>1</sup> Tornar-se ereto permitiu ao humano pré-histórico a liberação das mãos para produzir cultura, a agricultura é a primeira manifestação cultural, hoje a proliferação do digital ainda mantém viva a importância das mãos no processo de emancipação humana.

Engels (1982, p. 22), a partir dos estudos de L. H. Morgan, denominou essa infância do gênero humano como *Estado Selvagem*. Vejamos como ele descreve esse período: “Os homens permaneciam ainda, nos bosques tropicais e subtropicais e viviam, pelo menos parcialmente, nas árvores; só isso explica que continuassem a existir, em meio às grandes feras selvagens. Os frutos, as nozes e as raízes serviam de alimento; o principal progresso desse período foi a formação da linguagem articulada”.

Com o domínio do fogo e o aprimoramento da manipulação de instrumentos que potencializam a ação do corpo como o machado e o arco e flecha, as condições de fixação do ser humano a um território se torna possível pelo cultivo da agricultura, domesticação dos animais e sobretudo pela construção das moradias. Temos aqui o *Estado de Barbárie*, período que também incorpora a invenção da escrita, este é segundo Engels (1982, p. 27), o período dos Germanos, Ítalos e Vikings.

O *Estado de Barbárie* da humanidade também foi denominado período gentílico, pois a base social não era a família que conhecemos atualmente, mas sim um sistema de parentesco em que os homens praticavam a poligamia, as mulheres a poliandria e os filhos de um e de outro tinham que ser considerados comuns (ENGELS, 1982, p. 31). Essa comunidade familiar era denominada gens. Se os filhos eram comuns, todos os bens incluindo a terra também eram coletivos, por este motivo essa forma de organização social foi denominada comunismo primitivo.

Essa forma de organização vai ganhando novos elementos que provocarão sua decadência, o primeiro elemento é a instituição da monogamia (“na verdade só para as mulheres” (ENGELS, 1982 p. 31), permitindo o reconhecimento da figura do pai e o subjulgamento da figura feminina, instituindo-se neste momento o patriarcado seguido pelo direito à herança (patrimônio). Outro elemento que contribui com a derrocada do comunismo primitivo foi a escravidão, fruto da guerra entre gens que surgiu primeiro como uma forma de resolver conflitos entre diferentes grupos familiares, depois passa a favorecer a captura ou roubo dos bens coletivos, propiciando as primeiras formas de acumulação de riqueza.

Engels (1982, p.120) assim descreve a decadência do período gentílico:

Resumindo: a riqueza passa a ser valorizada e respeitada como bem supremo e as antigas instituições da gens são pervertidas para justificar-

se a aquisição de riquezas pelo roubo e pela violência. Faltava apenas uma coisa: uma instituição que não só assegurasse as novas riquezas individuais contra as tradições comunistas da constituição gentílica, que não só consagrasse a propriedade privada, antes pouco estimada, e fizesse dessa consagração santificadora o objetivo mais elevado da comunidade humana, mas também imprimisse um selo geral do reconhecimento da sociedade às novas formas de aquisição de propriedade, que se desenvolviam umas sobre as outras – a acumulação, portanto, cada vez mais acelerada, das riquezas -; uma instituição que em uma palavra, não só perpetuasse a nascente divisão da sociedade em classes, mas também perpetuasse o direito de a classe possuidora explorar a não possuidora e o domínio da primeira sobre a segunda. Essa instituição nasceu. Inventou-se o *Estado*.

A divisão do trabalho entre agricultura e artesanato possibilitou a ampliação da produção e sua troca, o acirramento dessa prática permite o surgimento de uma nova classe que não se ocupa diretamente com a produção e reprodução dos meios de sobrevivência, surge o comerciante, que vai ocupar posição de direção sobre os produtores, com a leitura de mais uma passagem perceberemos que Engels não era muito simpático a essa figura: “forma-se uma classe de verdadeiros parasitas sociais, que em compensação por seus serviços, na realidade insignificantes, retira a nata da produção nacional e estrangeira, concentra rapidamente em suas mãos riquezas enorme” (ENGELS, 1982 p. 187). O mercantilismo traz consigo a valorização do papel moeda e transforma em mercadoria, um bem que é o foco central de nossa análise: posse da terra e junto com ela o surgimento dos despossuídos.<sup>2</sup>

### **Cidade Cindida: O Urbano e o suburbano, territórios em transformações**

Analisaremos brevemente o período de consolidação do capitalismo através da constituição das cidades (*Civitas*). Daremos um descanso ao nosso companheiro de

---

<sup>2</sup>Vale a pena apresentar aqui uma observação no sentido de ressaltar a existência atual de povos cuja a figura do Estado, mercado e família patriarcal não estão presentes, os povos estudados por Morgan e analisados por Engels são os que darão origem à chamada civilização ocidental.

viagem Engels trazendo Raquel Rolnik para seguir a trajetória sobre a questão da moradia.

A cidade se caracteriza pelo seu traço urbano contrastado pelo campo. Ela atua com uma força centralizadora do poder, nela está presente sua sede administrativa. Sua formação ocorre dentro de uma lógica que visa favorecer o desenvolvimento da etapa industrial do capitalismo em que estão presentes os espaços de vigilância e repressão.

A Pólis grega deu origem à cidade com sua dimensão centralizadora do poder, cujo exercício não havia espaço às mulheres e escravos. A contraposição entre centro e periferia também tem na Grécia sua origem na relação *Acrópole*<sup>3</sup> versus *Ágora*<sup>4</sup>. (ROLNIK, 1988, p. 22-26).

A cidade é um espaço vivo e expressão da forma como a sociedade está estruturada e suas transformações representam a materialização das diferentes forças sociais. A cidade é a base do Estado, é o espaço do fluxo de mercadorias sendo ela mesma composta por territórios que também são mercadorias, ao mesmo tempo, possui uma natureza pública. Ela abriga as relações cotidianas e as que fogem ao cotidiano como as revoltas, as marchas, as barricadas, as passeatas, os atos, as rebeliões, as greves e outras formas de contestação do poder estabelecido.

Essa divisão entre centro e periferia, cidade e campo, urbano e suburbano, são as marcas das grandes cidades nos dias de hoje. Conceitualmente essas divisões não se tratam de um processo de exclusão como comumente se explica tal fenômeno. A coexistência desses pólos são partes estruturais do tecido social, essa coexistência é tensionada pelos conflitos de interesses das classes sociais. Dessas relações tensionadas e conflituosas emergem dois movimentos: o de segregação socioespacial e o seu enfrentamento pelos segmentos organizados da sociedade civil.

Paulo Freire entende que as nossas debilidades na construção de processos democráticos estão enraizados ao modelo de colonização que nos foi imposto. Ele afirma que a postura de exploração comercial do território impedia uma relação de vínculo e produção de cultura no território. As grandes propriedades isolavam os colonos de vivências comunitárias, colocando-os sobre a tutela dos proprietários das terras. Estas relações de domínio sobre a terra e

---

<sup>3</sup> Templos murados no alto da Pólis

<sup>4</sup> Cidade baixa, espaço das relações sociais

sobre os homens aniquilou as possibilidades destes encontrarem os próprios caminhos para solucionar seus problemas comuns. A seguir ilustraremos com as palavras do autor os argumentos apresentados:

A nossa colonização foi, sobretudo, uma empreitada comercial. Os nossos colonizadores não tiveram – e dificilmente poderia ter tido – intenção de criar, na terra descoberta, uma civilização. Interessava-lhes a exploração comercial da terra[...]Marchou nossa colonização no sentido da grande propriedade. [...] separadas umas das outras, pelas próprias disposições legais, por léguas não havia mesmo outra maneira de vida, que não fosse a de se fazerem os 'moradores' desses domínios, 'protegidos' dos senhores [...] Aí se encontram, realmente, as primeiras condições culturais em que nasceu e se desenvolveu o homem brasileiro o gosto, a um tempo de mandonismo e de dependência de 'protecionismo' que sempre floresce entre nós. [...] Naquelas condições referidas se encontram o 'mutismo' brasileiro. As sociedades a se nega o diálogo – comunicação – e em seu lugar se lhes oferecem 'comunicados' [...] Não há realmente, como se possa pensar em dialogação com a estrutura do grande domínio [...]entre nós, o que predominou, foi o mutismo do homem. Foi sua não participação na solução dos problemas comuns. Faltou-nos na verdade, com o tipo de colonização que tivemos vivência comunitária.

No Brasil colonial o Estado adotava o modelo português das sesmarias de concessão para o uso produtivo da terra, caso não houvesse o cultivo, ela deveria ser devolvida. Declarada a independência e a abolição da escravatura um novo modelo foi adotado: a Lei de Terras que regulava a posse de propriedades a partir da transação formalizada de compra e venda, os que se apossassem indevidamente estavam destinados ao despejo e à prisão. A Lei de Terras monetariza definitivamente a terra, inviabiliza a sua posse ao escravo recém abolido e dá origem à especulação imobiliária. (MARICATO, 1999, p. 17).

O acirramento da segregação socioespacial acontece na medida em que a sociedade mercantilista avança para sua consolidação como modo de produção capitalista, a segregação socioespacial no Brasil colonial não fazia sentido uma vez que

casa grande e senzala precisavam estar próximas para que o escravo estivesse sempre por perto, a proximidade e até mesmo a mistura das classes sociais neste momento não representavam um problema, pois a principal segregação era a racial, que era demarcada pela coloração da pele.

Ilustraremos esta análise do processo de com as palavras de Raquel Rolnik: (1988 p.47-50):

É possível perceber que a segregação espacial começa a ficar mais evidente à medida que avança a mercantilização da sociedade e se organiza o Estado Moderno...Para os principais funcionários do Estado, grandes comerciantes e banqueiros, os locais de residência, passavam a se separar do local de trabalho. Com isto, novos bairros exclusivamente residenciais e homogêneos do ponto de vista social começavam a surgir. Este é o primeiro movimento de segregação e uma reconceituação da moradia, que em sua acepção burguesa vem sob o signo da privacidade e isolamento [...] Para os membros da classe dominante, a proximidade do território popular representa um risco permanente de contaminação, de desordem. Por isso deve ser, no mínimo evitado<sup>5</sup>. Por outro lado, o próprio processo de segregação acaba por criar a possibilidade de organização de um território popular, base da luta por trabalhadores pela apropriação do espaço.

O território da cidade sendo um espaço público gestado por um Estado governado por uma elite burguesa direcionou os recursos públicos para estruturar os espaços urbanos em que estava presente para o resto da cidade, a urbanização só se concretizava nos espaços em que os moradores protestavam fechando ruas e queimando pneus, ganhando notoriedade na condição de inimigos da ordem pública.

Se ação do Estado só estava presente nos espaços elitizados, as estratégias de sobrevivência das classes subalternas se forjam num processo de suburbanização caracterizado pela ocupação desordenada do espaço, fixando residência em espaços que não deveriam ser habitados, como as *áreas de risco geotécnico*, como são chamadas as

---

<sup>5</sup> Um exemplo recente é o que ocorreu quando, em maio de 2011, os moradores do Jd. Higienópolis, bairro de classe alta de SP, se posicionaram contrários à instalação de estação de Metrô na região por atrair a presença de pessoas "diferenciadas" para o bairro.

áreas sujeitas à inundação ou deslizamento de terra, distantes dos centros comerciais, industriais e culturais, com ausência de saneamento básico, iluminação pública, áreas de lazer e de serviços públicos básicos. Do ponto de vista do capital, a presença das camadas empobrecidas neste território desvaloriza a região, atrapalhando a especulação imobiliária, dificultando o controle policial e são focos de proliferação de parasitas e animais peçonhentos, devido aos esgotos a céu aberto. A cidade capitalista gera e rejeita os territórios populares precarizados (ROLNIK, 1988, p. 69-81).

### **Clandestino, marginal, informal, ilegal. Criminoso?**

O exército de pobres não para de crescer e servem para alimentar os processos produtivos, primeiro sequestrando africanos, depois importando europeus e nipônicos, posteriormente os nordestinos e atualmente também os bolivianos. Os centros urbanos vão crescendo com a presença de trabalhadores superexplorados que não dispõem de riqueza ou crédito para adquirir moradia. Estes são forçados à compra de lotes ilegais ou ocupação de terrenos irregulares em áreas pantanosas ou íngremes que sua condição os desafia a habitar. Desta forma o trabalhador que muitas vezes vive do trabalho informal, mora em áreas clandestinas, acaba sendo visto como criminoso do ponto de vista da lei.

Entendemos que a legalidade e a ilegalidade são partes de um mesmo processo. É característico do modo de produção capitalista se retroalimentar daquilo que ainda não foi fundido à sua lógica, por outro lado, o que ainda não fora processado, pode resistir a sê-lo. Se é verdade que a pobreza é incômoda à classe dominante por ameaçar suas propriedades e desvalorizar seus imóveis, por outro lado, os pobres são fundamentais para manutenção do seu requintado modo de vida.

Até mesmo quando a população despossuída de moradia assume o risco de ocupar propriedades, em muitos casos, acabam valorizando-as ainda mais, no processo de negociação da venda da terra para o Estado realizar urbanização. Dentro desse modelo de desenvolvimento os que detêm o poder nunca perdem, mas aqueles que não o detêm, podem ser por vezes deveras indigesto, principalmente quando organizados.

Milton Santos, desenvolve o conceito territorialidade que transcendem a concepção de território relacionadas às relações de propriedade de extensões de terra.

Para o autor, territorialidade, explicita a relação de pertencimento ao lugar em que se vive e se produz, esse conceito é o mais adequado para compreendermos os processos de ocupação e apropriação de localidades destinadas à moradia e convivência que estão a cima dos legalismos que asseguram o direito à exploração comercial da terra.

O sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence... esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos é privilégio do homem. (SANTOS, 2001, p.19)

O estado de direito é regido por normas que são resultado das disputas políticas entre as classes sociais. A legislação que normatiza as questões fundiárias atua na maioria das vezes como uma forma de proteger e propiciar a acumulação financeira, inibir e punir os que ousarem contrariar esta lógica. Mesmo com todo esse aparato os embates políticos permitiram avanços jurídicos no sentido de legitimar e ampliar os direitos civis<sup>6</sup> por intermédio da organização dos movimentos sociais.

### **Movimentos sociais, direito à moradia e marco regulatório**

Movimentos sociais são formas de organização de segmentos da sociedade constroem estratégias coletivas para conquistarem seus interesses. Eles possuem diferentes configurações e orientações ideológicas; dentre os movimentos sociais urbanos, os movimentos de luta pela moradia são tão antigos quanto o próprio processo de industrialização do país.

As chamadas SABs, (Sociedades Amigos de Bairro), datam da década de 1930 marcadas naquele momento pelo clientelismo e o populismo na relação com o Estado, uma vez que voto torna-se moeda de troca. No período de enfrentamento ao regime militar (em que o voto não mediava às relações políticas), os setores progressistas

---

<sup>6</sup> Temos consciência que o avanço nos direitos civis e a concessão de políticas públicas não abalam efetivamente as estruturas sociais que produzem a acumulação, porém não podemos deixar de reconhecer que tais avanços permitem fortalecimento das resistências, ampliam acesso a bens culturais e matérias, possibilitando novas estratégias de enfrentamento.

da igreja católica instituíram as Comunidades Eclesiais de Base, (CEBs) que a partir das questões locais e imediatas, conseguiam construir um processo mais amplo de politização e resistência ao autoritarismo.

Maria da Glória Gohn realizou profundo estudo sobre os movimentos sociais em São Paulo, incluindo o movimento de moradia, apresentamos um pequeno trecho que ilustra e complementa a análise da natureza e o contexto dos movimentos sociais urbanos:

Consideramos um movimento social como a expressão máxima de um Sujeito coletivo em ação[...] Mas nem todos os movimentos têm características progressistas e transformadoras, há também movimentos reformistas, conservadores [...] nos anos 30 [...] o Povo irrompe na cena política brasileira com algum poder de pressão, pois aprendeu a trocar voto por melhoria urbana...essa troca esteve demarcada pelo clientelismo político[...] As SABs ajudaram inclusive a eleger um professor da Vila Maria que percorreu a carreira de vereador, prefeito e Presidência da República: Jânio da Silva Quadros...Nos anos 70, a luta contra o regime dá lugar a um outro tipo de movimentos ligados à Teologia da Libertação...O período entre 1975 e 1982 é um dos mais ricos da história do Brasil no que diz respeito às lutas [...](emergindo em São Paulo) o Movimento do Transporte Coletivo, Movimento de Luta por Creches, Movimento das Favelas, Movimento dos Mutuários do Banco Nacional de Habitação.(Gohn, 2008, p. 132-133).

Na segunda metade da década de 1980 o país entra num processo de redemocratização, parte da sociedade civil se organiza para colocar em pauta o que se chamou na época de “reforma urbana”. O Movimento Nacional pela Reforma Urbana (MNRU) apresenta uma proposta de Emendas de Iniciativa Popular, n. 63, que resgatava o Projeto de Lei n. 775/83 à Assembleia Constituinte de 1987 e 1988. Esse texto não chegou ser posto em votação, mas serviu como base para os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, os quais representam um novo paradigma no marco regulatório das questões urbanas, a dimensão social da cidade e das propriedades passam a ser consideradas para além da sua função mercantil. A partir deles os municípios passam a

ser os pilares na gestão das questões urbanas e o plano diretor, alvo das disputas dos interesses locais. Essa descentralização da gestão representa um salto no processo de democratização do país, porém na prática, os municípios estavam despreparados e muitos gestores públicos mal intencionados negligenciaram a realização de uma série de políticas e serviços públicos assegurada na lei (ROLNIK, 2006, p. 202).

Mesmo com um novo marco legal para a política urbana, existia a necessidade de uma regulamentação mais específica para as diretrizes constitucionais serem efetivamente implementadas, essa regulamentação que tramitou 11 anos no legislativo e em 10 de julho de 2001 teve a sua promulgação assinada, a lei n. 10.257, conhecida como Estatuto das Cidades que cria uma série de mecanismo jurídicos, políticos e administrativos para um avanço significativo no que tange às questões fundiárias, Rolnik (2006, p. 204) nos apresenta uma análise sobre a inovação da lei:

Pela primeira vez em nossa história, temos uma regulação federal para a política urbana que se pratica no país, definindo uma concepção de intervenção no território que se afasta da ficção tecnocrática dos velhos Planos Diretores de Desenvolvimento Integrado [...] De acordo com as diretrizes expressas no Estatuto, os Planos Diretores devem contar necessariamente com a participação da população e de associações representativas dos vários segmentos econômicos e sociais, não apenas durante o processo de elaboração e votação, mas, sobretudo, na implementação e gestão das decisões do Plano. Assim, mais do que um documento técnico, normalmente hermético ou genérico, distante dos conflitos reais que caracterizam a cidade, o Plano passa a ser um espaço de debate dos cidadãos e de definição de opções, conscientes e negociadas, por uma estratégia de intervenção no território.

Outro fato institucional relevante ocorre no ano de 2003, com a criação do Ministério das Cidades que tem, entre outras funções, a de impulsionar uma política nacional de habitação. A sociedade civil organizada estava anos-luz à frente do governo federal, tanto do ponto de vista político, como técnico, pois o movimento de moradia estava articulado com outros setores da sociedade como urbanistas, juristas e acadêmicos,

enquanto o governo, não tinha desde o governo militar, um projeto de política urbana, ainda que a Constituição Federal e o próprio Estatuto exigissem uma atuação efetiva para dar o suporte necessário aos municípios. Esse ministério foi criado sob a luz dos movimentos em curso desde 1970 e se estruturou em torno dos três principais problemas urbanos: habitação, saneamento e transporte. Para ampliar o debate com a sociedade o ministério realiza a cada 2 anos Conferências das Cidades, que acontecem em etapas municipais, estaduais e federal, em 2003 e 2005. As conferências elegeram o Conselho das Cidades que por sua vez aprovou o Programa Nacional de Regularização Fundiária (MARICATO, 2006, p. 214–216).

Não cabe neste nosso estudo aprofundar a análise macro sobre o desenrolar desse processo de disputa institucional sobre as questões urbanas. No capítulo III, apresentaremos como se deu a implementação destas políticas na cidade de Mauá, bem como o histórico da luta pela moradia local.

### **Comunicação: território em disputa**

A acumulação do capital se reproduz tornando privado os bens da humanidade. Se a cidade é organizada em torno da necessidade da circulação da mercadoria, a comunicação possui papel complementar ao circular, através dos meio massivos, ideias, valores ou discursos vinculados aos interesses dos setores hegemônicos da sociedade, a clássica frase de Marx do Manifesto Comunista “As ideias dominantes de uma época foram sempre tão somente as ideias da classe dominante”(MARX; ENGELS, [s.d.], p. 72). ilustram bem esta questão.

Com o advento técnico da transmissão de informações pelo espaço eletromagnéticos<sup>7</sup>, as relações comunicacionais passam a ter um alcance em larga escala ao se propagarem pelo espaço. Esse território, assim como a cidade, mesmo possuindo

---

<sup>7</sup> As ondas eletromagnéticas são radiações cujas vibrações são propagadas pelo espaço, elas são correntes elétricas que emitem sinais em frequências que podem ser receptadas, Heinrich Hertz, fisico alemão demonstrou que tais ondas poderiam conduzir sinais de rádio em 1888.  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ondas\\_de\\_r%C3%A1dio#cite\\_note-0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ondas_de_r%C3%A1dio#cite_note-0).  
Inicialmente o rádio foi projetado para funcionar bidirecionalmente, porém essa potencialidade poderia atrapalhar politicamente o uso desse meio.

uma natureza pública devido a seu caráter estratégico, passa a ser controlado de forma quase absoluta pelos setores hegemônicos da sociedade. Vigil<sup>8</sup>, faz uma crítica a essa privatização:

Entretanto, quando falamos de propriedades, a pergunta prévia a qualquer outra é a seguinte: a quem pertence o espectro radioelétrico, quem é o dono de suas faixas e frequências? Costuma-se responder: “O Estado”. Essa concepção errônea justificou os monopólios estatais da radiodifusão que se prolongaram na Europa até há bem poucos anos. E justifica a distribuição discricionária que muitos governos latino americanos fazem das frequências de rádio e televisão. A quem pertence o espectro? Nem aos Estados Unidos nem a particulares. Como bem explica a UIT<sup>9</sup>, essas frequências são um bem público e coletivo, patrimônio comum da humanidade. (VIGIL, 2003, p. 491)

Nos anos de 1930 a industrialização transforma radicalmente o espaço da cidade, ao mesmo tempo que revolucionam as relações comunicacionais. A Escola de Frankfurt<sup>10</sup> denominou esse fenômeno como Indústria Cultural, Adorno (2004, p. 5) descreveu esse momento com os seguintes termos:

Os palácios colossais que surgem por toda parte representam a pura racionalidade sem sentido dos grandes cartéis internacionais a que já tendia a livre iniciativa desenfreada, que tem, no entanto, os seus monumentos nos sombrios edifícios circundantes — de moradia ou de negócios — das cidades desoladas. Por sua vez, as casas mais velhas em torno ao centro de cimento armado têm o aspecto de slums (favelas), enquanto os novos bangalôs às margens das cidades cantam louvores ao progresso técnico, convidando a liquidá-las, após um rápido uso, como latas de conserva. Mas os projetos urbanísticos que deveriam perpetuar, em pequenas habitações higiênicas, o indivíduo como ser independente, submetem-no ainda mais radicalmente à sua antítese, o poder total do capital [...] Toda a cultura de massas em sistema de economia

---

<sup>8</sup> José Ignacio López Vigil comunicador cubano e coordenou por dez anos a Associação Mundial de Rádios Comunitárias – AMARC.

<sup>9</sup> União Internacional de Telecomunicações, Tratado de Torremolinos (1992)

<sup>10</sup> Grupo de teóricos que estudaram os meios de comunicação de massa de forma crítica.

concentrada é idêntica, e o seu esqueleto, a armadura conceptual daquela, começa a delinear-se. Os dirigentes não estão mais tão interessados em escondê-la; a sua autoridade se reforça quanto mais brutalmente é reconhecida. O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se auto definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos.

A concentração da propriedade no campo comunicacional é ainda mais acentuada se compararmos ao mercado imobiliário e segue tendência de maior centralização por meio da formação de conglomerados mundiais unificados. Tal processo de fusão é justificado como algo natural, fruto da sinergia existente entre as megacorporações, esse fenômeno é analisado por Venício Lima da seguinte forma:

Esse inédito processo de oligopolização e emergência de novos e poderosos global *players* no cenário econômico e político mundial tem sido justificado pelos executivos (CEOs) do setor, como correspondendo ao processo biológico de sinergia. Argumentam eles que, considerando o nível elevado dos investimentos necessários, a integração horizontal, vertical e cruzada da indústria de comunicações, isto é, a ação coordenada de várias empresas, no mesmo grupo, torna-se inevitável e é mais eficiente do que a de empresas isoladas. (LIMA, 1998, p. 3).

As primeiras transmissões radiofônicas datam dos anos de 1920, mas um sistema de comunicação em rede nacional<sup>11</sup> só passa a existir na segunda metade da década de 1960, criando infraestrutura e distribuindo concessões segundo estratégias militares de “segurança nacional” para assegurar a integração do território com extensões continentais como o Brasil e para controlar o que seria veiculado, os militares lançaram mão dos dispositivos da censura.

---

<sup>11</sup> A Embratel, é criada em 1965, o Ministério das Comunicações e o Conselho Nacional de Telecomunicações, em 1967; instalou-se a rede nacional de micro-ondas e o sistema de transmissão via satélite e transformou-se o Departamento de Correios e Telégrafos em empresa pública, em 1969; em 1972, criou-se a Telebrás (SANTOS, 1995 p. 3).

Pouco antes do golpe militar, o então presidente João Goulart tentou barrar lei articulada por radiodifusores ligada à recém-criada ABERT (Associação Brasileira de Rádio e Televisão) que evitaria renovações automáticas de outorgas. Como sabemos quem acaba sendo barrado é o próprio presidente (INTERVOZES, 2007, p. 5).

No Brasil a apropriação dos meios eletrônicos de comunicação pode ser comparado ao processo de capitania hereditárias, em que a coroa portuguesa concede a donatários e seus herdeiros o direito de explorar extensas faixas de terra. São poucos os proprietários dos grandes meios de comunicação de amplitude nacional, algo em torno de 11 famílias, reproduzindo o que comumente se denominam de “coronelismo eletrônico”, tendo às Organizações Globo, da família Marinho, como principais ícones desse coronelato. A Rede Globo começou a transmitir em 1965 e sempre esteve à frente na concentração do poder neste setor.

Esse oligopólio é uma questão central no processo de democratização do país, uma vez que os diferentes segmentos da sociedade não conseguem estabelecer um debate nacional à luz de seus interesses através da mídia. Essa problemática é nebulosa ainda nos dias de hoje, não apresentando indícios de alteração de cenário. Venício Lima comenta que mesmo na academia esse debate não possui grande dimensão:

Há uma impressionante escassez de estudos sobre a concentração da propriedade das comunicações no Brasil. Uma das razões dessa lacuna é certamente a histórica dificuldade de se obter dados referentes à identificação dos verdadeiros proprietários da mídia. Como os grupos empresariais oligopolistas das diferentes áreas do setor são, basicamente, os mesmos, não chega a surpreender que esse aspecto das comunicações não faça parte da agenda da mídia e, portanto, esteja quase sempre ausente da agenda pública. (LIMA, 1998, p. 5).

Por mais concentrado e fortemente protegido pela legislação que favorece essa diminuta e poderosa camada da população, as brechas políticas e institucionais vão se ampliando à medida que a sociedade vai compreendendo a importância do exercício deste direito humano e, desta forma, os movimentos sociais vão avançando na disputa

pela democratização dos meios e potencializando suas experiências práticas de comunicação.

### **Movimentos sociais, direito à radiodifusão comunitária e marco regulatório**

Ocupar um território, assim como se comunicar, é ontológico e independente de qualquer instituição legitimar este direito, o ser humano encontrará uma forma de existir habitando um espaço e propagando sua voz pelo maior número de canais que lhe for possível. Como já dissemos, a forma como a sociedade está organizada atualmente impede a maioria dos seres humanos de viver plenamente.

Em resposta a essas arbitrariedades os movimentos sociais oriundos dos segmentos que tiveram alijados seus direitos se organizam, assim como estão organizados os que detêm o poder sobre as instituições. O chamado Estado Democrático de Direito torna-se palco da disputa entre os interesses de classe. Esse processo político é deflagrado formalmente por meio da pressão dos movimentos sociais, no sentido de mudança da legislação e a implementação de políticas públicas; também acontece de forma clandestina na ocupação territórios comunicacionais e posterior enfrentamento às perseguições e, ainda, aproveitando criativamente as brechas que invariavelmente se abrem na medida em que dinâmica social se transforma.

O processo de organização popular pela democratização da comunicação data de um período anterior à própria formalização do sistema nacional de comunicação, promovido pelo regime militar, é neste período de forte repressão e resistência que processo de organização popular toma corpo e, posteriormente, na chamada abertura política na década de 1980, ela se intensifica. Neste ano a relatório MacBride<sup>12</sup> é publicado pela UNESCO representando um divisor de águas, uma vez que ressalta enfaticamente a dimensão da Comunicação enquanto um direito humano.

Anos depois, no período em que o país estava envolto com a campanha pela Diretas, dá-se a criação da FNPDC (Frente Nacional de Luta por políticas Democráticas de Comunicação) e, posteriormente, da ABRAÇO (Associação Brasileira de Rádios

---

<sup>12</sup> Relatório da Comissão Internacional para os Estudos dos Problemas da Comunicação, coordenada por Sean MacBride e criada pela UNESCO em 1980 e publicada no Brasil com o título “Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação em nossa época. (PERUZZO, 2009 p. 37)

Comunitárias). Grandes debates sobre o tema ocorrem nas edições do Fórum Social Mundial e, mais recentemente, em 2009, na Conferência Nacional de Comunicação – CONFECOM. Porém percebe-se que a questão ainda não integrou a agenda geral da sociedade, como por exemplo as questões relacionadas ao meio ambiente, justamente porque a concentração e o controle pelos setores hegemônicos sobre as informações são férreas.

A disputa pelo direito à comunicação não ocorre apenas nos âmbitos nacional e internacional, ela se dá sobretudo nas experiências comunicacionais populares e alternativas, que vêm sendo exercitada na práxis dos movimentos sociais ao longo da história (PERUZZO, 2009, p. 39). Esses veículos não se limitam a um tipo de linguagem ou suporte, vão desde a dança, o vestuário, a música, o rádio, o carro de som, teatro de rua, o vídeo, o jornal, a canção, o broche, cartuns satíricos, o *grafite*, faixas cartazes murais, pichação, os fanzines e experiências comunicativas na internet. (PERUZZO, 2005, p.22 ).

A comunicação comunitária traz em sua essência um conceito de comunicação diferente daqueles praticados pelos grandes meios, pois todos são receptores e produtores de conteúdos comunicacionais, conteúdos esses construídos a partir de vínculos identitários, dos problemas comuns e de projetos de mudanças concretas sentidas na vida cotidiana, muito inspirados na proposta libertadora de Paulo Freire. Essas experiências comunicacionais podem possibilitar processo emancipatórios na medida em que engendram novos protagonistas produzindo e difundindo conhecimentos, cultura, e atuando politicamente. (PERUZZO, 2008, p. 2).

A comunicação comunitária pode existir sem pedir licença, mas na medida em que começa a incomodar o poder estabelecido, ela passa a ser considerada ilegal, proibida e perseguida. Em resposta, seus defensores vão para enfrentamento ousando a infringir a lei e, ao mesmo tempo se organizando para modificá-la. Ela pode coexistir com a comunicação de massa e sua indústria cultural e muitas vezes é considerado menor frente à disputa macro política e jurídica pelo controle dos meios de comunicação. Peruzzo (2009, p. 40) analisa essa desvalorização do comunitário comparado a outras expressões massivas: “Os estudos das políticas nacionais de comunicação privilegiam questões de regulamentação e regulação do setor, bem como as relações de poder e a

estrutura do mercado, configurando-se motivo para o menosprezo à comunicação comunitária.”

Porém, a prática da radiodifusão coloca a comunicação comunitária no patamar do massivo, sendo exercida em escala que abarca todo o território nacional. Por esse motivo a prática e a luta em defesa das rádios comunitárias tem sido uma das principais ações que concretizam a democratização da comunicação no país, Cicilia Peruzzo (2005, p. 31) faz referência à questão:

Salientamos que a concepção de direito à comunicação como direito de acesso ao poder de comunicar através da mídia vem dando sinais de existência, na prática, pelo movimento das rádios comunitárias do Brasil. Desde a sua efervescência, a partir de 1995, muitas dessas emissoras ousaram entrar no ar mesmo antes da promulgação da lei 9.612/98

Os alto falantes, cornetas ou rádio-poste são exemplos da criatividade e ousadia que os movimentos organizados utilizam para satisfazer a necessidade de comunicação. No Brasil, na década de 1980, o pioneirismo foi da Rádio Povo de Vila Nossa Senhora Aparecida, em Ermelino Matarazzo, Zona Leste de São Paulo, essas experiências segundo Peruzzo (1999, p. 161), em 1998 chegaram à 42 unidades de rádios-poste em 1988.

O surgimento do transistor, em 1950, possibilita o barateamento que populariza as experiências radiofônicas livres<sup>13</sup>, através do espectro eletromagnético. Peruzzo (1989, p. 244) comenta que num primeiro momento, as rádios livres eram constituídas por jovens pouco ou nada interessados com as “grandes causas”, porém após essa fase experimental os movimentos vão se apropriando da novidade em todo o país, se organizando, propondo e pressionando o poder público para criação de legislação sobre a questão.

---

<sup>13</sup> As rádios livres são aquelas que operam sem a outorga do Estado e, quando entram com o pedido e recebem a concessão, passam a ser consideradas formalmente como comunitárias, baseadas na Lei 9612/98. Porém, do ponto de vista conceitual, para que uma rádio seja considerada de fato comunitária ela precisa operar de forma autônoma aos interesses mercantis (sem fins lucrativos), partidários e religiosos e tem sua programação e gestão coletiva e democrática vinculada à realidade local. (PERUZZO, 2007 p. 69)

A primeira experiência de rádio livre foi a Paranoica, de Vitória (ES); depois a Spectro, de Sorocaba, cidade que teve várias iniciativas parecidas. A capital paulista também contou com a Xilik, Trip, Livre Gravidade, Ternura. Peruzzo, (1999 p. 244) resgatou um Manifesto da Cooperativa dos Rádio Amantes: “Nós iniciamos um movimento de reforma agrária no ar. O rádio é uma conquista técnica da humanidade e não pode ficar nas mãos (...) de proprietários concessionários”

O I Encontro Nacional de Rádios Livres ocorre em 1989. O II Encontro ocorre no ano seguinte e, em 1995, acontece o I Encontro de Rádios Livres e Comunitárias. Em 25 de agosto de 1996, 400 participantes formalizam a criação da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias – ABRAÇO, no município de Praia Grande - SP (GHEDINI, 2009, P. 58).

Os movimentos pela democratização da comunicação não conseguiram emplacar leis que representem avanços efetivos, no período da assembleia constituinte a emenda que defendia a democratização da comunicação apresentada pela Frente Nacional de Luta por Políticas Públicas Democráticas de Comunicação, o FNLPDC, conseguiu 32 mil assinaturas. O documento propunha um sistema público de comunicação, enquanto a emenda defendida pela Associação de Censores obteve 62 mil. Isto porque o tema não alcançou legitimidade frente aos movimentos que no momento lutavam por moradia, saúde e educação. Outro fator importante foi o fato da distribuição de 529 (das 1.028) concessões entregue aos congressistas no período da constituinte (GINDRE, 2004. p. 31).

Os artigos 221<sup>14</sup> a 224 sobre comunicação social incorporados à Constituição Federal mantiveram o paradigma anterior, embora importantes princípios estejam assegurados na lei como a proibição de monopólio, e a criação do Conselho de Comunicação Social, porém essas questões até os dias de hoje não saíram do papel, continuando nas bandeiras de luta dos movimentos.

---

<sup>14</sup>Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Após a derrota dos movimentos pela democratização, outro momento marcante do ponto de vista das conquistas de marcos regulatórios democratizadores da comunicação foi a regulamentação da TV a cabo, lei 8977 de 1995, assegura a criação dos canais comunitários, legislativos e universitários. Segundo Peruzzo (2000. p. 12-13) os canais “representam um avanço no sentido da democratização dos meios de comunicação de massa no Brasil... Os canais se institucionalizaram em decorrência das negociações ocorridas entre várias forças que controlam os meios de comunicação de massa no Brasil (governo e empresas de comunicação), parlamentares e entidades da sociedade civil, entre elas o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação”.

Outro marco recente, de 1996, é o decreto 1720/95, que estabelece um processo de licitação para concessão de outorgas, um dos critérios para contemplação se refere às condições estruturais (financeiras) para receber a autorização. Por esse motivo, embora a definição de critérios mais transparentes signifique um avanço, o critério financeiro desprestigia as organizações populares que não dispõem de recursos para concorrer ao processo licitatório. Um outro aspecto negativo desta lei é a não criação de critérios para concessão de licença para canais educativos, dando continuidade à tradicional moeda de troca política. (Intervezes, 2007, p. 6).

Porém o principal marco regulatório para a democratização das comunicações acontece em 1998, com a lei 9612/98. Em abril de 2005, o Ministro das Comunicações Sergio Motta recebe uma comissão de representantes das Rádios Livre e comunitárias, reconhecendo a necessidade de regulamentação do setor. Em dezembro do mesmo ano, a lei é promulgada.(PERUZZO, 1998 p. 2).

Mas diferente do processo de conquista de marcos regulatórios na disputa pelo controle político do Estado ocorrido no interior da luta pelo direito à moradia, essa lei não veio para ampliar o espaço das classes subalternas no terreno comunicacional; pelo contrário, veio para reprimir uma prática que estava sendo exercida livremente em escala crescente<sup>15</sup> incomodando empresários, políticos donos de concessões entre outros donos do poder.

O processo de criminalização dos movimentos sociais no governo FHC foi notório e não seria diferente com os movimentos das rádios comunitárias. O que ocorreu

---

<sup>15</sup> Os números são controversos: para uns, 5.5001; para outros, 7.000, mas existem estimativas que falam na existência de 10.000 emissoras no país. (PERUZZO, 1998, p. 2).

posteriormente à aprovação da lei 9612/98<sup>16</sup> e do decreto 2615/98, que a complementava, foi semelhante ao período inquisitório de caça às bruxas. A Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) e a Polícia Federal utilizaram de toda truculência e repressão, atuando em nome de uma lei que segregava as comunitárias para fora do *dial*, restringia o poder de difusão, pois obrigava a instalação de antenas de baixa potência, e negava o poder de articulação, pois impedia as comunitárias de veiculação em sistema de rede, além de impedir a sustentabilidade, proibindo a veiculação de anúncios publicitários. Por outro lado, as Rádios e TVs comerciais operavam e ainda operam com outorgas vencidas, desrespeitando as prerrogativas éticas de sua grade de funcionamento e total ausência de transparência em sua gestão.

Reproduziremos avaliação da legislação assinada por 13<sup>17</sup> organizações que apoiam as Rádios Livres e Comunitárias publicadas no documento “Querem calar a voz do Povo II” (2005, p. 7-8).

Em fevereiro de 1998 foi sancionada a Lei 9.612 que regulamenta a radiodifusão comunitária. E em julho do mesmo ano saiu o decreto regulamentador (2.615). O Decreto é inconstitucional porque vai além do que estabelece a Lei, mas está em vigor. Esta legislação não serve ao povo brasileiro, ela inviabiliza as rádios comunitárias. Eis algumas das suas aberrações: Destina um só canal por município. Estabelece o alcance de 1 Km. Proíbe publicidade. Exige que a diretoria da rádio more nesse círculo de 1 Km. Se o sinal de uma RC interferir numa comercial o Estado pune; mas, em caso contrário, não há punição. Proíbe as emissoras comunitárias de entrarem em cadeia. Limita a potência a 25 watts. Toma como referência a Lei 4.117/62 e o decreto 236/67, que são instrumentos jurídicos construídos na época da ditadura militar, com a finalidade de punir “os inimigos do regime”. Estabelece que as RCs devem operar fora do *dial*. Por que se fez uma legislação tão restritiva às

<sup>16</sup> A lei 9612/98 possui 27 artigos e o decreto 2615/98 43.

<sup>17</sup> Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço) , Fed. das Ass. das Rádios Comunitárias do Rio de Janeiro (Farc) , Conselho Regional de Radiodifusão Comunitária – Conrad , TV Comunitária do DF , Associação Mundial das Rádios Comunitárias (Amarc) , Associação Brasileira dos Canais Comunitários (Abccom) , Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal , Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul , Inst. de Estudos e Proj. em Com. e Cultura – Indecs , Central de Mídia Independente – CMI – Distrito Federal , Associação Americana de Juristas , Acesso à Cidadania em Direitos Humanos , Movimento ATACC – Porto Alegre

rádios comunitárias? Por que até hoje se usa na repressão uma “lei” criada pelos generais ditadores?

As constatações e respostas às indagações acima estão relacionadas à correlação de forças que, no caso da comunicação, diferente de outros setores chamados sociais, como habitação e saúde, a concentração do poder vai além da especulação de mercado, pois democratizá-la significa destituir o controle absoluto das estruturas ideológicas que se concentram nas mãos dos setores hegemônicos da sociedade.

A história recente não traz maiores conquistas; pelo contrário, no governo Lula, os ministros Hélio Costa, das Comunicações, proprietário de concessões e ligado às organizações Globo, deu continuidade à política de tradição autoritária. Lílian Bahia realizou, em 2008, pesquisa para fazer uma avaliação dos 10 anos da lei 9612/98 com entidades ligadas ao movimento de legalização das rádios comunitárias e percebe uma “oscilação entre decepção, revolta...e esperança”. Ela destaca também o posicionamento de Dioclécio Luz, pesquisador e defensor das comunitárias: “o governo Lula fez opção em ficar do lado dos coronéis da comunicação” e Guilherme Castro, secretário do Fórum para Democratização da Comunicação- FNDC, afirmou em entrevista à pesquisadora que “O Lula é mais fraco que as forças econômicas deste país.” (BAHIA, 2008, p. 126–127).

Contudo, não podemos deixar de valorizar a luta árdua dos movimentos pela conquista de legitimidade no direito de comunicar, nesse sentido a Constituição Federal, a Lei do Cabo e a lei 9612/98, representam marcos institucionais que reconhecem a importância da comunicação social como um direito humano e a prática comunitária como algo legítimo.

Não aprofundaremos os desdobramentos mais gerais implicados no processo de radiodifusão no país, pois pretendemos analisar no capítulo IV como se deu o desenrolar dessa história no caso da Rádio Z FM na cidade de Mauá.

## Capítulo III

### MAUÁ: CIDADE DORMITÓRIO E OS LUGARES ONDE ATÉ DORMIR É PERIGOSO

#### Cercado, pilar, trilhas e trilhos

Situado na região sudeste da região metropolitana da grande São Paulo, o município de Mauá pertence à região do Grande ABC<sup>1</sup> Paulista. Faz limites com os municípios de São Paulo, Ribeirão Pires, Santo André, Ferraz de Vasconcelos e Suzano, conforme se pode ver no mapa abaixo:



Fonte: Prefeitura do Município de Mauá<sup>2</sup>

1 O Grande ABC é constituído por sete municípios: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Historicamente, as sete cidades nasceram de um núcleo colonial comum, denominado Vila Santo André da Borda do Campo, anos mais tarde todo o núcleo passa ter sede administrativa no município de São Bernardo do Campo para depois iniciarem seus processos de emancipação.

2 <http://www.maua.sp.gov.br/Servicos/MapasTematicos.aspx> acesso em 14/12/2011.

Antes da chegada dos portugueses a região era habitada pelos índios Tupiniquins, que construíram várias trilhas de passagem para o litoral, conforme podemos observar em mapa da época logo abaixo . A carta de sesmaria assinada por Martins Afonsos de Souza cita a figura de João Ramalho<sup>3</sup> que solicitou ao governador Tomé de Souza a criação da Vila de Santo André da Borda do Campo em 1553. A região, antes conhecida como Cassaquera, que significa cercado velho, passa a ser chamada de Pilar, devido à construção da Capela Nossa Senhora do Pilar. (SANTOS, 1992 p. 62 e 227).



Fonte: Jornal Eletrônico Novo Milênio<sup>4</sup>

O historiador Wanderley Santos (1997 p.227) afirma que parte do território onde está Mauá foi concedida ao mestre de campo Antonio Pires Ávila. Posteriormente o coronel Alexandre Barreto de Lima também recebe áreas na localidade, onde fixa residência. Em 1785 o capitão João Franco da Rocha comprou vastas áreas no local e enviou seu sobrinho Bento Barbosa Ortiz, para cuidar da propriedade. Seu neto João José Barbosa Lima, nascido no casarão onde hoje se encontra o Museu Barão de Mauá, se tornou Capitão, o Capitão João, nome da principal avenida da cidade.

3 João Ramalho foi um dos primeiros portugueses a invadir o Brasil. Segundo o historiador Octaviano Gaiarsa, era um escudeiro da rainha, que por delitos cometidos, recebeu o castigo de ser lançado às terras brasileiras. Ele possuía família em Portugal, mas se casou (dentro dos ritos católicos) com a Índia Bartira, filha do Índio Tibiriçá. Ele capturou, escravizou e vendeu muitos índios, é considerado o patriarca dos bandeirantes para os historiadores de uma sociedade que narra a história dos vencedores. (GAIARSA, 1968 p. 2)

Um fato intrigante ocorreu no ano de 1997, quando o então vereador por São Bernardo, professor e historiador Aldo Santos, contesta e tenta barrar o decreto que concede medalha de honra “João Ramalho”, ele publicou em parceria com a jornalista Ana Valim a cartilha “ João Ramalho: de traficante de índio a nome de medalha” onde afirma: “Graças a ação de 'desbravadores', nações indígenas foram quase dizimadas” (VALIM, 1997, p. 9)

4 <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa17.htm> acesso em 16/12/2011.

## Proprietário, patrão, patrono

Em 1816, Irineu Evangelista de Souza<sup>5</sup>, conhecido como Visconde ou Barão de Mauá, comprou terras na região, em em 1º de abril de 1883, fruto do empreendimento deste mesmo senhor, a Estrada de Ferro São Paulo Railway passa pela região deixando aquilo que seria um divisor de águas no desenvolvimento econômico do povoado, a Estação do Pilar. Por esse motivo, no ano de 1926, para homenagear o proprietário, o barão passa a ser patrono, Pilar passa a ser Mauá, aliás essas homenagens aos donos de terras é frequente na cidade em que a maioria dos bairros e ruas levam os nomes de loteadores, empresários e fazendeiros. Mauá em Tupi significa “lugar elevado”,<sup>6</sup> esta região que integra a serra do mar possui grande parte de seu território de morros íngremes, mesmo que o ilustre barão não tivesse cruzado a história da cidade, ainda sim seu nome seria apropriado.

A emancipação do município ocorre em 30 de dezembro de 1953 por meio do decreto n. 2.456, o movimento de emancipação não era aceito pelas autoridades municipais de Santo André, mas o mauaenses se organizaram e, em 22 de novembro do referido ano, acontece o plebiscito que referenda a elevação do distrito à condição de município, que chega a ser contestada pelos andreenses. A primeira eleição para prefeito, vice e vereadores, ocorre em 1º de outubro de 1954 e dá início há um processo político conturbado, pois o grupo de emancipacionista se divide e duas candidaturas são lançadas, mas uma terceira, ligada ao PDT - Partido Democrático Trabalhista, que não se liderou o processo emancipacionista, ganha o pleito devido ao fenômeno gerado pelo suicídio de Getúlio Vargas (em 24 de agosto do mesmo ano). Esse fato faz do PDT um partido muito forte na época, o historiador Renato Dotta comenta: “Apesar da escolha de prefeito e vice não ser então vinculada como hoje, o PTB conseguiu eleger os dois cargos: Enio Brancalion e Élio Bernardi, prefeito e vice, respectivamente. O partido fez também a maior bancada de vereadores” (DOTTA, 2004, p. 32).

As primeiras atividades econômicas da cidade eram de extrativismo de lenha, carvão e pedra; posteriormente, em 1920, a cidade recebe indústrias de porcelanas e cerâmicas. Nos anos de 1950, uma unidade da Petrobras se instala na cidade e, a partir da década de 1970, o pólo petroquímico se desenvolve no entorno da refinaria. (BONNI; PIQUEIRA, 2004, p. 32).

Se por muitos séculos a região representou um caminho de passagem, depois se transformou em cidade dormitório, pois a maioria dos moradores trabalhava em São Paulo ou em outras cidades mais industrializadas da região, essa característica vem mudando, muitas indústrias

---

5 Irineu Evangelista de Souza (1813-1889) foi colonizador, agricultor e estancieiro, proprietário de numerosas fazendas no Brasil, Argentina e Uruguai, também foi caixeiro, contador, gerente comerciante, industrial e banqueiro...politicamente era abolicionista, se elegeu senador e deputado federal pelo Partido Liberal, no Rio Grande do Sul, era abolicionista. (PUNTSCHART, 2004 p.119)

6 Pequeno dicionário Tupi-Guarani: <http://estudiolivre.org/tiki-index.php?page=guarani-portugues#lm>

estão se instalando no município, segundo dados apurados pela Fundação SEAD, no ano de 1999 o PIB *per capita* da cidade era de 7.024,43. Em 2009 esse número saltou para R\$ 15.749,72.<sup>7</sup>

Atualmente o município possui 417.064 habitantes e área de 62 Km<sup>2</sup>. É a 11<sup>a</sup> maior cidade do Estado, a 10<sup>a</sup> mais pobre em orçamento per capita, o terceiro município mais populoso das sete cidades que compõem o ABC paulista e possui o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,781, ficando, então, na penúltima posição no Grande ABC. (Perfil Municipal, 2011).

O rápido e desordenado crescimento de Mauá se deu entre as décadas de 1960 e 1980, sem planejamento adequado da parte do poder público. A população de baixa renda passou a construir e ocupar áreas periféricas no município, muitas em áreas de risco, nas encostas de morros e próximos às margens de rios e córregos. Houve a instalação de loteamentos irregulares em 78 áreas. (Perfil Municipal, 2011).

### **Zaira, a progenitora; Chafik, o loteador**

O lugar que antes era conhecido como Corumbé, nome do córrego que corta todo o bairro, hoje é chamado Jardim Zaíra, local em que está situada a Área do Chafik. Fica na região nordeste do município, região de planejamento 08, o bairro como um todo possui população de 77.950, número superior à população do município de Rio Grande da Serra, que é de 44.669.

O Jardim Zaíra é maior bairro da cidade, com maior concentração de ocupações irregulares em áreas de risco e com a população de menor renda. Popularmente ele se subdivide em regiões numeradas pelas linhas de ônibus Zaíra I, II III, IV, V e VI, além do Alto da Boa Vista e outras microrregiões.

As extremidades do bairro são áreas isoladas, que fazem divisa com o município de São Paulo, na região de São Mateus. Antigamente essa localidade de morros altos e mata fechada era denominada pelos moradores como “fundão”, atualmente grande parte foi ocupada irregularmente e até uma linha de ônibus que sai do terminal São Mateus chega até os limites da cidade na Avenida Cidade de Mauá, trata-se da linha Morro do Sabão. Interessante observar que ainda assim o nível de isolamento é grande, pois somente os moradores do entorno conhecem este ramal do transporte coletivo paulista.

Antes de ser loteado, o Jardim Zaíra era parte da enorme fazenda Bocaina, de 4.284.860 m<sup>2</sup>, cujo proprietário era João Jorge Figueiredo. Ele instalou a primeira fábrica de louças logo na entrada da propriedade, no entorno da fábrica construiu uma vila operária que constitui o primeiro núcleo habitacional da região.(PUNTSCHART, 2004, p. 19).

Chafik Mansur Sadek e sua família compraram toda a propriedade de Figueiredo e iniciaram os loteamentos populares com 200 e 300m<sup>2</sup>.(PUNTSCHART, 2004 p.19). O proprietário,

---

7 Produto Interno Bruto – PIB Municipal <http://www.seade.gov.br/produtos/pibmun/?#> acesso em 16/12/2011

inicialmente, vendeu as casinhas que já existiam na área, dividiu as terras em grandes glebas, loteando-as para venda. Segundo registros da Prefeitura, a aprovação do loteamento da primeira gleba deu-se em 1956; da segunda, em 1960; e da terceira, em 1963.

De acordo com professor e historiador William Puntschart, Chafik Mansur Sadek decidiu homenagear sua mãe, Zaira Sadek - “sem acento”, posteriormente o acento agudo na letra “i” foi incorporado ao nome do bairro”.<sup>8</sup> Na verdade, o nome Zaira foi abrigado, a mãe de Chafik, se chama Zahie Hakim Sadek, nasceu em 1894 na cidade de Bcharre no Líbano, foi casada com Mansur José Sadek, teve 5 filhos e faleceu em 1956. Segundo Marco Antônio Sadeck, neto do casal, seus avós estão enterrados no cemitério da Consolação.



Mãe e pai de Chafik Mansur Sadek<sup>9</sup>

A estratégia de venda do loteador Chafik Mansur era oferecer aos compradores, além de amplo prazo de financiamento, cinco mil tijolos, quatrocentas telhas, uma porta, uma janela e um vitrô. Tercílio Tamagnine, procurador e corretor das terras concede entrevista a Médici, (1987, p. 431) tecendo os seguinte comentários: “O preço das terras era barato e se enquadrava ao orçamento

<sup>8</sup> Outra curiosidade relacionada à grafia acontece com o sobrenome Chafik, que também passa a ser escrito pelos veículos de comunicação ora como final CK, “CHAFICK”, ora com o final C, “CHAFIC,” e até com 2 Fs (dois “f”), “CHAFFIC”.

<sup>9</sup> Quadros expostos no Asilo Lar Santa Terezinha, local construído e doado às irmãs por pedido testamental do pai.. A figura da matriarca que deu nome ao bairro é desconhecida pelos moradores, a imagem acima nunca fora publicada anteriormente.

de qualquer operário, principalmente porque podia ser adquirido a longo prazo [...]. Sadek dou materiais por 10 anos e só parou porque a procura havia se tornado muito grande”.

Olivier Negri, principal liderança do bairro na época, falecido em 1991, concedeu em 1981 entrevista à integrante do Centro de Pesquisa Social do ABC, CEPS, em que também ilustra como se dava o processo de compra e construção das moradias:

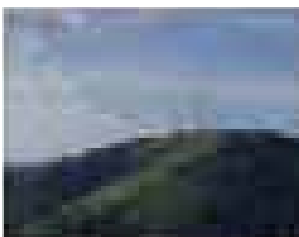
Quando cheguei no bairro, a área era muito grande e tinham poucos moradores, então pra construir o proprietário dava telhas 4.000 tijolos, 1 porta, 1 janela, então o individuo dava de cara uma entrada e começava a construir. Então 90% das casas do bairro foram construídas assim, de mutirão, aos domingos, à noite, inclusive com lampião (CEPS, 1981, p. 1).



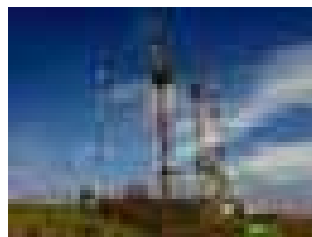
Fonte: Jornal Diário do Grande ABC edição de 03/11/2011. Caderno Setecidades p. 6.

Médici (1987 p. 431) afirma que o loteador não tinha interesse em comercializar o total da área, “segurando” parte das terras para a família. Essas terras, que ainda hoje pertencem aos herdeiros dos Sadek, ficam nas partes mais altas do bairro. Esta região corresponde ao território de nosso estudo se encontra na gleba C, que foi parcelada dando origem às glebas D, E, F e G.

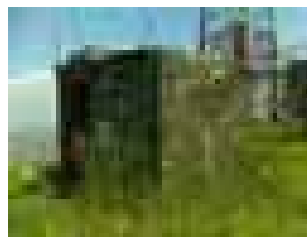
Encontra-se nesta área o pico mais alto da cidade, conhecido como Morro Pelado ou Morro do Cruzeiro, que faz divisa com o Parque São Rafael em SP, possui 998 metros de altitude, um dos pontos mais altos das proximidades perdendo apenas para o Pico do Jaraguá, e na parte pertencente a São Paulo, está localizada a nascente do Rio Aricanduva.<sup>10</sup> Além de antenas que reproduzem o sinal das emissoras comerciais, uma série de antenas de rádio livres também estão presentes no local.



Morro do Cruzeiro



Antenas de emissoras de TV



Antena de Rádio Livre



Demolição de Rádio Livre

Fonte: Fotos de Ize Kampus <http://www.panoramio.com/photo/45378452>

10 Pico do Cruzeiro: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pico\\_do\\_Cruzeiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pico_do_Cruzeiro). Acesso em 17/12/2011.

## Levantamento aerofotogramétrico do município de Mauá.



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÁ - CÂMARA INTERSECRETARIAL, 2010

Tal região não poderia ser habitada por envolver área de risco, que são territórios impróprios para a moradia, devido à topografia ser íngreme, com severas restrições físicas quanto à ocupação territorial, com 1.500 m<sup>2</sup>. As terras foram ocupadas irregularmente e, em 1998, foram reconhecidas como área especial de interesse social, através da lei 2.959.

Neste mesmo ano, a Prefeitura firmou unilateralmente um Termo de Regularização, que estabeleceu um prazo de 4 anos para que os loteadores realizassem obras de infraestrutura, ao final do período 5% das obras haviam sido realizadas e o termo acabou sendo revogado pelo seu não cumprimento. (Prefeitura Municipal de Mauá - Câmara Intersetorial, 2010).

A área possui 7.312 domicílios e 25.750 moradores. O fato de ser um terreno particular impossibilita a construção de equipamentos públicos, por esse motivo não existem escolas, postos de saúde e transporte coletivo num raio de 3 km (média de uma hora de caminhada). Em alguns locais não há atendimento de ambulâncias. Os frequentes deslizamentos de terra provocaram, apenas no início de 2011, cinco mortes e a demolição de 135 casas.



Imagem Morro Macuco - Janeiro 2011



Rua Lorival Portal – Macuco - Janeiro 2011



Deslizamento Casa Macuco Janeiro - 2011



2º Corpo encontrado – Macuco Janeiro de 2011

No levantamento de 2000 a concentração demográfica da área do Chafik era de 13.036 hab/km<sup>2</sup>. No levantamento de 2010, esse número saltou para 17.166 hab/km<sup>2</sup>, ou seja, um crescimento de concentração de 4.130 hab/km<sup>2</sup>. Essa mesma progressão não é acompanhada no município, já que em 2000 concentrava 5.840 hab/km<sup>2</sup> e em 2010, 6.703 hab/km<sup>2</sup>, correspondendo a um crescimento de apenas 838 hab/km<sup>2</sup>. Como podemos observar na tabela que segue:

#### Quadro I: Dados territoriais e demográficos do Chafik, da RP 08 e de Mauá.

Localidade	População 2000	População 2010	Domicílios 2000	Domicílios 2010	Área (Km <sup>2</sup> )	Densidade		
						Demográfica (hab/Km <sup>2</sup> ) 2000	Demográfica (hab/Km <sup>2</sup> ) 2010	Domiciliar (dom/Km <sup>2</sup> ) 2000
						Chafik	19.554	25.750
RP 08	67.276	77.905	18.045	24019	5,22	12.888	14924,33	3.457
Município	363.381	417.064	98.963	133301	62,22	5.840	6703,54	1.591

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 e 2010<sup>11</sup>

Tais domicílios altamente concentrados (e não verticalizados) são considerados 100% sub-normais para o IBGE, ou seja, representam habitações desprovidas de serviços públicos essenciais,

<sup>11</sup> Os dados referentes à área do Chafik só foram possíveis de apurar graças ao apoio de Alexandro Barreira coordenador da Agência do IBGE de Mauá. (BARREIRA, 2011)

em condição de sub-habitação. No mapa abaixo podemos visualizar as regiões com domicílios que possuem essa denominação em laranja, com destaque para região do Chafik.



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÁ - CÂMARA INTERSECRETARIAL, 2010

Os moradores da área possuem uma média de rendimento de dois salários mínimos; o Jardim Zaira (RP8), 3,1; e o município, 4,1. O recorte de gênero nos permite observar que as mulheres da área são ainda menos remuneradas, pois sua média de rendimento é de 1,3 Salários Mínimos, enquanto que os moradores da área do sexo masculinos possuem média de 2,1 Salários Mínimos. Também é possível observar que a área possui mais que o dobro, 17,3% de pessoas não alfabetizadas, em comparação ao município, que tem média de 8,1% analfabetos. De uma forma geral podemos concluir que a região tem o dobro de problemas ou vulnerabilidade, em comparação aos números gerais do município.

**Quadro II: Dados sobre renda e escolaridade do Chafik, RP e município.**

	CHAFIK			RP 08			MUNICÍPIO	
	H	M	Geral	H	M	Geral	H	M
Rendimento de até 3 SM	72,8%	90,7%	76,3%	53,4%	79,1%	58,8%	44,8%	71,8%
Média de rendimento (em SM)	2,1	1,3	2,0	3,4	2,0	3,1	4,5	2,7
Não alfabetizados	16,6%	20,2%	17,3%	8,6%	16,0%	10,2%	6,3%	14,6%
Até 8 anos de estudo	91,6%	93,0%	91,9%	81,8%	85,8%	82,7%	75,7%	81,7%
Média de anos de estudo	4,4	4,1	4,3	5,8	4,7	5,4	6,2	5,1

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÁ - CÂMARA INTERSECRETARIAL, 2010

## O Plano Diretor da cidade e a atuação do poder público na Área do Chafik

O plano diretor da cidade, lei 4.153 foi aprovado e 26 de março de 2007. Na ocasião de sua aprovação ocorreram várias audiências públicas e um razoável envolvimento popular. Josiene Francisco da Silva, atual secretária do planejamento e autora da dissertação de mestrado sobre o Plano Diretor, recorda que na época muitas pessoas que estavam participando do processo saíam pela cidade procurando terrenos vazios que poderiam ser identificados pela lei como Zonas de Interesse Social.

As diretrizes colocadas pelo Estatuto das Cidades, como foi observado no capítulo anterior, apresentam prerrogativas participativas, mas a aplicabilidade da lei no tocante à função social da cidade é insatisfatória. Porém o seu conteúdo dá margem para fundamentar a ampliação da conquista de direitos, o Artigo 3º define a função social da cidade de Mauá:

- I. o oferecimento de condições adequadas para as atividades voltadas para o desenvolvimento econômico e social;
- I. a oferta de condições dignas de moradia para seus habitantes;
- II. o fornecimento de infraestrutura urbana integrada à ocupação territorial e que atenda às necessidades básicas da população;
- III. o atendimento à demanda de serviços e equipamentos públicos e comunitários da população;
- IV. a proteção, recuperação e preservação do meio ambiente;
- V. o oferecimento de espaços voltados para atividades culturais, esportivas e de lazer para a população;
- VI. a proteção, preservação, restauração e conservação do patrimônio cultural material e imaterial do Município. (Plano Diretor, 2007 p. 1)

No que diz respeito ao controle social, a lei prevê uma série de dispositivos democráticos: conselhos, plebiscitos, referendos e audiências públicas (idem, p.2), dentre esses, o conselho e as audiências foram colocados em prática. O Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação de Mauá atual-foi constituído em assembleia realizada dia 18 de fevereiro de 2010 com cerca de 400 pessoas. As entidades cujos membros foram eleitos foram: Associação para Desenvolvimento Social do Brasil, Sociedade Amigos do Jardim Oratório, Associação de Moradores em Defesa da Moradia da Área do Chafick, Movimento Nacional de Interesse Social, Associação Espaço Social e Cultural Cidadania do Jardim Zaira do Jardim Zaira, Associação Habitacional do Município de Mauá, Construtora Paulo Makoto Ltda e Imobiliária Boareto Ltda. O Conselho também é composto por dois membros do Legislativo e seis do Executivo, representados pelas secretarias de Habitação, de Planejamento Urbano, de Assuntos Jurídicos, de Mobilidade Urbana, de Finanças e de Meio Ambiente. <sup>12</sup>.

No dia 29/11/2011 estivemos presentes para acompanhar uma reunião do conselho e percebemos que ele está em funcionamento com reuniões regulares, inclusive com várias reuniões

---

12 Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Mauá <http://www.maua.sp.gov.br/pNoticia.aspx?NoticiaID=379> acesso em 25/11/2011.

extraordinárias para dar conta das atividades propostas. As ações estão tratando de possíveis revisões das leis relacionadas a questões de uso e ocupação do solo, porém notamos que as discussões são extremamente técnicas no sentido jurídico do termo, não tratando das demandas sociais levantadas nas audiências públicas para a aprovação do plano diretor.

A atual gestão da prefeitura da cidade de Mauá vem pleiteando recursos junto ao Ministério das Cidades. Segundo a secretária de planejamento urbano da cidade de Mauá<sup>13</sup>, Josiene Francisco da Silva, este órgão federal liberou 2 milhões e trezentos mil reais para realização de estudo para a regularização fundiária da região do Chafik, e uma empresa será contratada para esse trabalho, que deve ser desenvolvido dentro de metodologia participativa, envolvendo todos os interessados com a regularização. Tal estudo é condição para regularização, que Josiene estima girar em torno de 150 milhões de reais.

Além desses recursos oriundos do Plano de Aceleração do Crescimento - PAC, existe uma disputa judicial com o proprietário, os últimos posicionamentos do judiciário sobre a questão autorizam a Prefeitura a realizar obras de emergência e obrigam o proprietário a realizar obras de loteamento.

## **Os Movimentos sociais da cidade de Mauá**

A cidade de Mauá, compondo parte do universo cultural do grande ABC Paulista, sempre foi cenário de grandes mobilizações políticas. Já no início do século XX encontramos a presença dos trabalhadores imigrantes europeus com forte ascendência anarquista e comunista. A primeira grande mobilização grevista aconteceu nos anos de 1913 e 1914, fruto da organização dos cortadores de pedras. (BONINI, 2004 P. 58). Em 1921 Alexandre Zanella foi deportado para a Itália porque liderava os movimentos operários e sindicais dos trabalhadores das pedreiras, seu irmão Fernando só não foi deportado porque era brasileiro. (MÉDICI, 1987, p. 61).

Nas décadas de 1940 e 1950, além do movimento emancipacionista oriundo da Sociedade Amigos de Mauá, as mobilizações dos trabalhadores das fábricas de porcelana originaram a criação do Sindicato da Cerâmica de Louça, Pó de Pedra e Porcelana de Mauá que promoveram passeatas e greves, principalmente no período de decadência do setor de porcelana impulsionados pela entrada do vidro e plástico como matéria-prima. (BONNI; PIQUEIRA, 2004, p. 39).

Os Petroleiros da Refinaria de Catava, bairro industrial, situado na divisa com o município de Santo André, também tiveram forte atuação no governo João Goulart, porém, com o golpe militar, o movimento sindical foi o primeiro alvo da repressão na região. O sindicato foi fechado, as lideranças foram perseguidas, presas e torturadas e muitos funcionários foram demitidos. Na década de 1980 o movimento é retomado em consonância a fundação da Central Única dos Trabalhadores –

---

13 Entrevista concedida no dia 29/11/2011.

CUT, e participou ativamente das grandes mobilizações nacionais ocorridas em 1987 a 1995 e, depois, entre 2001 e 2002 (BONNI; PIQUEIRA, 2004, p. 58).

No período militar, os militantes da Ação Católica do Jardim Zaíra foram responsáveis em acolher e acobertar o sociólogo Hebert de Souza, o Betinho<sup>14</sup>, que morou no bairro e trabalhou clandestinamente em empresa de porcelana da cidade.<sup>15</sup>.



Registro de empregado de Hebert de Souza, na Porcelana Real com o nome falso de Francisco Carvalho.

Ano 1969. Acervo Porcelana Real<sup>16</sup>

Os movimentos de bairro estavam intimamente ligados à Ação Católica, a presença da Juventude Operária Católica – JOC, (organização que fizemos parte nos anos de 1990), Juventude Universitária Católica - JUC e da Ação Popular - AP, que realizou importante trabalho na região do Jardim Zaíra, contribuindo com a criação da Sociedade Amigos de Bairro do Jardim Zaíra e Circunvizinhos.

<sup>14</sup> Herbert José de Sousa, conhecido como Betinho, nasceu em Bocaiúva -MG em 3 de novembro de 1935 e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de agosto de 1997. Foi um dos fundadores da Ação Popular (AP), uma organização formada por um grupo católico pró-socialismo. Formou-se em Sociologia em 1962 e engajou-se na luta pelas reformas de base do governo João Goulart. Em 1986, depois de saber que era portador do vírus HIV, Betinho ajudou a fundar a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (Abia). Em 1992, fez parte do Movimento pela Ética na Política, que culminou com o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Concebeu e dedicou-se ao projeto Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida

<sup>15</sup> Esse episódio foi resgatado pela socióloga e documentarista Paula Quintino no documentário “Nome Frio” lançado em setembro de 2011.

<sup>16</sup> (BONNI; PIQUEIRA, 2004, p. 71)



Mutirão para construção da paróquia São Paulo Apóstolo - 18/07/1965<sup>17</sup>.  
No centro agachado, Olivier Negri, da Associação Amigos de Bairro do Jardim Zaira

A Sociedade Amigos de Bairro do Jardim Zaira e Adjacências- SABAJAZAC foi fundada em 1962 e fechada pelo regime militar de 1970 a 1977. Olivier Negri e seu filho tiveram em momentos diferentes importante papel nesse processo de organização do movimento. O primeiro, na fundação; e o segundo, na refundação. Olivier pai tinha uma formação socialista cristã e uma forte atuação junto à Igreja católica e ao Partido Comunista e faleceu em 2001. No ano de 1981 ambos concederam uma extensa entrevista para o Centro de Pesquisa Social do ABC – importante centro de resgate da história da classe trabalhadora integradas por Celso Daniel, Marilena Nakano, entre outros. Nesse documento Olivier comenta:

Em 1962 começamos logo com o mais fácil, colocou uma mesa de pingue-pongue, já vira um torneio, já forma dominó. A polícia às vezes tomava o dominó, a gente ia enfrentando. Em seguida, a gente ia fazendo as reivindicações e ia jogando as coisas em cima do prefeito [...] O bairro foi se desenvolvendo sem nenhuma estrutura, não tinha nada, água, luz, esgoto, até hoje, em 20 anos ainda não tem esgoto, né [...]. Quando nós chegamos no bairro tinha em 1954 uma 800 pessoas

<sup>17</sup>Fotografia cedida por Olivier Negri Filho

[...] E aquilo cresceu rapidamente, era interessante para o dono[...] quanto mais ia construindo, mais ele ia vendendo. Antes de 1964 nós fomos fazendo aquelas reivindicações, que eram enormes, então, logo conseguimos um posto infantil, foi a maior vitória da sociedade.(CEPS, 1981 p. 1-6).

Após essa primeira fase, em 1965 Olivier Negri Filho se envolve com as lutas do bairro e conta no mesmo documento que iniciaram um grupo de teatro, passeatas contra a cobrança indevida de conta de água:

Quando o Élio [Bernardi], que era prefeito, percebeu o mundaréu de gente, umas 600, 700 pessoas, mulherada, porque tinham um trabalho de base muito estruturado, principalmente mulheres, o cara ficou apavorado e quis fugir, a mulherada cercou, e aí, o cara atendeu as reivindicações, ele queria fazer até mais, mas o pessoal bateu o pé e disse que não queriam esmolas [...]. O pessoal já estava com consciência política e com objetivos bem claros [...]. Cada peça de teatro que era montada, tinha uma mensagem específica para o povo [...]. Depois quando chegou 1969, aconteceu que foi preso o pessoal militante de base [...]. Exatamente há 12 de dezembro quando caiu o primeiro que fui eu [...] chegaram a 45 presos entre donas de casa, rapazes, moças e operários. Eram pessoas do socorro vermelho que eram mutirões que socorriam pessoas que estavam com a casa caindo, então o pessoal se reunia, construía a casa, mas discutia política. Quando caiu, o povo ficou assustado, se afastou até da igreja [...]. O pessoal da repressão invadiu nosso barracão jogou gasolina e tocaram fogo, queimaram tudo. (CEPS, 1981 p 9-20).

Em 1970 o grupo que estava preso foi julgado e solto. Num primeiro momento ficaram isolados e aos poucos tentaram retomar o trabalho. Em 1976 começaram a se aproximar mais da gleba “C, onde era a área ocupada irregularmente, (Área do Chafik), ali os barracos de madeira não possuíam água encanada e, nem poços podiam ser perfurados porque a água estava contaminada. As lideranças começaram um processo de mobilização junto à SABESP, conseguiram levar muita gente para prefeitura e para a sede da companhia de água em São Paulo, com esse processo, em 3 de abril de 1976, fizeram assembleia e refundaram oficialmente a sociedade. Depois disso fizeram uma pesquisa que indicou a necessidade de creche, decidiram em assembleia e ocupar um terreno prefeitura, onde fizeram um barraco e começaram a atender com recursos próprios as crianças, em 1979 a prefeitura faz a doação do terreno e pavimenta toda a Gleba “A” .

A Sociedade Amigos de Bairro seguiu com as reivindicações e com o tempo passou a focar no atendimento às famílias. Na década de 1980 a prefeitura realiza convênio e a entidade passa a ser escola de educação infantil, vai se estruturando ao ponto de atualmente possuir piscina e funcionar como uma espécie de clube.

Atualmente a maioria desconhece a história do bairro e a existência da entidade. Em 14/03/2010 o Jornal Diário do Grande ABC realizou matéria intitulada “Nem vizinhos conhecem a associação”. Olivier Negri Filho concede entrevista em que afirma que as entidades de bairro mudaram de atuação: “Atualmente, a SABAJAZAC tem uma creche, oferece atividades esportivas para adolescentes, aulas de dança de salão e artesanato para a terceira idade, além de ser ponto de entrega do programa Viva Leite, do governo do Estado. Hoje é nítida a diferença no comportamento das pessoas. 'As participações mais ativas ficaram tímidas', explicou Negri Filho”.<sup>18</sup>

## Os Movimentos de moradia na Área do Chafik

Atualmente existem cerca de 10 entidades organizadas que atuam na área do Chafik: Grupo de Mães, Coletivo de Grafite Comunidade Viva, Associação de Moradores em Defesa da Moradia do Chafik, Associação Amigos de Vila Tavares, Associação Comunitária do Macuco, Associação Espaço Social e Cultural Cidadania do Jardim Zaira, Associação dos Sem Tetos de Mauá, Associação para o Desenvolvimento Habitacional do Brasil- ADEHAB, além da atuação social das Igrejas Católicas, Assembleia de Deus e Sopro Divino.

A maioria das entidades apresenta estrutura centralizada na figura dos presidentes das instituições e desenvolve trabalhos assistenciais, principalmente de distribuição de alimentos. Muitas estão vinculadas a partidos políticos, principalmente de oposição a atual gestão municipal administrada pelo partido dos trabalhadores. É possível identificar a tradição clientelista das Associações Amigos de Bairro descrita por Gohn (2008 p. 132 -133) e comentada no capítulo II.

Os movimentos com atuação mais progressistas, originários dos movimentos da Ação Católica na área da moradia atualmente não desenvolvem ações na região, ou porque seus militantes hoje ocupam cargos na atual administração, ou devido à mudança de atuação para o atendimento socioeducativo das famílias, conforme depoimento de Olivier Negri Filho que descrito acima.

A Associação para o Desenvolvimento da Habitação no Brasil é uma caso a parte, pois não surge como um movimento de bairro, e sim com a união de profissionais da área da habitação que buscavam desenvolver ações pra fortalecer as entidades locais com o foco na regularização fundiária. Esta entidade desempenhou papel fundamental em nosso processo de pesquis-ação e aprofundaremos sua descrição e análise no capítulo V.

O Coletivo de Grafite Comunidade Viva é outra grande exceção, uma vez que tem caráter anarquista originado do movimento *Punk*, que teve grande expressão na região do ABC.

Seus integrantes apostam em uma arte engajada e transformam os becos e vielas da periferia em galerias de arte. Ueder Silva, conhecido como UDR, e sua companheira Leticia Bezerra, integrantes do coletivo, são moradores da Área do Chafik, e realizam mensalmente um

---

<sup>18</sup>Diário do Grande ABC: <http://www.dgabc.com.br/News/5799148/nem-vizinhos-conhecem-associacoes-de-bairro.aspx>. acesso em 10/12/2011.

evento na área que reúne artistas da região para uma Ocupação Artística. Palhaços, *Djs*, Tambores de Maracatú, e é claro, grafiteiros comparecem nestas ocupações. Abaixo, fotos da atividade<sup>19</sup>:



3a. Ocupação Graffiti na Área do Chafik - abril 2011



5a. Ocupação Graffiti Área do Chafik - setembro 2011

---

19 Fotos extraídas do Blog do Coletivo Comunidade Viva: [www.http://graffiticomunidadeviva.blogspot.com](http://graffiticomunidadeviva.blogspot.com). Acesso em 17/01/2012

## Capítulo IV

### OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DO ABC PAULISTA

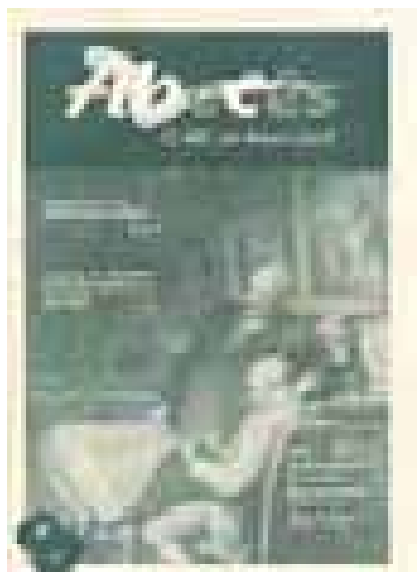
Se a democratização da comunicação é historicamente tolhida no país, na região do ABC<sup>1</sup> esse fenômeno é ainda mais acentuado devido à proximidade com a capital, São Paulo. Isto porque não possuímos sequer uma rede de comunicação regional (Rádio e TV), como a Baixada Santista, Alto Tietê (Mogi das Cruzes e cidades do entorno) e o interior do estado, que retransmitem o sinal das principais emissoras comerciais, mas mantém algum espaço para a cobertura local.

O ABC paulista chegou a ter algumas emissoras comerciais em AM e FM, a primeira rádio oficial foi a “Rádio Clube Santo André” de 1952; as que seguiram foram: Rádio Emissora ABC de 1953, Rádio Indecência de 1957, Rádio Cacique de São Caetano de 1958, Rádio Mauá AM de 1989 e Rádio FM de Diadema de 1983. A rádio Scala 99 FM, que operava em Santo André, e a Nativa FM, de Diadema, chegaram a ter grande popularidade na grande São Paulo, mudaram suas antenas para Avenida Paulista. (SANTARNECCHI, 2004, p. 3 e 8).

A imprensa alternativa do ABC foi pesquisada por Olga Defravani, (2008). Ela identificou produções literárias que tiveram vida longa, como a revista A Cigarra, com mais de 25 anos, e o Jornal da Taturana, outras revistas literárias também foram publicadas: Caderno Abecês, Livrespaço, Montouro, Mutirão, Sem Futuro e a Tribuna Popular. No final dos anos 1970 e na década de 1980 jornais alternativos de caráter político, como ABCD Jornal e O Jornal Independente, tiveram grande importância. Em 1984 surge o Rocker Jornal, seguido de diversos fanzines do segmento musical; de cinema, como o Clakete; do feminismo, como o Jornal da Mulher; e do humor, como A Tripa e o Cara de Pau. “Esses alternativos produzidos no ABC tiveram um papel significativo no desenvolvimento político, social e cultural, servindo para incomodar, denunciar, divertir ou divulgar a movimentação artística local. (DEFRAVANI 2008, p. 26).

---

<sup>1</sup> O Grande ABC é constituído por sete municípios: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, localizados a Sudeste da Região Metropolitana da Grande São Paulo.



Revista Mulher n. 0, 1980



Revista A Cigarra n. 22, 1995



Revista ABECÊS n. 9, 2002

Atualmente a região possui um jornal diário de grande circulação, o Diário do Grande ABC. São dois canais de TV, o 45 UHF (que retransmite a programação da TV dos Trabalhadores – TVT), e a TV Comunitária TV ECO, transmitida pelo canal digital 9 e analógico 96, da operadora de TC cabo NET.

As emissoras de rádio são 13, sendo 1 comercial, a Rádio ABC 1570 AM; 1 religiosa, a Rádio Imaculada Conceição 1490 AM; e 11 comunitárias: 5 em São Bernardo do Campo (Rádio Princesa, Lírios do Vale, Novo Riacho FM, Rádio Represa FM e Rádio Parati); 2 em Diadema (Rádio Nova Diadema e Rádio Navegantes); 2 em Mauá (Rádio z FM e Rádio 87), 1 em Rio Grande da Serra (Rádio Esplanada) e 1 Ribeirão Pires (Rádio Pérola da Serra).<sup>2</sup>

O jornal Cosmopolitano<sup>3</sup>, de São Bernardo, realizou matéria sobre as recentes liberações de licença às associações daquela cidade, além de comentar o cenário das comunitárias na região :

<sup>2</sup> Fonte: Relação de Entidades Autorizadas – Brasil - Ministério das Comunicações. Disponível em [http://www.mc.gov.br/images/radio-comunitaria/processos-autorizados/Rel\\_radcom\\_entidades\\_autorizadas-brasil\\_2012-01-09.pdf](http://www.mc.gov.br/images/radio-comunitaria/processos-autorizados/Rel_radcom_entidades_autorizadas-brasil_2012-01-09.pdf) . Acesso: 09/01/2012.

<sup>3</sup> Jornal Cosmopolitano de 15/11/2011 p. 4. Disponível em <http://www.cosmopolitano.com.br/cosmo%2070.pdf>. Acesso em 09/01/2012.

**São Bernardo do Campo vai receber sete emissoras de rádio comunitária**  
*Atividade voltada para a população, com o intuito de trazer mais proximidade*



Depois de mais de um ano de trabalho de campo, em 14 de março de 2011, o município de São Bernardo do Campo vai receber sete emissoras de rádio comunitária. A atividade é voltada para a população, com o intuito de trazer mais proximidade e fortalecer o tecido social da cidade.

O Projeto de Rádio Comunitária é coordenado pelo professor de Física da Universidade Federal do ABC, Valmir Maia, e pelo jornalista e produtor de rádio, João Carlos. O projeto prevê a instalação de sete emissoras de rádio comunitária em diferentes regiões da cidade, com o intuito de trazer mais proximidade e fortalecer o tecido social da cidade.

Os projetos de rádio comunitária são: Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária São João, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency e Rádio Comunitária Jardim Regency.

Os projetos de rádio comunitária são: Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária São João, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency e Rádio Comunitária Jardim Regency.

Os projetos de rádio comunitária são: Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária São João, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency, Rádio Comunitária Jardim Regency e Rádio Comunitária Jardim Regency.

Jornal Cosmopolitano de 15/11/2011 p. 4.

## O Movimento de Radiodifusão na cidade de Mauá

Nos anos de 1940 a cidade de Mauá contou com duas experiências de rádio poste. A Rádio Paineira, que estava situada no centro da cidade, seu locutor foi o Sr. Valdevino Rodrigues, conhecido como Léo, que está vivo, fizemos várias tentativas para entrevistá-lo, mas infelizmente não foi possível conhecermos um pouco mais dessa atividade comunicativa pioneira na cidade. Nos anos de 1960, no Jardim Zaíra, a Rádio poste Cruzeiro do Sul funcionava com o comando do locutor José Rodrigues.

Nos anos de 1980, uma rádio AM foi instalada em Mauá, a Rádio Mauá, que depois foi vendida para Igreja Católica, a já citada Rádio Imaculada Conceição.

Nos anos de 1990 as rádios livres, começam a entrar em operação na cidade, segundo Valmir Maia, a primeira foi a Z FM, “depois fiquei sabendo da existência de outras que entraram no

ar na mesma época. Paulo Eugênio<sup>4</sup>, vice-prefeito e secretário da saúde da cidade, contesta amigavelmente a afirmação de Maia “ele diz que foi o primeiro, mas eu tenho que certeza que entramos no ar antes dele.”

Paulo Eugênio, além de suas atividades como gestor público, é proprietário de um escritório de contabilidade, ele recorda que a ideia surgiu em 1994, quando um cliente, de São Paulo, que produzia discos e fitas cassetes, comentou sobre rádios que estavam ar em São Paulo, “eu me interessei e fui atrás, descobri a existência de um movimento que se valia de uma resolução da ONU em que o Brasil era signatário para defender a liberação das rádios. Fiquei sabendo de um maluco, que tinha sido preso várias vezes, fabricando e vendendo em sua casa todos os equipamentos necessários.”

Eugênio com Paulo Soares, seu sócio no escritório de contabilidade, e Wagner Pastor, um empresário promotor de shows, procuraram o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e o Sindicato dos Químicos para levantar recursos para a compra dos equipamentos. “Conseguimos metade do valor e tiramos metade do nosso bolso”, afirma Paulo Eugênio.

Escolheram uma frequência que não era utilizada, a 98.1, e um ponto alto para instalar a antena. Procuraram uma entidade ligada à Igreja São Felipe, no Parque das Américas, segundo bairro mais populoso de Mauá, montaram um estúdio e começou a transmitir. Assim nasceu a Rádio 98. Com seu crescimento decidiram se fixar em uma casa e se mudaram para Rua Colômbia, no mesmo bairro, a casa que pertencia a Wagner Pastor.

Durante o dia a programação era somente musical porque todos trabalhavam, à noite e aos fins de semana os programas eram apresentados por Mau, dos “Garotos Podres”<sup>5</sup>. Samuel (atual apresentador do programa Show de Bola na Rádio Z) apresentava o programa esportivo que transmitiu pela primeira vez a final do campeonato mauaense de futebol. Paulo Eugênio apresentava o programa de entrevistas. “Lembro de ter entrevistado Pedro Correia, do fã-clubes do Raul Seixas. No programa ele contou que teve uma crise de epilepsia em um show do Raul Seixas e todos achavam que ele estava dançando e não o socorreram.”

Logo surgiram conflitos, pois Wagner Pastor queria montar um projeto comercial focando exclusivamente nos lucros, diferente de Paulo Eugênio e Paulo Soares, “não queríamos nem ser legalizados, era algo mais cultural, de guerrilha mesmo”. As divergências levaram a um rompimento do trio, levando a rádio a mudar novamente para uma outra casa na Rua Vicente de Carvalho Bruno, enquanto Wagner começou a transmitir sua nova rádio na frequência 98,5. Porém em 1997 a rádio 98 foi assaltada e Paulo Eugênio e Paulo Soares decidiram encerrar o projeto.

<sup>4</sup> Entrevista realizada em 05/01/2012.

<sup>5</sup> A Banda Garotos Podres é o principal grupo de Punk Rock brasileiro, formada em Mauá em 1982. Com letras contestadoras e politizadas, o grupo teve projeção internacional.

Rogério Santana<sup>6</sup>, vereador e presidente da Câmara Municipal de Mauá, participou do projeto da Rádio 98. Ele integrava um grupo de teatro que tinha um espaço semanal. “Era feito coletivamente, tinha humor, informações da área da cultura, montávamos a pauta na hora. Eu gosto de escrever e às vezes preparava textos que lia na hora. “Era também um exercício teatral, saber falar no microfone, dicção e respiração, mas depois decidimos sair porque achamos que a rádio estava ficando muito comercial”, afirma Rogério.

Aldo Cursino<sup>7</sup>, coordenador municipal da vigilância sanitária, também integrou o mesmo grupo de teatro que Rogério, era a companhia “Os Filhos da Boba Tá com a Peste”. “Nosso programa, Os Filhos da Boba, ia ao ar depois dos ensaios, todo sábado à tarde, levava informação, num momento pré internet, recortávamos matéria que achávamos bacana nos jornais e comentávamos no programa.”

### **Rádio Z FM : Livre em 100,5. Legal em 87,5**

A Rádio Z FM de Mauá é a primeira rádio comunitária da cidade a receber a autorização para operar legalmente. Seu principal articulador é Valmir Maia, que atuou intensamente em vários movimentos na cidade. Na época da ditadura militar precisou sair da cidade para não ser perseguido. Na ocasião passou em concurso público para trabalhar na refinaria da Petrobras instalada no município, mas como seu nome estava em uma “lista de subversivos” não foi convocado a assumir o cargo. Participou ativamente da primeira escola de samba da cidade, a Ordem e Progresso, situada no Jardim Zaíra. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, foi vereador e coordenador de comunicação da prefeitura na primeira gestão do partido na cidade. No final dos anos de 1990 decidiu se dedicar exclusivamente ao projeto da rádio, que está instalada na parte de superior de sua casa.



Valmir Maia em 1996 em foto para matéria da Revista Propaganda<sup>8</sup> sobre Rádios Comunitárias

<sup>6</sup> Entrevista realizada em 22/12/2011.

<sup>7</sup> Entrevista realizada em 02/01/2012.

<sup>8</sup> Revista PROPAGANDA, edição 540, julho de 1996, p. 23

Além de Valmir mais duas pessoas tiveram participação pioneira como projeto da rádio, o técnico de som Antônio Gil Sobrinho, que chegou a morar no espaço da sede da rádio, e o Mauro Carneiro, locutor que já havia trabalhado em rádios comerciais no sul do país, que vindo morar em Mauá, procura de imediato a Rádio Z e passa a contribuir com o projeto. Atualmente ambos não estão mais diretamente ligados à emissora, mas contribuem ocasionalmente. Com base em depoimentos<sup>9</sup> e documentos<sup>10</sup> disponibilizados por Valmir Maia reconstruiremos uma linha do tempo da história da rádio:

O primeiro estúdio da rádio funcionou entre 1993 e 1998, operando na frequência 100,5 com bastante sucesso na cidade, porém, as campanhas contra as rádios piratas naquele momento estavam sendo intensificadas na grande mídia, levando muitos a terem uma visão negativa sobre a iniciativa.



Valmir Maia no primeiro estúdio



Da esquerda para direita: Laércio, Gil, Denis e Soares  
Denis fez o primeiro programa sertanejo da rádio e Gil operava o som.  
Na foto recebem Soares e Laércio, dupla sertaneja composta por moradores.

Desde o início a rádio sempre prestou serviços, divulgando campanhas de combate enchentes e ações socioculturais das instituições da cidade. Um fato interessante é que mesmo a rádio não operando legalmente, a Prefeitura, associação comercial e igreja encaminhavam ofícios solicitando a divulgação de seus eventos.

<sup>9</sup> Entrevista concedida em 01/12/2011

<sup>10</sup> Histórico da Rádio Z FM/, sd, p.1 e Nossa História <http://www.radiozfm.org/nossa-historia.html> acesso em 20/12/2011/



Ofício enviado pelo Fundo Social de Solidariedade a Rádio Z FM solicitando divulgação da campanha de arrecadação para as vítimas de enchentes de janeiro de 1997.

De 1993 a 1998, os envolvidos como projeto da Rádio Z entram na batalha pela legalidade, se engajando no movimento de luta pela democracia na comunicação, criando e participando do Conselho Regional de Comunicação Livre Comunitária do ABC.

Este conselho foi formado em 1996, contando com a participação de cerca de 50 emissoras livres e comunitárias filiadas, e contribuiu com o fortalecimento das mesmas, estimulando a articulação entre elas. Também atuavam representando a região em atividades nacionais pela democratização da comunicação e enviavam uma série de documentos solicitando às autoridades públicas prioridade na legalização das rádios livres na região, se valendo do argumento do número ínfimo de rádios oficiais na região do ABC.

Valmir Maia afirma que o conselho era uma entidade séria, democrática e atuante, que teve papel fundamental entre os anos de 1996 e 1998. Ele recorda da isenção político-partidária do diretor Ronaldo Martim, que atualmente tem o posto de ouvidor adjunto da cidade de Santo André. Depois desse período de efervescência das rádios livres e mobilização pela legalização das comunitárias, Maia não teve mais notícias do trabalho da entidade.

A seguir imagens que ilustram esse período:



Da esquerda para a direita: Ronaldo Martim, diretor do Conselho; Deputado Federal Luiz Eduardo Greenhalgh; e Valmir Maia, diretor da Rádio Z FM em reunião com as Rádios Livres de Mauá em 23/06/1997



Ato pela legalização das Rádios Comunitárias em 1997, no gabinete do Prefeito, com a presença de diversas autoridades e lideranças

Na próxima ilustração, pode-se observar a postura do Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do ABC através do conteúdo da 4a. edição de seu boletim de abril de 1996<sup>11</sup>:



Página 2 do Boletim destacando às emissoras filiadas, as em fase de filiação e as expulsas em desacordo com as normas do Conselho;



Página 4 do Boletim com classificados, dicas para qualidade da transmissão e conteúdo produzido pelas emissoras

Com o intuito de formalizar a iniciativa, os envolvidos com a Rádio Z criaram em primeiro de março de 1997, a “Associação Comunitária, Ecológica, Educativa e Cultural Z”, estabelecendo objetivos de “oferecer oportunidade para difusão de ideias, elementos de cultura,

<sup>11</sup> Disponibilizamos a versão deste histórico boletim na íntegra para leitura mais detalhada no anexo 1.

tradições e hábitos sociais da comunidade e também desenvolver o espírito comunitário e solidário segundo os princípios humanistas.” (Histórico da Rádio Z FM, sd, p.1).

Em 19 de fevereiro de 1998 é aprovada a lei federal de nº 9612. O grupo se organiza para conquistar a autorização para operar e fazem uma grande mobilização para colher assinaturas em apoio à legalização da rádio. Foram colhidas 192 assinaturas, à carta de apoio, autoridades dos poderes legislativo, executivo e judiciário do município e quase todas as entidades sociais da cidade com atuação de destaque na época. Até o ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva – e que na época era Presidente de Honra do Partido dos Trabalhadores - assinou o manifesto de apoio. (Histórico da Rádio Z FM, sd, p.1).



Declaração de apoio à Rádio Z FM assinada pelo  
Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 1996

A legislação obrigava os que pleiteavam a outorga para radiodifusão a não operarem clandestinamente, sob pena de terem o pedido impugnado, além da prisão de seus responsáveis. Por esse motivo, a Rádio Livre Z FM, operando em 100,5, saiu do ar. Em 23 de setembro de 1998, a Associação Z protocolou no Ministério das Comunicações uma solicitação de demonstração de interesse para o serviço de radiodifusão comunitária, acreditando que em poucos meses a solicitação seria atendida, o que não ocorreu. (Histórico da Rádio Z FM, sd, p.1).



Solicitação de demonstração de interesse para o serviço de radiodifusão comunitária, encaminhada pela Associação Z, protocolada com o n. 53830002290-98 de 25/09/1998.

Resposta do Ministério das Comunicações, enfatizando em tom ameaçador que o exercício da radiodifusão sem autorização é crime passível de detenção. Assinada pelo Delegado Everaldo Gomes Ferreira, em 24 de novembro de 1998.

Enquanto aguardavam a liberação do Ministério das Comunicações, Valmir Maia procurava buscar apoio e informações sobre o trâmite do processo. Procurou o Senador Eduardo Suplicy, que enviou documento ao Ministério das Comunicações pedindo esclarecimentos. José Dirceu também foi procurado, entre outras lideranças. Maia viajou mais de 10 vezes a Brasília neste período.

Nesse momento uma nova instituição cumpre um papel importante na história da emissora, o Fórum pela Democracia na Comunicação - FDC, articulado pelo ex-professor de ética da ECA-USP, José Carlos Rocha. Segundo GHEDINI, (2009, p. 68), o FDC surgiu como uma

dissidência ao Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação FNDC, e com o tempo, especializou-se em prestar assessoria às associações que pleiteavam autorizações para rádios comunitárias, principalmente na cidade de São Paulo.

Esta assessoria dispõe de um departamento jurídico coordenado pela advogada Marilene Araújo, especializada nas questões ligadas ao ministério das comunicações, que auxiliou a associação na elaboração de uma série de documentos. Segundo Valmir Maia das 40 associações assessoradas pelo Fórum, quase todas foram contempladas, muitas religiosas, o que gerou severas críticas dos coordenadores da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias – ABRAÇO.

Além das articulações políticas, a equipe que operava a rádio se dedicou à mobilização da confecção de um jornal de bairro que teve apenas duas edições, publicadas em abril e maio de 2003. Com o título Jornal Z – O Nosso Jornal, as publicações traziam informações sobre os principais acontecimentos da cidade e contaram com anúncios de um número grande de comerciantes do Jardim Zaíra. Outra ação empreendida pelo grupo foi a criação do site [www.radiozfm.org](http://www.radiozfm.org), no ambiente on-line iniciaram uma rádio web, que possibilitou a continuidade do exercício das atividades radiofônicas.



Edição n. 1 do Jornal Z de abril de 2003



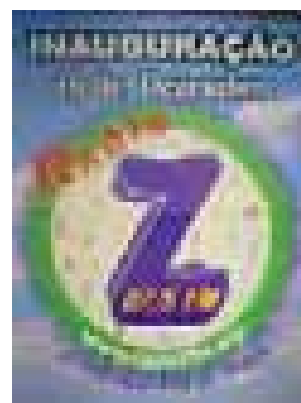
Edição n. 2 do Jornal Z de maio de 2003

A licença para funcionamento saiu finalmente em 04 de abril de 2005, porém todas as mobilizações de 1998, esfriaram e as pessoas e grupos se afastaram. Mesmo com a licença assinada, suas operações não retomaram de imediato, pois foi preciso destinar um tempo para a reorganização. Apenas em 16 de Dezembro de 2006, 14 anos depois da primeira transmissão, ocorre sua inauguração, operando agora na frequência 87,5 FM. Os primeiros sinais Rádio

legalizada transmitiram um ato ecumênico envolvendo o Cônego Belisário e o Pastor Honório, da Igreja Batista.



Licença para funcionamento concedida em 04/04/2007<sup>12</sup>



Cartaz da Inauguração da Rádio em 16/12/2006



Celebração Ecumênica na inauguração da Rádio em 16/12/2006



Equipe da rádio em junho 2007

A partir de 2006, a rádio se estrutura, monta uma equipe com um bom nível de profissionalização e investe em equipamentos. Uma pessoa importante que integra a direção da rádio nesse período é o empresário que possui pequena casa de shows no bairro, Divaldo Depret. Com forte tino comercial ele passa a organizar a parte administrativa e financeira, conseguindo apoios culturais de importantes empresas e comércios da cidade, além do apoio da iniciativa privada. Uma outra importante forma de captação de recursos foi a transmissão das sessões da Câmara Municipal e a cobertura oficial das festividades promovidas pela Prefeitura.

<sup>12</sup> Versão ampliada desta licença no anexo 2



Fachada Rádio Z FM



Estúdio

A Rádio Z FM conseguiu se transformar no principal veículo de comunicação da cidade, por esse motivo sempre se projetou muito mais como uma estação de comunicação local, mantendo um trabalho de radiojornalismo atuante e profissionalizado, não se autoafirmando em nenhum momento como uma rádio comunitária, tanto na imagem quanto na gestão. Ainda hoje ela procura se distanciar do rótulo de pirata reforçando sua condição de legalizada, isto pode ser evidenciado nos logotipos que carregam o *slogan* “Essa é Legal”.



Primeiro logotipo



Segundo logotipo adotado em 2009

Ambos ressaltando o caráter de rádio legalizada

A atual grade de programação reproduz os principais sucessos do circuito comercial, principalmente músicas nacionais, além de programas especiais produzidos por sindicatos, igrejas católicas e evangélicas, Ordem dos Advogados do Brasil de Mauá – OAB, e os projetos socioculturais, como o extinto Rádio Escola e o atual “*O Outro Lado da Cidade*”, fruto da pesquisa realizada neste nosso estudo, que detalharemos no capítulo V.

Atualmente a programação conta com os seguintes programas: Siga Bem Caminhoneiro, Terra Querida, MPB Z, Revista Z, Você e o Rei, X Tudo Z, Equipe Funk Chic, Sem

Fronteiras, Show de Bola, A Voz do Brasil, Samba Z, Revirando o Baú da Z e Madrugada Z. Nos fins de semana programas especiais Manhã de Alegria, missas e sessões da Câmara Municipal.<sup>13</sup>

O programa Revista Z é uma mistura de informação e entretenimento, estão à frente do Programa Jean Soares, Rafael Brito e Eri Araújo, todos formados em comunicação pela Universidade Metodista. O programa Você e o Rei, que toca apenas músicas de Roberto Carlos, é apresentado por um dos mais antigos locutores da cidade, Jota Santos, que já apresentou programas em várias emissoras comerciais. O programa Funk Chic é apresentado pelo organizador de bailes R1, e tem um número grande de fãs que escutam o programa, interagindo ao mesmo tempo pela comunidade do Orkut. Assim que o programa entra no ar os telefones da rádio não param de tocar.

O programa Sem Fronteiras reproduz os sucessos da música sertaneja e é apresentado pelo locutor Márcio Gustavo, que iniciou sua carreira organizando festas e logo foi trabalhar na rádio. Nela aprendeu a operar, produzir e apresentar, depois se aperfeiçoou na Escola Oficina. Em 2010 integrou o projeto Rádio Escola desempenhando um papel fundamental na realização dos Programas Conexão Z e, em 2011, contribui com a realização de algumas edições dos programas Outro Lado da Cidade, compartilhando seus conhecimentos com os aprendizes dos dois projetos. A rádio acaba sendo uma vitrine para ele, que atualmente possui uma empresa de publicidade de carros de som, além de gravar propagandas do comércio local que são veiculadas pelos carros de seus concorrentes. Por esse motivo a voz de Márcio é escutada na cidade inteira.

O programa Show de Bola, apresentado por Samuel Aguiar, faz a cobertura diária do futebol amador da cidade e região, é o único veículo que repercute esta modalidade do esporte que mobiliza centenas de pessoas na cidade e, por isso, conta com grande audiência. Outro destaque é a figura feminina de Giselle Queiroz, que iniciou como colaboradora eventual do programa semanal da Igreja Católica e foi convidada por Valmir para assumir o papel de atendimento aos ouvintes durante o dia e de apresentadora do Programa Samba Z, à da noite.

Além de ser o responsável pela rádio, Valmir Maia também comanda o programa Revirando o Baú da Z, que vai ao ar diariamente entre as 21h e 23h. O programa executa os principais sucessos das décadas de 1950 a 1990, neste horário o telefone da rádio toca constantemente, pois os assíduos ouvintes que escolhem as músicas (principalmente da Jovem Guarda) num clima descontraído, são chamados de naftalínicos; e formam um verdadeiro fã-clubê da emissora.

O site da rádio, [www.radiozfm.org](http://www.radiozfm.org), também se tornou um poderoso veículo de comunicação, nele é possível acessar a transmissão ao vivo e as principais notícias da região que são atualizadas pela equipe de jornalismo diariamente. Existem também sessões especiais, como a

---

<sup>13</sup> Fonte: Site da Rádio Z FM: <http://www.radiozfm.org>. Acesso em 20/05/2011.

dos Artistas da Cidade, um verdadeiro inventário dos produtores de arte e cultura, e a sessão “E agora José”, com matérias sobre a área do Chafik. Com uma média de 2 mil acessos diários, no ano de 2011 o site ganhou reforço de recursos, como a interatividade *on-line*, além da integração com os sites de relacionamentos Orkut, Facebook, Twitter e YouTube.

A rádio mantém um quadro de 10 funcionários, com locutores experientes e jornalistas formados, além de estagiários. Valmir Maia e Divaldo Depret, procuram não apostar no trabalho voluntário, pois acreditam que a instabilidade provocada por essa forma de colaboração, acaba gerando uma imagem de desorganização, comprometendo a credibilidade e afastando possíveis apoiadores. A grande dificuldade é manter esta folha de pagamento e os gastos, que incluem manutenção dos equipamentos, contas de energia elétrica, banda larga, hospedagem de internet, Ecad - Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, licença de software e outros impostos. Não é raro acontecer o atraso no pagamento da equipe ou o pagamento de alguma conta.

A crise financeira está sendo agravada pelo afastamento de Divaldo das atividades cotidianas da emissora. No ano de 2009, ele montou uma empresa de agenciamento de shows de forró, funk e sertanejo e passou a priorizar seu empreendimento de fins lucrativos. No início do ano de 2011, montou uma sede paralela para sua empresa e praticamente abandonou suas funções junto à rádio. Valmir Maia não tem grandes traquejos com a parte administrativa e vem procurando apoio de faculdades e outros órgãos de apoio a microempresários, o que até o momento não se efetivou.

Outro viés recente está relacionado à liberação de mais uma Rádio Comunitária na cidade operando na mesma frequência, trata-se da 87,5 FM Mauá, coordenada pela Associação Cultural e Comunitária Otacílio Risonho, seu responsável é Plínio César Risonho Pessoa, proprietário de vários comércios e imóveis na cidade. Essa emissora não conta com locutores, grade de programação e web site, ela passa o tempo todo reproduzindo músicas, principalmente internacionais. Em levantamento realizado para esta pesquisa, não conseguimos identificar nenhuma ação social ou comunitária por parte desta associação na cidade.

Esse novo impasse relacionado à sobreposição de sinal impede as duas rádios de serem sintonizadas com qualidade. Problemática que não é enfrentada apenas pela Z, pois uma série de emissoras comunitárias estão com dilemas semelhantes, uma vez que o Ministério das Comunicações libera apenas a frequência 87,5 para a prestação de serviço de radiodifusão comunitária na região metropolitana de São Paulo. A ampliação da frequência das rádios comunitárias se tornou uma bandeira nacional e Valmir Maia ficou o ano de 2011 em negociação com a Anatel para resolver a questão. A Associação Brasileira de Rádios Comunitárias -

ABRAÇO<sup>14</sup> convocou encontros em Brasília para tratar deste e outros assuntos no ano de 2011. Valmir Maia, participou destas atividades, que acabaram por reaproximá-lo da entidade.



Valmir Maia em Brasília participando de atividade convocada pela ABRAÇO, em 18 de outubro de 2011, Dia mundial de Democratização da Comunicação<sup>15</sup>

No dia 16 de dezembro de 2011, aniversário da rádio, Valmir Maia, nos telefona, com um tom tristonho, pedindo para conversarmos pessoalmente, fomos até a sede da rádio. Ele estava ansioso em nos contar a importante decisão que tomara de fechar a rádio para balanço durante o final do ano e todo o mês de janeiro. Isso nunca havia acontecido antes, pois a equipe continua em atividade até nos feriados. Ela não irá sair do ar, mas a equipe irá se dedicar juntamente com apoiadores na elaboração de um novo projeto para a rádio. “Nos tornaremos mais comunitários, mais comerciais ou encerramos o projeto, não sei como será”, afirma Maia.

Em nossa análise o próprio processo de regularização das rádios comunitárias, conduzido pelo Ministério das Comunicações, minou a possibilidade de uma atuação mais comunitária das emissoras, pois a demora na concessão da licença e a exigência na retirada do sinal clandestino; esfacelam os processos comunicacionais mobilizativos.

Quando a liberação é concedida, o processo endógeno que foi vivenciado no contexto de efervescência da comunicação livre na década de 1990 não encontrava mais organicidade, restando a opção de construir uma rádio dentro de um formato que conquistasse o respeito da

<sup>14</sup> Valmir Maia tem divergência na atuação da ABRAÇO frente as rádios já legalizadas, entendendo que a disputa pelo direito à operação das Rádios Livres acaba sendo a prioridade da entidade, além de discordar do fato de a maioria das lideranças não estarem diretamente envolvidas com projetos específicos de rádio, são militantes que assumiram a causa da democratização da comunicação, mas não possuem a vivência efetiva da radiodifusão.

<sup>15</sup> Foto postada no site da ABRAÇO Rio Grande do Sul em <http://www.abracors.org.br/includes/mostraimagem.asp?tam=M&t=ic&id=4642>, acesso em 04/01/2012

cidade pelo seu conteúdo, já que a forma de gestar um processo coletivo não era mais favorável conjunturalmente.

Com a crise, a rádio precisará buscar novamente os parceiros que a apoiaram no início e durante toda a sua trajetória, além de apoio técnico e administrativo. A estrutura comunicacional construída gerou uma falsa imagem de que o veículo era bem resolvido financeiramente, despreocupando possíveis apoiadores de se envolverem mais diretamente. Essa parada estratégica certamente irá fortalecer o projeto da rádio, ampliando o número de colaboradores, refundando o conselho comunitário e alertando ouvintes, autoridades e a sociedade como um todo da importância da corresponsabilidade com um projeto de rádio comunitária.

## Capítulo V

### COMUNIDADE EM AÇÃO

Os capítulos anteriores buscaram reconstruir e interpretar os processos históricos em torno da comunicação e da territorialidade. Os capítulos que seguem reconstroem e analisam um processo de intervenção no sentido de fortalecer os movimentos populares que atuam na defesa do direito à moradia e comunicação, desenvolvidos a partir da metodologia de pesquisa-ação.

Esta experiência buscou favorecer a articulação de atores sociais envolvidos com a questão da moradia na Área do Chafik e dos comunicadores comunitários envolvidos com a Rádio Z FM, ambos situados no bairro Jardim Zaíra, cidade de Mauá, no período de 01/06/2011 à 14/01/2012.

A principal ação foi a produção de 20 programas radiofônicos, transmitidos nas manhãs de sábado entre 16/07/2011 a 17/12/2011, produzidos por cerca de 20 colaboradores da Associação para o Desenvolvimento da Habitação do Brasil – ADEHAB, com o apoio dos colaboradores da Rádio Z FM.

Os programas abordaram as questões relacionadas à Área do Chafik, nas seguintes seções: História de Luta, com entrevistas de lideranças e moradores antigos da área; Expressão Criança, com bate-papo entre as crianças da região sobre seu cotidiano; Talentos, com entrevistas com os produtores de arte e cultura; Regularização Fundiária, com entrevistas de especialista sobre a questão; e Informes: com informações de oportunidades acessíveis aos moradores.

Além do programa outras ações foram desencadeadas, como a 1ª. Caminhada em Prol da Regularização Fundiária da Área do Chafik e a atuação na área do Observatório de Políticas Públicas do curso de Serviço Social da Faculdade de Mauá.

Dividimos as etapas da ação em 10 momentos:

1. Entrevista com moradores
2. Preparação e Produção dos programas
3. Transmissão dos programas
4. Avaliação dos 4 primeiros programas
5. Programas Ao Vivo
6. Parceria Faculdade Fama
7. Replanejamento
8. Caminhada
9. Devolutiva
10. Avaliação

## Antecedentes

O contexto em que a pesquisa-ação foi realizada foi de grande turbulência, em decorrência de famílias residentes na área do Chafik ocorridas no início de 2011 ocasionadas pelos desmoraamentos, já comentados no capítulo III. Se é possível identificar algo de positivo nestes lastimáveis acontecimentos, talvez seja a predisposição dos envolvidos direta e indiretamente para enfrentar as causas que provocam tais injustiças sociais.

A percepção de situações-limite nem sempre são evidentes aos que estão inseridos cotidianamente nela, porém quando a consciência de sua existência emerge, a necessidade de tomada de atitude ganha ares de urgência. Paulo Freire (1987, p.107) afirma: “embora as 'situações-limite' sejam realidades objetivas e estejam provocando necessidades nos indivíduos, se impõe investigar, com eles, a consciência que delas tenham”.

A comunicação teve um papel fundamental para provocar essa tomada de consciência da urgência em relação à questão da moradia na área. Pois as mortes ocorridas ganharam a atenção dos principais veículos midiáticos, que evidenciaram a problemática dos que ali habitam. Porém os meios tradicionais de comunicação se lançam à cobertura desses fatos para especular o interesse mórbido da audiência em assistir cenas que as tocam emocionalmente, sem o compromisso de aprofundar causas e buscar caminhos para as soluções das questões. Ainda assim, o fato de trazerem à tona o problema, contribui para que aqueles que estão vivenciando direta e indiretamente vislumbrem sua realidade sob outra perspectiva.

Se os meios de comunicação tradicionais, por serem mediados por relações mercadológicas, não se propõem a aprofundar as questões para contribuir com a transformação social, os processos de comunicação comunitários possuem condições de fazê-los, porém a descoberta da necessidade e o potencial para interferir em determinada realidade não significa que automaticamente as ações se desencadearão, os agentes precisam tomar a decisão de agir e o que determina essa escolha são as condições objetivas e subjetivas.

Cicilia Peruzzo (1999, p.158) faz uma reflexão sobre o potencial da práxis comunicativa:

A comunicação popular, enfim contribui para a democratização da sociedade [...] aprender a participar politicamente da leitura do bairro e da escola para os filhos, apresentar sua canção e seu desejo de mudança, a denunciar condições indignas [...]. A comunicação popular não faz tudo isso por si só, mas apenas se estiver inserida na dinâmica dos movimentos, gerando-se a partir deles e, como consequência, caminhando na mesma direção por eles apontados. Assim, toda a práxis – teoria e

prática – da comunicação popular no Brasil representa uma conquista muito expressiva para os setores que dela se servem, num amplo processo político-educativo de uma população sem tradição de participar.

O caso que agora analisamos possui uma série de antecedentes além da tragédia descrita, que delineou as configurações para a experiência se concretizar. O primeiro fator a destacar foi a realização da Conferência de Comunicação - CONFECOM<sup>1</sup>, em suas etapas local e regional, que proporcionaram a aproximação desta pesquisadora com a Rádio Z FM.

Neste período a Rádio Z foi contemplada com uma emenda parlamentar. Em decorrência dos contatos feitos na ocasião da CONFECOM, Valmir Maia nos convidou a coordenar o primeiro projeto educacional da emissora, chamado Rádio Escola, que aconteceu entre os meses de janeiro a outubro de 2010. Esse projeto consistia em apoiar a experiência de uma rádio interna existente em uma escola pública estadual, no sentido de expandi-la para um programa semanal veiculado pela Z FM, realizado com integrantes da comunidade escolar e do entorno, buscando a revitalização dos espaços públicos e a valorização das iniciativas locais.

Um segundo fator foi a sensibilização do poder público, especificamente da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Mauá, nas pessoas da secretária e primeira-dama do município Celma Dias e seu assessor, Sebastião Marcial, conhecido como Tiãozinho, que além de morador do Jardim Zaíra, é uma liderança com importante atuação junto à Ação Católica ligada a Pastoral Operária.

Em novembro de 2010, Valmir Maia solicita a esta secretária uma reunião para apresentar uma proposta do Projeto Repórteres Z, que apresentava metodologia semelhante ao Rádio Escola, mas com abertura para realizá-lo com qualquer organização comunitária. Nessa reunião, Tiãozinho e Celma nos apresentam a intervenção que a Prefeitura de Mauá estava articulando desde o mês de abril de 2010 com a criação da Câmara Intersecretarial para tratar com integração e prioridade da maior e mais vulnerável região da cidade: a Área do Chafik, e estavam convidando parceiros a direcionarem suas ações para aquele lugar.

O terceiro e último antecedente significativo que prepara o terreno para nossa investigação interventiva ocorre no mesmo período. A Organização Não Governamental Artigo 19<sup>2</sup>,

---

<sup>1</sup> “A I Conferência Nacional de Comunicação (CONFECOM) aconteceu de 14 a 17 de dezembro de 2009, em Brasília. Foi um acontecimento sem precedentes na história do país por tratar-se da primeira oportunidade de realizar ampla discussão em nível nacional sobre os meios de comunicação, no formato de conferência, e, ao mesmo tempo, eleger propostas concretas capazes de nortear a elaboração de leis e de uma política pública para o setor das Comunicações.” (PERUZZO, 2010 p.11)

<sup>2</sup> **A ONG ARTIGO 19** é uma organização não governamental de direitos humanos que trabalha na promoção e defesa da liberdade de expressão e do acesso à informação, fundada no ano de 1987. Atualmente a ARTIGO 19 tem sua sede em Londres, no Reino Unido, e escritórios regionais em Bangladesh, no Brasil, México, Nepal, Quênia e Senegal. (<http://artigo19.org/>).

que desenvolve ações para fortalecer a democratização da comunicação, convida a Rádio Z para participar de uma ação do Projeto “A informação é um direito seu”, que na região sudeste procurou democratizar informações sobre as questões relacionadas às mudanças climáticas em parceria com o Instituto Barca<sup>3</sup>. A expectativa era desenvolver experiência piloto com rádios comunitárias para disseminar informações científicas com uma linguagem popular para uma comunicação mais efetiva junto à população que habita as áreas de risco. Abaixo, matéria publicada no site da Artigo 19 comentando a iniciativa:

Em Mauá (SP) e Recife (PE), a ARTIGO 19 desenvolve com a organização A Barca um plano para que informações de adaptação e mitigação cheguem às populações vulneráveis às mudanças climáticas por meio de rádios comunitárias.

Se de um lado estudos públicos nacionais e internacionais são produzidos com informação qualificada sobre adaptação a mudanças climáticas, de outro, comunidades criam estratégias para se adaptar e mitigar seus efeitos, como deslizamentos, enchentes. No entanto, nenhuma dessas informações circula efetivamente.

O projeto pretende mudar o clima da circulação de informações ambientais ao permitir que testemunhas e refugiados climáticos tenham voz e possam se apropriar da informação científica existente. O projeto está sendo executado pela Rádio Z, em Mauá, e Rádio Comunitária Alto Falante, em Recife. <http://artigo19.org/infoedireitoseu/?p=649>. Acesso em 17/01/2012

Decidimos unificar a ação dos dois convites recebidos, realizando com a comunidade da Área do Chafik o projeto de produção dos programas radiofônicos abordando as questões climáticas encomendados pela Artigo 19. Essa ação teve início em 22 de novembro de 2010 e fim em 09 de julho de 2011. Porém, o fatídico janeiro de 2011 tornou nossa ação imprescindível. Valmir Maia cria no site da rádio a seção “E agora José”, que passa a dar destaque a todos acontecimentos ocorridos na área do Chafik, inaugurada por um editorial transmitido em 25 de janeiro de 2011<sup>4</sup>.

Abaixo, reproduziremos um trecho :

*Eram mais ou menos 7 horas da noite de terça-feira, dia 4 de janeiro. Aqui no estúdio da Z FM ouvi barulhos de helicópteros sobrevoando nosso querido Jardim Zaira. Logo percebi que havia algo diferente no ar, pois eles, os helicópteros, só aparecem por aqui quando perseguem algum ladrão, ou então quando acontece alguma tragédia. É lógico: “caramba”... acordei! Já estava chovendo há alguns dias e como conheço o Zaira, principalmente a área do Chafik, desde criança, na hora caiu a ficha: aconteceu alguma tragédia naquele local!*

<sup>3</sup> **A ONG A Barca** é uma organização com a missão de inovar, de cooperação e empreendedorismo para adaptar a sociedade aos efeitos de eventos de mudanças climáticas. (<http://www.a-barca.org>)

<sup>4</sup> <http://www.radiozfm.org/noicia/29-cidadania/1073-editorial-da-radio-z-fm.html>

*Em seguida o telefone da rádio tocou. Era um amigo, dizendo que o morro desceu e matou duas pessoas: mãe e filho, e que outras duas haviam sido internadas.*

*Realmente mais uma vez os “urubus midiáticos” (os helicópteros dos grandes veículos de comunicação), sobrevoavam a área do Chafik Sadek (área do Macuco), pois surgia mais uma oportunidade de desgraça para abrilhantarem seus jornais sensacionalistas.*

*Antes mesmo de ir até o Macuco para verificar o que acontecia, um raio daqueles que balança a casa toda caiu na rádio queimando transmissor e praticamente todos os outros equipamentos. CHOREI de tristeza, pois sabia que a rádio poderia contribuir naquele momento difícil e então me veio à mente o texto de Carlos Drummond de Andrade, da obra “A rosa do povo”, “José”, também musicado por Paulo Diniz em 1973 com o título “E agora José”.*

De nossa parte decidimos direcionar nossa dissertação de mestrado, que até então tinha foco na questão da inclusão digital, para abordar a problemática a partir de uma pesquisa interventiva. Tomamos as ações para a produção dos programas de rádio e vídeo produzido com a Artigo 19 como fase exploratória para a realização da pesquisa ação, desenvolvida a partir de junho.

A parceria proporcionou a realização de dois programas radiofônicos, dois encontros com moradores e 1 vídeo sobre a experiência<sup>5</sup>. Neste processo, estabelecemos contato com 22 lideranças, organizadas em 6 associações que atuam na área do Chafik: Grupo de Mães, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Católica, Coletivo de Grafite Comunidade Viva, Associação dos Moradores e ADEHAB (Associação para o Desenvolvimento Habitacional do Brasil), além das agentes de saúde e assistentes sociais e equipe da defesa civil que trabalham na área e possuem grande conhecimento da região.



Programa ao vivo com debate dos moradores área Chafik em 18/12/2010

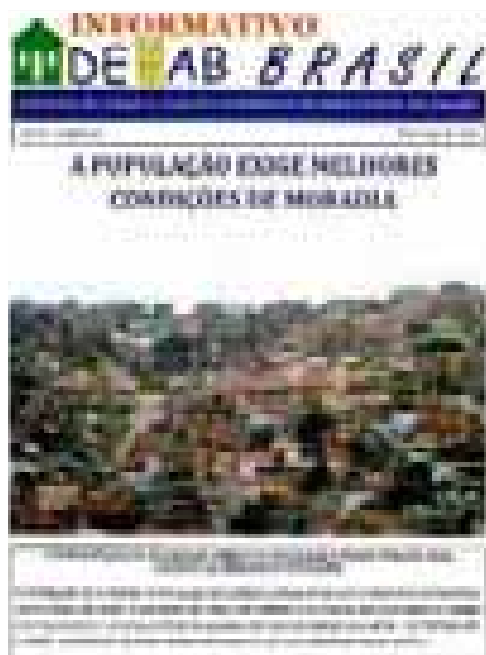


Seminário sobre área de risco com moradores, especialistas e poder público em 09/07/2011

<sup>5</sup> Disponíveis em [www.intermidia.org.br](http://www.intermidia.org.br)

Com esse trabalho identificamos a Associação para o Desenvolvimento Habitacional do Brasil – ADEHAB como organização que reunia condições para estabelecermos parceria no sentido de desenvolver ações comunicacionais, especialmente através do rádio, voltadas à questão da moradia na Área do Chafik. Essas condições estão relacionadas ao trabalho de articulação com todas outras organizações presentes na área, em reuniões mensais com os presidentes das entidades no segundo sábado do mês e encontro com moradores no terceiro sábado. Além disso a entidade, que tem assento no Conselho de Habitação da cidade, organizou uma série de audiências públicas e já esteve em Brasília para pressionar autoridades no processo de regularização fundiária.

Segundo Jovenildo Lopes, fundador e principal liderança, a ADEHAB foi criada em 2006 por um grupo de profissionais da cidade de Mauá que atuava na área da habitação e teve a oportunidade de participar de três Conferências das Cidades nas etapas locais, municipal, estadual e nacional. Após esse período, decidiu fazer “alguma coisa” com todo aquele conhecimento adquirido. Escolheram a Área do Chafik para aplicar o que aprenderam por ser região mais crítica em termos habitacionais.



Boletim ADEHAB de abril de 2009



Boletim ADEHAB junho 2011

Jovenildo Lopes, profundo conhecedor das questões fundiárias, trabalha na Defesa Civil do município e está muito próximo dos problemas cotidianos enfrentados pelos moradores. Atuou profissionalmente como corretor de imóvel, tem uma proximidade com o herdeiro e procurador dos familiares proprietários da área, o advogado Marcos Sadeck.

A maioria dos integrantes desta entidade pertencem ao Partido Social Democrata

Cristão PSDC, mas migraram conjuntamente para o Partido da Democracia Trabalhista - PDT, já se preparando para a disputa eleitoral de 2012. Esse grupo pertence à base de sustentação da administração petista liderada pelo prefeito Oswaldo Dias, o que não significa aproximação ideológica, pois existe grande chance de ocuparem lados opostos nas próximas eleições municipais.

Jovenildo não esconde sua filiação partidária, mas consegue conduzir os trabalhos da ADEHAB de forma ética, criticando as falhas da atual gestão municipal e também reconhecendo os seus méritos. Sua atuação no Conselho de Habitação da cidade é fundamental para a construção de políticas públicas do município. Outra fundadora da entidade que desempenha papel fundamental na associação é Sonia Brito, assistente social concursada da Prefeitura de Santo André, que se dedica voluntariamente aos trabalhos da entidade, que também conta com um grupo de estagiários (não remunerados) de serviço social. Ela até pouco tempo era uma dona de casa sem grandes perspectivas, decidiu retomar os estudos, fazendo Faculdade de Serviço Social na FAMA, estagiou na Secretaria da Habitação, onde conheceu Jovenildo. Seu Trabalho de Conclusão de Curso abordou a questão da moradia na cidade. Ela não possui filiação partidária, porém se identifica mais com o projeto político da atual gestão municipal do Partido dos Trabalhadores, isso também não impede de desenvolver um trabalho bem afinado ao lado de Jovenildo.

## **A intencionalidade**

Dada as condições objetivas e subjetivas apresentadas, nossa intenção busca produzir conhecimentos no campo das ciências sociais aplicadas, principalmente na comunicação social e educação popular, articulando os saberes dos movimentos populares aos da academia. Fundamentadas principalmente no pensamento de Karl Marx, Gramsci, Paulo Freire, Cicilia Peruzzo e Raquel Rolnik, cujas contribuições permitiram construir um arcabouço teórico metodológico para análise das questões abordadas nos capítulos anteriores e que serviram de linha condutora para as escolhas das técnicas para a construção do conhecimento a que nos desafiamos.

Para apreender a dinâmica destas relações adotamos pressupostos da pesquisa participante, percorrendo os caminhos da pesquisa ação sugeridas por Guy Boterf e Michel Thiollent, que se valem da metodologia freiriana para construir suas proposições.

A questão central gira em torno da tomada da consciência de uma realidade desfavorável e a atuação no sentido de superação dos limites colocados. A proposta de Boterf (1987 p.66-68) sugere 4 fases para o processo da pesquisa interventiva. Articulação inicial; Levantamento, análise e tematização; Oficinas e planejamentos; Comunicação, mobilização e

avaliação. Freire (1998, p. 165) desenvolve a Teoria da Ação Dialógica, apontando condições para que um processo interventivo venha ser emancipador. Abordamos o teor desta teoria no primeiro capítulo e aqui iremos retomar os quatro pressupostos definidos como indicadores para avaliar a ação, são eles: Co-laboração; União; Organização; e Síntese Cultural.

Aproximamos a forma sugerida por Boterf com o conteúdo apontado por Freire e construímos um quadro, exposto abaixo que nos serviu como referência metodológico para o planejamento da ação, e agora, nos servirá de referencial para análise do processo vivido:

### Quadro III

Quadro Metodológico	
Processo	Indicadores de ação dialógica
Fase 1: Articulação Inicial Conversa inicial com setores organizados da região Formação da equipe de pesquisadores	Co-laboração Produção coletiva; Horizontalidade; Autonomia; Adesão consciente (engajamento)
Fase 2: Levantamento, análise e tematização Levantamento dos problemas e potenciais Análise das informações levantadas Identificação de temas prioritários	União Análise crítica; Auto-afirmação (identidade), Vínculo Comunitário Solidariedade (sólida unidade)
Fase 3: Oficinas e planejamento Criação de equipe por temas Oficinas técnicas e temáticas Planejamento do processo comunicacional	Organização Planejamento, Divisão de tarefas, Cronograma de ações, Prestação de contas (transparência)
Fase 4: Comunicação, mobilização e avaliação Produção dos programas de rádio Realização de campanhas, eventos, manifestos Seminário de avaliação com toda a comunidade	Síntese Cultural Levantamento da situação (obj/subj), Análise crítica/Ampliação da visão, Troca de saberes com técnicos, Atuação como agente de transformação (superação)

## O início

Embora o processo da pesquisa ação tenha emergido a partir do amadurecimento das relações que convergiram a partir de vários acontecimentos já descritos, consideramos o dia 1º de junho de 2011 como data oficial para o início do projeto. Nesta data, apresentamos Jovenildo Lopes a proposta da investigação interventiva. Ele achou bastante interessante e agendou reunião com os demais integrantes da entidade para o dia seguinte.

Compareceram nesta reunião com os integrantes da ADEHAB Sonia Brito, Jovenildo Lopes, Roque Paulo, Lucilene Petta e Domingos Bragion e o estagiário de serviço social Nilton Lima. Foi apresentada a proposta de pesquisa ação, com o objetivo de produzir programas de rádio abordando as problemáticas dos moradores da área do Chafik, buscando caminhos para a participação, superação dos problemas e favorecendo a visibilidade dos potenciais, a partir do referencial teórico de Paulo Freire, entre outros pensadores.

Após a apresentação da proposta, os presentes manifestaram interesse em se envolver com a pesquisa, mas com restrições quanto à disponibilidade para participação. Negociamos uma agenda em que todos pudessem participar, assumindo o compromisso de realização de doze encontros entre os meses de junho e julho para realizar quatro programas radiofônicos.

#### Quadro IV

<b>Cronograma inicial negociado com os integrantes da ADEHAB</b>	
11/06	Oficina preparatória das entrevistas com moradores - Escolha da região, e preparação do campo.
19/06	Realização da atividade da entrevista com moradores
21/06	Análise dos dados levantados - Definição dos temas a serem aprofundados
23/06	Oficina de produção de programa de rádio - preparatória do primeiro programa
28/06	Realização do primeiro programa de rádio
30/06	Oficina de produção de edição de rádio - preparatória do segundo programa
Julho (datas a serem renegociadas com participantes)	
02/07	Oficina de Operação de Equipamentos de Som - preparatória do terceiro programa
05/07	Realização do terceiro programa de rádio
10/07	Oficina de Mobilização Comunitária - preparatória do quarto programa
12/07	Realização do quarto programa de rádio
19/07	Oficina de Sistematização - preparatória do quinto programa
24/07	Quinto programa (auditório na comunidade) Apresentação e avaliação em debate

O que estava previsto para se encerrar no final do mês de julho de 2011 tem continuidade até pelo menos fevereiro de 2012, época de finalização deste trabalho, isto porque o grupo desejou seguir com a experiência, por avaliar a importância da ação.

### **Preparando a entrevista com os moradores**

Em onze de junho do ano de 2011 realizamos o primeiro encontro, cujo objetivo era preparar a entrevista com moradores. Compareceram 13 pessoas, os integrantes da ADEHAB Sonia, Lucilene, Roque Ronaldo e Domingos e os estagiários de serviço social: Douglas, Nilton, Ana Maria, Cida, Josefa, Samira, Amanda e Paula.

A programação do dia foi preparada com o seguinte planejamento:

**Comunicação Comunitária e Direito à Moradia:  
A experiência de mobilização da Rádio Z FM com os moradores do Chafik**

**1º Encontro –Preparando o Campo**

11/06/2011 – das 9h30 às 17h

**Objetivo do dia:**

- Compartilhar o conhecimento prévio sobre a região
- Apropriar-se de técnicas de pesquisa
- Planejar a entrevista com moradores que será realizada para conhecer melhor a região
- Iniciar reflexão sobre o papel da comunicação comunitária

**Programação**

- Apresentação descontraída: – Bingo (Entrevista entre os participantes)
- Apresentação da proposta da oficina de pesquisa
- Exibição de trecho do filme Narradores de Javé
- Debate: Quais as semelhanças e diferença da realidade de Javé com a Área do Chafik?
- Construção do mapa da área do Chafik com indicação dos potenciais, dos problemas de cada região.

**Intervalo**

- Leitura texto Preparando o campo
- Grupo ou duplas para debater:
  - 1.O que mais precisamos saber para conhecermos melhor a região?
  2. Que região podemos começar?
  3. Que pessoas queremos entrevistar?
  4. Que perguntas podemos fazer?
  5. Como podemos registrar as entrevistas?
- Plenária:
- Definição da atividade de campo a ser realizada em 19/06

**Avaliação da atividade**

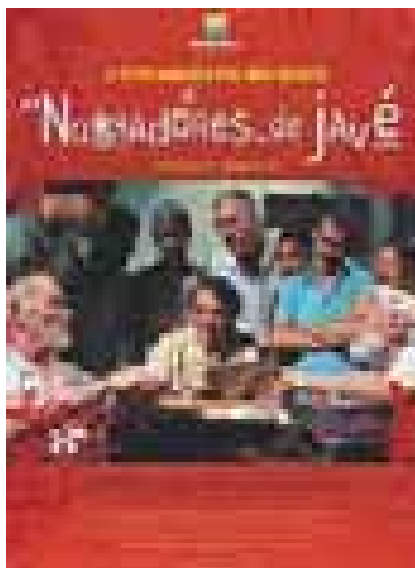
Iniciamos as apresentações pedindo para que cada participante entrevistasse quatro pessoas. Finalizada as entrevistas, a dinâmica se transformava em uma brincadeira de bingo, em que cada um recebeu um número e, na medida em chamávamos os números, o participante sorteado era apresentado pelos colegas que o entrevistaram, marcando pontos em sua “cartela”. Fazia “bingo” quem tivesse entrevistado as pessoas que fossem chamadas primeiro.

Após essa descontraída dinâmica, realizamos reflexão sobre o a entrevista. O grupo apontou a dificuldade em realizá-las sem um roteiro prévio, sobre a importância de selecionar as perguntas, a diferença entre ouvir e escutar as respostas e a possibilidade de reconhecer o potencial humano.

Ressaltamos o caráter dialógico de uma entrevista dentro de uma proposta de pesquisa participativa e de comunicação comunitária, diferenciando-a das abordagens realizada pelos institutos de pesquisa para fins estatísticos e daquelas feitas pelos meios de comunicação comerciais, para fins de obtenção de audiência, em que as informações são mais importantes que o sujeito. Enfatizamos que o diferencial entre uma entrevista dialógica para uma tradicional reside na

busca de construção de vínculos na relação entrevistado-entrevistador e no compromisso da devolutiva dos resultados apurados com quem contribuiu com o processo.

Após essa reflexão assistimos a trechos do filme *Narradores de Javé*, da diretora Eliane Caffé, que retrata o dilema dos moradores de Javé que terão num futuro próximo seu povoado alagado devido à instalação de uma barragem.



Capa do filme *Narradores de Javé* de Eliane Caffé

Selecionamos o trecho em que os moradores, em assembleia, debatem a situação e possíveis soluções. Eles decidem coletivamente escrever a história da região para demonstrar o seu valor histórico e com isso evitar o seu desaparecimento. Com essa estratégia encontram outro problema, ninguém no povoado sabe escrever e por isso decidem trazer o antigo morador que fora expulso da comunidade. Antonio Biá era o nome deste personagem, representado pelo ator José Dumont, que tem o desafio de registrar o depoimento dos moradores sobre suas memórias da época da formação do vilarejo.

Após a exibição do vídeo realizamos reflexão sobre as semelhanças e diferenças de Javé e da Área do Chafik. Obtivemos do grupo os seguintes comentários:

**Semelhanças:**

- A importância da documentação
- Falta de cultura e ignorância
- Importância de se valorizar a história
- Presença de lideranças
- Diferentes interesses
- Falta de conhecimento científico
- Não conhecem a origem dos problemas

**Diferenças:**

- Isolamento
- Moradores do Chafik não reconhecem sua importância
- No filme eles eram proprietários natos
- Não havia interferência partidária no filme
- A maioria no Chafik é alfabetizada

Após reflexão e intervalo, realizamos a leitura de texto Preparando o Campo<sup>6</sup>, que trata dos tipos de pesquisa, construção coletiva de questionários, tipos de perguntas, abordagens, postura e precauções.

Em seguida, perguntamos aos presentes qual região da área do Chafik gostariam de conhecer melhor. O grupo identificou 5 sub áreas: Morro do Macuco, Morro da Torre, Caixa d'água (Zaira 5), Morro do Sabão, Nascente (Próximo Beto Leiteiro e Sanfoneiro). Perguntado ao grupo qual área das 5 regiões gostariam de conhecer melhor os participantes ocorreram as seguintes manifestações:

**Sonia:** Rua da feira, porque existe um grande potencial para realizarmos trabalhos.

**Roque:** Próximo à casa do Beto Leiteiro, pois nas últimas chuvas ocorreram verdadeiros *tsunamis*, com deslizamentos de pedras grandes.

**Ronaldo:** A área entre as Ruas Lírio da Paz até a Silvio Name, (Morro do Sabão), área de alto risco.

**Lucilene, Cida, Ana e Josefa:** afirmam que gostariam de conhecer mais de perto a realidade do morro do sabão.

**Douglas** e outros participantes dizem que não terem base para fazer uma escolha.

Chegou-se a um consenso que o trabalho de campo de 18/06/2011 será feito no Morro do Sabão, que está situado na divisa entre a cidade de Mauá e o distrito de São Rafael, Zona Leste da cidade de São Paulo.

Após a decisão, foi pedido ao grupo para desenhar um mapa da região escolhida. Abaixo, fotografia da representação do local feita pelo grupo:

---

<sup>6</sup>. Adaptação do texto Pesquisa II do Livro "Metodologia para formação de jovens pesquisadores", publicado pelo projeto Casulo e disponível em <http://www.projetocasulo.org.br/download/Metodologia-para-formacao-de-Jovens-Pesquisadores.pdf>. (Anexo 8)



Grupo produzindo mapa coletivo da esquerda para direita: Luciene, Nilton, Roque, Sonia, Josefa e Amanda



Representando a região do “Morro do Sabão” - Área do Chafik – Jd Zaíra – Mauá. Mapa coletivo construído pelos participantes do Encontro Preparando o Campo, de 11/06/2011.



Mapa da região conhecida como Morro do Sabão pesquisada pela equipe da pesquisa-ação em 19/06/2011

Ronaldo Melo<sup>7</sup>, morador, conhece bem a realidade da região faz a seguinte observação sobre o Morro do Sabão: “Ali está na iminência de se repetir as mortes que aconteceram no Macuco, existe um isolamento dos moradores e grande dificuldade de locomoção”, complementado por Roque Paulo<sup>8</sup>: “Ali é mata nativa, não deveria ser habitado, a única saída é uma política pública para remoção dos moradores para um outro lugar.”

Essa afirmação de Roque nos deixou bastante apreensivos, pois seria muito complicado iniciar um trabalho com os moradores se a única perspectiva de superação dos problemas fosse a desocupação, uma vez que esta postura certamente criaria uma relação conflituosa com os moradores, mas como o trabalho ainda estava no início, apostamos que a pesquisa exploratória da região iria apontar outros horizontes.

A próxima etapa da atividade deu início ao processo para a construção do questionário;. Apresentamos ao grupo a seguinte questão: o que queremos saber sobre a região? Obtivemos as seguintes contribuições: Quem são essas famílias? Qual a identidade e história de vida? Quais as dificuldades que enfrentam? O que fariam em caso de remoção? Quais as necessidades? Como é o lugar que gostariam de morar? Quem é o responsável pelas obras na região? Quais pessoas você identifica como liderança na região?

<sup>7</sup> Ronaldo Melo é morador da área e desenvolve um trabalho como liderança muito valorizado pelos moradores, é fundador da Associação dos Sem Tetos do Município de Mauá, e pré-candidato a vereador pelo Partido Democrata Trabalhista, PDT.

<sup>8</sup> Roque Paulo é amigo de Jovenildo Lopes e um dos co-fundadores da ADEHAB. Praticante de budismo, dedica grande parte de seu tempo a promover a organização desta instituição religiosa na região do ABC.

Como não conseguimos finalizar a atividade neste dia, demos continuidade ao trabalho em 16/06/2011. Contamos com a presença de Josefa, Douglas, Sonia, Amanda e Roque. Com as pistas levantadas pelo grupo, definimos três objetivos para esta investigação exploratória da região do Morro do Sabão: identificar lugares e pessoas-chave para a mobilização social, identificar tendências e resistências a uma ação de mobilização social e sondar interesses para a programação de programa de rádio. Com essas definições, construímos o questionário que segue :

The image shows a questionnaire form with several sections. The text is mostly illegible due to blurring, but the structure is clear. It includes sections for identifying key places and people, and sections for identifying trends and resistances to social mobilization actions. There are multiple checkboxes and text input fields throughout the form. At the bottom of the form, there are logos for 'Rádio do Sabão' and 'Associação'.

Questionário construído pelos participantes do encontro Preparando Campo em 18/06/2011

Em um círculo de mãos dadas, iniciamos o processo de finalização da atividade, solicitando que os participantes expressassem em uma palavra como estavam se sentido frente aos desafios futuros. Os comentários foram: euforia, responsabilidade, quebra de preconceitos (que acontecerá após campo), desafio, desejo de ir a campo, incerteza quanto ao que fazer depois.

Neste primeiro momento foi possível perceber um grupo com uma maioria de pessoas maduras e experientes, interessadas em intensificar seu envolvimento com as questões de moradia da Área do Chafik, mesmo daqueles que não eram moradores. Mas do ponto de vista do coletivo, o

grupo não possui grande proximidade, nem experiência em realização de atividades em equipe. A diferenciação entre integrantes da ADEHAB e estagiários se mostrou como uma possibilidade de conflitos no futuro.

## **Envolvendo as lideranças**

Um dia antes, em 18/06/2011, aconteceu a reunião da ADEHAB com os representantes das associações que atuam na Área do Chafik. Estavam presentes Bernadino, da Associação Zaira do Alto; Jorge, proprietário de mercearia na região do Macuco, Sanfoneiro, da Associação de Moradores em Defesa da Moradia da Área do Chafik; e pela ADEHAB, Jovenildo e seu filho Rodrigo, vice-presidente da ADEHAB; Roque; a estagiária Josefa; e Soares, assessor do vereador Rogério Santana, representando a comissão da parlamentar que acompanha os assuntos da Área do Chafik.

Foi apresentada a proposta da pesquisa-ação, que pretende realizar parceria entre a Rádio Z e o Movimento de Moradia, compartilhado o que já foi feito até a presente data e realizado convite para os presentes comparecerem na atividade do dia seguinte, 19/06/2011, para realizar a entrevista com moradores.

Os participantes manifestaram interesse pelo projeto. Soares afirmou a importância das rádios comunitárias e comentou que, no passado, desenvolveu um trabalho com a Oboré, Organização Não Governamental da cidade de São Paulo que apoia rádios comunitárias. Jovenildo finalizou esse ponto da pauta com a seguinte afirmação: “Esse projeto é muito bom para a rádio, mas para nós é ainda melhor. Nunca buscamos uma aproximação com a rádio porque não saberíamos o que fazer com o espaço”.

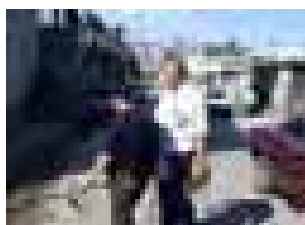
## **Em Campo**

No dia seguinte contamos com 9 pessoas que participaram da preparação do campo, mais Galdino, da Associação dos Sem Teto de Mauá; Arthur, estudante de Serviço Social; e Valmir Maia, que iria fazer a cobertura jornalística da atividade para depois noticiá-la na rádio. Após tomar contato com a proposta do dia, Galdino preferiu não ir a campo e se retirou. Desta forma a divisão das equipes ficou da seguinte maneira: Rua Caminho do Sol: Lucilene e Douglas; Viela Piauí: Nilton e Paula; Av. Cidade de Mauá: Arthur e Ana; Rua Silvio Namem: Roque e Ronaldo; e Viela Maesk: Josefa e Jovenildo.

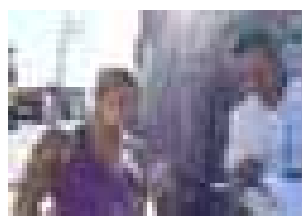


Equipe que realizou entrevista com moradores em 19/062011. Da esquerda para direita: Ronaldo Melo, Douglas Carvalho, Ana Venturini, Lucilene Petta, Arthur Monteiro, Josefa Moreira, Raquel Quintino, Valmir Maia, Roque Paulo, Paula Carneiro e Nilton Oliveira.

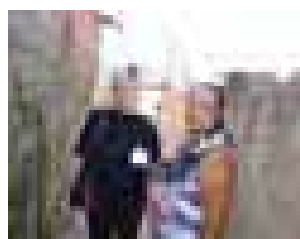
Definimos que cada equipe deveria aplicar uma média de 10 questionários e encerrar às 13h. No campo tudo correu conforme planejamos. Na Rua Silvio Namem foram aplicados 9 questionários; na Viela Piauí, 13; na Rua Caminho do Sol, 6; na Viela Maesk, 6; e na Av. Cidade de Mauá, 10, totalizando 44 questionários.



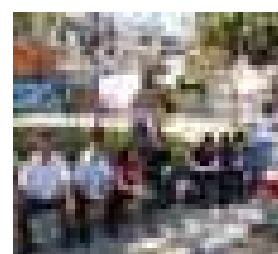
Jovenildo e Josefa  
Viela Maesk



Roque e moradora  
R. Silvio Namem



Josefa e moradora  
Viela Maesk



Equipe no final dos  
trabalhos

## A Tabulação dos dados

Após a realização da entrevista com moradores iniciamos o processo de tabulação e análise das informações apuradas. No dia 21/06/2011, realizamos encontro para avaliar a experiência de campo. Estiveram presentes Douglas, Ana, Jovenildo, Josefa, Nildo, Roque, Lucilene e Sonia. A atividade aconteceu na Rádio Z para utilizarmos seus computadores e internet. Algumas pessoas estavam conhecendo pela primeira vez o estúdio e ficaram muito empolgadas.

Realizamos uma tabulação coletiva em que cada dupla alimentava planilha de dado online. Abaixo imagem dos grupos na atividade de tabulação dos questionários:



Encontro para tabulação coletiva dos dados em 21/06  
Da esq. para dir.: Lucilene, Sonia, Nilton e Roque



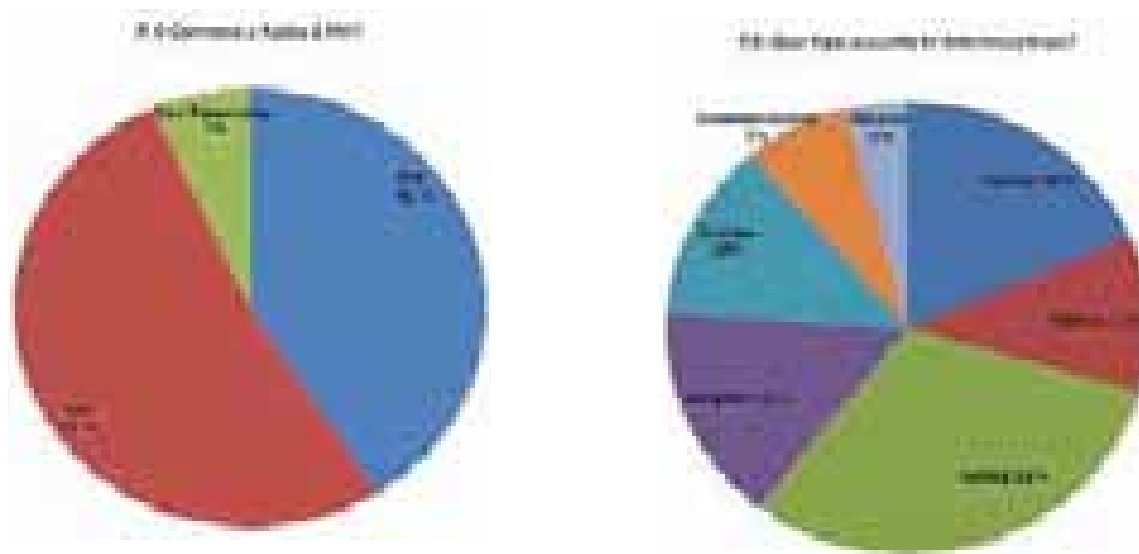
Douglas e Ana Maria

Enfatizamos que tal pesquisa teve como objetivo construir um diagnóstico inicial e buscava informações quantitativas, por isso não adotamos as técnicas para definição de amostragem e universo. Criamos uma grade para garantir que pessoas de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias fossem escutadas. A tabulação de algumas perguntas fechadas nos serviram de parâmetro para conhecer melhor esta população. Conforme já comentamos construímos com o grupo três objetivos para a pesquisa: identificar lugares e pessoas-chave para a continuidade do trabalho, identificar tendências e resistências e sondar o interesse para a programação de rádio. Esses objetivos foram subsidiados na proposição de Thiollent (1985 p. 458): “Trata-se de detectar apoios e resistências, convergências e divergências, posições otimistas e céticas, etc. Com o balanço destes aspectos, o estudo de viabilidade permite aos pesquisadores tomarem a decisão e aceitarem o desafio da pesquisa (ação) sem criar falsas expectativas”.

## Os Resultados

Para o primeiro bloco da entrevista<sup>9</sup> escolhemos perguntas mais amenas, a fim de estabelecer uma relação de diálogo sem resistências ou desconfiças por parte do entrevistado, demarcar que os entrevistadores não possuíam vínculos com o poder público ou partidos políticos, perguntando sobre a rádio e gosto musical, o que despertavam o interesse das pessoas abordadas.

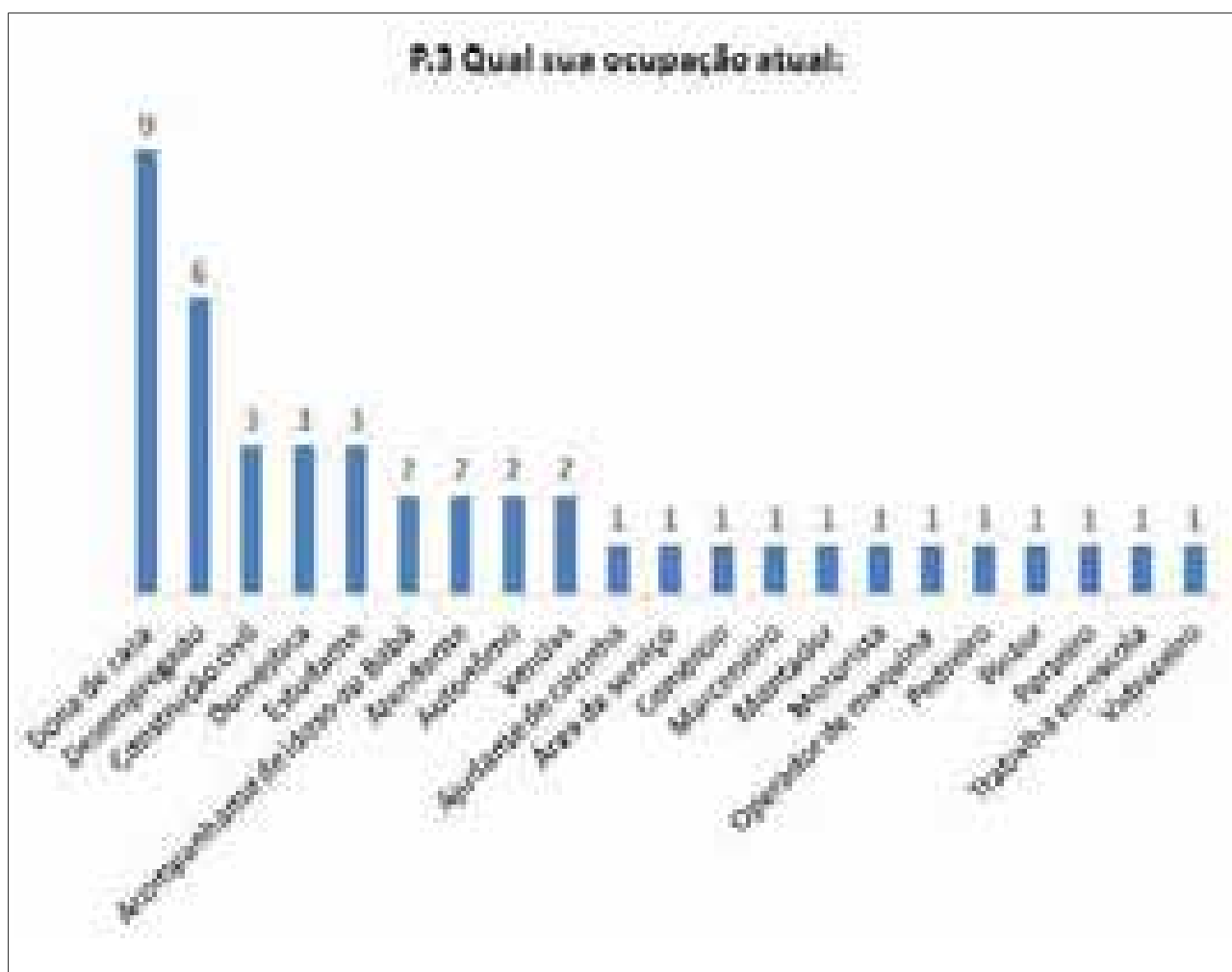
<sup>9</sup> Resultado da pesquisa na íntegra no( Anexo 9)



A primeira pergunta sobre o conhecimento da existência da rádio demonstrou um cenário equilibrado, já que 52% dos entrevistados não conheciam a emissora e 41% já haviam tomado conhecimento. Os 4% que não responderam estão relacionado ao fato de a pergunta ter sido incorporada ao questionário como errata, devido a um erro de digitação, e muitos pesquisadores esqueciam de aplicá-las. Isso demonstra que a rádio tem um grande potencial de ampliação de sua audiência nos lugares em que sua frequência é sintonizada com qualidade, podendo investir em divulgação nesta região.

A segunda questão demonstra que o assunto de maior interesse do público foi o relacionados à saúde, com 31%. Não existe na grade da rádio um programa dedicado ao tema, embora os 18% que preferem assunto de esporte e os 16% de religião sejam contemplados com programas específicos na grade da Z FM. A pesquisa também revelou que 27% gostam de música sertaneja, 21% de pagode e 18% de forró. Nesse ponto a é possível afirmar que a Rádio Z possui uma programação musical alinhada com o interesse do público entrevistado.

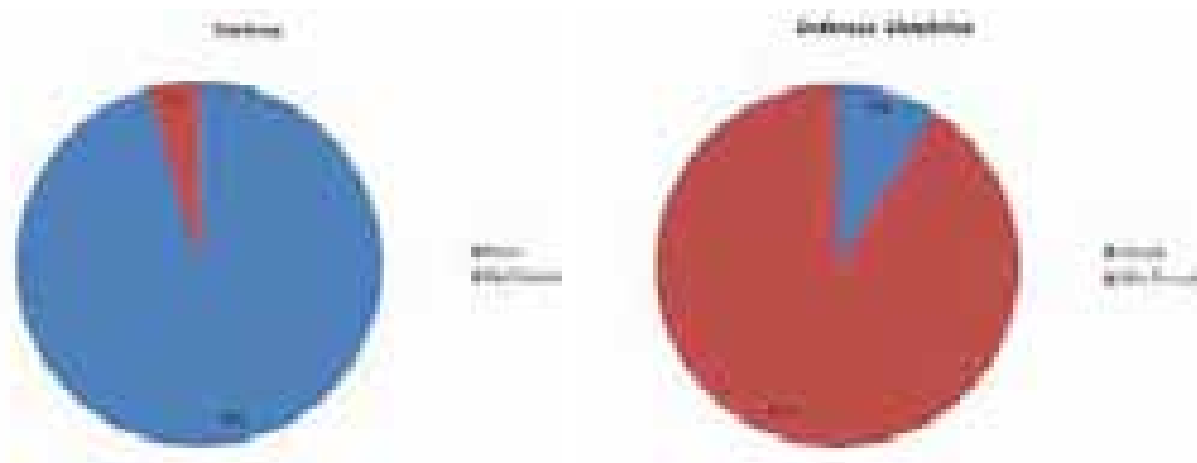
O próximo bloco de perguntas tinha como objetivo caracterizar o entrevistado:



Podemos observar que a grande maioria dos moradores da região não são economicamente ativos, uma vez que 9% dos entrevistados se identificaram como donas de casa, 6% como desempregados e 3% como estudantes. Com essa informação podemos constatar que 18% dos entrevistados permanecem na região a maior parte do tempo. Entre os economicamente ativos todos são prestadores de serviço e a maioria, autônoma, atuando como vendedores, pintores e pedreiros.

A quarta questão reforça mais uma vez que a maioria dos entrevistados permanece muito tempo em suas casas, quando responde que utiliza as horas vagas pra cuidar da casa, cuidar da família, ler, assistir TV, dormir. A igreja se mostrou o principal local que os respondentes frequentam em suas horas vagas.



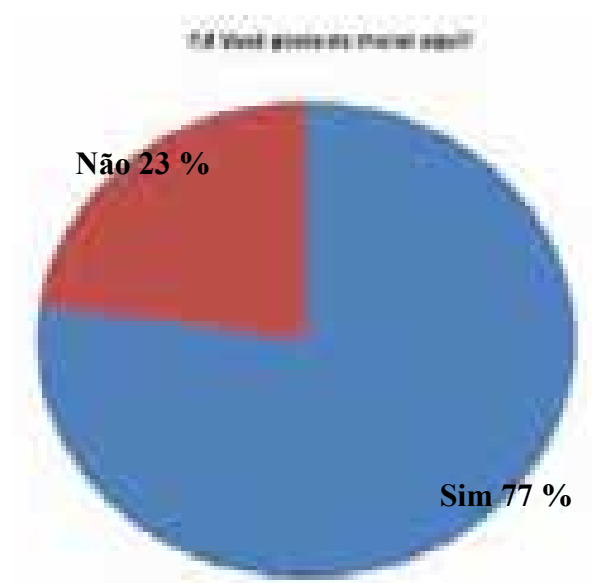


Um parêntese para comentar que o município de Mauá conta apenas com três centros públicos para acesso à internet. Um coordenado pela secretaria de governo no centro da cidade, um na Câmara Municipal e um no Jardim Zaíra, administrado pelo Acessa São Paulo, do governo do estado. Esse fato reforça ainda mais o papel do rádio como veículo de informação local.

O próximo bloco de perguntas é o principal de nossa investigação por tratar das questões da moradia. Aqui, tão importante quanto as respostas obtidas, é provocação causada pela natureza das perguntas, pois colocam o entrevistado em situação de reflexão de sua própria condição. Ao se criar condições para que este analise, elabore e pronuncie como vislumbra sua realidade, ele é desafiado a posicionar-se sobre ela, não significando que, num primeiro momento, tome a decisão de agir, mas certamente nunca o fará sem esse momento essencial.

Thiollent (1980 p.64) resgata o papel estratégico que as perguntas podem cumprir: “A formulação das perguntas oferece às pessoas interrogadas a possibilidade ou mesmo a necessidade de raciocinar para que seja captada uma informação relevante [...] o questionamento consiste em convidar os respondentes, individual ou coletivamente, a fazerem um balanço ou uma comparação entre elementos da (sua) situação e das de outras classes ou grupos.”

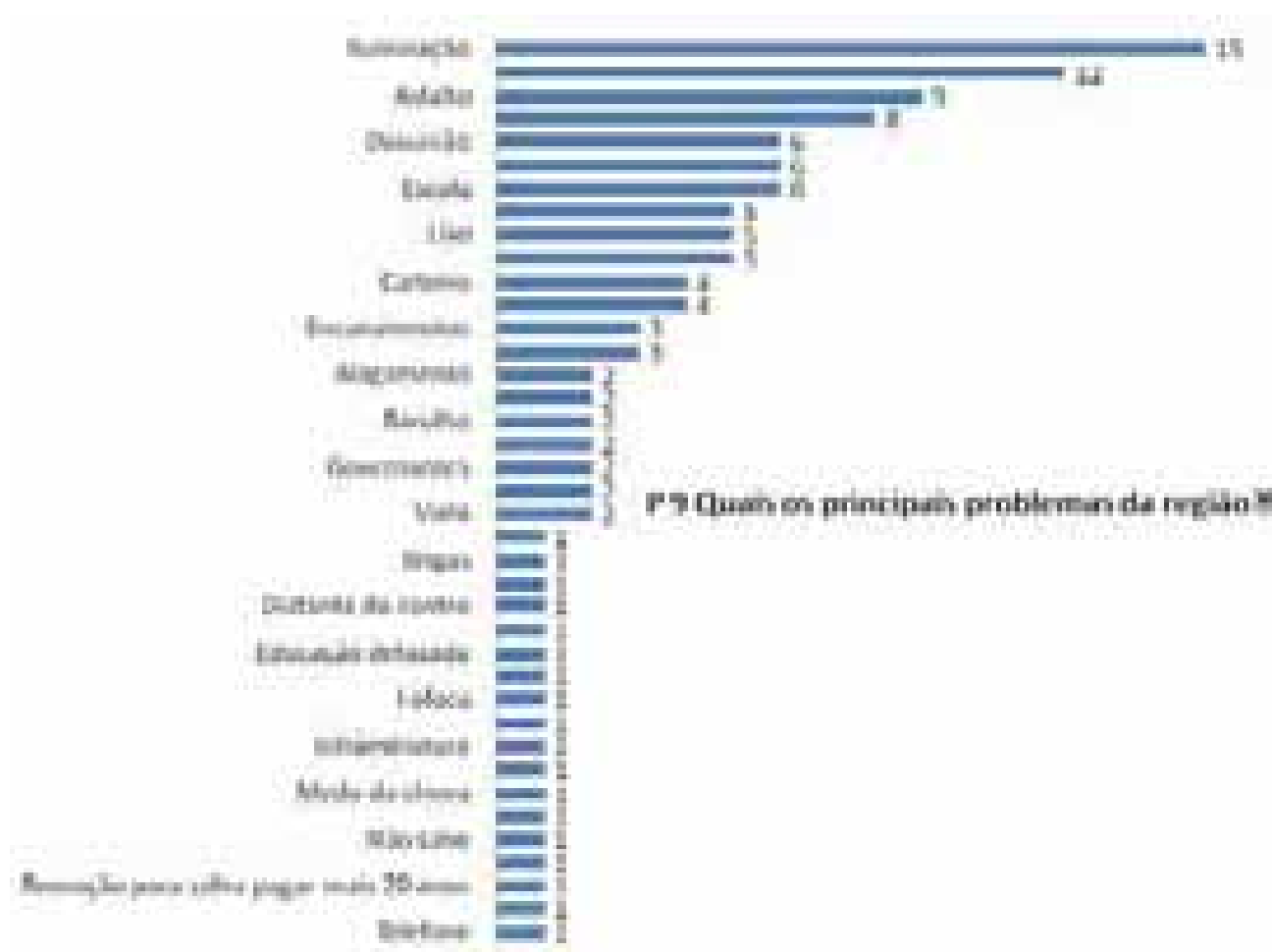
Abaixo é possível observar que 77% dos respondentes afirmam gostar do lugar em que moram, mas se cruzarmos a pergunta n. 11, “O que tem de bom próximo a sua casa”, podemos perceber que respostas mais frequentes como “sossego”, “vizinhança”, “amizade” e “solidariedade” indicam que as relações comunitárias são valorizadas pelos entrevistados, uma vez que existe grande ausência de serviços públicos na região, reforçada pela resposta que aparece em segundo lugar: “nada”.



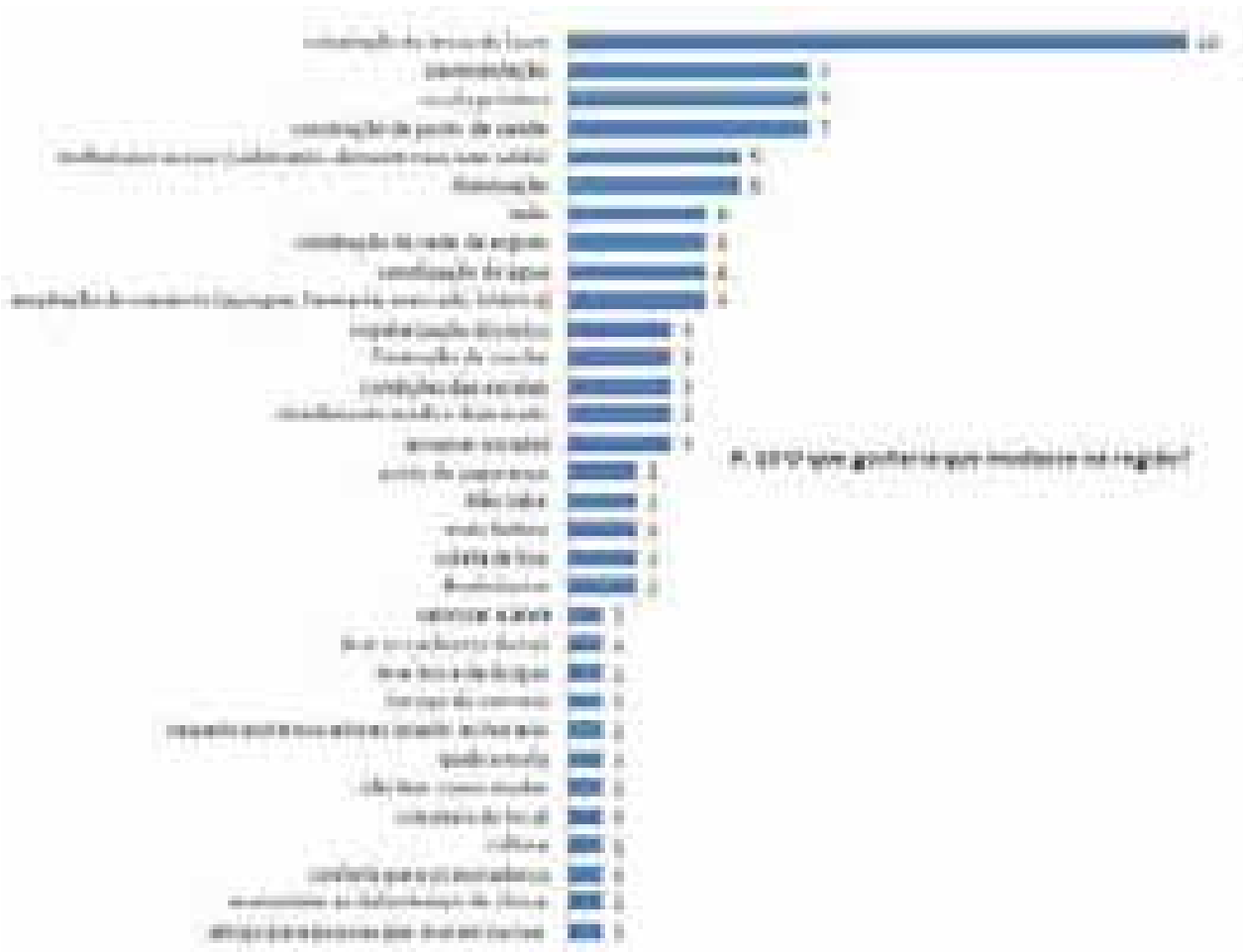
Numa primeira análise podemos até pensar que se trata de uma incoerência a maioria dos entrevistados afirmar gostar de um lugar sem conseguir identificar concretamente nada que justifique esse sentimento para além das pessoas. Porém, isso pode ser explicado pelo fato de que a afirmação de não gostar de uma situação a que está submetido cria um sentimento de que é preciso fazer alguma coisa, enquanto a afirmação de que está tudo bem não exige uma atitude, tentando camuflar e, ao mesmo tempo, reforçando sua postura comodista.

Um outro prisma de análise para essa resposta reside no fato da existência contraditória e genuína do sentimento de amor ao local onde vive, ainda que este não lhe ofereça as condições mínimas de dignidade. Os vínculos com quem se convive permitem estender esse afeto ao lugar. Essa afirmação é reforçada pelas informações contidas na questão número 5, que dá conta de que a grande maioria dos moradores está na mesma casa há mais de 10 anos, e segundo a questão número seis, muitos nasceram ali ou moravam nas redondezas.

As questões complementares 9 e 10 são fundamentais por provocar no entrevistado a elaboração do que o incomoda e do que gostaria que fosse diferente. Quando se fala em problemas na questão 9, a iluminação pública aparece em primeiro lugar. Quando se pergunta, na questão 10, "o que gostaria que mudasse", a resposta recai sobre áreas de lazer, algo como "o asfalto é urgente, mas numa condição hipotética, quase de sonho, o lazer poderia estar presente aqui".



Além do asfalto, a escola é a resposta que aparece com grande frequência. Isto porque, na realidade local, ambos estão entrelaçados, pois se as crianças e alguns adultos precisam ir à escola todos os dias, enfrentando 3 quilômetros de caminhada. Nos dias de chuva isso não é possível devido à quantidade de lama.



Encerrando os blocos de perguntas fechadas, as perguntas abertas representam a principal fonte de informação para as etapas que seguem, pois identificam lideranças, prestadores de serviço, talentos e moradores antigos:

Vida Flui					
Área	Objetivo	Atividade	Indicador	Responsável	Prazo
Recursos Humanos	Identificar talentos e líderes	Entrevistas individuais	Qualidade das respostas	Equipe de RH	30 dias
Clientes	Identificar prestadores de serviço	Entrevistas com prestadores	Satisfação dos prestadores	Equipe de Atendimento	30 dias
Residentes	Identificar moradores antigos	Entrevistas com moradores	Qualidade das informações	Equipe de Gestão de Residência	30 dias
Processos	Identificar pontos de melhoria	Entrevistas com colaboradores	Identificação de gargalos	Equipe de Gestão de Processos	30 dias
Tecnologia	Identificar necessidades tecnológicas	Entrevistas com usuários	Satisfação com tecnologia	Equipe de TI	30 dias
Segurança	Identificar riscos de segurança	Entrevistas com gestores	Identificação de vulnerabilidades	Equipe de Segurança	30 dias
Compliance	Identificar áreas de risco de compliance	Entrevistas com gestores	Identificação de pontos de atenção	Equipe de Compliance	30 dias
Ética	Identificar casos de ética	Entrevistas com colaboradores	Identificação de casos de ética	Equipe de Ética	30 dias
Privacidade	Identificar riscos de privacidade	Entrevistas com gestores	Identificação de pontos de atenção	Equipe de Privacidade	30 dias
Segurança da Informação	Identificar riscos de segurança da informação	Entrevistas com gestores	Identificação de vulnerabilidades	Equipe de Segurança da Informação	30 dias



Com a conclusão da tabulação iniciamos a análise dos dados. A primeira pergunta para aquecimento do grupo foi “O que observei?”. Os participantes fizeram os seguintes comentários:

**Jovenildo:** As pessoas gostam da onde moram, estão necessitadas, são trabalhadoras, nos receberam muito bem, a solidariedade é grande e não querem muita coisa.

**Lucilene:** As pessoas são receosas, desconfiadas, desacreditadas e se conhecem pouco.

**Douglas:** Elas gostam do lugar, mas não conseguem identificar o porquê..

**Josefa:** O maior problema é de infraestrutura, mas eles já estão acostumados, mesmo em frente a um buraco, não identificam como problema.

**Nilton:** Mostram falta de vontade em participar. Não têm medo da violência, mas sim de desmoroamento. Não conseguiram identificar coisas boas onde moram, só o sossego.

**Ronaldo:** Eles mesmos conseguiram mudar a Silvio Namem ao cimentarem a rua no lugar do asfalto.

A segunda pergunta ao grupo foi: “O que aprendi?” Abaixo, a manifestação do grupo:

**Nilton:** Aprendi como se escolhe uma área, com selecionar perguntas, como conversar com entrevistados. Aprendi com as pessoas, ficamos mais humildes em ver a situação daquelas pessoas.

**Douglas:** Assumir a própria ignorância, se colocar em pé de igualdade.

**Josefa:** Com eles aprendi a ser mais humilde.

**Jovenildo:** A gente imagina, mas eles têm o domínio do que é bom para eles. Preciso aprender muito.

**Lucilene:** Eles sentem necessidade de falar, mas não estão preparados, a regularização nem apareceu.

**Ronaldo:** Aprendi que temos que ouvir porque o que pensamos não é o que eles pensam.

**Sonia:** As respostas foram além do que esperávamos, outras reivindicações surgiram, a prioridade deles não é a nossa.

**Nilton:** Eles gostam de sossego e a regularização pode tirar o sossego, pois não dá para regularizar do jeito que está lá.

**Jovenildo:** Aprendemos bastante a entender como eles pensam, ajuda na hora de planejarmos a ação. Temos que olhar para questão do lazer, quem sabe fazer um

cinema itinerante.

**Roque:** Aprendemos a interagir e saber mais do desejo das pessoas.

Esses aspectos concretos, imediatos e cotidianos, geraram um certo sentimento de reprovação por parte dos integrantes da ADEHAB, pois existia uma expectativa de que os moradores tinham a regularização fundiária como primeira questão a ser reivindicada, pois na visão dos integrantes da entidade, enquanto a regularização não acontecer, nenhuma outra melhoria acontecerá. Porém, perceberam que existem outras estratégias de mobilização para atingir o morador de outras formas além das que vinham trabalhando.

Ideias do grupo para devolutivas:

- Convidar as pessoas citadas para um seminário, contando a história do bairro e reforçando seu peso político.
- Entrevistar as pessoas mais antigas.

A entrevista com os moradores representou uma importante etapa da metodologia pois propõe um início de trabalho na comunidade, utilizando ferramentas acadêmicas e, dessa forma, demonstrando a importância dos dois saberes articulados e da necessidade de ir até o lugar que o morador está para dialogar com ele, observar seu universo, tentar compreender seu ponto de vista e provocá-lo a refletir sobre sua condição.

O processo de tabulação provocou a utilização de organização de dados estatísticos, de utilização de ferramentas computacionais colaborativas, além do exercício da análise e generalizações, ampliando a visão de mundo dos participantes e possibilitando a escuta, o diálogo e a construção de vínculos que podem ou não serem fortalecidos no futuro.

Os dados levantados subsidiaram o planejamento dos programas de rádio que serão tratados no próximo capítulo.

## Capítulo VI

### AS VOZES DO OUTRO LADO DA CIDADE

Este capítulo pretende descrever e analisar os processos políticos e comunicativos implicados na realização de pesquisa-ação, que buscou colaborar com os protagonistas do movimento de moradia a se apropriar de espaço em rádio comunitária, no sentido de ampliar a voz dos moradores, divulgar as ações do movimento organizado, construir canais de comunicação com as autoridades e especialistas e valorizar os talentos locais e as crianças da região.

A proposta de pesquisa-ação surge como desdobramento do envolvimento da autora com os movimentos populares do Jardim Zaira e envolveu a mobilização de atores ligados ao movimento de moradia em torno da organização de um grupo que assumisse o planejamento, a produção e a difusão de um programa de rádio como forma de ocupar espaço na Rádio Z FM, cedido pela direção da mesma, além da participação direta em atividades em prol da solução do problema habitacional da área. Quanto à rádio, o resultado foi a produção coletiva de 20 programas desenvolvidos pelos integrantes da Associação pelo Desenvolvimento da Habitação do Brasil - ADEHAB, com a colaboração da Rádio Z FM. Os programas foram transmitidos nas manhãs de sábado, entre 16 de julho a 17 de dezembro de 2011, com o envolvimento de cerca de 20 pessoas que formaram a Equipe de Repórteres Comunitários Z.

As 20 edições do programa abordaram os problemas e possibilidades enfrentados pelos moradores da área do Chafik, com quatro blocos com cerca de 15 minutos, seguidos de música relacionadas aos assuntos abordados. Abaixo, a proposta de cada bloco:

***História de Luta:*** entrevistas das lideranças e moradores antigos da área.

***Expressão Criança:*** bate-papo entre as crianças da região sobre seu cotidiano.

***Talentos:*** entrevistas dos produtores de arte e cultura.

***Regularização Fundiária:*** entrevista com especialistas.

***Informes:*** divulga as oportunidades acessíveis aos moradores.



Logotipo do programa

## Oficina: produção de programa de rádio

Como parte da investida direta no campo, propusemos a realização de um momento formativo, que o grupo concordou em participar. Esta formação aconteceu no dia 02 de julho de 2011, na sede da Rádio Z FM, no Jardim Zaíra.

Estiveram presentes Domingos Bragion, técnico em eletrônica, colaborador da ADEHAB; Sônia Brito, assistente social, co-fundadora da ADEHAB; Ronaldo Melo, liderança comunitária, coordenador da Associação dos Sem Tetos de Mauá e estudante de Direito; Josefa Moreira, estudante de Serviço Social e estagiária da ADEHAB; Jovenildo Lopes, que atua na Defesa Civil do município e é coordenador da ADEHAB; Cida Dias, estudante de Serviço Social e estagiária da ADEHAB; Roque Paulo, que trabalha com transporte de carretos e é co-fundador da ADEHAB; Raquel Quintino, socióloga e mestranda em Comunicação Social; e Valmir Maia, coordenador da Rádio Z FM.

A programação do dia teve o seguinte planejamento:

<p><b><u>OFICINA: PRODUÇÃO DE PROGRAMA DE RÁDIO-02/07/2011</u></b></p> <p><b>Objetivo do dia:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apropriar-se dos processos comunicacionais necessários para produção de programas radiofônicos de caráter comunitário</li> <li>• Definir o formato do programa de rádio a ser produzido</li> <li>• Construir coletivamente a pauta e o roteiro para o programa radiofônico</li> <li>• Definir cronograma e dividir tarefas para a produção do programa</li> </ul> <p><b>Programação:</b></p> <p><b>9h30 às 10h30</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação descontraída: – Roda em movimento</li> <li>• Apresentação da proposta da oficina de pesquisa</li> <li>• Exibição do vídeo sobre a Rádio Z FM</li> <li>• Debate: História e os desafios da Rádio Z FM – Valmir Maia</li> </ul> <p><b>10h30 às 11h</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Audição das músicas Pedro Pedreiro (Chico Buarque) e Zé do Caroco (Leci Brandão)</li> <li>• Leitura de trechos do Caderno de Comunicação Comunitária</li> </ul> <p><b>Intervalo</b></p> <p><b>11h15 às 12h</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo ou duplas para debater:           <ul style="list-style-type: none"> <li><b>Com base na pesquisa exploratória que realizamos:</b></li> <li>1. Por que realizarmos programas de rádio com aquela população?</li> <li>2. O que esse programa deve abordar?</li> <li>3. Como pode ser o formato do programa?</li> <li>4. Com quem podemos contar para realizar o programa?</li> <li>5. Quando o programa deve ir ao ar?</li> </ul> </li> </ul> <p>• Plenária:</p> <p><b>12h às 13h30</b></p> <p>Definições para produção do programa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pauta</li> <li>• Equipes</li> <li>• Cronograma</li> <li>• Pré-roteiro</li> <li>• Avaliação da atividade</li> </ul>
--

Após as apresentações dos participantes realizamos exibição de vídeo<sup>1</sup> com matéria realizada pela TV dos Trabalhadores – TVT<sup>2</sup>, sobre a Rádio Z FM, após essa introdução Valmir Maia fez um relato sobre o histórico da rádio:

*A história da rádio começa quando eu era menino, sempre gostei de comunicação oral. Entrei no movimento pela democratização da comunicação através do que foi chamado pejorativamente de 'rádios piratas', era uma rádio aberta. Depois, em 1998, a lei que regulariza as rádios comunitárias foi aprovada e até, 2005, entramos na briga para fazer a lei sair e ficamos fora do ar.*

*As famílias que dominam os meios de comunicação entendem que as comunitárias atrapalham e o Governo Federal restringe o apoio cultural a ponto de não compensar trabalhar com rádio comunitária. Os meios de comunicação tradicionalmente estão nas mãos de empresários, mas os movimentos existentes não entenderam e não veem as rádios como instrumento.*

*O Zaira é uma periferia em que muita gente morreu por causa disso. Água, luz e esgoto só vieram para alguns lugares com muita luta e em outros nem chegou ainda. Nosso desafio é criar a Central de Comunicação Local, hoje nosso site tem 2 mil acessos por dia e podemos ser também TV e jornal em que todos postam notícias e distribuem para as redes sociais.*

Dando continuidade aos trabalhos, iniciamos a audição das músicas *Pedro Pedreiro* (Chico Buarque) e *Zé do Carço* (Leci Brandão)<sup>3</sup> com o objetivo de comparar e analisar os personagens abordados pelas canções e suas diferentes posturas sobre a vida.

*Pedro Pedreiro* possui um perfil de pessoa passiva frente aos acontecimentos, pois vive “esperando o trem, a sorte e a morte”. *Zé do Carço*, ao contrário, enfrenta os problemas, apesar das dificuldades, utilizando os meios de comunicação “num serviço de alto falante”, para “botar a boca no mundo”, pois ele “quer o bem da favela”.

Iniciamos um debate sobre a relação do retrato dos perfis apresentados pelos compositores e o trabalho que pretendemos dar início. Os participantes fizeram as seguintes colocações:

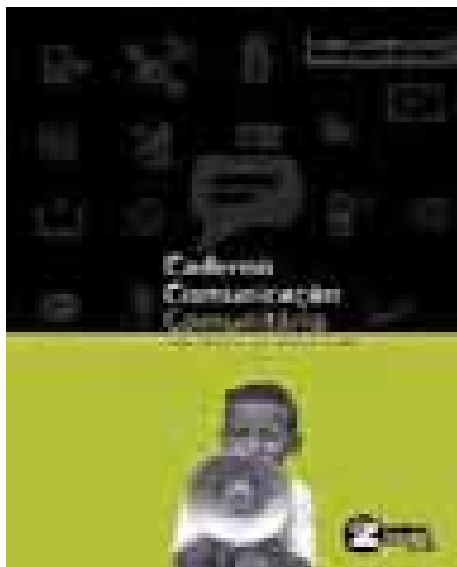
*O Zé do Carço é um líder que batalha, comunica e denuncia a realidade e o Pedro Pedreiro é acomodado, alienado, paralisado e inconsciente. Mas tem fé.*

1 Vídeo disponível em <http://va.mu/BKy3>

2 A TVT, primeira emissora de televisão outorgada a um sindicato de trabalhadores, entrou no ar no dia 23 de agosto de 2010, às 19h. Resultado de 23 anos de luta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, a emissora educativa é uma geradora e foi outorgada em outubro de 2009 à Fundação Sociedade, Comunicação, Cultura e Trabalho, entidade cultural sem fins lucrativos criada e mantida pelo sindicato. <http://www.tvt.org.br/quem-somos>  
Letras das músicas anexo 3

*Em nossa pesquisa<sup>4</sup> a maioria é Pedro Pedreiro, esse é o perfil da maioria das pessoas. O desafio é despertá-las para a possibilidade de um dia serem Zé do Carço.*

Em seguida realizamos leitura do *Caderno de Comunicação Comunitária*<sup>5</sup>, nas páginas 14, 15, 16 e 17, que apresentam o papel de uma rádio comunitária e os gêneros de programas de radio, formas de estruturar equipes para produção dos programas, como organizar pautas e roteiros, elaborar notícias, técnicas de produção de texto e recursos para produzir peças radiofônicas.



Capa do *Caderno de Comunicação Comunitária* publicado pela Rádio Z FM no ano de 2010

Depois de um intervalo, retomamos os trabalhos realizando um debate com as seguintes perguntas norteadoras e as reflexões do grupo:

### **1. Por que produzir um programa de rádio?**

Para compartilhar e transmitir informação, interagir, possibilitar conhecimentos, harmonizar conflitos e comunicar.

### **2. O que o programa deve abordar?**

Pesquisa, problemas, necessidades, o que tem de bom na comunidade, direitos e deveres, qualidade de vida, alternativas de mudança, consciência ambiental, união, opinião, cotidiano, reconhecer o indivíduo e o coletivo.

### **3. Qual deve ser o formato do programa?**

Quadros com reportagens, jornalismo, enquetes, talentos e atividades, desabafos, mobilização e classificados.

<sup>4</sup> Participante se refere à entrevista com os moradores realizada em 19/06/2011, descrita e analisada no capítulo V.

<sup>5</sup> O *Caderno de Comunicação Comunitária* disponível em [www.intermidia.org.br](http://www.intermidia.org.br) elaborado por Raquel Quintino e publicado pela Rádio Z FM para o projeto Rádio Escola no ano de 2010. Apresenta os pressupostos da comunicação comunitária e compartilha conteúdos básicos para a produção de jornais, rádio, vídeo e conteúdos para internet.

#### 4. Quais os responsáveis pela realização da produção do programa?

Entrevistas e enquetes: Cida

Talentos: Domingos e Josefa

Desabafo: Sonia e Cida

Campanhas de Mobilização: Domingos, Josefa e Raquel

Classificados e Informativos: Sonia

Com a definição destas questões fundamentais o grupo estipulou o prazo de quinze dias para a transmissão do primeiro programa. Dessa forma entramos na contagem regressiva para o dia 16 de julho de 2011. Definimos realizar encontros as terças e quintas à noite na rádio para dar continuidade ao processo de produção.

### As quatro primeiras edições

Nos dias que seguiram conseguimos realizar as reuniões. Iniciamos com o debate sobre o nome do programa. Por consenso ficou denominado *O Outro Lado da Cidade*. O grupo seguiu definindo a pauta do programa, dividindo o programa em quatro blocos de 15 minutos e formando as duplas, ou trio, para produzi-los. Cida trouxe o seu filho Júnior, um jovem com potencial para assumir futuramente a operação e edição, uma vez que a maioria do grupo não possuía maiores conhecimentos em informática e aparelhagem de som.

Com base no levantamento feito em nossa entrevista com moradores, definimos os convidados para o primeiro programa. Cada grupo deveria agendar a entrevista com os convidados e preparar previamente as perguntas, para realizar a gravação do programa marcado para ir ao ar no dia 12 de julho. Abaixo, a pauta do primeiro programa:

**Quadro V**

<b>Pauta do Primeiro Programa</b>		
<b>Bloco</b>	<b>Responsáveis</b>	<b>Convidados</b>
Abertura: Proposta do Projeto	Cida e Júnior	Raquel e Jovenildo
Desabafo Criança	Sônia e Raquel	Netos Dona Marilene
História da Região	Ronaldo e Jovenildo	Sinhara e Almarque
Talentos	Josefa, Nilton e Domingos	Violinista, bailarina e caricaturista

No dia 12 de julho de 2011, para a surpresa de todos, Ronaldo Melo chega acompanhado de três moradores da comunidade sem ter avisado ninguém, e sem ter explicado aos moradores o que aconteceria ali. Muitos detalhes ainda precisavam ser definidos e debatê-los na

presença de nossos convidados de última hora foi bastante complicado. Definimos com Ronaldo e os moradores as perguntas que faríamos e conseguimos contornar o imprevisto com improvisação, prática que se mostrou ser a marca deste grupo.

A equipe do bloco Talentos já inicia com uma baixa: a ausência de Domingos, mas consegue elaborar perguntas, agendar entrevistas telefônicas e preparar os convidados no sentido de entenderem o roteiro de perguntas que seriam feitas.

Nosso tempo era escasso, pois, o locutor e operador Márcio Gustavo, que nos apoiaria neste momento, só estava disponível no horário de transmissão de a *Hora do Brasil*, entre 19h e 20h.

As 19h iniciamos a gravação com a entrevista de Ronaldo Melo com os moradores. A seguir, segue transcrição da primeira parte desta entrevista:

**Ronaldo Melo:** *Estamos aqui com Iraci, Irineu Socorro e Josuel. Eles são moradores da área do Chafik, no Zaira 6. Eu sou Ronaldo Melo, também sou morador da região e Repórter Comunitário. Vamos iniciar fazendo uma apresentação dos moradores:*

*Há quantos anos vocês moram na área?*

**Josuel:** *Eu sou Josuel dos Santos, moro na área do Chafik, ali no Zaira 6, há alguns anos e quero dizer que eu estou contente de participar dessa reunião para esse programa. Temos visto muita coisa acontecer lá, de boa qualidade e péssima qualidade, como desmoroamento de terra e outros acontecimentos, precisamos de luz pública e outras coisas mais. Eu passo minha palavra para outros moradores.*

**Iraci:** *Eu Sou Iraci de Andrade, moro na Rua Lírio da Paz faz 18 anos, e o que eu posso dizer é que estamos precisando de luz pública, coleta de lixo varredores de rua e mais algumas coisas que não está na minha memória ainda.*

**Irineu:** *Meu nome é Irineu de Carvalho, moro há 18 anos na Rua Cidade de Mauá e até hoje estamos correndo atrás de vários benefícios e não conseguimos até agora, mas a gente espera, estamos no momento iniciando um caminho, porque o Ronaldo Melo está há muito tempo correndo atrás disso.*

*Precisamos do esgoto e do asfalto e mais várias coisas. O fiscal já andou lá para ver a parte de esgoto e até hoje não veio. Eu, na idade que eu tenho, vivo lamentando todo dia, sofrendo na poeira, não posso fazer nada. Tenho 63 anos de idade e meu sofrimento é esse. Tenho feito abaixo-assinado e são essas as minhas palavras.*

**Socorro:** *Eu sou Maria do Socorro, está com 20 anos que eu moro nessas terras, a gente corre atrás de muita coisa, não consegue nada, mas tem que correr porque ficar parado é pior, quanto mais a gente corre atrás, a gente consegue mais benefícios, eu preciso de luzes na rua onde moro e de um muro lá e correr atrás para fazer esse muro lá na minha casa porque está muito perigoso.*

**Ronaldo:** *Vocês se lembram quando começo a ocupação na região?*

**Josuel:** *A recordação de quanto tempo eu não estou a par, mas como aconteceu foi uns tomando posse de sua terra, comprando materiais e tomando posse do tamanho do terreno quadrado, não teve legalização de documento nenhum e construía sua residência, é uma invasão sem tecnologia nenhuma e sem documento: chegar, ocupar e pronto, ninguém falava nada. É isso que eu me recordo.*

**Iraci:** *Eu não posso falar que quando eu cheguei no Zaira, há 18 anos atrás, tinha poucas casas, era mais mato, mas eu não invadi eu comprei o meu pedacinho lá, que já tinha um barraquinho. Comprei e me soquei lá dentro. Comprei de um senhor Manoel e a esposa dele é Isabel, comprei e paguei não lembro direito se foi 8 conto ou 8 reais, só sei que foi há 18 anos e não sou invasora.*

**Irineu:** *Eu pagava aluguel, passando várias necessidades, apareceu um terreno lá de um grande amigo meu, que passou o terreno para mim pagar, eu construí minha casa e, graças a Deus, estou morando, mas preciso do documento para nós ser dono.*

**Socorro:** *É isso mesmo, quando eu vim morar já tinha a casa, eu não invadi, mas precisamos de documento e de água que é emprestada a gente não tem água lá, é emprestada, é uma briga, uns querem arrumar outros não. Energia para vila lá, estamos no escuro, ali nós não compramos, mas tomamos emprestado e queremos um documento para ser da gente para poder falar assim: “aqui é meu”. Muito obrigado.*



Moradores e equipe preparando roteiro de entrevista gravada em 12/07/2011 para 1º edição do programa no bloco *História de Luta*



Repórter Comunitário Ronaldo Melo se preparando para realizar a 1a. Gravação do programa, em 12/07/2011

Após a gravação dos moradores, realizamos entrevistas pelo telefone, feitas por Nilton e Josefa aos talentos identificados. Nilton abre o bloco explicando o processo da pesquisa e fala dos talentos descobertos. Ele conversa por telefone com o morador e desenhista amador Thiago, de 19 anos. Depois Josefa entrevista Kátia, integrante do grupo de dança *Dance Dance*.

Em 13 de julho de 2011, Roque foi com seu automóvel buscar as crianças na casa de

Dona Marilena, Sônia preparou as perguntas e, assim que Márcio pôde nos dar suporte, gravamos sem maiores problemas. Sonia entrevista Mateus, de 12 anos; Ester, de 10; e Caio, de 10. Eles comentam a dificuldade para ir à escola. Mateus fala que quer um ambiente para jogar o lixo. Caio comenta que é preciso ter balanços e escorregadores para brincarem. Ester (irmã de Mateus) gostaria que tivesse uma biblioteca próxima.

Em seguida, Cida entrevista Raquel Quintino, para falar sobre o projeto *Repórteres Comunitários Z*, e Jovenildo, para explicar o que é a ADEHAB e o seu papel no projeto.

Com isso os quatro blocos estavam gravados, faltando apenas a criação da identidade sonora do programa, composta pelas vinhetas de abertura e trilha sonora de fundo (BG), abertura de algumas matérias (cabeça), e separar as músicas que entrariam o final de cada quadro.

Na sexta-feira 15 de julho de 2011, acompanhamos Márcio Gustavo nesta finalização. Utilizamos a introdução instrumental da música *E Vamos à Luta*, de Gonzaguinha, como trilha sonora de fundo. Gravamos a vinheta de abertura com os dizeres : “*A partir de agora está no ar o programa O Outro Lado da Cidade*”. As três músicas selecionadas para finalizar cada bloco foram: E Agora José (Paulo Diniz), E vamos à luta (Gonzaguinha) e Zé do Carço (Leci Brandão). Com isso finalizamos a primeira edição do programa.

No sábado 16 de julho de 2011 às 10h o grupo se encontrou na rádio para um café coletivo enquanto escutava a transmissão do primeiro programa. Após a audição, realizamos avaliação e a definição da pauta para o segundo programa. Estiveram presentes neste encontro Leticia, Lucilene, Ronaldo, Jovenildo, Sonia, Galdino e Raquel. A seguir, um breve resumo das colocações feitas nesta roda de conversa:

**Como foi:**

**Ronaldo:** *Tudo novidade, o produto ficou bom, as pessoas da comunidade gostaram.*

**Porque foi assim:**

**Galdino:** *Grupo coeso, comprometido, com firmeza e com coisas concretas.*

**O que não pode acontecer mais:**

**Jovenildo:** *Medo de falar, melhorar entrevista, aprofundar temas (eixo), improvisar menos, não deixar coisas para última hora.*

**O que vale a pena manter:**

**Sonia:** *Aplicar mais questionários, entrevistar lideranças, talentos, mesclar entrevista com moradores, lideranças e especialistas, espaço com as crianças e informativos.*

Definimos a pauta para o segundo programa e rebatizamos o nome de alguns blocos. Esse formato foi mantido pelo grupo em quase todas as edições, com a única inclusão da seção

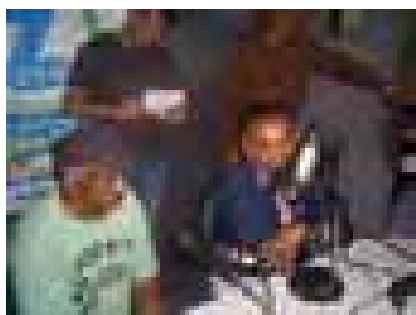
*Regularização Fundiária*, quando o bloco com as crianças não é realizado.

### Quadro VI

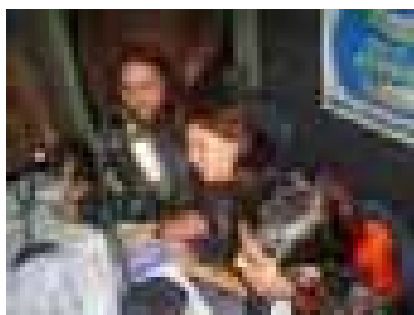
Pauta 2º programa			
Seções:	Convidados	Responsável	Gravação
<b>EXPRESSÃO CRIANÇA</b>	Mateus, Cairo, Ester	Sonia e Raquel	19/07
<b>HISTÓRIA DE LUTA</b>	Sinhara, Sólon, Domingos e Jane	Lucilene e Ronaldo	20/07
<b>TALENTOS</b>	Mestre Raul , Raper Abner e Alan Grafiteiro	Letícia e Galdino	20/07
<b>INFORMES</b>	Vagas escolas, Vacinação, atividade do CRAS	Lucilene	20/07

O bloco de informes era produzido a partir de um levantamento de atividades promovidas pelas unidades básicas de saúde, Centros de Referência de Assistência Social – CRAS, igrejas e na pesquisa do mural de recados do Supermercado Jardim Zaíra, em que os próprios moradores colocam seus anúncios.

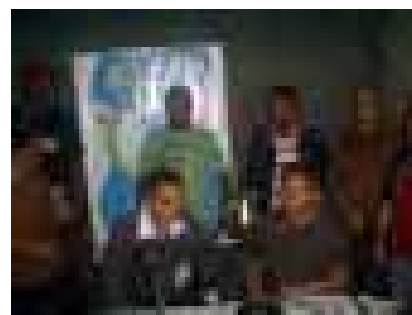
Nesse segundo momento, já começamos a sentir a ausência de Cida, Roque e Jovenildo, mas a chegada de outros, como Letícia, UDR e Galdino, garante a manutenção de duplas responsáveis por cada bloco. O grupo selecionou as músicas e a dinâmica do trabalho nas terças e quintas à noite para a gravação e a sexta para montagem se manteve. A chegada do casal UDR e Letícia, que já havia integrado o projeto Rádio Escola, é muito promissora pela sua experiência com rádio. Os arquivos de áudio com as entrevistas externas realizadas por Letícia são entregues já editados no software *Audacity*.<sup>6</sup>



Da esquerda para direita, moradores Moisés e Paulo. Em pé Nilton e Galdino na gravação do bloco *História de Luta*



Da esquerda para direita, Lucilene, Sonia e Letícia na gravação do bloco *Talentos*



Da esquerda para direita, Josefa, UDR, Moisés, Paulo, Galdino e Sonia; sentados, Ronaldo e Nilton. Final da gravação da segunda edição do programa

<sup>6</sup> *Audacity* é um programa de computador para edição de áudio. É considerado *Software Livre* por não possuir patentes comerciais.

Conforme poderá ser observado na transcrição na íntegra da segunda edição (Anexo 4), mais uma vez o planejado não se concretiza, porém, os improvisos não comprometem a qualidade do programa. Mantivemos a rotina de audição dos programas aos sábados seguidos de uma avaliação e reunião de pauta para o programa seguinte, que eram gravados às terças e quintas à noite.

Na avaliação do segundo programa, Valmir Maia elogia o trabalho, mas comenta que possui muitos “buracos” (silêncios e falta de ritmo). Ele também observou que o grupo levou quinze dias para a produção do primeiro programa, enquanto que para o segundo, foram quatro horas. “Vocês estão evoluindo, mas podem melhorar se as gravações forem feitas de uma maneira que torne mais fácil a edição”. Ele também salientou a importância de procurar outras versões dos fatos, exemplo: se um morador reclama da Eletropaulo temos que procurá-la para ouvi-la também.

Neste mesmo dia após a avaliação realizamos a oficina de áudio, mais uma vez utilizando o Caderno de Comunicação Comunitária, nas páginas 17 a 25, que apresentam um tutorial do software Audacity. A maioria dos participantes possui um conhecimento básico de informática, apenas um membro do grupo não possui endereço de e-mail e computador em sua residência. Ainda assim todos conseguiram se apropriar dos conceitos básicos de edição de áudio, porém na prática apenas Sonia se propôs a aplicar no dia a dia esses conhecimentos, editando as matérias para os programas.

Na terceira edição, transmitida em 30 de julho de 2011, o bloco *História de Luta* sofre uma pequena modificação. Ao invés de entrevistarmos um morador da área do Chafik, o convidado é o assessor da Secretaria de Assistência Social, Sebastião Marcial, morador do Jardim Zaira, integrante dos movimentos de ação católica na década de 1980 e um dos responsáveis pelas ações do Governo Municipal na área (vide capítulo XX). Abaixo a parte da transcrição de sua entrevista:

**Lucilene:** *Gostaria que você falasse sobre sua história de vida?*

**Tiãozinho:** *Sou de Minas, a cidade em que eu nasci não está nem mais no mapa, São Sebastião do Sacramento.*

*Vimos para São Paulo, morando seis meses em São Caetano do Sul com a família, depois fomos para Vila Independência [Mauá] até 1975. Assim que casei, mudei para o Zaira e estou aqui até hoje. Vim da roça e a primeira fábrica que trabalhei aqui em São Paulo foi a porcelana Schmidt.*

**Lucilene:** *Como surgiu o projeto intersetorial da Prefeitura na área do Chafik?*

**Tiãozinho:** *É uma ação integrada que nasceu em 2009. Nós desafiamos as secretarias sociais, ou seja, de cultura, esporte, saúde, educação, trabalho e renda, segurança, assistência social, segurança alimentar e planejamento urbano, para fazer ações integradas e em conjunto, onde se potencializa encontro de profissionais e recursos financeiros e físicos.*

*Fizemos um primeiro exercício construindo um diagnóstico onde levantamos os maiores índices de vulnerabilidade na cidade. Constatamos que temos duas grandes áreas vulneráveis na cidade: Oratório e Zaira mais especificamente no Chafik.*

*Todos os aparelhos públicos do Chafik estão na borda, porque a área é particular. Ao invés da população vir até nós, nós é que estamos indo até a população. Primeiro fizemos um diagnóstico e depois fomos conhecer melhor a área. Todos os funcionários foram conhecer fisicamente a região em caminhadas, [realizando] diálogos com a população e levantando as necessidades principais.*

*Contando com o apoio da população para entrarmos lá dentro, algumas pessoas colocaram a garagem à disposição para uma palestra ou um atendimento, as igrejas Católica e Sopro Divino emprestaram [seus] salões..*

*A primeira ação foi na [região da] caixa d'água, na casa da Dona Alzeni. Conversamos com Padre Alexandre e fizemos várias ações na Comunidade São Francisco, de saúde, cultura a assistência social, num bloco concentrado no mesmo dia. Fizemos a mesma ação no final da avenida Presidente Castelo Branco e na Igreja Sopro Divino que fica na avenida Cidade de Mauá. No sábado passado [09/07/2011] foi lá na comunidade São José, que é um lugar bem difícil.*

*Se fôssemos mensurar isso, para além dos números eu acho que a ação e o contato em si é muito interessante. Por exemplo, fizemos até agora atendimentos diretos, emissão de carteira profissional, exame médico, cadastro de emprego, somando mais de 2.600 atendimentos, fora pessoas que participaram de palestra e crianças que foram brincar. Além do contato direto para conhecer a realidade próxima ao morador, ele está conhecendo o que tem de serviços a disposição. [Assim] vamos criando outras possibilidades, graças ao apoio e à participação.*

Como planejado, a quarta edição do programa é transmitida em 06 de agosto de 2011. Sua produção sofre os efeitos da volta às aulas por parte dos estagiários que se ausentam. O bloco *História de Luta* vai se consolidando como carro chefe do programa. A sessão talentos traz André Melo, um conhecido cantor sertanejo morador da área, que faz interessante reflexão sobre os problemas da região. O bloco Expressão Criança não acontece devido a problemas de última hora com o automóvel de Roque. Incluímos em seu lugar entrevista recente com o Prefeito Oswaldo Dias, respondendo a Valmir Maia sobre as perspectivas da regularização fundiária da área do Chafik.

Conversamos com o grupo sobre a importância de reduzimos nosso envolvimento direto com a produção desta edição, desafiando Sonia a assumir o papel de coordenadora. O grupo concordou com essas mudanças e combinamos de realizar conversas semanais com ela para apoiá-la nesse novo desafio. Márcio Gustavo deu todo o apoio aos integrantes que gravaram os blocos.

Vencida essa fase, decidimos dar uma pausa nos trabalhos da equipe, que já apresentava sinais de desgaste pela responsabilidade, disponibilidade de tempo e necessidade de retomar demandas da ADEHAB que estavam paralisadas. A seguir quadro com o resumo das quatro edições do Programa *O Outro Lado da Cidade*.

### Quadro VII

<b>Quadro das primeiras quatro edições do programa O Outro Lado da Cidade</b>			
<b>Data</b>	<b>História de Luta</b>	<b>Talentos</b>	<b>Expressão Criança</b>
16/07	Ronaldo entrevista antigos moradores: Irineu, Iraci, Socorro e Josuel	Nilton entrevista desenhista Thiago. Josefa entrevista Kátia (grupo Dance Dance)	Sonia entrevista Mateus, Ester e Caio.
23/07	Ronaldo entrevista antigos moradores: Moisés Brás e Paulo Souza	Entrevistas com mestre Raul, MC BIG e grafiteiro UDR	Bate-papo escola e férias: Ester Bruna e Mateus
30/07	Lucilene e Ronaldo entrevistam Tiãozinho (Secretaria de Assistência Social)	UDR entrevista MC Quinho	Bate-papo relações familiares: Mateus, Bruna e Ester.
06/08	Cida Dias e Ronaldo Melo entrevistam lideranças: Antonio Oliveira (sanfoneiro) e Sebastião Moreno (TOM).	Galdino entrevista cantor sertanejo André Melo	Não ocorreu; no lugar, entrevista com o prefeito. Oswaldo Dias falando sobre a área do Chafik

Nosso maior desafio foi concluído, para a quinta edição combinamos realizar um programa que não exigisse dedicação durante a semana, uma vez que os estagiários não podiam comparecer e precisávamos rediscutir uma nova rotina para o grupo. Decidimos que o programa seria *ao vivo*, realizando uma mesa-redonda com os integrantes comentando como foram os bastidores da produção do programa e contando um pouco de sua história de vida. Após a sua transmissão, iríamos realizar, a partir das 11h, uma avaliação de nossa trajetória.

Neste dia, 13 de agosto de 20011, um imprevisto impediu que chegássemos no horário em que o programa seria transmitido. Por telefone combinamos com Valmir e Sonia que seguissem sem a nossa presença. Sonia, como coordenadora, estava bastante insegura, principalmente porque a maioria do grupo se atrasou, impedindo a elaboração coletiva do roteiro do primeiro programa ao vivo. Valmir Maia não encorajou os presentes para que o programa fosse transmitido.

Esta foi a primeira e única vez que o programa não foi ao ar. Esse fato gerou um conflito no grupo, porque a decisão final em não transmiti-lo recaiu unicamente sobre os ombros de Sonia, que na avaliação foi criticada pela equipe que não se sentiu co-responsável pelo ocorrido.

Sonia nos encaminha um *e-mail* em 21 de agosto de 2011 demonstrando sua insatisfação com a situação:

Oi Raquel, sinto dizer que não fiquei à vontade no sábado. Percebi que após a avaliação, o programa não foi ao ar por falta de segurança. Acho que se tivesse me "colocado" ou "imposto" o programa iria ao ar, mas eu não iria colocar em risco o programa e levar ao ar apenas com improviso, apenas com algumas pessoas, pois quase todos chegaram na última

hora e ainda não tínhamos o roteiro para falar. Somente depois é que fiz o roteiro com a presença de todos. As vezes acho que errei também por ter esperado a equipe, e mesmo com poucas pessoas poderia ter entrado no ar. Será que você entendeu minha colocação? <sup>7</sup>

O que ocorreu é recorrente nas experiências de comunicação comunitária, em que as exigências de qualidade e periodicidade de um produto de comunicação é determinado pela qualidade das relações do coletivo. Em nosso caso, os papéis, o ritmo de trabalho e o comprometimento com o processo ainda não estavam consolidados e, desta forma, todo problema de percurso acaba abalando profundamente as relações do grupo, refletindo na qualidade do produto. Diferente das relações profissionais verticalizadas, em que a carga horária e papéis estão bem definidos e todo o fluxo produtivo gira em torno de um produto comunicacional, independentemente da qualidade da relação existente entre os produtores.

Outra questão que merece destaque é o tensionamento existente entre alguns integrantes. Algumas pessoas não estão dispostas a priorizar a dedicação que projeto exige, mas no dia em que o programa vai ao ar, querem participar.

Neste sentido, Sonia apresentou um comportamento diferente, pois decidiu apostar no processo, colocando todo o seu tempo livre dedicado ao programa, acompanhando cada detalhe de sua produção e tendo por esse motivo condições de coordenar o processo por estar presente e conhecer o seu todo. Mesmo com certa timidez e menor desenvoltura ao microfone comparada a outros integrantes. Quando nos posicionamos defendendo que Sonia deveria ser a coordenadora do programa, isso gerou um ciúme não declarado por parte de alguns, talvez por se acharem mais capazes de conduzir o microfone.

Com todas as dificuldades, conseguimos realizar satisfatoriamente o que deveria ser a primeira e única fase de nossa pesquisa que, após avaliação, poderia ser interrompida ou reinventada.



Josefa Moreira em gravação do quadro *Informes*



Nilton Oliveira e Raquel Quintino nos estúdios da rádio

<sup>7</sup> BRITO, Sonia. **Pessoal** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <raquel.quintino@gmail.com> em 21 ago.2011.

## Avaliação, análise e replanejamento

A avaliação do processo contou com a presença de oito participantes que responderam o questionário que segue:

Questionário de avaliação do processo de produção das quatro primeiras edições do programa *O Outro Lado da Cidade*, respondido em 13 de agosto de 2011

Foram 23 questões relacionadas aos pressupostos da Teoria da Ação Dialógica proposta por Paulo Freire para avaliar o processo. A sistematização completa das respostas está disponível no anexo 07. Abaixo destacaremos algumas respostas apresentadas:

### **No desenvolvimento do *Projeto Repórteres Comunitários Z* está havendo:**

#### **Colaboração e compromisso?**

Todos estão, dentro de sua limitação, envolvidos e colaborando com a proposta do projeto.

Parte das pessoas que se comprometeram estiveram presentes nos horários combinados nas reuniões.

#### **Autonomia?**

Quando precisava pegar informação eu ia, fazia e trazia para complementar o nosso

objetivo.

É preciso melhor conhecimento técnico para menor dependência

#### **Vínculo Comunitário?**

Mesmo os que não são moradores têm realidades parecidas e isso aproximou.

Estamos em processo de construção de vínculo

#### **Análise crítica sobre a realidade dos moradores?**

Apesar da entidade se dedicar à regularização, percebemos que essa não é a prioridade dos moradores.

O debate está iniciando e, com mais tempo, teremos condição de fazer uma análise

#### **Troca de Conhecimento?**

Só com o contato com a comunidade que se percebe o quanto há diferentes maneiras de viver e as diferentes culturas

Quando o UDR e a Leticia vieram para esse grupo tivemos uma troca de informação e conhecimento que eu achei ótimo. Eles têm uma bagagem e aprendi muito com eles.

Percebemos que não precisamos ir apenas com a proposta de regularização, podemos ir muito mais.

#### **Falhas?**

Faltou mais cuidado com o que é dito no ar.

Dificuldade com horário para chegar devido ao ônibus.

As falhas foram resolvidas com improviso.

As falhas vieram com a falta de estrutura.

Era preciso incentivar mais a participação de alguns.

Ainda estamos em fase de aprendizado.

Falta conhecimento e convivência com a tecnologia apresentada.

Dando continuidade ao processo avaliativo, após a abordagem individual realizamos, em 20 de agosto de 2011, uma análise situacional a partir da técnica FOFA: Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças.

O grupo identificou como principais **ameaças** a possibilidade de o grupo acabar, o programa não ir ao ar, o distanciamento dos interesses comunitários e a perda da credibilidade da comunidade. As **fraquezas** apontadas foram a falta de tempo, falta de conhecimento, falta de união, interesses diferentes por parte dos membros do grupo, falta de recursos e insegurança. As **fortalezas** reconhecidas foram compromisso, empenho, união, perseverança, decisão, harmonia, determinação, convicção e responsabilidade. Por último, as **oportunidades** foram o desenvolvimento, mobilização, aprimoramento, expansão, mediação para conquistas sociais, troca de conhecimentos e experiências e mediação para conquistas sociais.

Este processo de reflexão individual e coletivo nos permitiu dimensionar as conquistas e aprendizados, frutos desta etapa da ação, bem como um leque de possibilidades que se abria caso a experiência tivesse continuidade. Os integrantes estavam motivados a continuar com o processo de pesquisa-ação, porém demonstravam que não seguiriam por muito mais tempo assumindo um grau de responsabilidade e dedicação de tempo que um programa semanal construído coletivamente

exigia. Além do fato que, se canalizássemos toda a nossa energia na produção dos programas, as articulações do movimento de moradia poderiam ser prejudicadas.

Com a decisão do grupo de continuar com a experiência, nosso próximo passo foi realizar um encontro de replanejamento, ocorrido em 27/08/2011. Partimos dos pontos levantados na avaliação situacional, procurando definir ações para diminuir as fraquezas, evitar as ameaças, manter as fortalezas e aproveitar as oportunidades.

Desta forma construímos nosso planejamento estratégico definindo ações, prazos e responsáveis. Organizamos três frentes: cuidar da equipe, cuidar do programa e focar no Chafik. O maior desafio era ampliar o número de pessoas na equipe. A estratégia era envolver outros segmentos que atuam na área, como as agentes de saúde, especificamente a agente Zilá, que já havia trabalhado na rádio como recepcionista. Pensamos também em procurar alguns professores que moram e trabalham área, além de reforçar o convite para algumas lideranças que sempre participavam do programa, como Cilene e Dona Alzeni. Para fortalecer o compromisso do grupo decidimos fazer um levantamento da disponibilidade da equipe para estabelecermos uma nova agenda comum e um acordo de pontualidade. Com o objetivo de estruturar o programa, decidimos procurar patrocínio.

Para intensificar as ações mobilizativas e não reduzir o programa aos estúdios, assumimos o desafio de se aproximar do conselho de habitação, realizar atividades em parceria com a Faculdade Fama e organizar uma caminhada<sup>8</sup> pró-regularização fundiária.

### Quadro VIII

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO REALIZADO EM 27 DE AGOSTO DE 2011				
	DESAFIO	AÇÃO	RESP.	PRAZO
EQUIPE	Ampliar Compromisso	Levantamento da disponibilidade, agenda comum e acordo de pontualidade	Lucilene	1 mês
	Conhecimento	Curso aos domingos	Raquel	17/10
	Ampliar equipe	Convidar lideranças, agente de saúde Zilá e professores	Sonia	1 mês
PROGRAMA	Programa no ar	Gravar programa reserva, criar um bloco com história: “ <i>Você sabia?</i> ”	Jovenildo e Josefa	1 mês
	Estrutura	Busca patrocínio	Jovenildo e Cida	1 mês
CHAFIK	Conquistas	Realizar caminhada na área pela regularização	Jovenildo	1 mês
	Mobilização	Faculdade FAMA, autoridades, conselhos,	Raquel e Josefa	17/10

8 A primeira Caminhada Pró-Regularização Fundiária da Área do Chafik, realizada em 23/10/2011, descrita e analisada no capítulo VII.

Com a realização deste planejamento estratégico, essa etapa de balanço se encerra. Neste período a produção dos programas praticamente parou. O ouvinte ficou sem o programa apenas no dia 13 de agosto, conforme já relatamos. No sábado seguinte, 20 de agosto de 2011, realizamos uma seleção de melhores momentos e dia 27 de agosto de 2011, realizamos o primeiro programa ao vivo, com os bastidores do programa e a história de vida dos integrantes da equipe.

Essa etapa avaliativa foi muito importante para o fortalecimento da equipe e a ampliação da autonomia. A partir daquele momento, além das tarefas operacionais para realização do programa, existiam as tarefas estratégicas para o redimensionamento da ação. Os desdobramentos desse planejamento serão tratados no próximo capítulo.

## **Programas Ao Vivo**

A realização do Programa O Outro Lado da Cidade segue, porém com a equipe bastante debilitada. Nesse período quatro pessoas deixam de participar. Nilton Oliveira vai estagiar na prefeitura de Mauá; Lucilene Petta consegue trabalho em Santo André como assistente social, ela já vinha num processo de desgaste com a ADEHAB e a realização do programa deu certo fôlego para sua continuidade, mas com um trabalho em tempo integral em outra cidade, ficou impossível a sua contribuição. Cida não conseguia manter a regularidade de sua participação devido a problemas de saúde em sua família.

Outra perda foi Josefa, que além de estagiária é moradora da área e uma grande entusiasta do projeto, decidiu direcionar seu Trabalho de Conclusão de Curso para a temática da área do Chafik uma vez que se envolveu profundamente com as ações de base junto às mulheres da região da caixa d'agua. Ela também foi trabalhar na cidade de Santo André, cadastrando famílias nos núcleos de favela daquela cidade. Mesmo não contando com a presença física das duas os vínculos não foram cortados, pois o trabalho de Josefa era temporário e se encerraria em novembro, e Lucilene, era grande amiga de Sonia, com quem se encontrava diariamente para ir trabalhar.

Com a equipe fragilizada, decidimos construir pautas para o programa que não exigissem grandes produções externas e gravações durante a noite. Os programas passaram a ser ao vivo, recebendo convidados (muitos de última hora) para serem entrevistados. Com esse formato, a interação com o ouvinte foi favorecida, pois se abriu a possibilidade de participação por telefone. Por esse motivo, a sessão *Expressão Criança* acaba sendo substituída pelo bloco *Regularização Fundiária*. Esse bloco nunca foi oficializado, uma vez que não estava em nossos planos, mas dentro da lógica do imprevisto e pelo fato de a ADEHAB ter facilidade em convidar alguns apoiadores que dominavam o assunto.

Nesse momento, além de Sonia, Roque tem seu papel ampliado, ficando responsável

pelo quadro *Informes*. Ele compra um bloquinho de anotações semelhante ao usado por jornalistas e traz sua tarefa bem organizada. Anteriormente seu papel era mais pontual no programa e sua maior responsabilidade era no transporte das crianças.

Ronaldo Melo também faz um grande investimento, compra um gravador digital profissional. Além de trabalhar na Prefeitura de Mauá e desenvolver ações como liderança na área, ele faz faculdade de Direito em São Paulo. Mesmo estudando à noite e aos sábados e não comparecendo nos encontros, ele não deixa de gravar entrevistas semanais para o quadro *História de Luta*.

A estagiária Samira, que participou poucas vezes na primeira fase, agora assume um papel maior apoiando Sonia. Em suas primeiras participações, não conseguiu ler um texto sobre regularização fundiária que havia sido preparado por Lucilene, que não pode comparecer. Depois ela foi se soltando e, nas últimas edições do programa, conseguia conduzir as seções com tranquilidade.

Fernando Galdino<sup>9</sup> também começou a participar mais ativamente e Jovenildo, percebendo a necessidade de se apropriar mais da questão técnica, decidiu acompanhar durante toda semana à noite o trabalho de Márcio Gustavo na operação da aparelhagem de som.

Outro fator importante também ocorreu neste período, com os programas ao vivo no sábado de manhã, quem passou a operar a mesa de som foi Valmir Maia. Essa necessidade ampliou seu envolvimento com o projeto, pois até então ele se via mais como um apoio, chegando a mencionar no questionário da avaliação que a rádio estava apenas cedendo um espaço para o projeto. Com sua contribuição, os programas foram transmitidos ao vivo semanalmente.

Após a realização do programa de 27 de agosto de 2011 realizamos avaliação. Abaixo, comentário de Valmir Maia sobre o desafio da produção de programas de rádio ao vivo:

*O programa ao vivo exige um lado artístico, uma plástica teatral, fazer com coração. Falar como se estivéssemos ouvindo, ler um texto em rádio não é para qualquer um, pois, dependendo da forma que se lê fica horrível para quem escuta. É preciso que alguém aprenda a operar, mas eu me disponho a operar por alguns sábados. Eu gostaria que os fins de semana os horários fossem ocupados pelos movimentos sociais e, com esse programa, as pessoas vão vendo que não é impossível ser locutor ou radialista.*

Se de um lado o programa perde um pouco de suas características originais, de outro,

---

<sup>9</sup> José Fernando Galdino de 52 anos, quando morava no Recife teve uma experiência com Rádio Livre na favela do Coque e, no Jd. Zaira, apresentou um programa com música sertaneja em Rádio Livre que foi desativada. Ele é morador há 12 anos na área do Chafik e integra a Associação dos Sem Teto do Município de Mauá, com Ronaldo Melo.

ganha em autonomia. Estruturar o programa já não é tão complicado, pois havíamos construído alguns instrumentais<sup>10</sup> para a definição da pauta e do roteiro do programa.

Realizávamos reuniões às quintas-feiras com Sonia, para discutir os encaminhamentos, e aos sábados, o programa era transmitido ao vivo, sem precisar de nossa presença. A grande perda foi a construção coletiva, pois muitas vezes a pauta era definida por Sonia e Jovenildo por telefone, sem debate nem avaliação. Mesmo não sendo a forma ideal, foi a maneira que o grupo encontrou para dar continuidade à realização do programa.

Uma entrevista que ilustra estes desencontros aconteceu no dia 08 de outubro de 2010. Sonia nos relatou que neste dia ela chegou à rádio e já encontrou um senhor sentado. Ela não sabia de quem se tratava. Já dentro de estúdio Jovenildo comenta que seria bacana entrevistá-lo, deixando Sonia perdida. Abaixo, a transcrição deste trecho.

***Sonia:** Bom dia, estamos com um entrevistado agora [silêncio]. Pode falar o seu nome.*

***Antonio Carlos:** Meu nome é Antônio Carlos, eu faço trabalho de orientação diante de situações que vitimizam muitos as pessoas. Como algum acompanhamento que fizemos no caso de desmoronamento na área do Macuco, que vitimizou muitas pessoas, ali abalando a estrutura familiar, trazendo assim um comprometimento de desespero. Então a gente procura dar um apoio social, psicológico nesses momentos críticos, encaminhando as pessoas para amenizar os conflitos sociais, encaminhando as pessoas para o serviço social de Mauá [...]. Visitando as famílias dizendo que nesses momentos de crise o que resta é nos associarmos e nunca partir para o desespero. As pessoas que perde sua moradia pensa que tudo está acabado, mas temos uma gama de pessoas, unidade em torno dos problemas sociais. Dizemos que é hora de se unirmos muito mais em uma grande esperança de motivação social dentro da cidade de Mauá pela parte do poder público e das pessoas que estão irmanadas. [...]*

***Sonia:** Vocês trabalham com uma entidade?*

*Na verdade eu visito as entidades e dou minha participação como cidadão. [...]*

Não estamos questionando a pertinência da realização da entrevista, mas trazendo à tona as dificuldades de comunicação interna do grupo. Procuramos conversar com os membros reforçando que não seria bom entrevistar pessoas que não estivessem previstas na pauta do programa para isso, mas essa não é uma questão fácil de contornar, pois desde o primeiro dia o imprevisto foi a marca e talvez a condição para a continuidade do programa.

Um outro complicador foi a ausência de um debate mais profundo sobre a problemática da questão da moradia. Os problemas estavam dados, mas suas raízes não foram debatidas pelo grupo durante o processo. Não houve uma reflexão sobre a especulação fundiária que a área é alvo, as críticas pontuais abordadas nas edições do programa sempre colocavam o poder público municipal como responsável, nunca apontando os proprietários da área como co-responsáveis do

<sup>10</sup> Formulários para estruturar pauta e roteiro dos programas., Anexo 5

problema.

Na edição do programa de 01/10/2011, o advogado colaborador da ADEHAB Sales é entrevistado para falar sobre a questão fundiária e faz o seguinte comentário:

*Cada um dos atores envolvidos nesta situação deve chamar para si a responsabilidade e assumir sozinho, por outro lado eu acho que todos nós devemos pedir desculpas mútuas para todos [...] O poder público também deve essa desculpa para o povo, acho que o povo também deve essa desculpa para o poder público e para os demais cidadãos por terem criado esses problemas e, a partir do momento que cada um assumir sua culpa, vai ser mais fácil sentar numa mesa.*

Mesmo compreendendo sua intenção de conclamar a superação das diferenças para construir o diálogo, essa fala nos incomodou muito, pois identificamos o discurso claro de culpabilizar a vítima pelas violações sofridas e isentar a parcela de responsabilidade dos proprietários com a área. Um ouvinte ligou para o programa pedindo maiores esclarecimentos sobre os comentários, mas naquele momento e durante o processo não tivemos a habilidade ou oportunidade de provocar um debate mais crítico sobre o posicionamento do advogado.

A relação com as crianças também poderia ter mais efetiva. Já citamos a complexidade de manter o quadro devido à falta de estrutura para gravar o programa próximo à casa deles ou de transportá-los até a rádio. Um comentário revelador de Sonia sobre a questão no programa de 10 de dezembro de 2011: “o quadro *Expressão Criança* não está sendo transmitido porque muitas autoridades mais importantes estavam participando do programa”.

Mesmo com toda nossa debilidade em fortalecer a voz deste segmento importante dos moradores que são as crianças, transcreveremos abaixo a importantíssima entrevista com Adriano, de 10 anos, morador da região da Caixa D'agua, que comenta com Samira e Jéssica sobre o abaixo-assinado, organizado por ele, para ter uma escola próxima à sua casa.

**Adriano:** *Sou Adriano, tenho 10 anos e sou um morador de lá de cima do Jardim Zaira 5, estou na quarta série, estudo na Escola Ezilda, que fica há uns 3 quilômetros.*

**Jéssica:** *o Adriano comentou que está fazendo um abaixo-assinado na região, ele vai dizer o motivo:*

**Adriano:** *Exatamente por causa do tempo que a gente anda dos quilômetros, fica muita longe, principalmente o Mateus, que mora na Caixa água e vai na entrada do Miranda para poder chegar na escola. Eu ando no Zaira 4 e Zaira 5 a pé. Tem crianças que não tem condições de pagar ônibus, uma crianças de 8 a 10 anos a pé sozinho, sai cerca de 5:30 da manhã. Estou tentando trazer um ônibus escolar ou uma escola lá pra cima*

**Samira:** *Onde você gostaria que fosse a escola?*

*Adriano: No pasto do Baltazar<sup>11</sup> porque é uma área grande e só tem vaca lá, acho que daria para construir uma escola ali. [...]*

### Quadro IX

Quadro com resumo da 5a. à 10a. edições do programa <i>O Outro Lado da Cidade</i>				
	Data	História de Luta	Talentos	Expressão Criança/Regularização
	13/08	Não entrou no ar		
5	20/08	Melhores Momentos		
6	27/08	Programa de Bastidores: Raquel entrevista Jovenildo e Lucilene.	Lucilene entrevista Josefa e Ana Maria	Cida Dias entrevista Sonia e Roque
7	03/09	Samira faz leitura de texto sobre regularização fundiária	Áudio com comentário de Raquel Ronik sobre o Estatuto das Cidades	Debate sobre os trabalho da ADEHAB pela regularização fundiária na Área do Chafik
8	24/09	Entrevista com vereador Rogério Santana na íntegra	Galdino entrevista Joãozinho Costa (banda de forró Lunar) e Miltinho (professor de música)	Samira entrevista vereador Simão Pedro *Telefonema de ouvinte pintando a casa e ouvindo o programa
9	01/10	Entrevista com Sales, advogado com experiência em regularização fundiária	Soares, assistente social do movimento soci ambiental.	Samira entrevista Mateus e Adriano
10	08/10	Reprise da entrevista feita por Josefa com as coordenadoras do Grupo de Mães (que foi ao ar por engano) Entrevista com Ronaldo Melo,, a liderança Sinhara e a professora Helda .. Antônio Carlos Paiva que faz um trabalho de apoio social e psicológico em casos de desmoraonamento .de residências	Galdino entrevista João Fávero, falando da audiência ocorrida em dezembro. Destacou recurso para projeto de regularização o acompanhamento de alguns políticos no processo.	Samira e Jéssica entrevistaram Adriano Ester e Mateus. Adriano falou do abaixo-assinado.

Nos momentos descritos acima, a organização para realização do programa não consegue garantir um planejamento e uma equipe coesa dentro de uma gestão coletiva, porém ações que acontecerão para além do programa, como o *Observatório de Políticas Públicas* e a realização da *Primeira Caminhada Pró Regularização Fundiária da Área do Chafik*, trarão novos ares.

O detalhamento destas ações será descrito e analisado no capítulo VII. Aqui daremos continuidade à análise do processo comunicativo e aos reflexos desses novos acontecimentos na produção do programa.

Em 15 de outubro de 2011, o programa demonstra bem esse novo momento. O grupo consegue planejar antecipadamente uma pauta e executá-la sem muitos contratempos. O conteúdo estavam voltados para a realização das atividades do observatório e caminhada.

Em 22 de setembro de 2011, um dia antes da caminhada, a edição do programa foi toda dedicado ao evento, com uma mesa-redonda com os organizadores. A entrevista com o deputado federal Paulo Teixeira, do Partido dos Trabalhadores, tem apoio à caminhada e contou com grande repercussão na cidade. Abaixo, comentário de Jovenildo, que foi transmitido nesta edição:

*Jovenildo: A realização desta caminhada tem sido muito trabalhosa, interessante e muito gratificante. No percorrer temos encontrado muito parceiros, como a FAMA,*

<sup>11</sup> Baltazar José de Sousa é empresário, um dos maiores proprietários de empresa de transporte do país, é dono da empresas Viação Cidade de Mauá e Januária, EAOSA, que foram por muitos anos as únicas empresas de transporte na cidade, consolidando um monopólio que foi quebrado no ano de 2011, com a chegada da empresa Leblon.

*a participação da Rádio Z, isso tem ganhado um corpo e a gente vê que esse movimento em prol da Área do Chafik está se fortalecendo de uma maneira que fica evidente que não vai haver outro desfecho que não seja a regularização com tudo que ela precisa fortalecendo.*

*Essa fala do Teixeira, líder da bancada na Câmara, nos coloca o desafio de se articular com o poder público municipal para realizar uma audiência pública em Brasília ou em São Paulo. Essa verba do Ministério das Cidades de 2 milhões e quinhentos mil, para realizar o projeto de regularização fundiária, percebemos que temos a vontade inclusive do governo federal.*

Nesse dia, alguns ouvintes ligaram para o programa para manifestar apoio ao evento.

**Galdino:** *Maria Eulália da Caixa D'água parabeniza e diz que vai mobilizar os vizinhos pra a caminhada.*

*Tá vendo que coisa gostosa? A próxima música vai para você, muito obrigado.*

**José Francisco:** *pergunta se os deputados Donizete Braga e Vanessa Damo, da região foram convidados.*

**Jovenildo:** *Os convites foram encaminhados para todos os vereadores, deputados, e outras entidades.*

## Reestruturação da Equipe

Passada toda a agitação da realização dos eventos de mobilização, reservamos o sábado 29 de novembro de 2011 para um encontro da equipe, para reorganizarmos os trabalhos, no sentido de redefinir os papéis e abrir espaço para novas pessoas que estavam chegando. Por esse motivo, a edição do programa foi uma coletânea de melhores momentos.

Três novas pessoas estavam presentes neste encontro: Jéssica Cavalcante, moradora da área, estudante de filosofia da USP e integrante de grupo de cultura popular; e o casal Flávio e Sueli, que são sócios em uma cooperativa de táxi e compraram há cerca de cinco anos uma casa próxima à de Dona Alzeni e lá instalaram uma antena de rádio-táxi. Eles participaram da organização da caminhada e estavam interessados em contribuir com o programa. Também estavam presentes nesta reunião os veteranos Roque, Jovenildo, Sonia, Cida, Ana Maria e Samira.

Após as apresentações, iniciamos uma roda em que cada participante disse como gostaria de contribuir com o programa. O grupo ficou muito otimista quando percebeu que o trio que chegava tinha interesse em contribuir com programa justamente nas áreas em que havia falhas: Jéssica na parte técnica, com a edição e operação de áudio, e Flávio e Sueli, na infraestrutura, na busca de parceiros e transporte dos moradores quando fosse necessário. Os outros participantes

reafirmaram o interesse na continuidade do que já faziam e ficaram de conversar com os ausentes para retomar os trabalhos. Abaixo, quadro com a reestruturação da equipe e a nova rotina da produção do programa, que previa uma retomada dos programas gravados:

**Quadro X**

<b>Estrutura da equipe de repórteres comunitários</b>	
<b>Atividade</b>	<b>Responsável</b>
Coordenação e Locução	Sonia
Edição e Operação	Jéssica
História de Luta	Cida, Roque, Ronaldo
Expressão Criança	Jovenildo e Samira
Talentos	Jéssica e Letícia
Regularização Fundiária	Lucilene
Você Sabia	Josefa (quando retornar)
Informes	Ana Maria
Apoio	Flávio e Sueli

**Quadro XI**

<b>Rotina do programa:</b>	
<b>Quinta-feira:</b> 15h às 19h – Edição dos programas 19 às 10h – Gravação do programa	<b>Sábado:</b> 9h às 10h: Reunião de pauta do próximo programa 10h às 11h: Audição do programa da semana 10h às 10h30: Avaliação do programa da semana 10h30 às 13h: Produção do próximo programa

Não conseguimos seguir a rotina planejada e o programa seguiu com edições ao vivo. Com a chegada de Jéssica, a seção *Talentos* ganhou novo fôlego e importantes talentos da área do Chafik foram entrevistados: o grupo *Tapera de Jurema*, que Jéssica é integrante; o grupo de *Rap Contra Ataque e o Samba-Lenço*<sup>12</sup> que é um grupo de samba de roda que foi tombado como patrimônio imaterial da cidade. Esse grupo possui mais de 50 anos de resistência cultural, preservando as tradições africanas por meio do canto e da dança. Seus integrantes são todos de uma mesma família residentes no Jardim Zaíra. Claudete, a atual líder do grupo, mora na área do Chafik, na região do Macuco.

No dia 19 de novembro de 2011, o programa foi dedicado ao Dia da Consciência Negra, que seria comemorado no dia seguinte, em decorrência a possível data de morte de Zumbi dos Palmares, foi ao ar a entrevista da integrante do Samba-lenço, Fabiana, realizada por Jéssica na cidade de São Caetano do Sul em uma apresentação do grupo. Abaixo, trecho da entrevista:

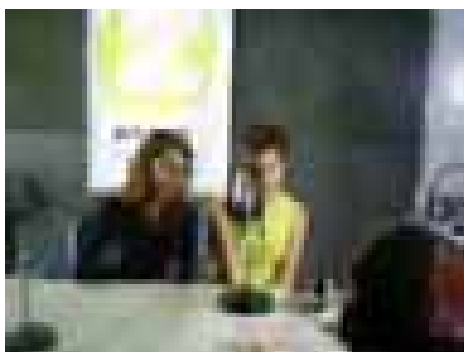
<sup>12</sup> No ano de 2011, Jéssica Cavalcante participou da produção do Documentário Samba Lenço a Memória está no Corpo dirigido pela socióloga e documentarista da cidade de Mauá Paula Quintino.

**Jéssica:** *Estamos em São Caetano Sul acompanhando a 5ª Jornada Cidadã e vamos tentar falar com Fabiana, que é integrante do grupo Samba Lenço, de Mauá da região do Jardim Zaira 6*

**Fabiana:** *Meu nome é Fabiana, sou do grupo Samba Lenço de Mauá, o nosso grupo tem mais de 50 anos de atividade. É uma dança afro vinda das áreas rurais, a gente dança para São Benedito, é uma dança religiosa, meus avós vieram para o Jardim Zaira e dançavam folia de reis e depois saíam com o samba. Na realidade nosso samba é mais conhecido fora do que dentro, [...]nosso samba é samba de bumbo que os escravos dançavam na senzala.*

**Jéssica:** *Que ação poderia acontecer na cidade de Mauá?*

**Fabiana:** *Agora estamos tendo mais apoio, estamos participando de projeto que vão para escolas ensinar o que é o nosso samba. [...]. Está melhorando, mas poderia ter mais incentivo cultural e ao folclore, quando se fala em cultura só se fala do que todo mundo já sabe e se esquecem que existem a congadas, os jongos e outros tipos de manifestações culturais. [matéria encerra a música do grupo].*



Jéssica e Talita (Grupo Tapera de Jurema)



Jéssica, Talita, Francisca e suas filhas – Grupo Tapera de Jurema

## Quadro XII

Quadro com resumo da 11a. à 20a. edições do programa <i>O Outro Lado da Cidade</i>				
	Data	História de Luta	Talentos	Expressão Criança/Regularização
11	15/10	Prof. Francisca Pini – Fama	Estudantes Fama falando dos aprendizados da pesquisa	Entrevista com José Teixeira – Debate sobre a Caminhada Jovenildo Roque e Ronaldo Melo
12	22/10	Programa especial sobre a Caminhada	Mesa-redonda com integrantes da ADEHAB	Entrevista com Deputado Paulo Teixeira em apoio à Caminhada
13	29/10	Melhores momentos		
14	05/11	Cida: Valdemir da Silva da Associação dos Moradores da Área do Chafik	Entrevista com Jéssica, nova integrante	Advogado Sales falando sobre regularização fundiária.
15	12/11	Entrevista Ronaldo: Sr. Hilário	Entrevista grupo Tapera de Jurema	Entrevista sobre Comunicação Comunitária: Tais Aranha
16	19/11	Ronaldo Melo entrevista: Morador Luis	Entrevista PIK e Rafael do Grupo de Rap Contra Ataque e Jéssica entrevista Samba Lenço	Reprise entrevista prof. Francisca sobre o Observatório
17	26/11	Cida entrevista Laércio morador da cidade com experiência em regularização fundiária	Entrada ao vivo observatório. Cancelamento das eleições do cons. tutelar.	Samira entrevista Jovenildo sobre os próximos passos da ADEHAB
18	03/12	Entrevista com novo integrante ADEHAB o Assistente Social Paulo	Não aconteceu	Entrevista com Dr. Sales;
19	10/12	Cida entrevista Valdemir da Silva sobre campanha de doação de medula para criança moradora da área	Corrida de pedestre na Área do Chafik	Wellinton 12, Jennifer 14
20	17/12	Cida Entrevista Alzeni	Josefa e Galdino: Grupo Cantares Assembleias de Deus- apresentação ao vivo.	Cida entrevista Ronaldo Melo. Avaliação do ano.

Nos dois últimos meses de programa, o grupo não consegue seguir a rotina planejada inicialmente. A forma de produção improvisada do programa impede matérias mais aprofundadas, pesquisas e um aprendizado mais efetivo. Na condição de liderança neste processo, avaliamos que poderíamos ter contribuído mais com o grupo se buscássemos rotinas e formas de produção alternativa que possibilitassem mais tempo para a produção de cada bloco, uma ideia que nos ocorreu posteriormente à finalização do processo. Seria a ampliação do número de blocos que passariam a ter veiculação quinzenal, além da ampliação da diversidade de assuntos, o grupo contaria com mais tempo para aprimorar sua produção.

Mesmo com o desgaste relatado, ainda assim esta equipe conseguiu garantir a realização de todos os programas abordando os temas que definiram sua identidade. Moradores antigos, produtores culturais, crianças e especialistas continuaram a frequentar os estúdios.

No dia 17 de dezembro de 2011, a rádio e conseqüentemente o programa entram em recesso. e Nesta última edição do ano, os integrantes fazem um balanço. Abaixo, trecho das considerações de Jovenildo:

*É muito gratificante falar que a parceria com a Rádio Z foi muito importante para todas associações, para Adehab. Também ganhamos muito, ganhamos em qualidade em geral, porque a população se aproximou mais das associações e está buscando entender o processo e buscando uma participação melhor. Esse programa alavancou bastante as propostas da ADEHAB. Ultimamente o Observatório da Fama também está na parceria e está sendo muito legal, estamos numa perspectiva muito positiva.*

No próximo capítulo de conclusão deste trabalho apresentaremos uma avaliação mais aprofundada da experiência.

## Capítulo VII

### TRAJETÓRIAS DE UMA CAMINHADA

Para além dos programas de rádio, outras ações relacionadas ao movimento de moradia na Área do Chafik já vinham acontecendo, graças ao processo de articulação entre as associações que buscaram atuar conjuntamente. Tivemos oportunidade de acompanhar alguns destes eventos divulgados pela rádio.

A audiência pública na Câmara Municipal, a construção do *Observatório de Políticas Públicas* com a Faculdade de Mauá<sup>1</sup> e a realização da 1a. Caminhada Pró Regularização Fundiária da Área do Chafik dão continuidade a esta agenda de luta que a partir de julho de 2011 passam a contar com o reforço dos processo de comunicação comunitária.

A seguir apresentamos breve descrição e análise dessas ações mobilizativas que fizeram parte da trajetória de nossa pesquisa-ação, seguidas por avaliação coletiva do processo e finalizando com mudanças que se anunciam na gestão da Radio Z FM.

#### Audiência Pública na Câmara Municipal de Mauá

A Audiência Pública<sup>2</sup> com os vereadores da Câmara Municipal de Mauá ocorreu em 02 de agosto de 2011, com o objetivo de sensibilizar e pressionar o legislativo para a questão da regularização fundiária na cidade. Este evento já estava agendado antes de iniciarmos a pesquisa-ação e, quando o programa entrou no ar, foi amplamente divulgado.

Em dezembro de 2010 foi criada na Câmara Municipal de Mauá uma comissão de vereadores para acompanhamento das questões relacionadas à Área do Chafik. Essa comissão não construiu uma agenda de trabalho, e nem desenvolveu nenhuma ação efetiva. Por esse motivo, a

1 A Faculdade de Mauá é uma instituição de ensino privada, sua entidade mantenedora é o Instituto Educacional Irineu Evangelista de Souza (IEBS), instalada na cidade no ano de 2001, sendo uma das primeiras instituições de ensino superior da cidade.

2 A audiência pública é um dos instrumentos de promoção da participação popular nos municípios. Consiste numa sessão de discussão aberta a toda a população para tratar de qualquer tema de importância para o município, tanto para coleta de opinião no momento de formulação de uma política pública, quanto para debate em uma tomada de decisão. Nas audiências, a prefeitura escuta a manifestação e opinião dos diversos atores sociais e se dispõe a esclarecer dúvidas. Na medida em que a participação é aberta a todos os cidadãos, torna-se uma oportunidade para se expor e discutir os diversos interesses da sociedade num processo democrático. As audiências estão previstas pela Constituição Federal, Leis Federais e as Leis Orgânicas. Embora algumas sejam obrigatórias, como na elaboração do Plano Diretor.

Fonte: Instituto Polis: [http://www.polis.org.br/publicacoes/dicas/dicas\\_interna.asp?codigo=229](http://www.polis.org.br/publicacoes/dicas/dicas_interna.asp?codigo=229)

comissão de moradores e lideranças que atuam na área agendaram para 02 de agosto de 2011 uma audiência pública para pressionar e não permitir cair no esquecimento a problemática vivida por 25 mil moradores que há mais de duas décadas têm seu direito à moradia digna violado.

As três primeiras edições do programa *O Outro Lado da Cidade* que antecederam essa atividade trataram de explicar a importância do evento e convidar os moradores a participar.

A Audiência Pública contou com a presença de todos os vereadores da cidade, lideranças, equipe de repórteres comunitários e moradores da região. O compromisso assumido foi o agendamento de uma reunião com a presença do poder executivo para discutir a possível negociação da área com os proprietários.



Câmara Municipal de Mauá  
Audiência Pública sobre Área do Chafik 02/08/2011



Equipe do programa na Audiência  
sentado à frente Roque, ao fundo Josefa e Sonia

A quarta edição do programa de 06 de agosto de 2011 apresentou informe sobre esta atividade, abaixo a transcrição desta informação veiculada:

**Nilton:** *A luta pela legalização da Área do Chafik deu mais um passo, no dia 02 de agosto. Na Câmara Municipal de Mauá aconteceu um encontro entre a comissão de moradores e representantes do legislativo. Também estava presente um dos proprietários da área. Decidiu-se que o legislativo realizará reunião com o executivo para construir possível negociação com o proprietário.*

Neste mesmo dia foi ao ar entrevista com o prefeito Oswaldo Dias concedida a Valmir Maia naquela mesma semana, abaixo, trecho da entrevista:

**Valmir:** *Prefeito, como estão os projetos para essa questão da Área do Chafik?*

**Prefeito Oswaldo Dias:** *Estamos com dois projetos passados para a Caixa Econômica. Em 2004 fizemos um mapeamento das áreas de risco, agora vamos contratar um estudo para especificar ponto a ponto quais os lugares perigosos*

*[em que as pessoas] tem que sair, quem pode ficar e, quais os níveis de risco.*

*Ao mesmo tempo foi encaminhado um projeto de urbanização. São 2 milhões e trezentos e cinquenta mil reais, verba do PAC,<sup>3</sup> para estudar esse projeto de urbanização daquela região.*

*A busca de recurso para essa urbanização é uma tarefa posterior, uma vez feito esse projeto, nós vamos ver o que que é isso e vamos batalhar. Vamos lançar em outubro um escritório de urbanização e discussão, quero chamar toda a militância e associações para sentarmos e discutir através de projetos Minha Casa Minha Vida, verba do Ministério das Cidades, verba da CDHU para trabalharmos num futuro muito próximo a solução para aquela região.*

No dia 17 de outubro de 2011, Lucilene Petta e a líder comunitária Alzeni Lima entrevistaram o vereador e presidente da Câmara, Rogério Santana, para obter informações sobre a reunião com o prefeito que seria agendada. Abaixo trecho da entrevista:

**Rogério:** *O tema é complexo, envolve a situação dos moradores, do governo e proprietário da área, entrar em um acordo que seja bom para todas as partes não é uma tarefa tão fácil, mas a gente espera, enquanto legislativo, provocar ainda esse mês essa agenda.*

Até fevereiro de 2012, período de conclusão deste trabalho, essa reunião não ocorreu e sequer foi agendada. Avaliamos que não seria esse encontro que faria o processo avançar, mas é esse jogo de encenações que levam a população ao descrédito, esvaziando os espaços de participação e inviabilizando o controle social do Estado, favorecendo ainda mais a perpetuação das injustiças.

O programa não deixou a questão cair no esquecimento, abordando o tema da regularização em todas as suas 20 edições.

## **Observatório de Políticas Públicas**

A parceria com a Faculdade de Mauá FAMA, especificamente com o curso de Serviço Social, já existia indiretamente, uma vez que oito estagiários e duas assistentes sociais da ADEHAB possuíam vínculo com a faculdade. Por esse motivo, realizamos uma primeira conversa em 29 de

---

3 Plano de Aceleração do Crescimento, governo federal

julho de 2011 com a coordenadora do departamento, Profa. Dra. Francisca Pini,<sup>4</sup> para apresentar o trabalho que estava em curso.

Ela gostou da iniciativa e falou da experiência do *Observatório de Políticas Públicas* que é desenvolvido pelos alunos do 6º semestre do curso de serviço social. Seu objetivo é provocar um envolvimento prático dos alunos com as ações voltadas à garantia dos direitos sociais.

No primeiro semestre de 2011, o observatório acompanhou a realização das conferências da criança e adolescente, de assistência social, do idoso e da mulher, ocorridas na cidade. Os alunos que participavam desses encontros na cidade aprofundavam os estudos a partir dos referenciais teóricos para analisar se os processos democráticos estavam ou não sendo aprimorados com a realização destes fóruns.

Com a abertura da possibilidade da realização de atividades em conjunto, a professora Francisca se comprometeu a pensar uma forma de envolver o observatório neste processo. Assim que as aulas voltaram Francisca nos convidou à apresentarmos nossa experiência. No dia 16 de agosto fomos até a faculdade conversar com os alunos do 6º semestre. Neste grupo os alunos, Douglas e Paula participaram da entrevista com os moradores realizadas anteriormente e tratadas no capítulo V, e Nilton, Ana Maria e Josefa, além da pesquisa, participaram da equipe de Repórteres Comunitários. Por esse motivo quase todos os presentes já tinham conhecimento da existência do projeto e manifestaram interesse em participar.

Desta forma, ficou decidido que as atividades do *Observatório de Políticas Públicas*<sup>5</sup> direcionaria suas ações no segundo semestre para a Área do Chafik, e a primeira atividade seria a realização de entrevista com os moradores.

Para formalizar e alinhar o direcionamento das ações, Francisca elaborou um *folder* com as informações básicas sobre o Observatório de Políticas Públicas, com a programação do dia 10 de setembro de 2011.

---

4 Francisca Pini é assistente social, mestre e doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais pela Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. Atualmente é coordenadora do curso de Serviço Social da Faculdade Mauá, diretora geral do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca) Paulo Freire e diretora do Instituto Paulo Freire. Há 18 anos participa do Movimento da Infância e da Adolescência, ligado ao Movimento dos Direitos Humanos.

5 No anexo 6 disponibilizamos o planejamento completo para o segundo semestre de 2011 das ações em sala de aula e na área do Chafik do Observatório de Políticas Públicas elaborado pela professora Dra. Francisca Pini.

No dia 10 de setembro de 2011 realizamos na sede da ADEHAB, um momento para formação das duplas e definição dos locais. Decidimos realizar a pesquisa na Rua Lourival Portal,

na região do Macuco, devido ao fato de ter sido neste local que ocorreram as mortes no mês de janeiro de 2011 e atualmente apresentar um cenário de guerra, devido ao número de casas demolidas por estarem em risco extremo. O outro lugar escolhido foi a região da Caixa D'agua, na rua das Laranjeiras, por ser uma localidade em que os vínculos comunitários construído estavam fortes, pois lideranças como Alzeni, Cilene e sua mãe Aparecida, do grupo de mães, e Marilene e seus netos, Ester e Mateus, que estavam participando frequentemente do programa.

As duplas Néia e Edson; Marta e Paula; Auricléia e Cris realizaram a pesquisa na Rua Lourival Portal. Josefa e Ana Maria; Ivonete e Lucilene; Márcia e Tais foram para Rua Laranjeiras. Enquanto isso, o programa O Outro Lado da Cidade estava sendo transmitido, Nilton foi para os estúdios da rádio falar sobre a pesquisa. Combinamos que, conforme as entrevistas eram realizadas telefonaríamos a rádio para que os entrevistados fizessem comentários no ar.

Abaixo, transcrição de trecho do programa que ilustra esta interação:

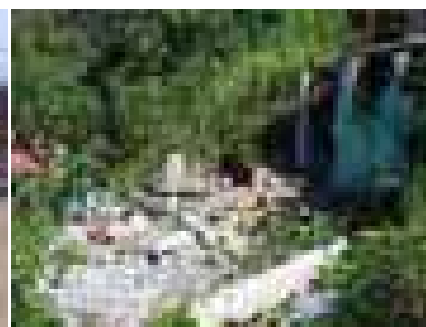
**Nilton:** *Gostaria de agradecer o Sr. Onofre, que acabou de responder nossa pesquisa na Rua Lourival Portal. Os alunos do 6º semestre do curso de Serviço Social estão realizando esta pesquisa para o Observatório de Política Pública.*



Pesquisa de Campo com estudantes de Serviço Social em 10/09/2011



Pesquisa de Campo na região Caixa D'agua



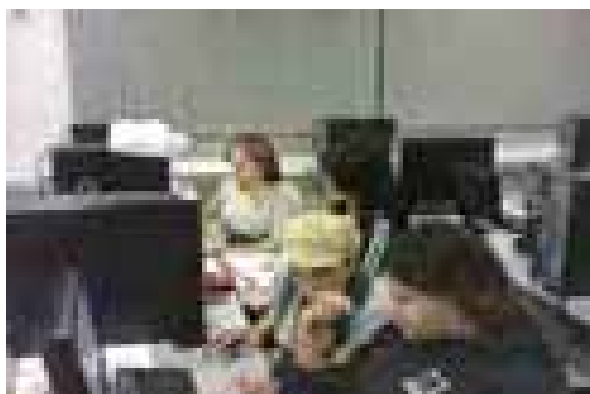
Escombros de casa demolida na Rua Lourival Portal, registrado pelos estudantes em 10/09/2011

Foram 55 questionários aplicados. Após o trabalho de campo, os estudantes realizaram avaliação em sala de aula. A professora Francisca nos relatou que seus alunos perceberam a existência de uma forte rejeição ao poder público, mas uma grande receptividade ao trabalho de pesquisa e interesse em discutir as questões da moradia. Agendamos para a semana seguinte a tabulação coletiva dos dados.

A scan of a questionnaire form, likely a survey or interview tool, with various sections and text fields. The form is divided into several columns and rows, with some sections containing text and others containing lines for data entry. The text is somewhat blurry but appears to be a structured form for data collection.

Questionário da entrevista realizada pelos estudantes de Serviço Social em 10 de setembro de 2011 na Área do Chafik

No dia 20 de setembro 2011 realizamos encontro para iniciar o trabalho de apuração dos dados com os estudantes, no laboratório de informática da faculdade para preenchimento coletivo da planilha on-line<sup>6</sup>. Agendamos para o dia 15 de outubro de 2011 o retorno aos locais em que as entrevistas foram realizadas para, apresentar uma devolutiva com os dados.



Atividade de tabulação dos dados com os estudantes de serviço social da faculdade Fama em 20 de setembro de 2011

<sup>6</sup> Disponível em <http://va.mu/Tg1N>



Resultado da pesquisa de campo realizada com os estudantes da Faculdade Fama em 10 de setembro de 2011.

Com a somatória das duas pesquisas formamos um poderoso banco com dados de 99 moradores, o do mapeamento de diversas pessoas que são referências na região, além das prestadoras de serviços, como pedreiros e manicures. Observamos que as perguntas sobre a questão da moradia seguem a mesma tendência do primeiro levantamento realizado na área no mês de julho, e apresentado no capítulo V.

Em sala de aula a professora Francisca iniciou um debate sobre territorialidade a partir de uma abordagem de Milton Santos. Ela também utilizou um texto extraído do livro *Medida de Cidades: Entre Territórios de Vida e Territórios Vividos* de Dirce Koga (2003). Esta autora compreende que o território vai além do espaço político-administrativo porque está permeado de relações objetivas e subjetivas:

A dimensão territorial traz elementos que permitem uma perspectiva de totalidade da questão social: já que trabalha não somente com os aspectos das necessidades, como

se refere às próprias relações estabelecidas entre os sujeitos e seu cotidiano de vivência, esta relação dinâmica se contrapõe à corriqueira e simplista noção de necessitados ou carentes como comumente se referem as políticas direcionadas aos pobres, que os destitui da condição de sujeito. (KOGA 2003, p. 39).

A próxima ação do observatório seria o retorno nas regiões em que a pesquisa foi desenvolvida para diálogo com os moradores. A data determinada para isso foi no dia 15 de outubro de 2011. A programação previa que o grupo de estudantes participasse do programa ao vivo e depois se dirigisse para as regiões em que as entrevistas foram realizada.



No dia 15 de outubro o grupo de estudantes e a professora Francisca compareceram a Rádio Z para participarem do programa *O Outro Lado da Cidade*. Na abertura do programa Francisca contou sua história de vida e apresentou a proposta do observatório. Na segunda parte os estudantes foram entrevistados, e contaram a experiência do trabalho de campo, os dados levantados e os aprendizados teóricos e práticos. Abaixo, trecho da transcrição da entrevista da professora Francisca Pini:

**Lucilene:** *Hoje é quinze de outubro, dia dos professores, parabéns Fran. Conta para gente seu trabalho e formação?*

**Francisca:** *Os professores que têm um papel importante para discutir e formular proposta para um mundo menos injusto, menos desigual ou sem nenhuma desigualdade, é nessa trincheira que eu me coloco como cidadã e como assistente social e, atualmente, como professora de um curso que há 10 anos vem sendo construído aqui em Mauá.*

*Minha trajetória começa na Brasilândia, na periferia da Zona Norte de São Paulo, assim como vocês, sempre estive na luta por moradia, saúde e regularização das habitações.*

*Eu sempre digo que não foi a faculdade que me formou, lá eu obtive teorias para eu entender melhor a realidade, mas quem me formou para lutar por um outro mundo mais justo foram os movimentos sociais.*

*Penso que é com essa contribuição que a Faculdade de Mauá se insere, juntamente com a ADEHAB e Rádio Z, para pensar como a faculdade, por meio da formação de estudantes, pode se engajar nessa luta conjunta.*

**Lucilene:** *Como surgiu a ideia do Observatório de Políticas Públicas voltados para a Área do Chafik em adesão a Rádio Z e com a ADEHAB?*

**Francisca:** *O curso de Serviço Social da Faculdade de Mauá, foi criado em 2001. Quando o curso surgiu pensou-se em criar um diferencial em sua grade curricular e o Observatório veio para ser um espaço em que a gente discute políticas públicas, direitos sociais e como participar, integrando a matriz curricular do curso, para que os estudantes possam estudar as políticas públicas, mas possam intervir com a comunidade.*

*Dia 10 de setembro, aqui na Área do Chafik os alunos de Serviço Social, juntamente com Lucilene, Sonia e Raquel, estiveram ouvindo os moradores, ouvindo as principais problemáticas e ao ouvir, formulamos algumas propostas para efetivamente contribuir com encaminhamentos.*

*Então é nessa perspectiva que o Observatório do curso de Serviço Social da Faculdade de Mauá, com a ADEHAB e a Rádio Z, pretende aproximar a faculdade que deve ter função social inserida com os moradores da região. A gente espera que os ouvintes da Rádio Z possam dialogar.*

Devido à forte chuva não foi possível que o grupo saísse para comunidade naquele momento. o encontro para devolutiva foi adiado para o dia 26 de novembro de 2011, na casa de Dona Alzeni, na região da Caixa D'agua.



Professora Francisca Pini (de blusa verde) participando do programa de 15 de outubro de 2011



Estudantes de Serviço Social da Faculdade Fama contando a experiência da realização da pesquisa de campo na Área do Chafik

Após o dia 15 de outubro de 2011, os estudantes e equipe de repórteres comunitários direcionaram energia para a organização da caminhada, marcada para o dia 23 de novembro de 2011. Iremos abordar o processo de realização desse evento mais á frente. Aqui seguiremos reconstruindo o processo de desenvolvimento do Observatório de Políticas Públicas.

Em 19 de novembro de 2011, sábado anterior ao encontro para devolutiva da pesquisa, os estudantes organizaram um trabalho de divulgação da atividade. Fizeram abordagens porta-a-porta na região próxima a residência de Dona Alzeni. Os moradores questionavam se havia algum vínculo político-partidário com a iniciativa, e os estudantes explicavam a natureza desta atividade.

Uma das pessoas que participou da divulgação, chegando com grande disposição para contribuir com os trabalhos do Observatório e da ADEHAB, é Adriana Brito, moradora de Mauá, assistente social formada pela FAMA e educadora popular no Instituto Paulo Freire.

Neste dia de mobilização (19/11), Adriana convidou Francisca Rodrigues - que trabalha na ANATEG<sup>7</sup> e está realizando um trabalho de cadastro das iniciativas de economia solidária na cidade de Mauá, para conhecer o trabalho realizado pelo grupo de mães, articulado por Cilene e Aparecida. O objetivo da ANATEAG é fortalecer o trabalho em rede destas organizações, realizando

---

<sup>7</sup> ANATEAG - Associação de Trabalhadores e Empresas Autogestionárias. Atua na construção de novas relações de trabalho, com valores e formas de interação coletiva marcadas pela política de não-exploração e gestão democrática, tanto nas unidades produtivas quanto nas redes de produção e serviços e nas cadeias produtivas. É referência na metodologia de assessoria e capacitação de empresas de autogestão. Faz parte de diversas instâncias representativas da Economia Solidária.

encontros de formação e outras atividades. A participação deste grupo nesta rede (que a Rádio Z também fará parte) representa mais um importante passo no sentido de construir processos que fortaleçam as iniciativas dos moradores da área.



Da esquerda para direita Dona Alzeni, Adrina, Cida e Francisca  
Divulgação do encontro de devolutiva que acontecerá na semana seguinte  
Francisca Rodrigues da ANTEAG veio visitar grupo da região em 19 de setembro de 2011.

Em 26 de novembro acontece a última atividade externa do Observatório do ano de 2011. O encontro tem como objetivo realizar devolutiva da entrevista com moradores da área, debater com os presentes o significado das informações levantadas e definir alguns encaminhamentos.



A reunião aconteceu no quintal da casa de Alzeni, na Rua João Bosco, 16 – travessa da Rua das Laranjeiras. Estiveram presentes a professora Francisca, cerca de dez alunos de serviço social, algumas lideranças da região, como sr. José Luiz e sua esposa Rita; Dona Aparecida, do grupo de mães; Dona Maria, conhecida como Vó, com 86 e nossa anfitriã, Alzeni.<sup>8</sup>

Após a apresentação da apuração das entrevistas, o debate girou entorno do que fazer para melhorar as condições de vida da população. Um dos principais problemas apontados foi a falta de participação dos moradores gerada pelo cansaço, descrédito e, da parte de alguns, medo. Esse último aspecto veio à tona pelas ameaças que alguns moradores recebem tanto do tráfico quanto de lideranças políticas. As ameaças vão desde a expulsão do bairro até a demolição das casas. Quando perguntamos aos moradores se vale a pena continuar participando, se expondo ao risco de serem alvo de ameaças, todos afirmaram que não se intimidam e que vale a pena seguir adiante.

<sup>8</sup> Dona Alzeni Rodrigues Lima tem 50 anos, mora há 20 anos na mesma casa na Área do Chafik. Trabalhou como merendeira em escola pública e hoje está desempregada. Ela não faz parte da diretoria de nenhuma associação, não possui filiação partidária. Sua atuação acontece de forma espontânea ajudando vizinhos nos problemas que aparecem, como cobrança indevida da taxa de iluminação cobrada pela Eletropaulo. Ela comparece em todas as reuniões que tratam da área. Foi convidada várias vezes para fazer parte da equipe de repórteres comunitários, mas disse que não têm tempo.

A professora Francisca afirmou que para o ano de 2012, o Observatório dará continuidade aos trabalhos na área e a possibilidade da organização de uma audiência pública pode ser um caminho. Ficou agendado um próximo encontro no dia 11 de fevereiro de 2012.

O programa O Outro Lado da Cidade estava sendo transmitido e fizemos uma entrada ao vivo falando sobre o encontro:

**Sonia:** *Oi Raquel, estamos no ar, como estão as coisas na casa da D. Alzeni?*

**Raquel:** *Estamos na Rua João Bosco, próximo a Rua das Laranjeiras na casa da D. Alzeni. Os presentes querem dar um bom dia aos ouvintes. [Grupo: Bom dia!]. A professora Francisca vai dar um alô para os ouvintes.*

**Francisca:** *Estamos aqui com a dona Maria, Aparecida, seu Luiz, Dona Alzeni, os estudantes da Faculdade de Mauá e a Raquel. Estamos discutindo que ações são de responsabilidade de uma faculdade e que ações são responsabilidades do poder público. Esperamos sair daqui hoje com uma agenda de trabalho para 2012 em que estudantes de serviço social e o Zaira 5 e Macuco estejam articulados. Um abraço e bom dia.*



Alunos da Faculdade Mauá e moradores no encontro de devolutiva da pesquisa de campo 26/11/2011



Dona Maria, conhecida como Vó, uma das moradoras mais antigas, com 86 anos. Ao seu lado, com o neto no colo Dona Aparecida, do grupo de mães.



Em pé, de rosa, a anfitriã do encontro, Dona Alzeni



Professora Francisca apresentando o resultado da pesquisa. Sentado o morador José Luiz e atrás em pé o estudante Edson.

Após a última ação do *Observatório de Políticas Públicas* do ano de 2011, entrevistamos a Profa. Dra. Francisca Pini<sup>9</sup> com o objetivo de avaliar o processo:

*A parceria propiciou nossa ida a campo na Área do Chafik. Tivemos a possibilidade de conhecer as pessoas e por meio dela fazer entrevistas, identificar que questões naquela comunidade estavam postas.*

*O interessante de tudo isto foi perceber o aprendizado dos estudantes em relação a como a comunidade se movimenta e como ela se articula para buscar a garantia de seus direitos.*

*Algo que ficou bastante forte foi perceber que eles, num primeiro momento, já tinham uma ideia pré-concebida em o que oferecer em nível de intervenção; e o processo construído de forma coletiva e democrática mostrou a eles que não dá para construir para, a construção deve ser com as pessoas que realmente estão inseridas nos processo.*

*O encontro de novembro demonstrou que efetivamente as pessoas estão desacreditadas na participação social. Existem sim focos de resistência [grupos organizados], mas não há aquela participação de massa que a gente conheceu na década de 1970 e 1980.*

*Considero que a participação com a rádio comunitária Rádio Z foi determinante para conquistar esses aprendizados, a própria formação do último encontro demonstrou que não é possível realizarmos encontros pontuais sem conseguir articular algo mais perene.*

*Aquela turma que participou se prontificou a continuar organizados e retomar as ações em fevereiro de 2012. O desafio é conseguir traduzir, por meio de atividades muito concretas, as demandas da população, as audiências públicas, dialogar com aquilo que para elas está muito latente, como a questão do transporte, educação e segurança, mas acima de tudo, provocar nelas essa questão do pertencimento em relação a sua vida pública.*

## **1ª. Caminhada Pró Regularização Fundiária da Área do Chafik.**

O silêncio e a invisibilidade são fatores que contribuem com a perpetuação das injustiças sociais conforme abordamos no capítulo I. As periferias e sua população empobrecida são invisíveis aos olhos dos proprietários dos meios de produção, incluindo os meios de comunicação.

Se a existência da cidade de Mauá é, por muitos, ignorada, o que se dirá de uma região que representa a periferia do maior bairro periférico do município? Ninguém houve, ninguém vê, ninguém sabe dos problemas que os moradores daquela região vivem. Muitos pensam que o Jardim Zaira é um bairro pobre, mas urbanizado. A sociedade ignora a existência de 25 mil pessoas que vivem exiladas por três quilometro de terra de qualquer aparelho público.

Esses foram os motivos que levaram a ADEHAB a propor a realização da Primeira Caminhada Pró Regularização Fundiária na Área do Chafik. Pela primeira vez a entidade não

---

9 Entrevista concedida em 20/12/2011.

propunha ao morador sair de sua região para um ponto central da cidade. Era uma mobilização que passava em frente a sua casa, atingindo aquela parcela desorganizada, ou resistente à participação, que mesmo ausente, se olhasse pela janela poderia observar que algo de diferente estava acontecendo em sua volta e mesmo se não olhasse, a mensagem dos carros de som invadiriam sua casa.

Essa caminhada também criava oportunidade para aqueles que não eram moradores percorrerem a região, além de provocar a visita das autoridades e meios de comunicação à área.

A organização de uma atividade com essa proporção era extremamente complicada, mas a experiência com a Defesa Civil de Jovenildo e a serenidade de praticante budista de Roque os levou a fazer por mais de uma vez a caminhada de toda a extensão, antes de formalizarem a proposta. Dessa forma, eles sabiam a média de tempo gasto, os obstáculos que se encontrariam e assim definiram os melhores caminhos e toda a logística da atividade.

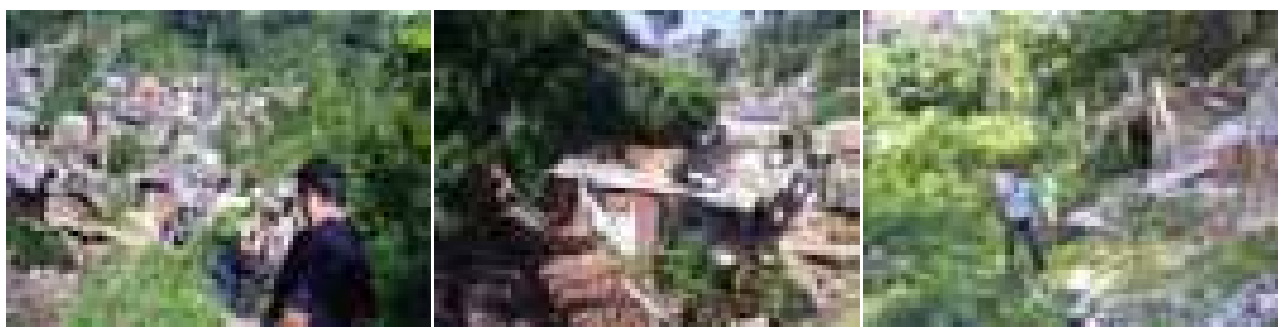
A trajetória desta caminhada não se resumia ao seu percurso no território, pois muitos passos foram dados antes de sua realização, várias reuniões para organização e mobilização das lideranças aconteceram, trazendo novos atores que participaram pela primeira vez de um programa de rádio e de uma reunião do movimento de moradia. O programa *O Outro Lado da Cidade* entre 10 de setembro a 22 de outubro, trataram de divulgar, explicar e convocar toda a sociedade para esta marcha.

Além de nossa participação nas reuniões de organização da atividade, ficamos responsáveis pela elaboração de um boletim com informações sobre a atividade. Esse material teve tiragem de 15 mil cópias.



No dia 23 de outubro de 2011 compareceram na caminhada uma pequena parcela de moradores, lideranças locais, sindicalistas, estudantes da faculdade Fama, autoridades e imprensa local. Realizamos o trajeto do ponto de concentração na Rua Sebastião Antonio da Silva, até Rua Lourival Portal, local em que famílias morreram no início de 2011.





Caminhada Pró Regularização Fundiária da Área do Chafik 23/10/2011

Na rua Lourival Portal realizamos um ato ecumênico e plantamos uma árvore no local onde havia acontecido um deslizamento de terra. As manifestações dos presentes reafirmaram a importância de pessoas de vários lugares da cidade, de vários segmentos sociais e políticos estarem unidos naquele lugar, que precisa reflorescer, pois foi e ainda é cenário de tristes acontecimentos.



Ato Ecumênico na Rua Lourival Portal 23/10/2011

Após o ato ecumênico caminhamos até o ponto de concentração na rua Sebastião Antonio da Silva, onde ocorreria um ato político. Compareceram neste as principais autoridades do legislativo e executivo da cidade, incluindo o prefeito e o presidente da câmara, vários secretários municipais e vereadores de todos os partidos.

O microfone do carro de som, concedido pela *Força Sindical*<sup>10</sup>, estava aberto, mas nenhum morador se sentiu a vontade de falar ao microfone, apenas algumas lideranças. Se por um lado o evento ganhou ares de palanque eleitoral, por outro representou o reconhecimento do poder de mobilização dos movimentos de moradia e colocou definitivamente a Área do Chafik no mapa.

---

10A Força Sindical é uma organização sindical brasileira, de trabalhadores. Fundada em 1991, representava uma força de oposição a outra central já existente, ligada ao Partido dos Trabalhadores, a Central Única dos Trabalhadores.



Prefeito Oswaldo Dias

De costas presidente da OAB<sup>11</sup>  
Roberto Roberto Carlos OrtizDe muletas presidente da  
Câmara Municipal Rogério  
Santana

Ato Político na Rua Sebastião Antônio da Silva 23/10/2011

Após o ato político o evento seguiu durante toda a parte da tarde com atividades artísticas e lúdicas organizadas pelo coletivo Comunidade Viva, que realizou ocupação artística na área. Com a presença de DJ, grafiteiros, pintando além dos muros das vielas, os rostos das crianças que ganharam doces e brincaram bastante.



Ocupação Artística 23/10/2011

---

11 Ordem dos Advogados do Brasil.



Publicação do Jornal Mauá Notícias de 28 de outubro de 2011. p. 06.

## Avaliação Coletiva

Para encerrar o processo de pesquisa-ação convidamos os presentes para participar de encontro para avaliação da experiência. Este encontro ocorreu em 14 de janeiro de 2012, na sede da ADEHAB, no Jd. Zaíra. Estivam presentes 22<sup>12</sup> pessoas:

**Equipe Repórteres Z:** Sonia Brito, Fernando Galdino, Roque Paulo, Ronaldo Melo, Josefa Moreira, Lucilene, Ana Maria, Cida, Jovenildo e Raquel

**Moradores Zaíra 5:** José Luis, Alzeni, Valdirene, José Manoel, José Carlos

**Associações Área do Chafik:** Paulo Lucio – Ação Cidadania

**Equipe ADEHAB:** Camila Silva, Santana, Adriana,

**Convidados:** Laura Tresca – observadora Artigo 19, Paula Takada – mediadora Favela Atitude e Matias Tolosa<sup>13</sup> – Madri Espanha

12 Valmir Maia não pode comparecer a este encontro devido a problemas de saúde em sua família.

13 Matias Tolosa é arquiteto espanhol que está fazendo um trabalho sobre trabalhos comunitários no Brasil e esteve

Convidamos Paula Takada<sup>14</sup> para mediar o encontro. Propusemos quatro perguntas norteadoras para que os participantes avaliassem a experiência a partir de sua perspectiva.

A primeira questão era: *O que a experiência com o programa significou para mim em duas palavras.* Os participantes responderam individualmente em tarjetas e depois abrimos roda de conversa. Abaixo seleção de algumas<sup>15</sup> considerações dos participantes

*Sonia: conhecimento e crescimento profissional*

*Lucilene: aprendizado e articulação*

*Jovenildo: sensibilidade e visão*

*Alzeni: direito de resposta e acompanhamento da comunidade.*

*Valdirene<sup>16</sup>: informação e liderança.*

Podemos perceber nas palavras dos integrantes da equipe que participaram da pesquisa - Sonia, Lucilene e Jovenildo - que a experiência proporcionou a apropriação de novos conhecimentos, ampliação da visão de mundo, possibilitando uma atuação político profissional com maior sensibilidade com a realidade dos moradores. A liderança comunitária Alzeni e sua vizinha Valdirene identificaram o programa como fonte de informação, e perceberam que o envolvimento do projeto com a comunidade as reconheceu como interlocutoras.

A segunda questão foi debatida em subgrupos e interrogava: *Como o programa influenciou o meio em que atuo?* Destacamos algumas colocações:

*Valdirene: Na comunidade o pessoal não está nem aí. Mas tem uns 40% que estão procurando se informar. O pessoal está acreditando mais por escutar pessoas conhecidas.*

*Roque: Para a Adehab foi um estrondo, a repercussão e o impacto voltaram para a gente porque nosso trabalho tem que estar a altura, a expectativa das pessoas aumentou. Atingimos mais pessoas.*

*Josefa: Na faculdade vamos continuar como observatório e articular uma audiência pública.*

*Paulo Lúcio<sup>17</sup>: Na experiência da panfletagem para caminhada descobri como a*

---

presente a convite do Sr. Jovenildo da ADEHAB.

14 Paula Takada é jornalista e mestre em comunicação social pela universidade Metodista e possui experiência em educação popular e comunicação comunitária.

15 O relato deste encontro na íntegra está disponível no anexo 8

16 Valdirene é vizinha de Dona Alzeni foi a primeira vez que participou de nossas atividades.

17 Paulo Lúcio é coordenador da Associação Espaço Social e Cultural Cidadania do Jd. Zaíra e se aproximou do projeto em decorrência da organização da caminhada.

*rádio é bastante ouvida. A ADEHAB foi muito bem divulgada. Pessoas da comunidade vinham discutir comigo assuntos da ADEHAB por causa da rádio. Muita gente que não acreditava já mudou de ideia e quer saber quando é a próxima caminhada.*

Nesta questão Valdirene analisa que uma parte dos moradores está se abrindo para um processo de mobilização. Roque avalia a contribuição para o fortalecimento institucional da ADEHAB, Josefa aponta que o envolvimento da Faculdade terá continuidade. Paulo Lúcio compartilha sua observação das mudanças no cotidiano da comunidade em que os assuntos relacionados a questão fundiária é debatida nas ruas em função do programa *O Outro Lado da Cidade*, reforçando a afirmação de Valdirene que o descrédito dos moradores na luta do movimento está sendo aos poucos desconstruída, e que uma abertura para a participação popular tende a ser ampliada.

A terceira questão provocou o grupo a apontar o que não teve continuidade no projeto e os desafios para o futuro. Destacamos algumas reflexões:

**Camila<sup>18</sup>:** *O trabalho com as crianças deve continuar, pois envolve toda a família para serem líderes. O trabalho com rádio desperta o interesse das crianças.*

**Galdino:** *Falta maior presença da equipe na produção do programa, falta maior integração com a comunidade. Precisamos rediscutir o projeto em um seminário.*

**Adriana:** *Socializar o conhecimento que adquirimos com a comunidade. A caminhada não reuniu muitas pessoas, precisamos trabalhar a questão da mobilização, animar as pessoas via Rádio Z, maior comprometimento dos estagiários em articular teoria e prática.*

Essa reflexão evidencia o quanto o trabalho com as crianças deveria ter sido priorizado, pois possibilitaria a construção de vínculos comunitários mais efetivos com as famílias que moram na área. Também foi apontada a necessidade de uma dedicação e integração maior da equipe com a comunidade, além da importância da ampliação da discussão coletiva para a definição da continuidade das ações.

A última questão provocava o grupo a fazer uma relação da ação desenvolvida com os moradores da Área do Chafik e a Rádio Z, voltada para as questões da moradia e democratização da comunicação de uma forma mais geral. A seguir alguns comentários:

---

18 Camila é assistente social e irá colaborar com a ADEHAB, esta foi a sua primeira participação nas atividades relacionadas a pesquisa-ação.

*[A experiência] Desmistificou que a comunicação é só para profissionais da área.  
 Todos têm direito e podem fazer parte da rádio  
 A pessoa que não tem computador, mas tem uma rádio fica menos restrita.  
 A comunidade se enxergou como parte da luta  
 A comunicação comunitária se mostrou um instrumento do serviço social.*

Essa análise mais geral trouxe a reflexão que a participação dos moradores nas rádios comunitárias é um direito (e um dever da rádio); que o rádio tem um papel fundamental nas localidades em que não existe acesso aos meios digitais de comunicação<sup>19</sup> e que a comunicação pode contribuir com a práxis do serviço social e com o fortalecimento da organização popular por moradia.

De um modo geral foi muito positivo finalizar o processo com um número significativo de pessoas, da presença daqueles que estiveram desde o primeiro momento, dos que foram chegando durante e os que compareceram pela primeira vez, todos muito interessados em continuar com a experiência, com a consciência que ela precisa ser aprimorada.

## **O Balanço da Rádio Z FM**

No Capítulo IV abordamos a intenção de Valmir Maia em discutir o projeto da Rádio, decidindo paralisar suas atividades cotidianas, em 23 de dezembro de 2011 ele publicou o seguinte texto no site da Rádio<sup>20</sup>:

### **Rádio Z FM entra em recesso e se prepara para desafios em 2012**

Devido às comemorações de Natal e Ano Novo, a equipe da Rádio Z FM entrará em recesso entre os dias 23 de dezembro de 2011 e 23 de janeiro de 2012. Durante esse período, o site [www.radiozfm.org](http://www.radiozfm.org) será atualizado somente em casos de urgência, quando assuntos de extrema importância afetarem a vida da população de Mauá. Porém, a programação musical diária e a transmissão online da emissora continuarão normalmente. Por isso, toda produção da Z FM já agradece sua companhia em 2011 e deseja aos ouvintes, internautas e moradores da nossa cidade. Boas Festas. Que no próximo ano sua audiência e participação deixem a rádio comunitária de Mauá<sup>21</sup> se aproximar cada vez mais de você.

19 Nossa entrevista com moradores identificou que apenas 5% possuíam endereço eletrônico.

20 <http://radiozfm.org/geral/2089-radio-z-fm-entra-em-recesso-e-se-prepara-para-desafios-em-2012.html>

21 Grifo nosso.

Pela primeira vez identificamos<sup>22</sup> um texto caracterizando a Rádio Z FM como comunitária, ainda que houvesse algumas matérias informando engajamento da Z no movimento das Rádios Comunitárias. Esta autoafirmação textual indica uma tendência no sentido da rádio ampliar o espaço da emissora para a participação popular.

Outra indicação desta tendência é a intenção de estimular a criação de outros programas com o formato do Outro Lado da Cidade em parceria com outras organizações sociais. Esta ideia também está vinculada a outro modelo de sustentabilidade para a rádio, pois cada organização teria o desafio de conquistar apoios culturais para seu programa, e parte dessa arrecadação seria destinada à contribuição para a infraestrutura da rádio, que além do espaço físico e equipamentos contribuiriam com a formação em comunicação comunitária dos participantes. Estas entidades iriam compor o conselho comunitário da rádio participando de forma mais ativa da gestão da emissora.

Mas antes da implementação destas inovações, Valmir Maia decidiu investir de forma mais contundente no enfrentamento do problema de sobreposição dos sinais de duas rádios comunitárias da cidade, abordadas no capítulo IV.

A Rádio irá lançar uma campanha que terá provavelmente o nome de *Querem calar Mauá!* Maia articulou com Plínio César Pessoa - 33 anos e é o coordenador da FM Mauá 87,5 - que também irá integrar a campanha. Segundo Plínio,<sup>23</sup> as duas rádios não são concorrentes, são parceiras que dividem o mesmo espaço, ambas estão operando dentro dos padrões estabelecidos pela ANATEL<sup>24</sup> e devido ao relevo do município, uma atrapalha o sinal da outra. “estamos sendo punidos por um problema que não fomos nós que criamos e o maior prejudicado é o cidadão da cidade”, afirmou Plínio.

Em 13 de fevereiro de 2012, acompanhamos a realização da primeira reunião para preparar esta campanha na sede da Ordem dos Advogados de Mauá -OAB<sup>25</sup>. Estiveram presentes o presidente da ordem, Dr. Roberto Carlos Ortiz, e nove membros da diretoria, a advogada do Fórum Democracia na Comunicação (FDC) Marilene Araújo, Valmir Maia e os integrantes da ADEHAB Jovenildo, Sonia, Ronaldo e Roque.

Os advogados mostraram interesse na questão e solicitaram informações jurídicas, técnicas e sociais envolvendo as Rádios Comunitárias, afirmando que este é um problema de toda a

---

22 Realizamos em 18 de fevereiro de 2012 busca no site da Rádio com a palavra “comunitária”, Apenas na matéria apresentada acima caracterizam a Rádio Z FM nesta condição.

23 Entrevista telefônica concedida em 18 de fevereiro de 2012

24 Agência Nacional de Telecomunicações

25 A OAB possui um quadro semanal na Rádio Z chamado a *OAB Nas Ondas do Rádio*

cidade de Mauá e da sociedade como um todo. O encaminhamento definido pelos presentes foi a realização de um encontro para aprofundar a questão, para que num segundo momento a OAB-Mauá tome uma posição institucional frente ao caso.

Com esses últimos acontecimentos podemos perceber que grandes mudanças tendem a acontecer no próximo período, no sentido de reforçar sua importância como emissora local e principal veículo de comunicação do município, ao mesmo tempo em que amplia o espaço para sua dimensão comunitária<sup>26</sup>. Tais mudanças não podem ser creditadas unicamente a realização da pesquisa-ação, porém sua contribuição também incidu na deflagração deste processo.

## **Montando o mosaico**

Esta pesquisa teve como ponto de partida a necessidade de conhecer as condições para que uma rádio comunitária estimule a participação e contribua com a organização local pelo direito à moradia.

Para conhecermos tais condicionantes provocamos a aproximação entre uma rádio comunitária e uma organização social que atua no movimento de moradia no município de Mauá, no bairro do Jardim Zaíra, a realizarem em conjunto programas de rádio que tratassem das pautas do movimento em questão. Cabe ressaltar que este foi por muitos anos o bairro de nossa moradia e de atuação junto aos movimentos populares.<sup>27</sup>

O processo desta pesquisa-ação ocorreu entre 01 de junho de 2011 a 14 de janeiro de 2012 e permitiu a realização de parceria entre a Associação para o Desenvolvimento da Habitacional do Brasil - ADEHAB e a Rádio Comunitária Z FM, denominamos esta empreitada como Projeto Repórteres Comunitários Z.

A principal realização desta parceria foi a produção de 20 edições do Programa Outro

---

26 PERUZZO (2003, p.2) Diferencia a natureza desses dois segmentos midiáticos, em suas palavras: Em síntese, mostramos que as mídias comunitária e local se configuram em duas vertentes, cada uma com suas especificidades, mas que, em alguns casos, se encontram no que diz respeito a conteúdos transmitidos. Porém, a tendência maior é que a mídia local se ocupe de assuntos mais gerais (das vias públicas, tragédias, violência urbana, tráfico de drogas, política local, serviços públicos, problemas da cidade, culinária regional etc.), enquanto os meios comunitários trabalham principalmente com pautas de interesse mais específico de segmentos sociais (assuntos dos bairros, do trabalho, dos movimentos sociais, questões de violência, esclarecimentos quanto aos perigos relacionados às drogas e outras problemáticas de segmentos sociais excluídos). O primeiro tipo de mídia visa mais a transmissão da informação e o segundo a mobilização social e a educação informal.

27 Autobiografia da autora anexo 10.

Lado da Cidade, transmitidas entre 16/07/2011 e 17/12/2011, nos sábados das 10h às 11h<sup>28</sup>, com os blocos *História de Luta, Expressão Criança, Talentos, Regularização Fundiária e Informes*

Alguns fatos importantes ocorridos durante o processo da pesquisa-ação foram a articulação do *Observatório de Políticas Públicas* em parceria com a Faculdade de Mauá, que realizou atividades entre setembro e novembro de 2011 e a organização da 1a. Caminhada Pró Regularização Fundiária da Área do Chafik, ocorrida em 23 de outubro de 2011.

Outros acontecimentos positivos para o processo de fortalecimento das organizações envolvidas com a pesquisa-ação que podemos destacar foram a ampliação dos colaboradores da ADEHAB<sup>29</sup>, e a reorganização da Rádio Z FM que tende a ampliar seu espaço para as organizações sociais da cidade.

A partir realização de nossa pesquisa-ação constatamos que articulação entre uma rádio comunitária e os movimentos sociais podem contribuir com a ampliação da participação popular e a organização local para defesa de direitos.

Na conclusão realizaremos análise sobre as possíveis condicionantes que determinaram esse processo.

---

28 No mês de dezembro o programa passou a ser transmitido entre 10h30 e 11h30.

29 Em meados de novembro de 2011 passou a contar com mais quatro assistentes sociais em seu quadro de colaboradores, Adriana, Paulo, Camila e Santina. Cada assistente social pode supervisionar até quatro estagiários, desta forma existe possibilidade de para 2012 a entidade contar com 16 estagiários contribuindo com os trabalhos da organização.

## CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou investigar as condicionantes sociais de uma ação político-comunicacional voltada à mobilização pelo direito à moradia para entender quais são as implicações para que a participação e organização local sejam estimuladas através da apropriação dos meios de comunitários de comunicação.

Para conhecermos estas condicionantes provocamos a partir da metodologia da pesquisa-ação, aproximação entre uma rádio comunitária e uma organização social que atua no movimento de moradia no município de Mauá – SP, a fim de realizarem em conjunto programas de rádio que abordem questões relacionadas ao direito à moradia.

Nos capítulos I, II, III e IV analisamos o contexto geral e local em que as questões do direito à moradia e democratização da comunicação estão inseridas. Nos capítulos V, VI e VII detalhamos os passos dados para a realização da pesquisa-ação. Abaixo, confrontaremos o processo vivido com as referências metodológicas que adotamos:

**Articulação inicial:** Iniciamos os trabalhos apresentando a proposta de pesquisa-ação aos integrantes da Associação para o Desenvolvimento da Habitação do Brasil - ADEHAB e para o coordenador da Rádio Z FM. Na medida em que ambos concordaram com o projeto, construímos conjuntamente um cronograma de ações.

Uma questão que poderia ter sido melhor trabalhada neste momento inicial foi a articulação com a rádio, pois centralizamos as negociações apenas com Valmir Maia, sem envolver toda equipe da emissora. Isso dificultou a construção coletiva, pois não havia um entendimento aprofundado da natureza do projeto por parte dos atores envolvidos, impedindo a troca de conhecimentos com os repórteres comunitários e a vivência cotidiana dos processos comunicacionais comunitários.

**Levantamento, análise e tematização:** Realizamos esta etapa satisfatoriamente, com a realização de entrevistas com os moradores em dois momentos. A partir destes levantamentos realizamos análises que possibilitaram ampliação do conhecimento sobre a realidade do morador, e utilizamos as informações coletadas como fonte para o conteúdo dos programas.

Poderíamos ter avançado mais quando constatamos a necessidade de ir além da questão da regularização fundiária como temática aglutinadora das demandas comunitárias, no sentido de trabalhar questões de curto prazo, porém essa possibilidade não foi amadurecida pelo grupo que priorizou trabalhar a principal bandeira da ADEHAB que é a questão da legalização das moradias na Área do Chafik.

**Oficinas e planejamento:** Estas atividades foram bem articuladas no primeiro e segundo mês de realização da pesquisa-ação. As oficinas para construir um processo de apropriação das metodologias de pesquisa participativa e produção de programas de rádio foram realizadas dentro de uma proposta político pedagógica, alinhada aos pressupostos freirianos, assim como os planos de ação.

A dificuldade em manter a frequência destas atividades estava ligada a limitação de tempo dos participantes, uma vez que a produção semanal dos programas exigia grande dedicação, principalmente nos momentos em que a equipe ficou reduzida. Nesse sentido poderíamos ter construído um planejamento para o programa com um número maior de quadros transmitidos quinzenalmente, possibilitando mais tempo para sua produção.

**Comunicação, mobilização e avaliação:** A realização das 20 edições do programa *O Outro Lado da Cidade* e seus desdobramentos ampliou a voz do morador, criando novos fluxos comunicacionais na cidade de Mauá. Esse fato representa uma grande vitória para a equipe de repórteres comunitários, para a comunidade e também uma conquista do movimento de moradia e da democratização da comunicação.

Também conseguimos avaliar e replanejar as ações de forma coletiva garantindo que todos os integrantes tivessem compreensão e poder de decisão sobre cada passo a ser dado.

Poderíamos ter realizado uma mobilização entorno de questões mais imediatas e concretas como, por exemplo, uma campanha para a conquista de um ônibus escolar que atendesse a região.

Outro aspecto que também poderia ter favorecido a ação seria a conquista de espaço no site da rádio como forma de divulgação das ações, e como reconhecimento institucional da emissora da importância do projeto.<sup>1</sup>

A realização das etapas comentadas acima, embora fundamentais, não garantem a concretização de um processo emancipador, pois muito mais que realizá-las é preciso assegurar que os sujeitos comunicativos tenham se sentido efetivamente agentes de transformação. Paulo Freire aponta alguns elementos que devem estar inseridos no interior da dinâmica vivenciada para que as ações venham a reproduzir a lógica opressiva existente.

**Co-laboração:** O hífen que Freire coloca na grafia desta palavra tem como objetivo reforçar que colaboração é trabalho (labor) coletivo e nesse sentido nossa ação não avançou significativamente, ainda que tenhamos garantido uma série de realizações, a sensação durante todo

---

<sup>1</sup> Um dos motivos que não ocupamos o espaço no site da rádio foi o fato de termos postado as informações do projeto de pesquisa-ação no site alternativo da rádio para as ações socioeducativas inauguradas na época do projeto Rádio Escola, o [www.intermidia.org.br](http://www.intermidia.org.br).

a trajetória era de que a qualquer momento o projeto seria inviabilizado, devido a impossibilidade de seguir adiante pela ausência de pessoas em momentos importantes dos trabalhos.

Quem observava de fora não conseguia ter a dimensão do desgaste daqueles que assumiram inúmeras responsabilidades para garantir a continuidade do processo. Porém a frequência oscilante dos membros não significou falta de engajamento, a dificuldade era de tempo e disciplina.

Outro fator que prejudicou o grupo foi nossa falta de habilidade em facilitar a autonomia do coletivo, pois havia uma grande insegurança da equipe em conduzir os trabalhos sem nossa presença, nós confiávamos e apostávamos na capacidade do grupo deixando espaço para atuação, mas não soubemos favorecer o exercício seu potencial crítico e criativo.

**União:** A união para Freire vai muito além de estar juntos, trata-se da construção de uma identidade comum a partir dos vínculos identitários e consciência de classe. No início pensávamos em desenvolver a pesquisa-ação numa localidade mais restrita, com grupo de moradores que por serem vizinhos compartilhavam a co-existência de uma vida. Porém não foi possível identificar condições para iniciar o trabalho desta forma e optamos em realizar parceria com a parcela organizada do movimento de moradia.

Mais da metade dos integrantes da ADEHAB não moravam na área, mesmo os que moravam não possuíam vivência cotidiana comum, tendo em vista que a área a que nos referimos possui extensão territorial superior a muitos municípios. Ainda com todos esses desafios houve avanços significativos na construção de vínculos e identidade com moradores de algumas microrregiões, principalmente com os moradores da região da Caixa D'água no Jardim Zaíra 5.

Se por um lado o trabalho de comunicação comunitária poderia ser mais dialógico caso a pesquisa-ação fosse realizada com moradores de vínculos mais estreitos, por outro, ao abranger toda a Área do Chafik, reforçou a unidade e a identidade entre aqueles que possuíam uma realidade comum do ponto de vista fundiário. Assim, foi possível valorizar o trabalho já iniciado pela ADEHAB na construção de um movimento unificado para o enfrentamento do problema.

Em relação à consciência de classe, poderíamos ter avançado provocando um debate embasado em uma visão crítica em relação à propriedade privada da terra, para além do legalismo da prefeitura e ADEHAB. Seria importante se houvéssemos contribuído para uma reflexão mais ampla relacionada ao direito universal à moradia, denunciando a especulação imobiliária como uma das causadoras das injustiças sofrida por aqueles moradores. A nosso favor, temos o fato que o processo político-comunicativo não se encerra com o final deste trabalho.

**Organização:** “Sem disciplina, sem ordem, sem decisão, sem objetivos, sem tarefas a

cumprir e contas a prestar, não há organização e sem esta se dilui a ação.” (FREIRE, 1988, p. 177). Avaliamos ser esse um ponto forte do trabalho em grupo, pois mesmo com uma série de limitações as ações não se diluíram. Construímos um trabalho com objetivos bem definidos, vinculados aos objetivos da ADEHAB que também eram bem delimitados. A divisão de tarefas também garantiu que o trabalho ocorresse de forma coletiva, ainda que alguns não assumissem integralmente sua parte, a organização do grupo conseguiu superar as ausências individuais.

Para além da dinâmica interna do grupo, a organização dos moradores da Área do Chafik foi fortalecida, as associações articuladas pela ADEHAB ganham pelo menos três parceiros institucionais de peso, a Faculdade Mauá, a Rádio Z FM e possivelmente a Associação de Trabalhadores e Empresas Autogestionárias - ANTEAG, além do reconhecimento maior por parte das autoridades e moradores do município.

O desafio será a organização na busca de sustentabilidade para dar continuidade aos trabalhos. A Rádio Z FM tende a mudar suas estratégias de captação de recursos que até então era focada na comercialização dos apoios culturais. A ANTEAG já iniciou seus trabalhos com os grupos que fazem parte desta rede de organizações situadas no Jardim Zaíra, inclusive com a rádio, e pode contribuir com o desenvolvimento local desta região que já provou ser um terreno fértil.

**Síntese Cultural:** Esta é a dimensão mais desafiadora de uma ação dialógica, pois pressupõe a superação de uma situação de opressão, e nesse sentido não podemos afirmar que a pesquisa-ação propiciou efetivamente processos emancipatórios, que necessitam de transformações estruturais da sociedade.

Porém, ela foi capaz de dar início a um processo que não estava em curso. Conseguimos superar a barreira do silêncio existente na região e realizar ações participativas que antes não eram implementadas. Espalhamos pelo ar sementes de um futuro esperançoso num lugar em que a desesperança era dominante. As palavras de Paulo Freire (1982, p, 54) expressam com precisão o processo provocado pela pesquisa-ação:

A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo. Na medida em que vão integrando com seu tempo e seu espaço e em que, criticamente, se descobrem inacabados. Realmente não há por que desesperar se tem uma consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem a frente.

Nossa investida significou principalmente uma investigação no sentido de descobrir quem são os sujeitos deste processo, como se posicionam frente aos problemas e ao mesmo tempo, criar um novo espaço para o diálogo e novas formas de mobilização comunitária. Produzindo um tipo de conhecimento que não se restringe aos envolvidos, os princípios metodológicos desenvolvidos permitem que outros trilhem os caminhos percorridos, criando novas possibilidades.

Nossa hipótese afirmava que as condições para que tais processos de comunicação e mobilização comunitária venham a contribuir com o fortalecimento das organizações populares e seus agentes, residem na intensidade da participação que é determinada pela existência de pressupostos democráticos como horizontalidade, autonomia, diálogo, que não se concretizam de forma espontânea. Por esse motivo, dependem do desencadeamento de ações que sejam deliberadamente co-ordenadas, coletivamente sistematizadas, continuamente avaliadas e amplamente compartilhadas.

Após a realização de nosso estudo constatamos que as situações-problemas ainda existem, às áreas de risco ainda ameaçam diariamente a vida dos que ali habitam. Mas sem sombra de dúvida o coletivo que participou da pesquisa-ação e uma parcela significativa dos moradores da Área do Chafik, se conhecem mais, se reconhece no outro e estão em busca de construir ações conjuntas para a superação dos limites e valorização dos potenciais.

A vivência da práxis apontada nas hipóteses mostrou-se fundamental nas conquistas coletivas alcançadas. E também foi possível constatar que avançaríamos muito mais se tivéssemos conseguido organizar um processo que favorecesse a participação maior dos moradores, uma maior vivência comunitária e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre os problemas enfrentados.

As condicionantes para que processos como este sejam deflagrados não residem, como pensávamos no início, na concessão de espaço de uma emissora comunitária aos movimentos populares, mas sobre tudo, na disposição dos movimentos populares em ocupar este e outros espaços públicos de comunicação, de forma a reinventar sua práxis.

O desafio é organizar as ações político-comunicacionais dentro de um processo dialógico que não reproduzam os meios tradicionais de comunicação, e que priorizem a apropriação do sujeito comunicativo no fazer comunicacional, de tal modo que esteja a Rádio Comunitária interessada em abrir seus espaços ou não, os movimentos serão capazes de ocupar os espaços

comunicacionais ao produzir seus conteúdos e buscar formas alternativas de transmiti-los.

Muitas rádios comunitárias como a Rádio Z FM, que no decorrer do tempo foram perdendo sua essência comunitária<sup>2</sup>, têm interesse em abrir seus microfones para a comunidade, mas não são capazes de iniciar esse processo por não dispor de metodologia para fazê-lo de forma consequente.

Outros espaços com potencial de comunicação comunitária que são geridos por organizações da sociedade civil acabam tendo um caráter privado, na medida em que utilizam recursos financeiros, equipamentos tecnológicos dentro de uma gestão que na maioria das vezes não é compartilhada. *Pontos de Cultura*, telecentros, cineclubes e centros culturais e até mesmo *lan houses* podem ser provocados a democraticamente abrirem seus espaços para ações conjuntas com os movimentos populares fortalecendo efetivamente ambas organizações.

### **A caminhada segue adiante**

O desenrolar dos acontecimentos seguem enquanto os agentes apostarem em sua continuidade. Em 25 de fevereiro, véspera do encerramento de nosso trabalho, aconteceu uma reunião de planejamento do Observatório de Políticas Públicas. Definimos a realização de Audiência Pública com o Ministério das Cidades na Assembleia Legislativa de São Paulo para o final do mês de abril. Aproveitamos o momento para apresentar a versão quase finalizada deste estudo aos presentes e realizamos debate sobre suas conclusões. Os presentes sugeriram utilizá-lo como subsídio para o seminário preparatório da Audiência Pública a ser realizado no início de abril com os moradores da Área do Chafik.

---

2 Conforme analisamos no capítulo IV, a política do Ministério da Comunicações provocou um distanciamento das Rádios Comunitárias com seu entorno, ao impedi-las de realizar serviço de radiodifusão, durante os sete anos de tramitação do processo de legalização.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Teodor. W. **Indústria cultural e sociedade**. Paz e Terra São Paulo, 2004.

ARTIGO 19 - A Informação é um direito seu. Disponível em: <<http://artigo19.org/infoedireitoseu/?p=649>>.

ASSOCIAÇÃO DAS RÁDIO COMUNITÁRIAS - ABRAÇO. **Querem calar a boca do povo II**. . Rio de Janeiro: 2005.

BAHIA, Lílian. M. **Rádios comunitárias: mobilização social e cidadania na reconfiguração da esfera pública**. Autêntica, 2008.

BLOG Comunidade Viva. Disponível em: <<http://graffíticomunidadeviva.blogspot.com/>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

Boletim do Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC. p. 4, abril de 1996.

BONNI, Willer.; PIQUEIRA, M. T. Movimentos sociais de Mauá. In: **Participação política em Mauá**.: da emancipação às conquistas sociais 1954-2004. Prefeitura Municipal de Mauá,. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. v. 4. Coleção Mauá 50 anos de Emancipação.

BOTERF, Guy. Pesquisa Participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Ed.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. **Rádio Comunitárias**. Lei Federal nº9612 ano 1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9612.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm)>. Acesso em: 24 fev. 2012.

BRASIL. **Estatuto das Cidades**. Lei Federal n.10257 ano 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LEIS\\_2001/L10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm)>. Acesso em: 24 fev. 2012.

BRITO, Sonia. **Pessoal** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <raquel.quintino@gmail.com> em 21 agosto de 2011.

CEPS. **Entrevista: Sociedade Amigos de Bairro Jardim Zaira - Mauá.** Centro de Pesquisa Social do ABC, 1981

CHAFICK recebeu 1a. Caminhada Pró-regularização Fundiária. **Jornal Mauá Notícias.** Mauá, p. 06, 28 outubro de 2011.

DEFAVARI, Olga. **Imprensa alternativa no ABC:** a história contada pelos independentes. Santo André: Edição do Autor, 2008.

DOTTA, Renato. Da emancipação às conquistas sociais 1954 - 2004. In: **Participação política em Mauá:** da emancipação às conquistas sociais 1954-2004. Prefeitura Municipal de Mauá,. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. v. 4. Coleção Mauá 50 anos de Emancipação.

ENGELS, Friedrich. **Origem da família, propriedade privada e do estado.** : CENTAURO, 1982.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade.** : Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** : Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Conscientização:** teoria e prática da libertação São Paulo: Cortez, 1979.

GAIARSA, Octaviano A. **A cidade que dormiu três séculos.** Santo André, Bandeirante, 1968.

GHEDINI, Frederico B. **Nas ondas sonoras da comunidade.** A luta pelas rádios comunitárias no Brasil. São Paulo: Global - Ação Educativa, 2009.

GINDRE, Gustavo. **A sociedade civil brasileira e a luta pela democratização das comunicações.** 2004.

GOHN, Maria da G. **Reivindicações populares urbanas: um estudo sobre as associações de moradores em São Paulo.** : Autores Associados et Cortez, 1982.

\_\_\_\_\_. **Associativismo civil e movimentos populares em São Paulo.** 2008

GONZÁLEZ, Jorge. A. **Digitalizados por decreto**. *Cibercultur@: inclusão forçada na América Latina*. MATRIZES, v. 2, n. 1, 2008. Versão online disponível em [www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/viewFile/57/pdf\\_46](http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/viewFile/57/pdf_46). Acesso em: 25 agosto de 2011.

\_\_\_\_\_. **Cibercultur@ como estratégia de comunicación compleja desde la periferia**. Ciudad de México: Labcomplex-CEICH/UNAM, s/da. Disponível em: [www.labcomplex.net](http://www.labcomplex.net). Acesso em: 28 fev.2010.

\_\_\_\_\_. Por una cultura de conocimiento. In: **Cibercultur@ e iniciación en la investigación**. CNCA/IMC/UNAM-CEICH, 2007. p.65-90

GRAMSCI, Antonio. **Notas sobre Maquiavelo**, sobre la política y sobre el Estado Moderno. Madri: Ediciones nova vision. 1980.

\_\_\_\_\_. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere volume I**. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GULLAR, Ferreira. **Corpo a corpo com a linguagem**. Ponta Grossa: Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita e Universidade Estadual de Ponta Grossa,, 1997.

IBGE Cidades: **Município de Mauá**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=352940>>. Acesso em: 17 dez. 2011.

INTERVOZES - COLETIVO BRASIL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Concessões de rádio e TV. Onde a democracia ainda não chegou**. 2007.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. : Cortez Editora, 2003.

KAMPU, I. **Morro do cruzeiro fotos**. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/45378452>>. Acesso em: 17 dez. 2011.

LENKERSDORF, Carlos. Aspectos de educación desde la perspectiva maya-tojolabal. 2002

LIMA, Venício. A. D. **Mídia: teoria e política**. : Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Política de comunicações no Brasil: Novos e velhos atores**. 1998

LUZ, Dioclécio. **Radiojornalismo nas rádios comunitárias**: conceitos e práticas. 2011.

MAIA, V. **Histórico da Rádio Z FM**. Disponível em: <<http://radiozfm.org/nossa-historia.html>>. Acesso em 28/02/2012.

**MAPAS** Temáticos de Mauá. Disponível em: <<http://www.maua.sp.gov.br/Servicos/MapasTematicos.aspx>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**: ilegalidade desigualdade e violência. São Paulo: Hucitec, 1996. 141p, 1999.

\_\_\_\_\_. O Ministério das Cidades e a política nacional de desenvolvimento urbano. **IPEA, Políticas Sociais-acompanhamento e análise**, v. 12, p. 211–220, 2006.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filósoficos**. : Boitempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_; ENGELS, F. **A sagrada família, ou, a crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Manifesto comunista**. : Editora Garamond, [S.d.].

MAUÁ. **Plano Diretor do Município de Mauá**. Lei Municipal nº1135 ano 2007.

MÉDICI, Ademir. **De Pilar a Mauá**. São Bernardo do Campo: Metodista, 1987.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Relação de entidades autorizadas - Brasil**. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radio-comunitaria/processos-autorizados>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

NEM vizinhos conhecem a associação. **Jornal Diário do Grande ABC**. Santo André.14/03/2010 Disponível em <http://www.dgabc.com.br/News/5799148/nem-vizinhos-conhecem-associacoes-de-bairro.aspx> . Acesso em 28/02/2012.

CHAFICK recebeu 1a. Caminhada Pró-regularização Fundiária. **Jornal Mauá Notícias**. Mauá,p. 06, 28 outubro de 2011.

ONDA de rádio. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ondas\\_de\\_r%C3%A1dio#cite\\_note-0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ondas_de_r%C3%A1dio#cite_note-0)>. Acesso em: 17 out. 2011.

OLIVEIRA, Catarina T. F. **Escuta Sonora: educação não-formal. recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias.** : Universidade de Campinas, 2002.

PAIVA, Raquel.; ESPOSITO, Roberto. **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social** : Mauad Editora Ltda, 2007.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** 2a. ed. Petropolis : Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Participação Popular: dos 'fiscais de Sarney' aos movimentos sociais.** In: MELO, José Marques de. (Org.). **Comunicação na América Latina - desenvolvimento e crise.** Campinas: Papirus. 1989a.

\_\_\_\_\_. Observação participante e pesquisa-ação. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas. 2a. ed. , 2010. p. 125–145.

\_\_\_\_\_. **Participação nas rádios comunitárias no Brasil,** 1998

\_\_\_\_\_. **TV comunitária no Brasil: aspectos históricos.** V Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. **Anais,** 2000

\_\_\_\_\_. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária.** 2003.

\_\_\_\_\_. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania.** Oliveira. Maria José da C.(Org.). **Comunicação pública.** Campinas: Alínea, p. 49–79, 2005.

\_\_\_\_\_. **Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento.** Paiva, Raquel (Org.) **O Retorno da comunidade. Os novos caminhos do social,** p. 69–94, 2007.

\_\_\_\_\_. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor.** Palabra Clave, v. 11, n. 2, p. 367–379, 2008.

\_\_\_\_\_. **Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas** . Revista Fronteiras–estudos midiáticos, v. 11, n. 1, p. 33–43, 2009.

\_\_\_\_\_. **Rádios comunitárias no Brasil: da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM.** Encontro Anual da Compós, 2010.

\_\_\_\_\_. **Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão.** Mídia Cidadã, utopia brasileira. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos e outros poemas.** São Paulo : Editora Cultrix, 1997.

PERFIL Municipal. Disponível em: <<http://www.maua.sp.gov.br/Informacoes/PerfilAtual.aspx>>.

PICO do Cruzeiro. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Pico\\_do\\_Cruzeiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pico_do_Cruzeiro)>. Acesso em: 17 dez. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÁ - CÂMARA INTERSECRETARIAL. **Estudo territorial do Chafik e as respostas da gestão municipal no enfrentamento das vulnerabilidades Locais.** . : Câmara Intersecretarial. , 2010

PRESSER, Margaret. **Pequena enciclopédia para descobrir o Brasil.** : Senac, 2006.

PUNTSCHART, Wilian. **Memórias da cidade.** : Assahi, 2004.

QUINTANEIRO, Tania. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx E Weber** : Editora UFMG, 2007.

RÁDIO Z FM - **Nossa história.** Disponível em: <<http://www.radiozfm.org/nossa-historia.html>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

REVISTA Novo Milênio. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa17.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2011.

REVISTA PROPAGANDA. **“Flibusteiros” do ar**, n. 540, jul 1996.

ROLNIK, Raquel. Estatuto da Cidade - Instrumento para as cidades que sonham crescer com justiça e beleza. **Estatuto das Cidades novas perspectivas para a reforma urbana**, Cadernos Pólis 4. p. 199–210, 2001.

\_\_\_\_\_. A construção de uma política fundiária e de planejamento urbano para o país: avanços e desafios. **IPEA, Políticas Sociais-acompanhamento e análise**, v. 12, p. 199–210, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é cidade.** : Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. : Studio Nobel, 1997.

SANTARNECCHI, Domingo. G. **A atuação do rádio no Grande ABC**. 2004.

SANTOS, José. M. S. A democratização da comunicação nos discursos da sociedade civil brasileira - 1974/1994. **Ordem / Desordem**, v. 12, n. Belo Horizonte, p. 9–16, 1995.

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. São Paulo: Hucitec. 1979.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EdUSP, 1987

\_\_\_\_\_.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SANTOS, Wanderley. **Mauá - Ano 20**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 1985.

\_\_\_\_\_. dos **Antecedentes históricos do ABC Paulista: 1550-1832**. : SECE- Secretaria de Educação, Cultura e Esporte de São Bernardo do Campo, 1992.

SÃO BERNARDO DO CAMPO vai receber sete emissoras de rádio comunitária. *Jornal Cosmopolitano*. São Bernardo do Campo 15 de novembro de 2011. p. 4

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-Ação**. São Paulo : CORTEZ, 1985.

\_\_\_\_\_. Pesquisa-ação no campo da comunicação sociopolítica. **Comunicação e Sociedade**. , 1980. v. 04.

TORO. Bernardo. **Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VALIM, Ana.; SANTOS, A. **João Ramalho: de traficante de Índios à nome de medalha** : CAPES - Centro de Análise Política, Econômica e Social. , 1997

VENHA para o Zaíra e ganhe telhas, tijolos e madeira... **Diário do Grande ABC**, 11 mar 2011.

VIGIL, José. I. L. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

## **Anexos**

# Anexo 1

Boletim do Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do ABC de abril de 1996

Página 1

## Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC

Publicado nos dias 14 e 21 de Abril de 1996. Preço: R\$ 1,00. Edição: 1ª. Ano 1 - Abril de 1996.  
Em Brasília: Livro e Democracia e Comunicação - Boletim nº 4 - Ano 1 - Abril de 1996.

### EDITORIAL

Este mês, o nosso Boletim chega a 10000 com um pouco de atraso. Mas entendendo o seu caráter LUTADOR, DO COMUNITÁRIO, DA LUTA CULTURAL, DA LUTA DO 1º Segmento de Rádio (Grupos, Jovens e Comunitários, existentes em Brasília nos dias 23 e 24 passado).

Novo Conselho através representado neste momento o do Grupos de Principais Setores de Rádio Difusão Livre e Comunitária. Muitas questões foram tratadas e hoje pode se falar de tudo sobre a realidade sobre o assunto.

Algo pela região continuamos a ser tratados como "brasil" por alguns setores de segmentos. Num momento em que ele mesmo o Governo Federal já nos chama de Rádio Livre e Comunitária, então continuamos (jornais que trabalham em andar na construção da história, "segundo" ainda para uma nova medida.

...!!! Essa postura já está ultrapassada demais para quem se preocupa como imprensa moderna.

Mudando um pouco de assunto, voltamos a insistir para que as nossas emissoras (Rádios, jornais, revistas) o trabalho junto as entidades de seus comunitários.

Ainda é muito pequeno o número de entidades afiliadas e precisamos ampliar esse círculo para maior participação de entidades representativas.

Vamos trabalhar no sentido de

### DIRETO DE BRASÍLIA

Nos dias 23 e 24 de março tivemos em Brasília o 1º Encontro Nacional de Rádio Livre e Comunitária no Congresso Nacional. A reunião do grande ABC esteve representada pelo 1º secretário do nosso Conselho, o Bonafide Soares. O encontro teve caráter pedagógico, realizado para fortalecer os diversos segmentos dentro do setor de comunicação. Além disso, tivemos a presença de Carlos Daniel, Ivan Valente, Amália Paula de Sá, Paulo Sérgio e Celso Furtado, além de São Paulo, Fernando Faria de Pernambuco, Paulo Roque de Paraíba, além dos senadores Renato de Sá e Raul de Jesus e Roberto Faria de Pernambuco.

A Comissão Nacional de Rádio Livre e Comunitária também foi criada com a finalidade de acompanhar e controlar o Conselho de Comunicação Comunitária e informar a Câmara dos Deputados.

Foi um momento histórico onde os integrantes do Conselho Nacional de Rádio Livre e Comunitária estabeleceram as regras de funcionamento de suas entidades, que hoje já são leis.

Tudo graças ao ex-deputado Amália Paula de Sá e Paulo Sérgio de SP e Fernando Faria de PE. Um grande abraço para todos os membros do

setor de Rádio Livre e Comunitária do Brasil.

Foi também importante a participação do Encontro Nacional de Rádio Livre e Comunitária que teve a sua primeira reunião em São Paulo nos dias 23, 24 e 25 de agosto em 1000 locais e por telefone.

Também conhecemos em Brasília duas outras organizações de rádio comunitária chamada "Rede Livre" que trabalha principalmente com trabalho de rádio de Rádio Livre e Comunitária, porém possuem integrantes do grande ABC, que também quer copiar Daniel.

Continuamos também a quando uma série de encontros com o projeto no Congresso, visto que a atual base dos parlamentares e a formação dos "Grupos de Rádio e TV Comunitária" que não tiveram uma regulamentação adequada. Os segmentos que não foram preparados deverão fazer um trabalho a parte, através de uma comissão permanente de trabalho, para trabalhar no sentido de fortalecer o trabalho de Rádio Livre e Comunitária.

Hoje de que hoje os setores de rádio livre e comunitária.

Ficou de um primeiro passo, a regulamentação jurídica da Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

### CONVITE AS ENTIDADES

Entidades e setores de comunicação que não são afiliados que possuem emissoras de Rádio Livre e Comunitária também podem se inscrever no Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC para se inscrever. Ligar nos telefones

011-2611-0111 e 011-2611-0112 para se inscrever no Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC. O endereço é: Rua dos Carandás, 100 - Jd. São Paulo - São Paulo - SP.

# Anexo 1

## EMISSORAS AFILIADAS

As listas de suas emissoras, de um a cem, encontram-se em anexo, anexadas ao Conselho para as seguintes:

- 001 - Opa
- 002 - Independência
- 003 - Uruçu
- 004 - Expresso
- 005 - Povo
- 006 - Foco de Vida
- 007 - Mito
- 008 - Escudo do Canga
- 009 - Povo
- 010 - Resistência
- 011 - Comunidade
- 012 - Aço
- 013 - Alameda
- 014 - Siga
- 015 - Voz da Várzea
- 016 - Samba
- 017 - Imprensa
- 018 - Onda Nova
- 019 - Siga
- 020 - Locom
- 021 - Onda Nova
- 022 - Notícias
- 023 - Nova Voz
- 024 - História
- 025 - J
- 026 - Mito
- 027 - Renascença
- 028 - Rádio do Acor
- 029 - Espaço
- 030 - Transmissão
- 031 - Foco
- 032 - Capital (ABC)
- 033 - Voz
- 034 - Opa
- 035 - Rádio
- 036 - Mito
- 037 - Foco
- 038 - Áreas do Verde
- 039 - Voz
- 040 - Acor
- 041 - Opa
- 042 - Renascença de Vida
- 043 - Povo
- 044 - Mito
- 045 - Voz Livre

## Afiliações Pendentes

- 000 - Opa
- 000 - Rádio Povo
- 000 - Mito
- 000 - Voz Livre
- 000 - Opa
- 000 - Povo
- 000 - Mito (Opa)
- 000 - Imprensa
- 000 - Alameda

## ATO EXERCÍCIO 0196

Resolução que aprova o estatuto administrativo e Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC

Resolução que aprova as emissoras filiadas ao Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC, assim como também as suas respectivas regulamentações de funcionamento

Parágrafo 1º - Lista de emissoras filiadas, assim como também as suas respectivas regulamentações de funcionamento

Parágrafo 2º - Lista de emissoras filiadas, assim como também as suas respectivas regulamentações de funcionamento

Parágrafo 3º - A descrição de cada emissora, assim como também as suas respectivas regulamentações de funcionamento

Parágrafo 4º - A descrição de cada emissora, assim como também as suas respectivas regulamentações de funcionamento

Parágrafo 5º - Esta resolução deverá ser lida e aprovada em 20/04/96

### ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO

Atenção para todos os filiados ao Conselho e para todos os membros do Conselho de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC. A partir de agora, todas as emissoras deverão ser filiadas ao Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC. Assim que a emissora for filiada, deverá ser inscrita no Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC.

### AVISO

O Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC, através de suas comissões de fiscalização, reclamação de serviços, de ética e de disciplina, vem avisando que a partir de agora, todas as emissoras deverão ser filiadas ao Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC. Assim que a emissora for filiada, deverá ser inscrita no Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC.

## EXCLUIDAS DO CONSELHO

Esta é a lista de emissoras que foram excluídas do Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do Grande ABC, assim como também as suas respectivas regulamentações de funcionamento

### EMISSORAS EXCLUIDAS

001 - Opa  
002 - Rádio Povo  
003 - Mito



SECRETARIA DE CULTURA E PATRIMÔNIO DO ESTADO DE SÃO PAULO

# DEPARTAMENTO TÉCNICO

## TV O MAL CURÁVEL QUE ASSOLA AS EMISSORAS COMUNITÁRIAS

Desde os primeiros anos desta década, desde a criação do primeiro canal de TV comunitária em São Paulo, o que pode ser considerado o maior número de emissoras de televisão em circulação, elas sempre foram a grande preocupação das pessoas que trabalham no setor de comunicação dos canais de TV comunitária e também de outras entidades que trabalham no setor de comunicação de massa em geral.

A preocupação é porque elas, como todo canal de comunicação, têm uma função social, e esta função social é a de informar, educar e divertir. Mas, ao contrário das emissoras comerciais, elas não têm uma programação planejada para atender a interesses comerciais, elas são feitas para atender a interesses da comunidade.

Por isso, elas são muito importantes para a comunidade, e por isso, elas são muito importantes para o poder público. Elas são importantes porque elas são feitas para atender a interesses da comunidade, e por isso, elas são muito importantes para o poder público. Elas são importantes porque elas são feitas para atender a interesses da comunidade, e por isso, elas são muito importantes para o poder público.

Devido ao fato de serem profissionais que têm acesso às técnicas mais modernas de comunicação, elas são capazes de fazer as coisas de uma maneira diferente, de uma maneira que as coisas não são feitas normalmente. Elas são capazes de fazer as coisas de uma maneira diferente, de uma maneira que as coisas não são feitas normalmente.

### DESA

Devido ao fato de serem profissionais que têm acesso às técnicas mais modernas de comunicação, elas são capazes de fazer as coisas de uma maneira diferente, de uma maneira que as coisas não são feitas normalmente.

**SSSSSSSS**  
 Informações e serviços para quem quiser se inscrever no programa de comunicação da comunidade. Para mais informações, consulte o site: [www.abc.org.br](http://www.abc.org.br)

**Próxima Reunião**  
 A próxima reunião do Conselho Regional de Comunicação Livre e Comunitária do ABC de São Paulo, em 20 de maio de 1996, será realizada no local: **GRANDE GALPÃO, Casa das Mulheres, Rua de São João, 100, São Paulo, SP.**

**DEBORA DE CARVALHO**  
 Presidente Associação F. Carlos  
 Vice-Presidente Teresina R. de Souza  
 1º Secretário: Rosângela Martins  
 2º Secretário: Edson de S. Junior  
 Tesoureiro: Paulo de Siqueira

# CLASSIFICADOS

**FALE BEM**  
 Eu vou falar para quem quiser saber mais sobre o programa de comunicação da comunidade. Para mais informações, consulte o site: [www.abc.org.br](http://www.abc.org.br)

**PRECISA-SE**  
 A comunidade comunitária precisa de profissionais para trabalhar no setor de comunicação. Contate: **709-502-0410**

**COMPUTADOR**  
 Venda de PC IBM compatível 1924 Core 200 e 800 de 1996 2MB RAM 286 100 de 2.25" e 3.5". De quem trabalha com informática, contate: **709-502-0410**

**EQUALIZADOR**  
 Venda de equalizador de áudio, modelo MP 22, com 10 bandas de equalização, com manual de instruções. Contate: **709-502-0410**

**DIVÓRCIO**  
 Venda de Livro Divórcio de Comunidade, com 100 páginas, contendo informações sobre o processo de divórcio. Contate: **709-502-0410**

**OPORTUNIDADES**  
 Oportunidades para quem quiser se inscrever no programa de comunicação da comunidade. Contate: **709-502-0410**

**TRANSMISSOR**  
 Venda de transmissor de áudio, modelo MP 22, com 10 bandas de equalização, com manual de instruções. Contate: **709-502-0410**

**Áreas**

## Anexo 2

Licença de Funcionamento da Rádio Z FM emitida em 05/03/2005

DADOS GERAIS		DADOS TÉCNICOS	
Nome: <b>RÁDIO Z FM</b>		Frequência: <b>99,3 MHz</b>	
Localidade: <b>BRASÍLIA - DF</b>		Potência: <b>100 W</b>	
Endereço: <b>Av. ...</b>		Classe de Serviço: <b>FM</b>	
CNPJ: <b>...</b>		Data de Emissão: <b>05/03/2005</b>	
Data de Validade: <b>05/03/2010</b>		Observações: <b>...</b>	

A licitação de rádio foi realizada em conformidade com o Edital nº 001/2004, emitido em 15/12/2004, e o processo de licitação nº 001/2004, emitido em 15/12/2004.

05/03/2005 05/03/2010

### Anexo 3

#### Letra das músicas utilizada na capacitação dos repórteres comunitários

<b>Pedro pedreiro - Chico Buarque</b>	<b>Zé do Carvão - Leci Brandão</b>
<p>Pedro pedreiro, penseiro esperando o trem Manhã, parece, carece de esperar também Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém Pedro pedreiro fica assim pensando assim pensando, o tempo passa e a gente vai ficando pra trás esperando, esperando, esperando esperando o sol esperando o trem esperando o aumento desde o ano passado “para o mês que vem” Pedro pedreiro, penseiro esperando o trem Manhã, parece, carece de esperar também Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém Pedro pedreiro espera o carnaval E a sorte grande num bilhete pela federal Todo mês esperando, esperando, esperando Esperando o sol esperando o trem esperando o aumento para o mês que vem esperando a festa Esperando a sorte a mulher de Pedro está esperando um filho pra esperar também Pedro pedreiro, penseiro esperando o trem Manhã, parece, carece de esperar também Para o bem de quem tem bem de quem não tem vintém Pedro pedreiro está esperando a morte Ou esperando o dia de voltar pro norte Pedro não sabe mas talvez no fundo espere alguma coisa mais linda que o mundo maior do que o mar. Mas pra que pensar (sonhar) se dá Um desespero de esperar demais Pedro pedreiro quer voltar atrás quer ser pedreiro, pobre e nada mais Sem ficar esperando, esperando, esperando Esperando o sol esperando o trem esperando o aumento para o mês que vem esperando um filho Pra esperar também esperando a festa esperando a sorte esperando a morte esperando o norte esperando o dia de esperar ninguém esperando enfim nada mais além da esperança, aflita, bendita, infinita do apito de um trem Pedro pedreiro, penseiro esperando Que já vem, que já vem, que já vem...</p>	<p>Num serviço de auto-falante No morro do Pau da Bandeira Quem avisa é o Zé do Carvão Amanhã vai fazer alvoroço Alertando a favela inteira Ai! Como eu queria que fosse Mangueira Que existisse outro Zé do Carvão Pra falar de uma vez pra esse moço Carnaval não é esse colosso Nossa escola é raiz, é madeira Mas é morro do Pau da Bandeira De uma Vila Isabel verdadeira E o Zé do Carvão trabalha E o Zé do Carvão batalha E que malha o preço da feira E na hora que a televisão brasileira Destroi toda a gente com sua novela É que o Zé bota a boca no mundo Ele faz um discurso profundo Ele quer ver o bem da favela</p> <p>Esta nascendo um novo líder No morro do Pau da Bandeira Esta nascendo um novo líder No morro do Pau da Bandeira</p>

*Transmitido em 23/07/2011*

## **Anexo 4**

Transcrição da segunda edição do programa *O Outro Lado da Cidade Número.*

*Transmitido em 23/07/2011 entre 10h e 11h pela Rádio Z FM<sup>1</sup>*

### **Abertura:**

### **Letícia entrevista Sonia, Lucilene e Nilton sobre o que vem a ser o projeto Repórteres Z**

Sonia: esse projeto vem favorecer principalmente os moradores feito com os moradores e vem favorecer a ADEHAB que é um projeto pela moradia digna.

Letícia: Lucilene Qual sua visão desse projeto?

Lucilene: Esse encontro da Z com a Adehab, veio a trazer para nós da ADEHAB juntamente com os moradores um espaço para eles se expressarem aqui, um espaço para eles falarem sobre as dificuldades que eles encontram na Área do Chafik algo que a gente já vem trabalhando já faz tempo com os movimentos de moradia e ajudando os estagiários, eles estão entrando em contato com a comunicação, assim como nós da ADEHAB estamos aprendendo um pouquinho mais.

Letícia: Nilton na sua opinião sobre o projeto o que tem a dizer

Nilton: Para mim que sou estudante de Serviço Social e estagiário da ADEHAB é interessante o projeto Repórteres Z para saber como as pessoas pensam e se sente morando no bairro e como elas enxergam a vida na comunidade e como é a ideia delas de pertencimento. entendendo o morador da pensar melhor junto com eles melhorias para o lugar ter ideias de como fazer o bairro ficar mais agradável de morar.

Sonia: Retomando Nilton esse programa vai facilitar muito para os moradores pela comunicação, muitos trabalhos que a ADEHAB já fez entregando panfletos e informativos, mas muitos não ficaram sabendo dos seminários e audiências publica que a ADEHAB já realizou e agora com esse projeto com a Rádio Z todo mundo vai ter esse acesso as informações .

Raquel É isso gente, esse projeto não é da ADEHAB e da R Z mas do morador da Área do Chafik, se você é morador e tem interesse de participar o tel. da Rádio é 4544-2011. Nós estamos realmente abrindo os microfones para você falar o que tem de bom e de ruim contar um pouco sua trajetória de vida ai nessa região do Jd. Zaíra.

### **Sessão História de Luta**

Ronaldo: Vamos falar com o sr. Moisés Brás e o sr. Paulo de Souza. Seu Moisés questão de transporte como o sr. vê isso no nosso bairro?

Sr. Moisés: Por enquanto não está muito ruim,mas um negócio que o prefeito fez q muito morador tá reclamando pegar o (ônibus) Zaíra 6 ficar esperando pelo linha 4 que vem cheio, quando chega

---

<sup>1</sup> Áudio disponível no site <http://www.intermídia.org.br>

*Transmitido em 23/07/2011*

em baixo tem que em pé ir em pé, Agente vem sentado no linha 6 e depois tem que ir em pé, mesmo mulher com criança. Aquela integração, não é integração, o São Paulo passa fora o São Caetano passa fora muita gente reclama e eu concordo que sim, tá errado aquilo.

Ronaldo: Nesse bate papo vamos falar também com Paulo que é um morador do bairro, como você vê o transporte?

Paulo: Eu não posso falar nada porque eu dificilmente eu pego ônibus, mas como o Sr. Moisés falou. O problema desse novo terminal muita gente reclama que tá tudo errado e bagunçado. Antigamente era pior agora com esta nova empresa de ônibus melhorou mais um pouco é o que d'a pra gente ver, antigamente era pior.

Ronaldo: Em que região que vocês moram, como é a rua que você mora?

Moisés: Mora na Av. Cidade há uns 25 anos e gosto de lá, a única coisa ruim de lá são as ruas, porque falam que vão asfaltar e estamos no barro, na lama e na poeira, é tudo bagunçado, vamos ver se vão cumprir aquilo que prometem.

Ronaldo: Como é o seu dia a dia na comunidade?

Moisés: Meu dia a dia é trabalhar é andar eu sou autônomo trabalho por conta, vendo confecções eu praticamente, não fico o dia lá, mas ando por lá o dia todo, gosto de andar, gosto de vender e dar para sobreviver e fazer aquilo o que eu quero fazer.

Paulo: Meu dia a dia é trabalho, o bairro precisa melhorar muitas coisas é lixo no meio da rua, esgoto no meio da rua, só vem conta para pagar, conta de água e conta de luz, isso não falta. Eles tem que arrumar a rua e dar um jeito nas crianças, tem muita criança muita gente muita família, muitas pessoas pobres mesmo, eles prometem falam que vão arrumar e até agora nada, e a gente vai vivendo do jeito que dá para viver, mas não é aquelas coisas não, não é aquela coisa boa.

Ronaldo: Sr. Moisés o Sr. Mora em qual rua?

Moisés: Rua Caminho do Sol. Em 1996, uma pessoa abriu a rua com a máquina. Não tem esgoto, mas cobram dinheiro de nós se tiver 40 reais de água, tem 40 reais de esgoto, sendo que ela não fez nas vielas. Estamos a seis meses pagando direto, já estive lá no escritório e fui mandado no Procon, como eu não quero entrar em encrenca com Procon porque isso demora mesmo, e fiquei de falar com a engenheira, mas até agora não tive resposta. E a conta continuo pagando, seis pagamentos já paguei tá tudo juntinho de trinta e poucos reais, sendo que o esgoto foi eu que fiz, eu dei 30 vara de cano sai emendando para jogar no esgoto que fizemos emendando para não correr a céu aberto. Outra coisa lá também dá-se nome rua Caminho do Sol, até 150 metro onde eu moro, é uma viela, mas deram o nome de rua porque não entra ambulância, não tem como fazer retorno, tem que sair de ré.

Ronaldo: O dia a dia lá na comunidade, o deficiente físico tem condições se se locomover, o transporte chega?

Moisés: É como eu to falando não tem onde fazer a ambulância fazer o viradorou. E se nós paga... Eu falei até com um vereador da Prefeitura, ele falou assim, você é PMDM?. Eu falei eu sou eleitor, agora partido, eu não vou dizer para o senhor que eu sou, o senhor era para ter a carteirinha do

*Transmitido em 23/07/2011*

PMDB, do PMDB não, do PT, o Senhor deveria ter a carteirinha do PT. O Senhor vai me atender, quero uma máquina para a gente fazer, nós gastou 1800 que tirou da comunidade para fazer aquela subida, que hoje vem carro da prefeitura, da SAMA.

Ronaldo: O senhor quer dizer que os próprios moradores se unem tira do bolso para fazer a manutenção das ruas.

Moisés: Inclusive tem um muro lá que fica da Sinhara mais para cá, que pode entrar um carro agora, porque foi feito com a comunidade um deu um saco de cimento e uns blocos e os moradores fez que a obrigação era fazer um muro de arrimo, era para ter uma galeria ali, porque o esgoto é muito pesado ali na descida, foi os moradores que fizeram aqueles muros na rua do Caminho do sol Jd. Zaira 6, e tributo é paga.

Ronaldo: Então pagam a iluminação pública sem ter a iluminação pública?

Moisés Eu estive lá na Eletropaulo, amoça olhou e falou que só vão tirar a taxa se a Prefeitura autorizar que é mandado do Prefeito.

Ronaldo: Não é justo cobrar aquilo que não tem de serviço para a comunidade, né? E você Paulo também paga?

Paulo: Também, falaram que iam colocar o asfalto, falaram que iam fazer em junho, de junho para agosto. O ônibus vai até o final do asfalto que é (no bairro) Nova Mauá e o restante tá lá no barro, na lama, na pedra e só prometem e falam que já está tudo certo para começar isso ai e até agora nada

Ronaldo: O que tem de bom lá no nosso bairro?

Paulo: Bom, bom mesmo que tem são algumas pessoas, porque o bairro mesmo é abandonado e só é lembrado na época de eleição.

Moisés: O povo é tudo legal e trabalhador a maioria é trabalhador, gente que sai de manhã e tá uma hora dessa (21h) não chegou ainda 'entonce' é o que tem de bom porque o resto é pisar na lama, no escuro, pagar esgoto sem ter, pagar iluminação pública sem ter, ai até que ia conversar com alguém que está no poder para colocar pelo menos uns cinco ou seis bicos de luz para nós lá. Tem uns terrenos embaixo que a casa tá em baixo a prefeitura podia fazer um viradouro de carro.

Ronaldo: Conversamos com dois guerreiros do bairro o Seu Paulo de Souza e o Seu Moisés Brás, na seção História de Luta, meu nome é Ronaldo Melo.

Lucilene: Prestem bem atenção na letra desta música que tem tudo a ver com o que eles falaram, a música é Comunidade de Gilberto Gil na voz de Gal Costa...

### **Segundo Bloco:**

Vinheta Programa Outro Lado da Cidade

Informes Z

Lucilene: O CASE Zaira convida todos os munícipes, gestores, trabalhadores, conselheiros e sociedade civil organizada a participar da Pré conferência para elaboração de políticas públicas para mulheres que será realizado em 30/07 as 8:30. O CASE está localizado na Av. Pres. Castelo Branco, 2.982 no Jd. Zaira.

*Transmitido em 23/07/2011*

Letícia: Estamos de volta aqui com o Programa Outro Lado da Cidade e agora agente vai falar um pouco sobre os talentos do Chafik. Eu vou chamar o meu amigo Galdino para comentar um pouco porque ele foi comigo também atrás dos artistas do Chafik e gostaria que ele falasse o que ele achou dessa aventura que a gente fez.

Galdino: Bom dia aos ouvintes, está de parabéns essa maravilhosa equipe e esse trabalho jornalístico e de pesquisa, agradecer a oportunidade que vocês estão nos proporcionado para desenvolver este trabalho na comunidade. Bem quanto aos talentos podemos observar na introdução destes trabalhos na busca desses talentos é que existe uma carência muito grande entorno dessa sociedade que é a Área do Chafik, é muita vontade das pessoas se expor e se sentir valorizado, né. Realmente participar como parte integral da sociedade, tanto se fala, você faz parte, muitas vezes ficou bem claro, nestas duas visitas que fizemos ao mestre Raul e ao BIG, que ficamos muito a margem que se fala em termos de lei.

Letícia: Exatamente, o que eu acho assim o mais interessante de tudo que se você for ver, um lugar escondido, de qualquer lugar, sempre tem um artista uma pessoa especial esperando ser reconhecida, e é importante o programa mostra isso, né os artistas que estão no anonimato, né que fazem parte da comunidade. Bom, antes de mais nada eu queria pedir um pouco de desculpa pelas entrevistas lembrando que não tem nenhum profissional aqui, né estamos todos aprendendo e aí eu fiz a entrevista com o mestre Raul, é a primeira entrevista que vai rolar. É um escultor de miniaturas é capoeirista. Eu achei nossa gente o trabalho dele é impressionante é uma coisa linda e até participou de campeonatos para ganhar o Guines, assim com miniaturas e se você for ver, escondido, né, estava este talento. Vamos conferir agora a entrevista com o Mestre Raul:

Letícia: Ele que é desenhista, capoeirista, também escultor de miniaturas, temos um verdadeiro artista aqui do nosso lado. Sr. Raul quantos você tem?

Raul: 50 anos

Letícia: Quantos anos faz que o você mexe com essa parte artística de miniaturas?

Raul: 5 anos que eu venho praticando artesanato

Raul: O que me levou foi o desejo de ampliar meus conhecimentos eu vim a conhecer esse trabalho quando eu tinha 8 anos de idade mas ficou adormecido.

Letícia: Nunca fez aula de nada?

Raul: Tudo o que eu faço acho que é um dom inspirado por Deus.

Letícia: Você tem ideia de quantas miniaturas maquetes o sr. Já fez ao longo desses 5 anos.

Raul: As maquetes vem de mais tempo eu comecei com 18 anos de idade, fui parar de produzir a uns 10 anos, mas fiz muito trabalho de barco, abajur, porta joias, é canetas e mais alguns outros.

Letícia: O Sr também é capoeirista, qual arte você leva mais jeito ou gosta mais.

Raul: A capoeira eu fiz 27 anos de esporte comecei com 14 anos de idade, e no decorrer disso tudo todas as atividades foram prazerosas para mim.

*Transmitido em 23/07/2011*

Letícia: O sr. vive de arte ou é só *hobby*.

Raul: Eu gostaria de viver da arte, mas tiro meu sustento com mecânica de bicicletas que eu tenho.

Letícia: Qual a maior dificuldade para pessoas viver de arte no país que a gente vive.

Raul: Eu acho que é a mídia se eu tivesse recurso de alcançar a mídia meu trabalho estaria exposto até fora do país.

Letícia: Eu gostaria deixar o microfone da Rádio Z aberto para o senhor se quiser finalizar com alguma coisa e quiser falar de um trabalho.

Raul: Eu agradeço a oportunidade de estar dialogando com você, sobre arte Há que se buscar um recurso para que todo artista de Mauá tenham essa oportunidade também né.

Letícia: Essa foi a entrevista com o mestre Raul.

Galdino: Bem ouvintes da Rádio Z agora então vamos conferir uma grande visita que fizemos uma visita ao BIG o Rapper do Zaira VI, um fenômeno de garoto.

Letícia: Olá ouvintes da Rádio Z estamos na Rua Ane Alto Mar. No Zaira 6. Com artista irreverente. Até, ele é *Rapper* compositor, violão, guitarra instrumentos de cordas em geral, é o BIG. BIG de onde surgiu o apelido:

BIG: Por causa que o BIG é uma palavra pequena que simboliza o que é grande, todos são BIG, todos são grandes.

Letícia: Legal: Quantos anos você tem?

BIG: 21 aninhos

Letícia: Quantos anos faz que você está nesta para de música

BIG: Nossa eu gosto de música há muito tempo e estou levando a sério uns três anos ai.

Letícia: Qual a dificuldade que você encontra como artista para divulgar o seu trabalho?

BIG: Capital, sempre capital, mas isso não é problema nada que não se possa conquistar, não existe vitória maior que a superação..

Letícia: Você canta sozinho o *Rap*, tem uma banda?

BIG: Eu tenho um grupo chamado Gueto Gospel, né, sou um dos MCs. Outra chamada Rap All Stars, que eles interpretam algumas músicas e eu toco para eles e de vez em quando e também sou de um coral, chamado Coral Reino..

Letícia: Queira que você fizesse um *Rap* para nós. Algum que você tenha ai na cabeça.

BIG: É bacana fazer *freestyle*, se você tiver um tema, o que você gostaria de ouvir?

*Transmitido em 23/07/2011*

Letícia: Vamos fazer para os ouvintes da Rádio Z aqui.

BIG: (Na levado do *Rap*): Então tá eu tô aqui no ABC, lado 6 de SP ai pode crê. Eu vou mandar no alfabeto até o Z FM pode crê. Radio Z então vou seguir Bê- I – Gê ai sempre na luta. Eu to ligado Jão que a vida é curta mas o meu projeto é bem maior ontem eu tava na zica mas hoje eu estou bem melhor o Bê-I-Gê tem o apoio do JC e também tem o apoio da Z FM que não meche com o crime nem com o creme. Mas só que toca um som louco que as outras rádios treme. Então já é, o *freestyle* já foi feito graças deus eu sou um cara imperfeito que deus sempre está melhorando e você malandro a Rádio Z está escutando.

Letícia: A eeeê, tenho certeza aposto que os ouvintes devem ter gostado. Eu queria que você deixasse um recado para galera que curte um *Rap* e que tá pensando em se envolver em algum projeto.

BIG: O sucesso vai depender da sua vontade, entendeu, se você tem vontade de ir além de de superar e aprender para depois ensinar e tudo mais, você vai conseguir ir bem além.

Letícia: Legal esse ai ouvinte da Rádio Z, meu nome é Letícia e essa reportagem vai para o programa o outro lado da cidade.

Letícia: Vamos conferir agora a entrevista como grafiteiro UDR, aqui do Zaira IV.

Letícia: Estamos aqui com UDR, ele que grafiteiro, artista plástico, educador social, produtor cultural, coordenador da Frente de Grafite de Mauá, fundador do coletivo Comunidade Viva e Conselheiro de Cultura. Quantos anos você tem?

UDR: Eu tenho 27 aos

Letícia: Quanto tempo faz que você meche com grafite e essa parte de arte?

UDR: Desde 1998

Letícia: O que te levou a trabalhar com grafite.

UDR: Primeiramente porque eu gosto e vim da pichação, ai eu descobri que o grafite não tanto por tanto para querer ser um artista, mas como um meio de ganhar dinheiro e ser uma profissão.

Letícia: E hoje em dia você vive de arte?

UDR: Hoje em dia eu vivo de grafite?

Letícia: Legal, hoje em dia você também é educador social, qual a função de um educador social?

UDR: Educador social é aquela pessoa que acompanha um jovem ou algum adolescente, quando precisa ir ao fórum. Quando precisa fazer algum outro trabalho externo fora da Fundação Casa. Eu trabalho também com oficinas de grafite e palestras.

Letícia: Quantas exposições e trabalhos você já faze?

*Transmitido em 23/07/2011*

UDR: eu nunca parei para somar, mas eu sei que são muitos.

Letícia: Vocês tem algum projeto aqui no bairro?

UDR: Nós criamos um projeto na Área do Chafik, que o nome é Ocupação Grafite, que este projeto agente trás música, grafite, artes plásticas, lambe-lambe, discotecagem, workshop com as crianças e é uma coisa bem legal.

Letícias: Quem está por trás deste projeto?

UDR: Quem está por trás é o coletivo, tem alguns apoios, inclusive a Rádio Z nos apoia com a divulgação, o supermercado Zaíra e não tem mais ninguém.

Letícia: E quais as pessoas que fazem parte do Coletivo?

UDR: O Daniel, a Letícia, o Pinho, a Juliana, o Soul, a Nati e Eu.

Letícia: De onde veio a ideia do projeto Ocupação?

UDR: Fizemos no Jd. Itapeva, como projeto Galerias, que lá nos pintamos 20 becos, para criar uma galeria de arte ao ar livre e tivemos o interesse de multiplicar aqui no Chafik e demos o nome de Ocupação Grafite, que tem haver com a área que é totalmente ocupada.

Letícia: Como as pessoas podem conhecer melhor este trabalho?

UDR: Eles podem visitar o site: [www.grafitecomunidadeviva.blogspot.com](http://www.grafitecomunidadeviva.blogspot.com), esse site tem todo o nosso trabalho que estamos desenvolvendo.

Letícia: Quando vai ser a próxima ocupação para divulgar?

UDR: O 4º evento vai ser dai 31 próximo a Padaria Dallas no Zaíra IV.

Letícia: Com certeza iremos divulgar o evento na Rádio. Esse foi o UDR para o programa Outro Lado da Cidade:

Letícia: O Grafiteiro está aqui conosco nos estúdios para reforçar a divulgação do evento.

UDR: O 4 vai ser na antiga viela 27 a partir das 8h da manhã

Letícia: Já que você está qui conosco não quer pedir uma música?

UDR: Uma música que tem haver com o momento é Fim de Semana do Parque dos Racionais *MC's*

### **Terceiro Bloco: Expressão Criança**

Raquel e Sonia: Estamos de volta agora com a a seção expressão criança.

Raquel: Nós não vamos entrevistar as crianças, porque percebemos que um adulto entrevistando, as vezes as crianças não se soltam e tivemos a ideia de ser um bate-papo entre crianças.

*Transmitido em 23/07/2011*

Sonia: Vieram para o bate-papo a Ester, a Bruna e o Mateus, que são netos da dona Marilene do Zaira 5. Estamos abrindo o espaço para outras crianças que tiverem interessados

Raquel: Exatamente quem tiver interesse em participar é só procurar a Rádio Z no Tel. 4544-2011, agente se organiza para levar e buscar. Vamos ouvir então.

Crianças: Oi eu sou a Bruna, eu sou o Mateus e eu sou a Ester somos Reporters Z e esse é o Expressão Criança.

Mateus: E aí Bruna qual a sua idade, eu tenho 10 e você Ester, eu também tenho 10, legal eu tenho 12.

Bruna: Mateus onde você estuda?

Mateus: No Olavo (Hansen)

Bruna: Eu no EE. Feital

Ester: Estudo no Olinda.

Ester: Bruna como é sua escola?

Bruna: Às vezes é legal, quando tem aniversário dos meus amigos e taca ovo neles, as vezes é chato quando tem muita briga, só

Mateus: A minha é legal não tem muita briga no dia a dia, as professoras são legais, só tem um probleminha que o diretor é meio chatinho, mas dá para aguentar.

Ester: Só isso, não tem mais nada não (risos).

Mateus: É isso e a sua escola é como?

Ester: É legal eu e minhas amigas ficamos brincando de pular corda.

Mateus: O que tem de bom e o que não tem:

Bruna: O que tem de bom é a comida (risos) e o que não tem de bom as professoras chatas.

Ester: Não tem de bom as coisas para gente brincar muito, o recreio é muito pouco, lá os outros ficam brigando e as professoras brigam com os alunos.

Ester: E aí Mateus como está as suas férias.

Mateus: Tá legal, mas aconteceu uma tragédia. O caminhão que estava subindo com frutas e verduras lá para cima caiu na casa de uma amiga minha, caiu dois postes, vai ficar bastantes dias sem luz no Zaira 5 na caixa d'agua.

Bruna: A minha não está legal porque a minha vó viajou e ela é meu xodó, dá tudo que eu quero, eu gosto muito dela.

Mateus; Eu também participo da catequese no Zaira 5 todos os sábados as 3h que a tia lá faz brincadeira coma gente, e só.

Bruna: Eu também, só que a dona Bernadete (catequista) está doente, ai ela não pode vir, agora está com a Edite e não quero mais na catequese.

Ester: Mateus, onde você que ir nas Férias.

Mateus: Mas agora tem um probleminha, que o aterro<sup>2</sup> fechou lá, que ruim. Vamos conversar com a Ester.

Ester: Eu gostaria de ir para prais e também para cachoeira e para a casa do meu vô em Mato grosso do sul e só.

Ester: Eu gostaria de ir para o norte porque todos meus parentes moram lá, só eu que moro aqui distante e tenho muitas saudades.

---

2 O Aterro Sanitário pertence ao município de São Paulo é administrado pela empresa Eco Urbis.

*Transmitido em 23/07/2011*

Bruna: Eu queria mandar um beijo para minha professora, eu estou na 4a. Séria A, para minha amiga Vitória e todos meus amigos e queria dizer que eu gostos muito deles e estou sentindo falta deles.

Mateus: Eu Estou na 6a. Série H e queria mandar um salve para todos meus amigos, o Gabriel o Eric queria mandar um beijo e um abraço para eles.

Ester: Eu queria mandar um salve para meus amigos, eles estão lá em casa nas férias e curtindo as férias e só.

Os três; Esse foi o Expressão Criança

Música: Sandy Júnior: Criança Esperança

### **Informes Z**

Lucilene: A ADEHAB e demais associações do Jd. Zaíra, juntamente com a Comissão de Trabalho e Acompanhamento da Regularização da Área do Chafik convida a todos a participar de reunião com os vereadores do município no dia 02 de agosto as 15h na Câmara Municipal de Mauá na Av. João Ramalho, 305 ao lado da Prefeitura de Mauá.

A Secretaria de Assistência Social junto com as demais secretarias estará realizando hoje, sábado a ação intersectorial na Área do Chafik com vários serviços e atividades para a população, Será na Rua Silvio Namen Zaíra 6 até as 17h.

Josefa: A Dona Alzeni mandou convidar toda comunidade para o dia 7/07 as 13h na quarta feira, na Igreja São Francisco na Rua Deise para fazer o bom dia Comunidade. E na Igreja São Paulo Apóstolo esta havendo a quermesse que vai se encerrar dia 30 de julho ela é realizada todos os sábados.

Venho convidar também a todos para a Conferência do Idoso que será dia 28/07 no Emei Lucinda Grossi as 14h, dúvidas entrar em contato com o CRAS Macuco 4546-4773

Nilton: Bom gente estamos chegando ao final do Programa Outro Lado da Cidade, mas antes disso a Raquel tem um recadinho para vocês.

Raquel: Eu queria convidar a todo ouvinte a acessar a internet, logo mais estaremos com um espaço do programa Outro Lado da Cidade, mas por enquanto eu gostaria de convidar um espaço do site da Rádio chamado E agora José, para quem nunca entrou o endereço é [www.radiozfm.org](http://www.radiozfm.org), lá no espaço E agora José, todas as matérias relacionadas a área do Chafik estão organizadas, lá tudo que acontece e relevante, muito interessante e logo mais teremos nossos espaço com os bastidores do programa Outro Lado Cidade

Nilton: Participaram da produção deste programa: Jovenildo Lopes, Josefa Moreira, Fernando Galdino, Sonia Brito, Cida Dias, Nilton Oliveira, Domingos Bragion, Lucilene Petta, Roque Paulo, Letícia da Comunidade Viva, Raquel Quintino, Márcio Gustavo, José Bezerra, UDR, Direção Rádio Z Valmir Maia.

**Música: Temporal**  
(Selito SD)

**Anexo 4** Transcrição da segunda edição do programa *O Outro Lado da Cidade Número.*

10

*Transmitido em 23/07/2011*

Levantei o meu barraco  
Na encosta do morro  
Veio o temporal  
Levou tudo morro abaixo  
E cuspiendo barro  
Gritei por socorro  
Sob o temporal

Eta vidinha danada  
Essa da gente que é pobre  
Sofrida, desamparada  
Sem ouro, prata e nem cobre

Sem guarida e sem morada  
Vai se virando como pode  
Sem guarida e sem morada  
Vai se virando como pode

Levantei o meu barraco  
No vale, eu saí do morro  
Veio o temporal  
Encheu, transbordou o riacho  
E cuspiendo barro  
Gritei por socorro  
Sob o temporal

Eta vida desgraçada  
Da gente, que nada tem  
Sofrida, desamparada  
Sem um mísero vintém

sem guarida e sem morada  
Só conta com Deus  
Mais ninguém

## Anexo 5

Formulários criados para facilitar a produção dos programas de rádio

<b>PAUTA</b>		
<b>PROGRAMA O OUTRO LADO DA CIDADE</b>		
<b>DATA: __/__/2011 (Proposta para o próximo programa)</b>		
<b>SEÇÕES:</b>	<b>RESPONSÁVEL</b>	<b>CONTEÚDO</b>
<b>Abertura:</b>		
<b>1º BLOCO</b>		
<b>Música</b>		
<b>2º BLOCO</b>		
<b>HISTÓRIA DE LUTA</b>		
<b>Música</b>		
<b>EXPRESSÃO CRIANÇA</b>		
<b>Música</b>		
<b>INFORMES</b>		
<b>Música</b>		

<b>ROTEIRO</b>	
<b>PROGRAMA O OUTRO LADO DA CIDADE</b>	
<p><b>1º BLOCO:</b>            BG            Vinheta            - Abertura: Sonia e Galdino            Apresentação do projeto em parceria com Faculdade de Mauá – FAMA e a pesquisa de campo com estudantes da FAMA            Galdino: Apresentação da História de Luta – entrevista: Mauricio e Almack            Comentário do que foi falado            Repercussão do trabalho de campo            Música: Gente da Gente com Netinho de Paula que será oferecida para a equipe de colaboradores e amigos da ADEHAB BRASIL.</p>	<p><b>2º BLOCO:</b>            BG            Vinheta            - Abertura: Galdino e Sonia            Apresentação da História de Luta – entrevista: Alzeni, Cilene e Maria Aparecida            Comentário do que foi falado            Repercussão do trabalho de campo            Música: Cidadão com Zé Geraldo</p>
<p><b>3º BLOCO:</b>            BG            Vinheta            - Abertura: Galdino e Sonia            Apresentação da História de Luta – entrevista: Erasmo e Luiz            Comentário do que foi falado            Repercussão do trabalho de campo            Música: Sonho com Maria Betânia</p>	<p><b>4º BLOCO:</b>            BG            Vinheta            - Abertura: Sonia e Galdino            Apresentação dos Informes com Roque            Repercussão do trabalho de campo e despedidas            Música: O dia em que saí de casa com Zezé de Camargo</p>

**Anexo 6****Planejamento das atividades do Observatório de Políticas Públicas elaborado pela professora Dra. Francisca Pini****OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DO CURSO SERVIÇO SOCIAL – 2011.2**Coordenação: Prof<sup>ª</sup> Dra. Francisca Rodrigues de Oliveira Pini**APRESENTAÇÃO**

O Observatório Regional de Políticas Públicas integra o conjunto dos componentes curriculares do 6º período do curso de Serviço Social da Faculdade de Mauá e se constitui como um espaço diferenciado e inovador na formação profissional do assistente social, à medida que objetiva potencializar o exercício da cidadania ativa, em que o discente vivencie a construção do conhecimento mediada por uma intervenção na realidade.

**Objetivos**

- Assegurar as dimensões ético-política, teórico-metodológica e técnico-operativa, de acordo com as diretrizes curriculares e o código de ética profissional.
- Atuar de forma interdisciplinar e construindo coletivamente o processo da formação.
- Identificar e conhecer as políticas públicas do ABCDMRR, em particular de Mauá, nos aspectos da gestão, da organização, do financiamento e do controle social.
- Efetivar o mapeamento das políticas sociais, de acordo com o interesse e demandas dos discentes durante o processo de formação.
- Articular com o componente curricular de políticas sociais, no que concerne aos fundamentos, concepções, gestão, população atendida, financiamento e formas de controle social.
- Assegurar a participação efetiva de todos os sujeitos, construindo coletivamente a contribuição de cada um no processo.
- Assegurar a pluralidade de pensamento no debate para garantir a diretriz do projeto de formação e profissional em Serviço Social.
- Apreender a realidade em sua totalidade para a compreensão e intervenção crítica

**Planejamento das atividades do Observatório de Políticas Públicas****Dos procedimentos metodológicos desenvolvidos no Observatório Regional de Políticas Públicas**

Para o desenvolvimento do Observatório tomamos como ponto de partida os fundamentos do trabalho profissional no contexto das relações sociais que “abrange processo de produção e reprodução social, a *totalidade* da vida social- “o modo de viver e de trabalhar, de forma socialmente determinada dos indivíduos em sociedade”. (IAMAMOTO, 2005, p. 72).

Desse modo, faz-se necessário a reflexão das escolhas profissionais e das possibilidades existentes para colocar-se ao lado da classe trabalhadora, por constituir-se uma profissão do trabalho coletivo.

A concepção de questão social compreendida como a contradição entre capital/trabalho e suas diversas expressões, tendo na atualidade se complexificado dada o “estágio de acumulação capitalista” (IAMAMOTO, 2002, p. 19).

Por outro lado, refletimos a constituição das políticas sociais que são uma das principais mediações do exercício profissional do assistente social.

→ Essas atividades se dividem em 03 etapas, primeiro, em sala de aula com os discentes no planejamento, estudo e planejamento das atividades a serem realizadas com a comunidade local; segundo as atividades desenvolvidas a comunidade local; e terceiro, as atividades externas realizadas pelos discentes e docentes do Observatório nos seminários de políticas públicas e nos encontros de pesquisadores /as.

As atividades desenvolvidas em sala de aula permitem que o discente construa na dinâmica de ensino-aprendizagem, as relações teoria-prática, pois se realiza discussões de cunho teórico e o discente vivencia no cotidiano as correlações de forças e as demandas trazidas das políticas sociais. Assim, fomenta no discente a participação, objetiva a construção coletiva que o mesmo deve realizar, auxiliando na formação enquanto ser humano e como profissional, uma vez que o assistente social é chamado a responder profissionalmente as demandas trazidas pelas diversas políticas setoriais.

O Observatório é um espaço privilegiado da relação teoria-prática, uma vez que os conteúdos das atividades são aprofundados após a primeira reunião com a comunidade local e os respectivos eixos temáticos são reorganizados. Esses eixos são divididos nos meses em que serão debatidos com a comunidade local nos encontros aos sábados.

Todo o processo tem buscado coerência com a educação libertadora, e com a educação em direitos humanos. Por isso, os processos e métodos partem da realidade e com ela constroem o conhecimento.

Essa socialização entre os docentes, discentes, instituições, seja governamental ou não

**Planejamento das atividades do Observatório de Políticas Públicas**

governamental, sobretudo, com os usuários das políticas sociais tem orientado o processo do Observatório.

As atividades ocorrem por meio de uma relação dialética entre docente, comunidade local e discente.

No processo é vivenciada a instigante arte de pesquisar e produzir conhecimento, a qual é envolvida por uma forma, de aventurar-se pelo desconhecido e de compreender os processos sociais, dando significados analíticos aos fatos, aos levantamentos e as expressões da realidade.

As abordagens qualitativas, processualmente, vêm conquistando um espaço significativo no campo das ciências sociais, sobretudo, no Serviço Social.

**Agenda de trabalho do Observatório Regional de Políticas Públicas, da Faculdade de Mauá, 2011.2**

Objetivo: Articular, mobilizar e constituir um fórum integrado das políticas sociais, para fortalecer o debate e as proposições sobre as políticas relativas à: Criança e Adolescente, Assistência Social, Comunicação, Moradia, Cultura e Saúde. Fortalecer as ações desenvolvidas por meio da Rádio Comunitária, com vistas ao fortalecimento da participação social no controle das políticas públicas na área do Chafic.

**ESTRATÉGIAS DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:**

1º momento: (agenda: agosto: 02,09, 16,17,23,30)

- Discussão, compreensão e adesão da proposta do Observatório com os discentes.
- Diálogo com os responsáveis pela Rádio Comunitária e a interface com o Observatório Regional de Políticas Públicas
- Reflexão sobre a Concepção de Conferências, Educomunicação e Interfaces entre as Políticas.
- Preparação para o encontro de março

2º momento: (setembro: 06, 10, 13,20,27)

- Reflexão sobre a Articulação das Políticas Sociais. Raquel Raichelis
- Participação na Comunidade do Chafic: 1) participar do programa de Rádio e 2) entrevista com 30 pessoas da comunidade, a partir do questionário já elaborado.
- Preparação para o encontro de outubro

**Planejamento das atividades do Observatório de Políticas Públicas****3º momento: (outubro 04,11,18 , 15, 23 e 25 ).**

- Aprofundamento dos estudos sobre controle social
- Organização dos encontros.
- Participação na Rádio Z apresentando os resultados da pesquisa e agendando um encontro para o dia 26/11
- Preparação para a caminhada, a ser realizada no dia 23/10, cujo objetivo é visibilizar a área e integrar a população.
- Avaliação dos processos realizados na área e leitura sobre pesquisa ação e pesquisa participante.

**4º momento: (novembro 8, 16, 22, 26, 29 )**

- Leitura sobre Gestão intersetorial
- Preparação para a visita na comunidade no dia 26/11
- Discussão e reflexão sobre as possibilidades de intervenção
- Leitura do Texto: Retomando o Trabalho de Base

**5º momento** – (dezembro06, 13,20 )

- Elaboração da programação de sábado
- Divulgação da proposta
- Participação no encontro
- Avaliação do processo
- Sistematização do semestre

**ANEXOS**

<http://www.mds.gov.br/cnas>

<http://www.direitos>

<http://blogs.cultura.gov.br/cnc>

<http://portal.mec.gov.br/conae/>

**O Outro Lado da Cidade.**  
Avaliação das 4 primeiras edições do programa

Realizada em 13/08/2011.

**Respondentes:**

1. Jovenildo Lopes Soares, 56 anos, coordenador ADEHAB, morador do Jd. Zaíra.
2. Lucilene Petta, 38 anos, assistente social da ADEHAB, moradora do Jd. Zaíra.
3. Roque Paulo Alves Filho, 56 anos., colaborador da ADEHAB, morador do Jd. Zaíra.
4. Sonia Aparecida Brito Costa, 49 anos, assistente social da ADEHAB, moradora Jd. Camila
5. Josefa Aparecida S. Moreira, 51 anos, estagiária de SS. pela ADEHAB. M estagiária de SS.
6. Valmir Maia, 53. Coordenador da Rádio. Morador do Zaíra.
7. Maria Aparecida Dias, 45 anos, estagiária de SS. pela ADEHAB. Moradora Vl. Assis
8. Ana Maria Ramos Venturini, 48 anos, estagiária de SS. pela ADEHAB. Moradora da Área

**No desenvolvimento do projeto Repórteres Comunitário Z está havendo:****Colaboração?**

- Todos da ADEHAB colaboraram no sentido de contribuir para seu desenvolvimento
- Todos estavam dispostos a levar a frente e ver acontecer o projeto
- Todos têm se empenhado ao máximo dentro de suas possibilidades
- Dese o início do projeto teve colaboração das pessoas que tiveram interesse, mesmo com a ausência de alguns.
- No momento de maior necessidade, união de um com o outro fazia que o trabalho saísse.
- Participar de parte da equipe com troca de opiniões. O espaço que no foi cedido, aprendido de forma dinâmica no ensinaram de que forma poderia melhorar.
- Ao meu entendimento todos estão dentro de sua limitação envolvidas e colaborando com a proposta do projeto.
- As pessoas se doaram e procuram contribuir dentro de suas possibilidades

**Autonomia?**

- Assim que iniciou o trabalho todos os envolvidos tiveram autonomia de opinar e muitas vezes tomar iniciativa.
- Quando precisava pegar informação para montar sua parte eu ia, fazia e trazia para complementar nosso objetivo.
- A coordenação é bastante flexível.
- Na equipe todos tinham um “acordo”, um objetivo, mas individualmente cada um teve uma participação importante para o funcionamento do projeto.
- Cada pessoa tinha suas oportunidades.
- Foi possível opinar, buscar informes, trazer o morador local e autoridades e formular perguntas necessárias e que interessavam saber.
- A partir do momento em que me envolvi com a proposta vinha tentando aperfeiçoar-me trazendo ideias e convidando pessoas a ouvirem, se envolverem, participarem das entrevistas e da programação.
- Houve espaço de participação, sugestão, decisão.

**Hierarquia?****Sim**

- É natural e necessária
- Existia uma coordenação, mas houve espaço para questionar

**O Outro Lado da Cidade.**  
Avaliação das 4 primeiras edições do programa

- Temos a coordenadora do projeto e os coordenadores das sessões a quem devemos ouvir para melhor construção
- Em alguns momentos houve, partindo da dinâmica do improviso
- Todos tiveram momentos de atuar
- A equipe foi “orientada” Por uma coordenadora e “direcionada” para realizar ações, mas sempre respeitando as opiniões da equipe.

**Não:**

- Por ser um projeto de comunicação onde sempre houve participação democrática. Houve comprometimento de pessoas com planejamento.

**Compromisso?**

- As pessoas se propuseram a participar integralmente do projeto foram compromissados com horários e cronogramas.
- Com a qualidade do que estavam fazendo, horários para não interferir com outras programações da rádio, compromisso com que que estava sendo realizado.
- Se não houver compromisso não atingiremos nossos objetivos.
- Todos se doaram, participaram e estiveram presentes
- Se trata de um projeto que poderá possibilitar mudanças significativas na vida da comunidade e grande aprendizado, uma peça fundamental em minha bagagem de conhecimento e vida.
- Parte das pessoas que se comprometeram estiveram presentes nos horários combinados nas reuniões e gravações.
- A maioria que estava nesta luta se preocupou em ligar para alguém para saber o que poderia fazer.
- Todos tiveram um papel importante com compromisso e responsabilidade, mesmo enfrentando as dificuldades que apareceram.

**Produção Coletiva?**

- Todos se reuniam em grupos para divisão de tarefas
- No planejamento da programação era visto que iria ao ar, as músicas, a letra, a mensagem deferida, a história que ia ao ar .
- Tem tido participação
- O grupo se dividiu e cada um deu o melhor de si.
- Todos nós nos envolvemos no processo, uns mais que outros, conforme sua disponibilidade.
- Houve troca de opiniões na gravação dos programas.
- Todos procuraram dar algo de si.
- Houve participação da equipe na produção

**União?****Sim:**

- Todos se engajaram ou abraçaram o projeto
- Cada um faz uma parte
- Tudo foi criado em conjunto houveram momentos ricos de aprendizado e troca de conhecimento, experiências e ajuda.
- Se não tivesse união não se concluíria o trabalho
- a equipe procurou contribuir e ajudar na realização do projeto.

**O Outro Lado da Cidade.**  
Avaliação das 4 primeiras edições do programa

**Não:**

- As vezes o grupo é competitivo e alguns não tem muito compromisso
- Alguns precisam se dedicar um pouco mais

**Auto afirmação?** (sentimento de orgulho em morar na região)

- Conhecendo melhor os moradores, identifico que existe uma auto-afirmação, pois mesmo com vários problemas, a área é o “coração” dos moradores e de nós mesmos.
- As pessoas davam a entender que queriam melhorar a sua rua para continuar ali.
- Me identifico com essa região a cada dia, onde me sinto bem, aqui nasci, me criei e constitui família .
- Parece que estavam contentes por estarem lá. Só querem alguns ajustes, mas não pretendem sair do local.
- Passamos a respirar um pouco a realidade como se morássemos na região
- Para ver o trabalho de regularização fundiária na região
- Praticamente nasci aqui e gosta da região apesar das dificuldades, que são para ser vencidas
- Tenho minhas dúvidas

**Vínculo Comunitário?****Sim**

- Por morar na área conheço a realidade do morador
- Por sermos repórteres comunitários muito te ligam (associam) a Área do Chafik
- Mesmo os que não são moradores tem realidades parecidas e isso aproximou.
- A maioria já participava das reuniões dos grupos na comunidade
- Eu gostaria e agora estou fazendo parte desta luta por melhoria porque tenho este vínculo
- Com este projeto tivemos um carinho especial com os moradores e pela área.

**Não**

- As pessoas não se preocuparam muito com outras comunidades
- Estamos em processo de construção de vínculo

**Solidariedade (entre a equipe)?****Sim**

- O grupo tem se ajudado muito
- Sempre aparecia alguém para socorro
- A equipe esteve pronta para ajudar e contribui na realização das entrevistas e da pesquisa
- Houve troca de conhecimentos, experiências, quando em grupo estávamos com problemas, outros interagiam e ajudavam com ideia agindo em conjunto dentro de suas imitações
- Um se preocupava com o outro, mas as vezes havia agressividade.
- Na ausência de alguém a equipe entendia

**Em termos**

- As vezes não havia solidariedade, mas por falta de comunicação

**Planejamento?**

- Houve, mas ainda falta confiança para o grupo melhorar a forma de planejar
- Houve planejamento em cada passo
- Devido os horários da rádio tudo precisava ser bem planejado para fazer a coisa acontecer.

**O Outro Lado da Cidade.**  
Avaliação das 4 primeiras edições do programa

- Todos os passos foram planejados
- Houve planejamento desde o início, mas foram se modificando, não saiu exatamente como pensado, porém tudo dentro do previsto.
- Sem planejamento teríamos atropelado as ações e o resultado não seria satisfatório
- A rádio Z necessita de planejamento
- Apesar de nos planejar muito, as vezes a gravação não ocorreu da forma esperada.

**Divisão de tarefas?****Sim**

- Houve divisão e todos participaram
- Tudo foi dividido e cada coordenador das sessões dividiu a tarefa para os envolvidos, mas mesmo assim, todos fizeram conforme suas possibilidades
- Cada um tinha uma tarefa, mas se o outro não conseguia, ajudávamos
- Foram divididos em grupos e cada um tinha sua tarefa e desenvolveram satisfatoriamente

**Não**

- Muitas vezes não se cumpria o planejado e outros assumiam no lugar
- Sobrou mais para um que para outros
- Ainda é preciso adequar o tempo individualmente

**Cronograma de ações?**

- **É preciso melhor conhecimento técnico para melhor dependência**
- Procuramos fazer conforme o programado
- Em certos momentos os compromissos particulares de cada um atrapalharam.
- Alguns se dedicaram mais que outros para cumprir
- O cronograma foi importante para nos planejarmos
- Sempre tínhamos onde visitar
- Fazíamos alterações quando necessário

**Transparência?**

- Os objetivos eram muito claros
- AS pessoas diziam o que sentiam
- Cada um sabia o que o outro estava fazendo
- A proposta estava clara desde o início
- Quando uma coisa não estava legal o outro completava
- Clareza nos objetivos do projeto
- Propósitos bem específicos
- 

**Busca de informação sobre a realidade dos moradores?**

- Através das entrevistas
- Pesquisas com questionário com perguntas sobre a realidade do morador
- Desde o primeiro momento até as gravações das sessões, esse foi e continua sendo nosso objetivo principal.
- A pesquisa ajudou a conhecer a realidade
- Nas pesquisas e entrevista para o programa
- Quando o morador falava sabíamos que era real, não ter luz em uma vela, a comunidade

**O Outro Lado da Cidade.**  
Avaliação das 4 primeiras edições do programa

não ter área de lazer ou ônibus.

**Análise crítica sobre a realidade dos moradores?**

**Sim**

- Apesar da entidade se dedicar a regularização, percebemos que essa não é a prioridade dos moradores.
- Eles não acreditam com afincos nos políticos
- Mesmo com problemas os moradores gostam do local, porque são pessoas que ajudaram uns aos outros, pois estão na mesma situação e não tem para onde ir.
- Eles tem consciência da situação mas esperam que alguém faça por eles
- **A realidade dele é a falta de luz, ônibus, só que ele não vê que a regularização fundiária vem primeiro para a área ter a sua infraestrutura.**
- Através das pesquisas vimos as dificuldades deles

**Não**

- O debate está iniciando e com mais tempo teremos condição de fazer uma análise
- Não tivemos tempo de aprofundar uma análise

**\*Troca de Conhecimento?**

- Só com o contato com a comunidade que se percebe o quanto há diferentes maneiras de viver e as diferentes culturas
- Quando o UDR e a Letícia vieram para esse grupo tivemos uma troca de informação e conhecimento que eu achei ótimo. Eles tem uma bagagem e aprendi muito com eles.
- Percebemos que não precisamos ir apenas com a proposta de regularização, podemos ir muito mais.
- As opiniões nas reuniões para avaliar o processo ajudaram.

**Superação de limites?**

**Sim**

- Foi possível perceber que alguns tiveram dificuldades, mas mesmo assim participaram
- Conseguimos avançar
- Houve aprendizado do trabalho com rádio
- Os moradores se superaram todos os instantes devido às dificuldades
- Adquirimos novos conhecimentos

**Não**

- É necessário a participação de todos e muitas passos para conseguirmos um objetivo maior

**Mudanças provocadas pela ação do projeto?**

- A visibilidade os projetos estão sendo levados ao conhecimento das autoridades e população em geral
- Os moradores estão começando a participar
- As pessoas passam a ver que estão sendo vistos não só na calamidade e a ADEHAB também está com mais visibilidade
- Maior aproximação com a comunidade local, sentimento de poder fazer algo para possibilitar melhorar a condição de vida das pessoas

### O Outro Lado da Cidade.

#### Avaliação das 4 primeiras edições do programa

- Na Rádio abriu-se um espaço comunitário, na ADEHAB abriu-se um espaço comunicativo, ocorreu também uma articulação maior com o CRASS e coma FAMA.
- O comentário de boca em boca surgem efeitos..
- Existe em novo ânimo para as discussões do processo de regularização da Área do Chafik
- Na Rádio o comportamento daqueles que mantêm a programação no ar não estavam acostumados a dividir o espaço físico. Hoje ficou mais claro a importância trabalho coletivo, que às vezes fogem da produção convencional. Percebemos que o projeto auxiliou e sem imposição na compreensão do ensinar para aprendermos juntos.

#### Inovações?

- É o primeiro projeto popular que a Rádio participa, ou melhor se dispõe a ceder o espaço.
- Temos um programa todos os sábados, voltados para os moradores da Área do Chafik
- Entrevista com os moradores, saber que eles tem conhecimento de sua realidade, mas que precisam ser apoiados.
- A mídia nunca está trabalhando antes dos fatos. A Rádio trabalha a prevenção dos acontecimentos.
- Mais participação dos moradores e resposta das autoridades.
- Para mim tudo é novo

#### Virtudes?

- Tudo foi voltado para o desenvolvimento social
- Trazer a oportunidade da comunidade poder se expressar e cobrar seus direitos
- A aproximação com a realidade local e com as pessoas nas gravações
- Conhecimento, planejamento percebemos que podemos ir além do esperado.
- Alguns tem mais facilidade com comunicação
- 

#### Avanços?

- Podemos a partir desse projeto avançar no sentido de envolver nossa comunidade no projeto Rádio Z
- Abriu-se espaço para os moradores poderem também saber ouvir um pouco das autoridades locais.
- Esse trabalho vai tocar muitos corações, até das autoridades
- Saimos do papel para realidade local, entramos nas ondas do rádio a nível mundial com proposta de participação popular.
- Os líderes da política passaram a ver que a realidade do morador
- Não havia até agora nenhum outro programa comunitário na região.
- Nosso crescimento em relação às iniciativas e autonomia.

#### Falhas?

- Faltou mais cuidado com o que é dito no ar.
- Dificuldade com horário para chegar devido ao ônibus.
- As falhas foram resolvidas com improviso
- As falhas vieram com a falta de estrutura.
- Era preciso incentivar mais a participação de alguns
- Ainda estamos em fase de aprendizado
- Falta conhecimento e convivência com a tecnologia apresentada.

**O Outro Lado da Cidade.**  
Avaliação das 4 primeiras edições do programa

\*Comentário Josefa.

Seu projeto veio acrescentar na minha e para o meu TCC que as políticas que temos na regularização fundiária são lentas.

O entrosamento entre a Rádio e a ADEHAB serviu para os governantes ver que o problema existe, tá lá e devido a essa participação da comunicação forma vistos não só com fatalidade, mortes, desmoraamentos. Eles (não) tão lá poe acaso e sim por falta de uma política justa e um planejamento desordenado da década de 70 e o crescimento do capitalismo imposto ao trabalhador.

Obs.:A comunicação foi fundamental para ver que o sujeito tá lá na área do Chafik.

**O Outro Lado da Cidade.**  
Avaliação das 4 primeiras edições do programa

**Anexo 8**

Relato do encontro de sistematização da experiência de comunicação comunitária com o movimento de moradia realizado em 14/01/2012

**Estavam presentes 22 pessoas:**

**Equipe Repórteres Z:** Sonia Brito, Fernando Galdino, Roque Paulo, Ronaldo Melo, Josefa Moreira, Lucilene, Ana Maria, Cida, Jovenildo e Raquel

**Moradores Zaira 5:** José Luis, Alzeni, Valdirene, José Manoel, José Carlos

**Associações Área do Chafik:** Paulo Lucio – Ação Cidadania

**Equipe Adehab:** Camila Silva, Santina, Adriana,

**Convid@s:** Laura Tresca – observadora Artigo 19, Paula Takada – mediadora Favela Atitude e Matias Tolosa – Madri Espanha

**Paula Takada:** Sistematização é como uma colcha de retalhos, cada um traz um retalho de sua experiência e ponto de vista e a Raquel depois irá costurar tudo. Iremos trabalhar com 4 perguntas que serão respondidas em grupo e individualmente.

**O que a experiência com o programa significou para mim?**

**Resposta individual: Tarjeta com 2 palavras**

**Galdino:** ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CONVIVÊNCIA. Comecei tímido e depois passei a me doar. Mudei porque encontrei pessoas com mesmos objetivos, descobri nas pessoas desenvoltura para comunicação.

**Sonia:** CONHECIMENTO E CRESCIMENTO PROFISSIONAL: Com a comunicação vi até pode onde o serviço social pode chegar. Tem que ter muita responsabilidade e comprometimento.

**Ana Maria:** CAPACIDADE E PARTICIPAÇÃO: Me sentia incapaz de participar de um programa de rádio, consegui entrevistar, participar das reuniões de pauta. Como estagiária de serviço social ajudou muito.

**Lucilene:** APRENDIZADO: técnico operativo de rádio, conversar com as pessoas, ir à campo na comunidade, acolher, estar junto da população. ARTICULAÇÃO entre comunidade, poder político. Valeu a pena, eu não tenho mais tempo para estar junto por estar trabalhando como AS em Santo André, mas gosto muito.

**Josefa:** RESPEITO E DIGNIDADE: A partir da comunicação invadíamos a individualidade do morador com muito respeito. Reforçamos os fundamentos do serviço social ao reconhecer que eles merecem dignidade.

**Jovenildo:** CONHECIMENTO, SENSIBILIDADE, SOLIDARIEDADE E VISÃO: O rádio era desconhecido para mim, adquiri conhecimentos, porque juntos sabemos como organizar um programa, escolher um assunto, improvisar. Sensibilidade por conhecer a história de vida das

**O Outro Lado da Cidade.**

## Avaliação das 4 primeiras edições do programa

pessoas. As vezes só o fato de ouvir já ajuda a desencadear ações lá na frente. Solidariedade: temos o poder de ouvir e falar em defesa. Ampliação da visão ao conhecer outras culturas na luta para sobreviver.

**Adriana:** INICIATIVA: Colocar os meios de comunicação para a população empobrecida. LIMITADA E RESTRITA: A frequência da Rádio não chega na cidade toda, não houve o envolvimento com pessoas com compromisso ideológico.

Roque: CRESCIMENTO E AMADURECIMENTO: A comunicação é a coisa mais importante que existe, ela pode deflagrar ou barrar uma guerra. Foi envolvente. Trouxe crescimento, a audiência favoreceu a sociedade.

**Camila:** Não participei e não ouvi o programa, estou chegando, mas como munícipe de Mauá, acredito que o que acontece aqui precisa ser um exemplo a ser divulgado para poder somar a luta de moradia de outros bairros. Podemos ensinar outros moradores. Vocês conseguiram acesso a coisas e pessoas que potros não conseguiram.

**Alzeni** DIREITO DE RESPOSTA E ACOMPANHAMENTO DA COMUNIDADE. Eu adorei, muitos dos bairros não sabem, ma eu fui muitas vezes entrevistada. Ter a liberdade de falar e saber o que falar. A radio devia participar mais da comunidade.

**Valdirene:** INFORMAÇÃO E LIDERANÇA: Eu fiquei conhecendo através da Alzeni. Eu ouvi e ouço a Rádio Z e divulgo até em São Caetano onde trabalho. A Rádio Z é bem ouvida sim.

**Zé Luis:** FORÇA E CONTINUAÇÃO: Sem força não se faz nada e a força está na minha mente, estou com 64 anos. Participei do programa e escuto a rádio o dia inteiro, a música me da força para o meu trabalho de pedreiro.

**Santina:** PERSPECTIVA. Eu não ouvi e não participei, mas estagiei há dois anos na Adehab e volto agora como profissional e percebo que a rádio veio trazer mais pessoas. A fala e os objetivos do seu Jovenildo estão sendo atingidas, muitos não acreditavam. A rádio pode chegar em cantinhos e atingir de forma indireta muitas pessoas, enquanto um cadastra social às vezes assusta. A rádio ajuda para as pessoas acreditarem mais, quando as pessoas não acreditam, não acontece.

**Ronaldo:** APRENDIZADO E APROXIMAÇÃO: Através do programa nos unimos mais com a comunidade.

**Cida:** APRENDIZADO E DESAFIO: Já tive oportunidade de trabalhar em outras rádios comunitárias com programas musicais, mas num programa voltado para uma ação como este, nunca. Foi diferente. Tomamos conhecimentos e responsabilidades.

**José Carlos:** Eu não conheço o programa.

**Paulo Lúcio:** IMPACTO e TRABALHO. Na experiência da panfletagem para caminhada descobri como a rádio é bastante ouvida. A Adehab foi muito bem divulgada. Pessoas da comunidade vinham discutir comigo assuntos da Adehab por causa da rádio. Muita gente que não acreditava já mudou de ideia e quer saber quando é a próxima caminhada.

## Anexo 7

### 10

#### O Outro Lado da Cidade.

Avaliação das 4 primeiras edições do programa

**Raquel:** DESAFIO: Ter a ideia de um trabalho como esse batalhar para ele acontecer foi um grande desafio porque envolveu a credibilidade das pessoas olhar no olho e acreditar, embarcar junto e chamar mais pessoas. PERSEVERANÇA: Manter a continuidade é o mais difícil porque um programa de rádio exige muitas horas de dedicação de um trabalho minucioso como editar áudio por exemplo. Acredito que todos ficaram cansados e pensaram em desistir eu também, mas continuamos fortes e perseveramos.

**Camila:** Uma coisa é panfletar, outra coisa é falar e ouvir um rádio. Ligar a rádio e ouvir a Dna. Alzeni.

**Valdirene:** Depois da Rádio muitas pessoas ficaram conhecendo este lugar.

**Galdino:** Estou sentindo falta das crianças e quero registrar isso. A importância da participação delas é grande.

### Como o programa influenciou o meio em que atuou? Respostas em Grupos

#### Grupo 1

**Valdirene:** Na comunidade o pessoal não está nem aí. Mas tem uns 40% que estão procurando se informar. O pessoal está acreditando mais por escutar pessoas conhecidas

**Roque:** Para a Adehab foi um estrondo, a repercussão e o impacto voltou para a gente porque nosso trabalho tem que estar a altura, a expectativa das pessoas aumentou, atingimos mais pessoas

**Camila:** Houve um reconhecimento maior do trabalho social, pessoas estão aderindo, essa notoriedade da Adehab tras mais parcerias.

**Raquel:** O trabalho com a Adehab ajudou a aumentar a audiência da rádio também.

#### Grupo 2

**Adriana:** As pessoas ficam com desconfiança no sentido de curiosidade. É como um balde de água parada e você joga uma pedrinha. Existe a necessidade de fazermos um seminário para mais gente se aproximar.

#### Grupo 3

**Cida:** Antes não tinha tantos conhecimentos e vou somando as bagagens. Fiz entrevistas com moradores que me disseram que querem mais conhecimento.

**Josefa:** Na faculdade vamos continuar como observatório e articular uma audiência pública.

**Adriana:** O desafio do Serviço Social é contribuir para população conquistarem os seus direitos. O Serviço Social é teoria e prática.

**Sonia:** O executivo, legislativo e judiciário acordaram para o trabalho que estamos fazendo. Estão nos dando uma atenção maior.

**Jovenildo:** As autoridades, faculdade Fama, foi uma influência da rádio que fortalece os moradores. O Matias da Espanha ficou interessado na experiência e cai levar para fora. Isso também

**O Outro Lado da Cidade.**

Avaliação das 4 primeiras edições do programa

fortalece a Rádio Z como Rádio Comunitária.

**O que não teve continuidade e quais os desafios?**

**Respostas em grupos**

**Grupo 4**

**Camila:** O trabalho com as crianças deve continuar, pois envolve toda a família para serem líderes. O trabalho com rádio desperta o interesse das crianças.

**Sonia:** Desafio em manter o programa no ar seja ao vivo ou gravado. Precisamos de patrocínio.

**Raquel:** Os encontros de formação precisa ser mais frequentes.

**Jovenildo:** Os avanços foram maiores que as expectativas. Nós acordamos o prefeito o judiciário, o proprietário. A regularização vai sair de qualquer jeito.

**Raquel:** Os desafios são dar continuidade ao projeto, estar mais presente na área, ter mais pessoas responsáveis pelo programa.

**Grupo 3**

**Galdino:**Falta maior presença da equipe na produção do programa, falta maior integração cm a comunidade. Precisamos rediscutir o projeto em um seminário.

**Grupo 2**

**Adriana:** Socializar o conhecimento que adquirimos com a comunidade. A caminhada não reuniu muitas pessoas, precisamos trabalhar a questão da mobilização, animar as pessoas via Rádio Z, maior comprometimento dos estagiários em articular teoria e prática.

**Grupo 1**

**Sonia:** O programa teve continuidade. Articulamos poder público e comunidade. Tivemos êxito. O desafio é a divulgação que não pode ser para nós mesmos.

**Raquel:** É preciso reconhecer o trabalho de muitos e em especial da Sônia que muitas vezes esteve sozinha. Apoio moral muito mas a presença no sentido de assumir as responsabilidades muitos se ausentaram em momentos importantes.

**O que a experiência significou para o Serviço Social, Democratização da Comunicação e Movimento de Moradia?**

**Grupos**

**Grupo 1: Democratização da Comunicação**

- Desmistificou que a comunicação é só para profissionais da área.
- É preciso ampliar o sinal da Rádio Z
- É uma avanço ter leis para a Rádio não ser clandestina
- Todos tem direito e podem fazer parte da rádio
- A comunicação é uma condição humana
- A pessoa que não tem computador, mas tem uma rádio fica menos restrita.

**Grupo 2: Moradia**

- O projeto valorizou lideranças
- O trabalho chegou a ser reconhecido pelas autoridades
- A comunidade se enxergou como parte da luta

## **Anexo 7**

### **12**

#### **O Outro Lado da Cidade.**

Avaliação das 4 primeiras edições do programa

#### **Grupo 3: Serviço Social**

- A comunicação comunitária se mostrou um instrumento do Serviço Social
- Os estudantes que participaram do projeto tiveram uma relação de proximidade com a comunidade que ampliaram os conhecimentos da faculdade
- Foi dada uma maior visibilidade à prática do Assistente Social.

## Preparando o Campo: Texto utilizado capacitação dos repórteres comunitários

### Preparando o Campo<sup>1</sup>

*Procure olhar tudo  
como se fosse a primeira vez.  
Otto Lara Rezende*



A pesquisa é um primeiro exercício de escuta para conhecer melhor as pessoas e a realidade. Ela tem o poder de provocar um pensamento e a tomada de posição por parte de quem responde.

Ela acontece através de uma entrevista que é uma forma de diálogo com um foco em assuntos definidos.

As respostas representam informações muito importantes que podem ser usadas para manipular ou para valorizar aqueles que confiaram em compartilhar suas opiniões.

Além da entrevista uma pesquisa consiste na definição do tema da pesquisa; da identificação da população e da amostra; da elaboração do questionário; do planejamento e execução do trabalho de campo; da tabulação e processamento dos dados; e da análise, interpretação e apresentação dos resultados.

Por estarem se formando como “pesquisadores sociais” das suas comunidades, na definição do tema estarão pesquisando questões do perfil socioeconômico da comunidade. Poderão fazer diferentes perguntas sobre família, vida social, trabalho, saúde, educação, lazer, religião, participação comunitária e desejo de futuro para o bairro. Mais especificamente estarão procurando definir quem são, em dados gerais, os moradores locais; como vivem; qual sua procedência; sexo; idade; escolaridade; ocupação; renda, etc.

Também poderão identificar, por meio de diferentes questionários, os costumes, saberes, habilidades, sonhos, desejos e percepções dos moradores da comunidade.

Antes de passarem para as fases de “identificação da população e da amostra” e “elaboração do questionário”, devem discutir no grupo, o que querem saber? o que já sabem sobre o assunto? quais as hipóteses que têm

<sup>1</sup>Adaptação do texto Pesquisação II do Livro "Metodologia para formação de jovens pesquisadores" publicado pelo projeto Casulo e disponível em <http://www.projetocasulo.org.br/download/Metodologia-para-formacao-de-Jovens-Pesquisadores.pdf>

## **Preparando o Campo: Texto utilizado capacitação dos repórteres comunitários**

sobre o tema? E ainda o que será feito com os resultados e como serão divulgados.

Também devem definir quais questões serão investigadas por meio da pesquisa qualitativa e quais pela pesquisa quantitativa. Na pesquisa qualitativa os entrevistados são estimulados a pensar e falar livremente sobre algum tema. Exemplo: organize um grupo de moradores antigos da

comunidade e faça algumas perguntas tais como, como era a comunidade quando eles eram mais jovens? Como foram se dando as transformações e quem foram as pessoas que vivenciaram essas mudanças? Como acham que a comunidade vai estar daqui a alguns anos? Entre outras tantas questões. Peça autorização para gravar e filmar esse encontro para depois analisarem as opiniões e comentários que surgiram.

Já a pesquisa quantitativa se utiliza de instrumentos padronizados (questionários) para apurar opiniões e identificar as características e o perfil dos entrevistados.

Exemplo: questionário perguntando sobre a idade, sexo, escolaridade, renda, trabalho. A pesquisa quantitativa, além da interpretações e conclusões, deve mostrar tabelas, percentuais e gráficos provenientes da tabulação de todos os questionários aplicados.

Na sua comunidade você pode identificar diferentes “populações” - todos os chefes de domicílio; todos os jovens de 15 a 24 anos; todas as pessoas com mais de 60 anos; todas as mães que trabalham fora, entre outras tantas configurações, e a partir daí selecionar as amostras ou ainda entrevistar e pesquisar o conjunto de sua “população”.

Não se esqueça que é preciso delimitar geograficamente o que estão definindo como “comunidade”, identificando quais as ruas e quais os domicílios que irão considerar como alvo da pesquisa. Ainda com relação à amostra, não é seu tamanho que determina se ela é de boa ou má qualidade. O importante é sua representatividade, pois só assim teremos confiança para tirar conclusões sobre a população pesquisada.

Para elaboração dos questionários é preciso um longo processo de discussões de grupo para definirem quais as questões relevantes que querem investigar. É o grupo de jovens que define se as questões serão feitas por meio de perguntas abertas ou fechadas. As questões fechadas são aquelas que fornecem ao entrevistado um leque de respostas possíveis que definem o perfil ou correspondem a uma opinião. Exemplo:

*Em sua opinião os jovens de hoje, em relação às gerações anteriores, possuem:  
 ( ) mais liberdade ( ) menos liberdade ( ) igual liberdade ( ) não sei*

As questões abertas permitem ao entrevistado fornecer respostas mais amplas e que são difíceis de serem previstas pela equipe que elaborou os

### **Preparando o Campo: Texto utilizado capacitação dos repórteres comunitários**

questionários. As questões abertas também permitem uma maior investigação sobre o imaginário do entrevistado. Exemplo: Como você acha que vai estar sua comunidade daqui a 10 anos? Qual sua opinião sobre os jovens da comunidade?

Quando se escolhe trabalhar com questões abertas é preciso classificar e categorizar as respostas posteriormente. Imagine que vocês entrevistaram 100 idosos perguntando sobre o que pensam dos jovens da comunidade. Serão respostas diferentes que precisam se categorizadas para que se possa fazer uma análise quantitativa do tipo: 50% dos idosos acham que os jovens não gostam da escola e só querem curtir a vida, enquanto que os outros 50% acham os jovens preocupados com as questões sociais e pensam muito sobre seu futuro profissional. Antes de iniciarem o trabalho de campo deverão realizar alguns ensaios e testes com os questionários. Vocês podem realizar esses testes e ensaios entre o próprio grupo e com os familiares de cada um. Pode parecer fácil, mas a aplicação de um questionário requer alguns cuidados que se não forem tomados podem comprometer a confiabilidade da pesquisa.

Veja algumas orientações e cuidados que devem ser tomados ao aplicarem um questionário com moradores locais:

**Apresentação:** De preferência saiam em duplas, enquanto um faz a conversa o outro vai anotando as respostas. Expliquem pausadamente os objetivos da pesquisa e solicitem a colaboração do entrevistado. Informem que são um grupo entrevistando pessoas, tentando conhecer um pouco mais a região, sua história, seus moradores e o que pensam as pessoas que moram ali. Digam que estão ouvindo um pouco de cada grupo: homens, mulheres, jovens, pessoal da escola, pessoal da igreja, etc. Vamos juntar tudo o que essas pessoas disserem mais o que o Sr.(a) vai dizer e depois mostrar os resultados para as escolas, a Associação de Moradores e a comunidade. Por isso, tudo o que o Sr.(a) contar vai ser importante para muita gente.

#### **Cuidados durante a entrevista (trabalho de campo):**

- Lembrar que a entrevista é uma conversa aberta, mas orientada por um objetivo. Existe uma "agenda oculta" que direciona o rumo da conversa por meio das perguntas em cada questão. As respostas serão assinaladas só pelo pesquisador.
- Ficar atento para a contaminação das respostas: fixar a atenção no entrevistado principal;
- Lembrando sempre que é o ponto de vista do entrevistado que interessa. No caso de estarem conversando com um casal, focalizar um

### **Preparando o Campo: Texto utilizado capacitação dos repórteres comunitários**

dos dois e perguntar sempre para a mesma pessoa.

- Tomar cuidado para não emitir juízos de valor durante a entrevista, evitando exercer qualquer influência sobre as respostas dadas. Os valores e opiniões do entrevistado é que interessam.
- Criar um clima de cordialidade e simpatia. Conduzir a entrevista calmamente. Insistir sem forçar as respostas.
- O entrevistador precisa suportar os silêncios. Não induzir respostas.
- Diante de respostas vagas ou “não sei”, tentar ajudar o entrevistado. Pode ser que o entrevistado nunca tenha pensado antes nessa questão e precise de uma ajuda para organizar o pensamento e dar uma opinião.
- Estar atento às fantasias e temores dos entrevistados: algumas vezes o entrevistado pode imaginar que o entrevistador mantém vínculos com alguma instituição ou pessoa que poderia prejudicá-lo;
- Outras vezes, o entrevistado pode imaginar que suas queixas vão resolver seus problemas (porque o entrevistador é representante do governo); situações deste tipo pedem que o entrevistador retome a finalidade do trabalho, dando os esclarecimentos necessários.
- Reforçar sempre a importância da opinião do entrevistado.
- Não esquecer de reler e assinalar todas as respostas do questionário logo após sua conclusão, incluindo o registro das circunstâncias em que foi feito (como chegou até ele, como foi recebido, o que aconteceu durante a entrevista...)
- Isto vale, inclusive, para os casos em que a entrevista não deslanchou, porque o entrevistado se recusou a falar, deu uma desculpa, estava embriagado, etc.
- Não se esqueçam de numerar sequencialmente todos os questionários, distribuir uma cota para cada dupla e combinar os prazos para entrega dos instrumentais (questionários).



**Equipe:**

Márcio Matt, Ana Volante, Luana Pato, André Gouvea, Paulo  
Carmo, Rogério Aires, Jovanna Soares, Fábio Monteiro, José  
Moura, Douglas Carvalho e Reguel Oliveira



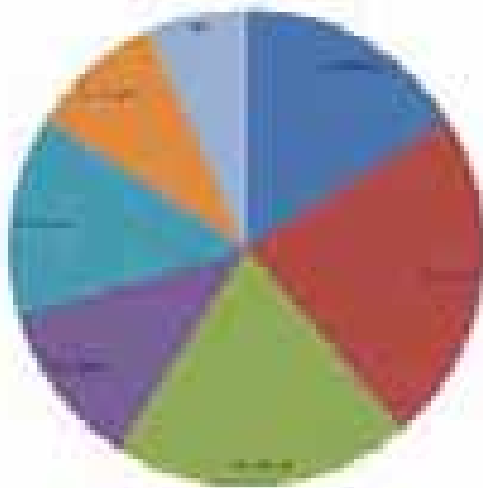
**Área do Perceito:**

Rua Aldeia Maracanã: Rogério, Roguel e Marilene  
Rosa Pato, André e Paulo  
Rua Caminho do Sol: Luciano e Douglas  
Rua Maria: José e Jovanna  
Rua Cidade de Minas: Fábio e Ana

**Suplementos Aplicados: 04**

- Rua Celso Moreira: 02
- Vila Pina: 13
- Rua Caminho do Sol: 05
- Vila Sampa: 05
- Rua Estrela do Mar: 05

**Resumo**



Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011

Fig. 1. Composição etária (EM)

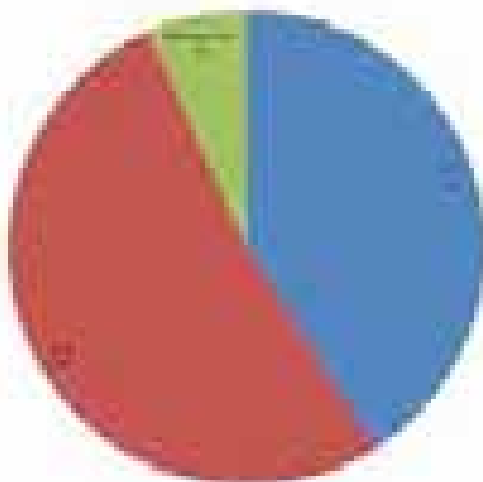
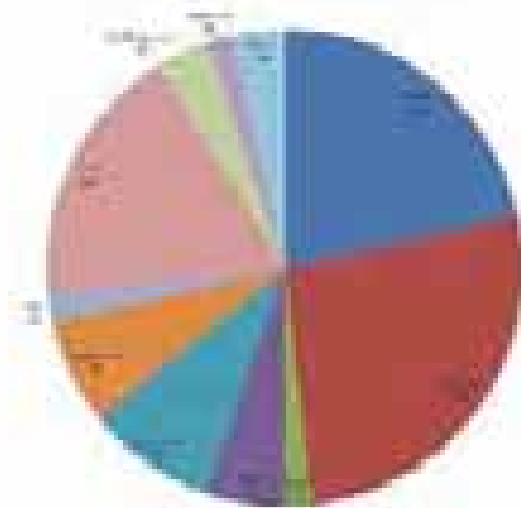
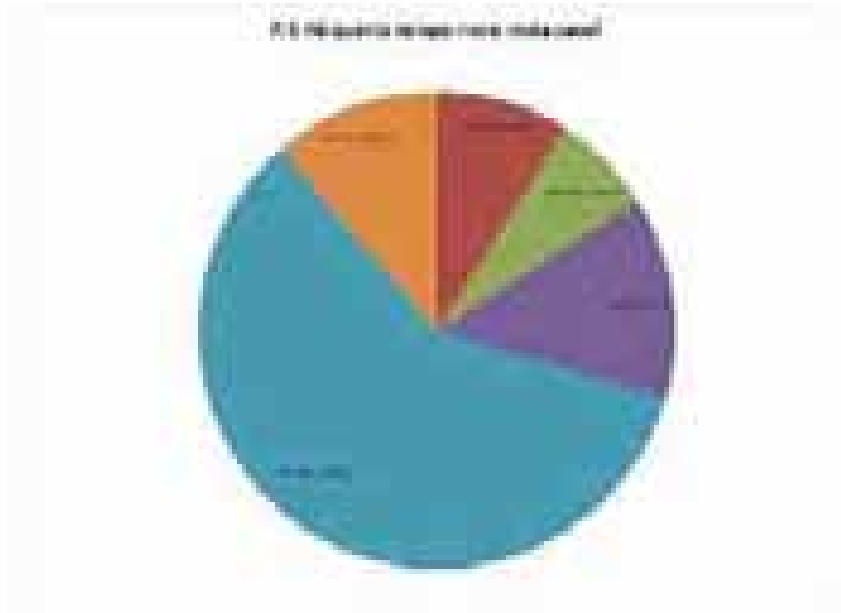
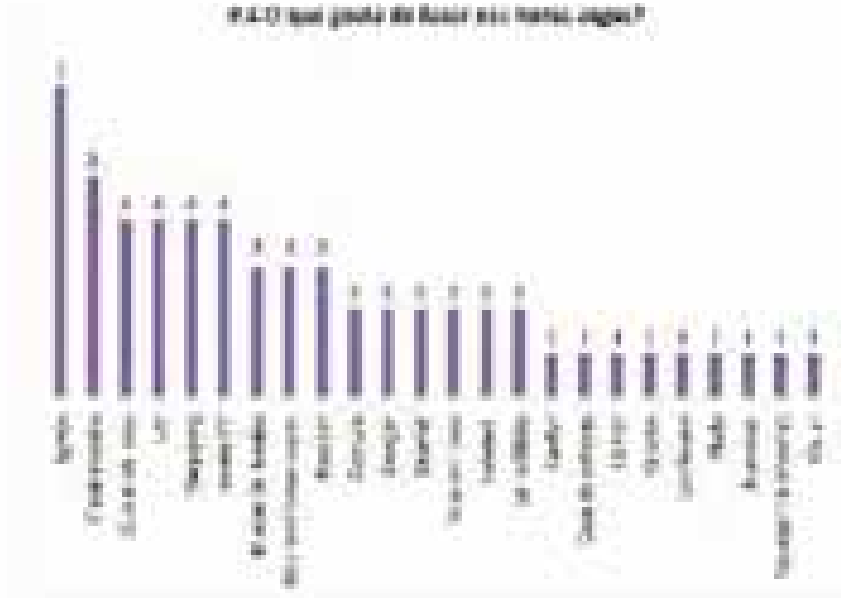


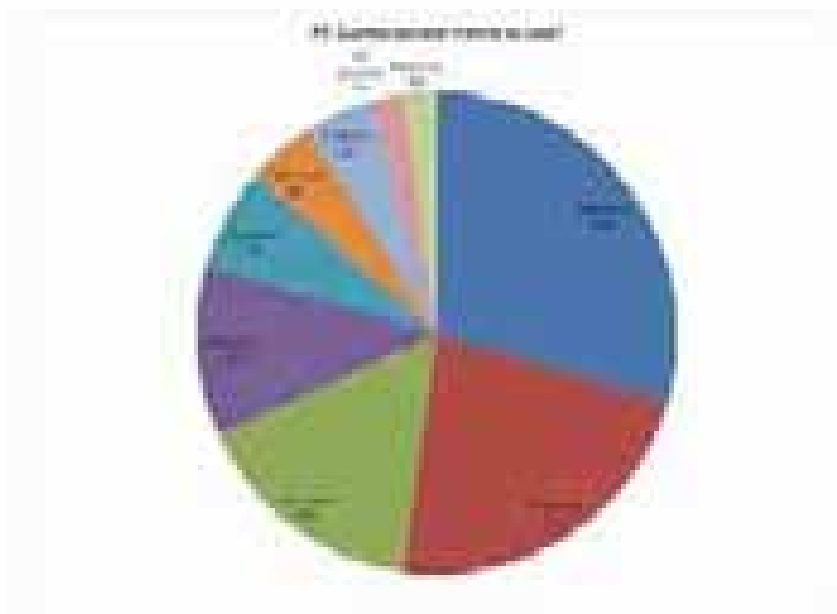
Fig. 2. Tipo de moradia em 1998 (porcentagem)



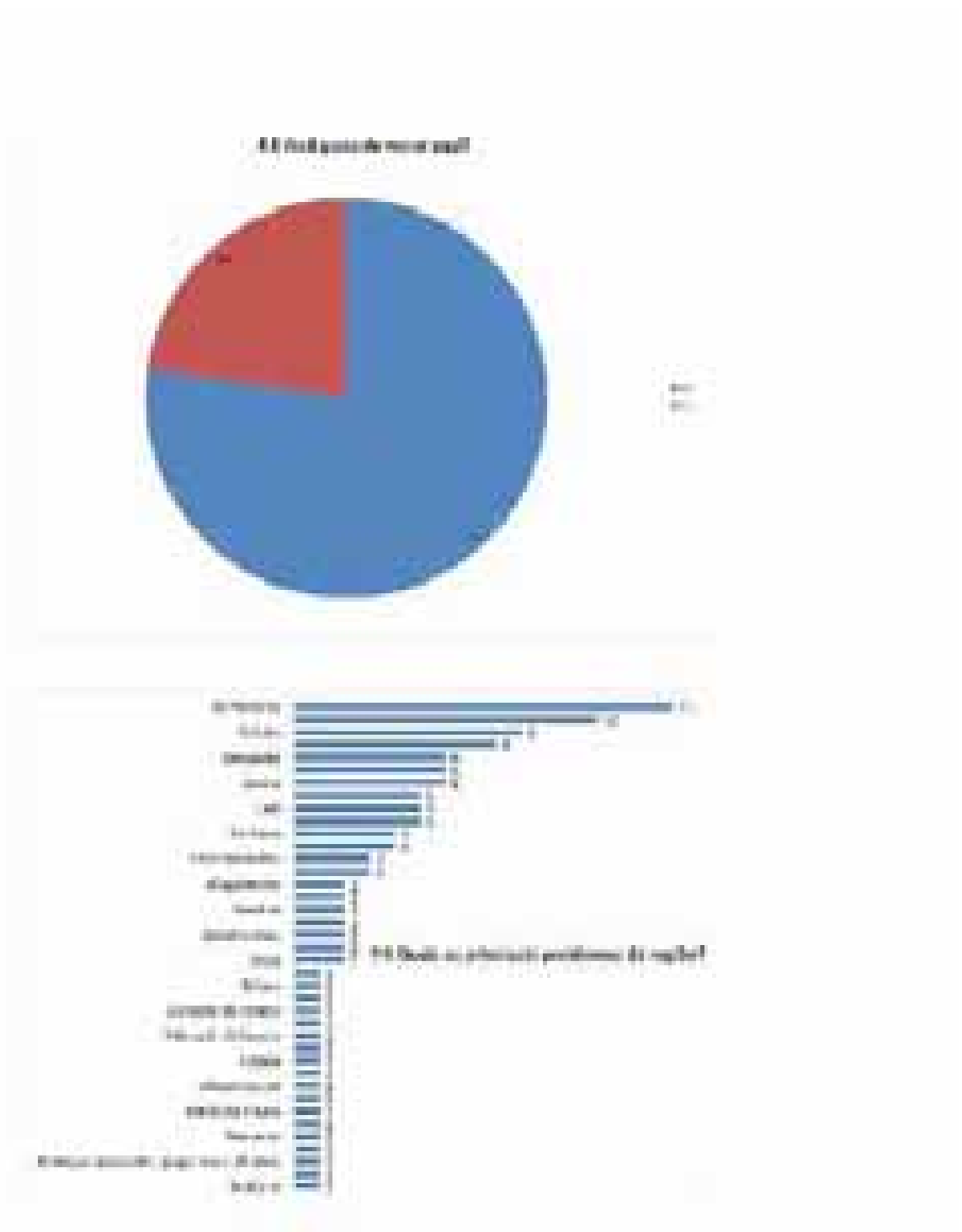
Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011



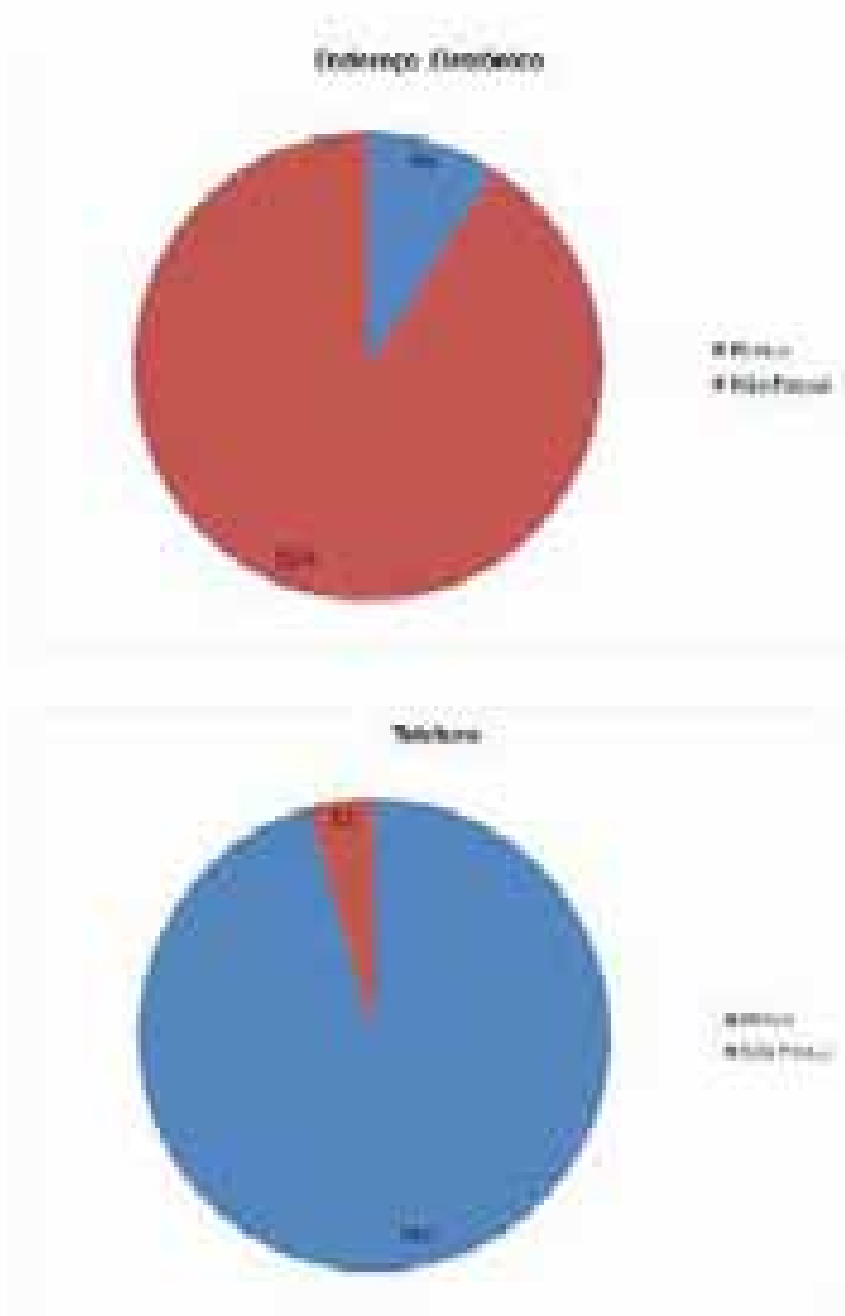
Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011



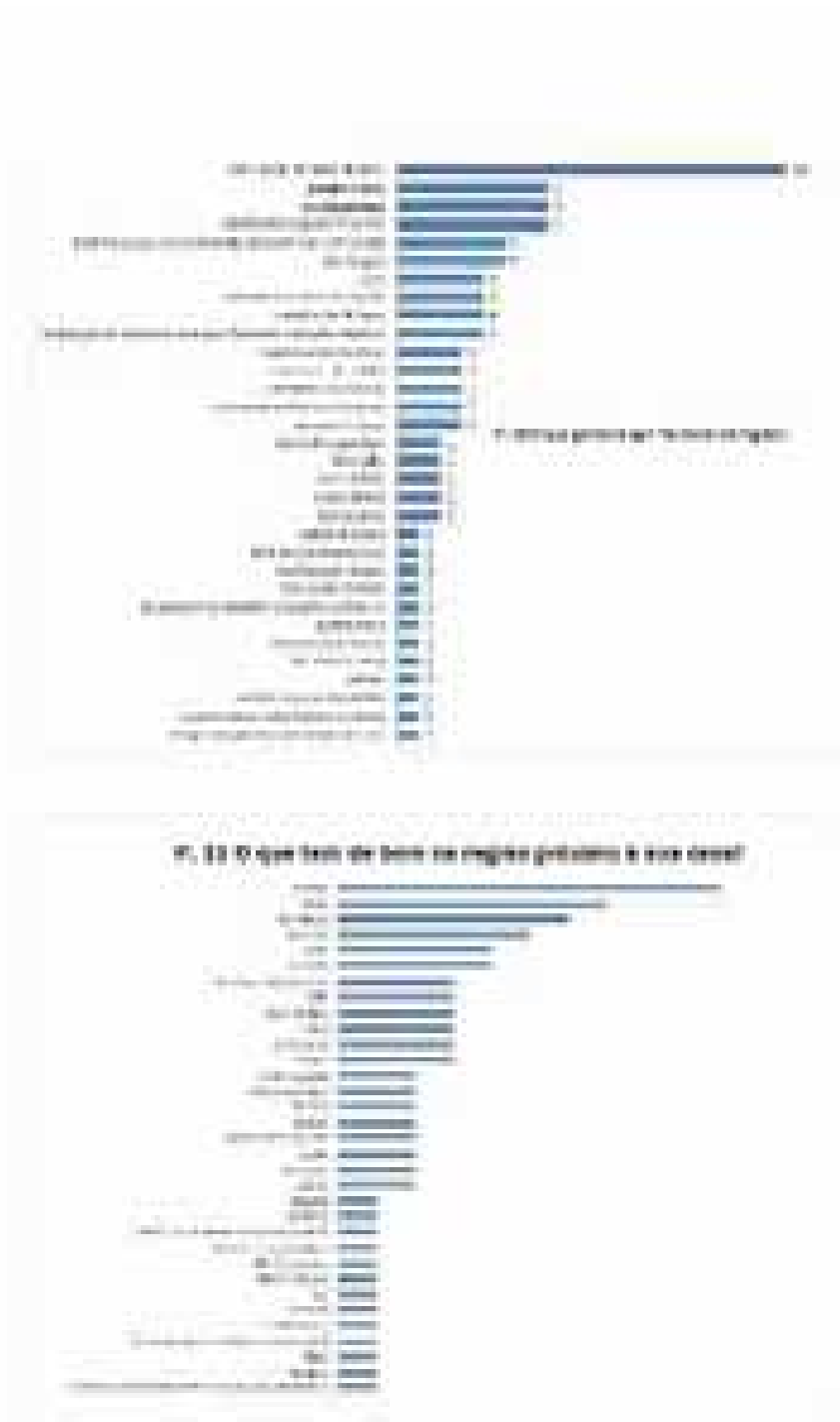
Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011



Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011



Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011



**Resumo da Entrevista**

Nome do Entrevistado	Endereço	Idade	Sexo	Estado Civil	Profissão
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					
19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					
43					
44					
45					
46					
47					
48					
49					
50					
51					
52					
53					
54					
55					
56					
57					
58					
59					
60					
61					
62					
63					
64					
65					
66					
67					
68					
69					
70					
71					
72					
73					
74					
75					
76					
77					
78					
79					
80					
81					
82					
83					
84					
85					
86					
87					
88					
89					
90					
91					
92					
93					
94					
95					
96					
97					
98					
99					
100					

**Área do Chafik**

Nome do Entrevistado	Endereço	Idade	Sexo	Estado Civil	Profissão
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					
19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					
43					
44					
45					
46					
47					
48					
49					
50					
51					
52					
53					
54					
55					
56					
57					
58					
59					
60					
61					
62					
63					
64					
65					
66					
67					
68					
69					
70					
71					
72					
73					
74					
75					
76					
77					
78					
79					
80					
81					
82					
83					
84					
85					
86					
87					
88					
89					
90					
91					
92					
93					
94					
95					
96					
97					
98					
99					
100					

## Anexo 9

### 10

Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011

**Área Chafik de**  
**Mapa**

1. Nº	2. Nome	3. Idade	4. Sexo	5. Estado	6. Profissão
001	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
002	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
003	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
004	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
005	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
006	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
007	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
008	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
009	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
010	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
011	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
012	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
013	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
014	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
015	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
016	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
017	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
018	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
019	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
020	Adriano	45	M	RS	Engenheiro

**Área Chafik de**  
**Mapa**

1. Nº	2. Nome	3. Idade	4. Sexo	5. Estado	6. Profissão
021	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
022	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
023	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
024	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
025	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
026	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
027	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
028	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
029	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
030	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
031	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
032	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
033	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
034	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
035	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
036	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
037	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
038	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
039	Adriano	45	M	RS	Engenheiro
040	Adriano	45	M	RS	Engenheiro

## Anexo 9

### 11

Sistematização entrevista com moradores da Área do Chafik. Realizada em 19/06/2011

**Area do Chafik**

Q. 01	Q. 02	Q. 03	Q. 04	Q. 05	Q. 06
Resposta	Resposta	Resposta	Resposta	Resposta	Resposta
Nome	Resposta	Resposta	Resposta	Resposta	Resposta
Endereço					
Idade					
Estado Civil					
Profissão					
Religião					
Qualificação					
Estado de Saúde					
Outros dados					

## Autobiografia<sup>1</sup>

Aos 36 anos de idade, percebo que existem duas trilhas em minha trajetória de vida: uma de ida e outra de volta. A ida sempre foi impulsionada por uma atitude marcante, a participação, e a volta por uma necessidade latente, raízes.

Minhas raízes estão fincadas em Mauá-SP. Filha de Teresa de Jesus Rodrigues, aux. de limpeza, aposentada e Paulo Quintino, falecido em 2006, era metalúrgico, irmã mais velha de Paula e Douglas Quintino.

Foi aos nove anos, em 1983, no catecismo, que tive contato com palavras estranhas como carestia, mártires, arrocho salarial. Lá eles chamavam meu bairro, Jd. Zaira, de comunidade, participava de festas, liturgia, passeios, corais, a música animada, que não esqueço. Entoava: “somos gente nova vivendo a união, somos povo, semente da nova nação... somos comunidade, povo do senhor”.

Aos 18, era militante da Juventude Operária Católica, ingressei no curso de **Serviço Social**, na Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul. Tive contato com os textos de Marx, e nas aulas de filosofia o prof. explicava que deus era a imagem e semelhança do homem. Fui perdendo o interesse pela religião e me envolvi com o centro acadêmico, viajei o país inteiro em congressos estudantis. No terceiro ano sofri uma grande desilusão com o curso, pois os estágios me mostravam um lado pragmático da profissão que exigia uma postura assistencial muito diferente dos textos materialistas históricos.

Desisti do serviço social e fui cursar **Ciências Sociais na Fundação Santo André**, em 1998. Na graduação tive a oportunidade de me aprofundar nos estudos marxistas e na sociologia do trabalho. Profissionalmente fui assessora pedagógica na Central Única dos Trabalhadores – **CUT**, trabalhando com formação de Jovens e Adultos. Tive contato pela primeira vez com Paulo Freire, então, aos 25 anos, inicio um caminho de volta, compreendendo a importância das experiências comunitárias que tive na infância e adolescência, principalmente do método da ação católica: **ver, julgar e agir**. Logo depois fui trabalhar como coordenadora pedagógica no **Instituto Paulo Freire** assessorando a Prefeitura de São Paulo com o Orçamento Participativo Criança.

Nesse período fui morar em **São Bernardo do Campo**, na favela do Areião, lugar em que nasceu e cresceu meu companheiro Edson Ikê, designer gráfico, artista plástico, envolvido com o movimento hip-hop. Situado em área de mananciais, nas margens da represa Billings e ao lado da Via Anchieta. A Vila Areião não era (e ainda não é) urbanizada. Na ocasião, os moradores não estavam organizados. Juntos, com os amigos de infância do Edson, fomos atrás de informações sobre a associação de moradores, que estava desativada, montamos uma chapa e assumimos a direção da entidade reivindicando a “urbanização ecológica”.

Construímos nossa sede em mutirão e com a ameaça do traçado do Rodoanel passar pela “vila”, nossas assembleias eram lotadas. Fizemos várias passeatas, paralisando a Anchieta; tínhamos conexão discada à internet, e na época e fizemos mobilizações virtuais, criamos boletim comunitário, e colávamos nos postes cartazes lambe-lambe.

Profissionalmente fui trabalhar no Comitê pela Democratização da Informática – O **CDI**, ONG de Inclusão Digital, permaneci por 5 anos e tive a oportunidade de desenvolver projetos como o Videoação, além do Festival Multimídia de Ação Comunitária (inspirados em Paulo Freire e na pesquisa-ação de Michel Thiollent).

Em 2006 tive minha filha Flora, me desliguei do CDI em 2008, e continuei trabalhando com inclusão digital, coordenando as Unidades do Projeto **Casa Brasil** do Governo Federal em âmbito estadual, nesse período me aproximei dos coletivos de software livre e dos Pontos de Cultura, em 2009, o projeto Casa Brasil foi encerrado.

Desligando-me do Casa Brasil, articulei a criação do coletivo colaborativo Universidade de Comunicação Livre, **UNICOMLIVRE** que tem como objetivo apoiar iniciativas de comunicação

---

1 Texto produzido para relatório de qualificação da dissertação em maio de 2011

libertadora, composta por grupos de arte, cultura e comunicadores populares, principalmente da região do ABC, nos envolvemos com a organização da Conferência Nacional de Comunicação, a **CONFECOM** e na assessoria da Rádio Comunitária de Mauá, Z FM, entre outras ações.

O trabalho com Rádio Comunitária, mais uma vez me provoca um retorno às minhas raízes, pois, está situada no bairro em que nasci e cresci, a proposta é muito gratificante e me desafia a articular os conhecimentos com as tecnologias de comunicação, de mobilização comunitária e educação libertadora. A implementação do projeto Rádio-Escola envolveu alunos de uma escola estadual e moradores do entorno que produziram semanalmente programas de rádio voltados à mobilização comunitária para revitalização da praça, do parque, do campo de futebol, além de fortalecer as ações do cineclube, grupo de grafite e hip-hop.

Ingressei no programa de pós-graduação da Metodista em pesquisar as relações entre inclusão digital e comunicação comunitária, após cursar as disciplinas e intensificar meus laços com a Rádio Z FM, decidi focar minha pesquisa no sentido de compreender qual o papel da rádio comunitária no desenvolvimento de ações mobilização pelo direito à moradia com os moradores da área de risco, questão que desafia, não só a mim, a rádio ou os moradores, mais toda a cidade, uma vez que muitas pessoas morreram e mais de uma centena de pessoas perderam suas casas.